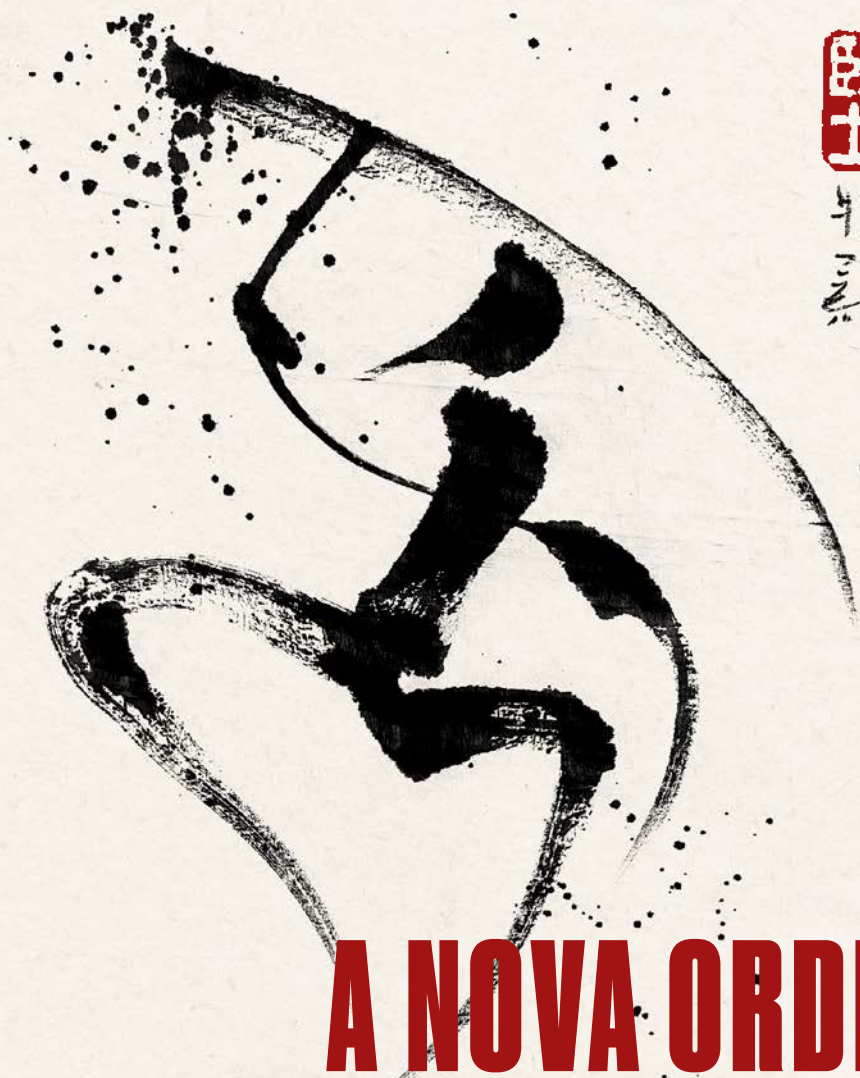




志士  
闘士  
牛三三



# A NOVA ORDEM LUIZ GUSHIKEN

Organização  
**Fernanda Otero**

Em setembro de 2021, durante a pandemia da covid-19, um grupo de amigos reuniu-se para prestar uma homenagem virtual ao companheiro Luiz Gushiken. Foram depoimentos emocionados e interessantes que acendeu o desejo de reunir, em uma coletânea, alguns relatos para marcar a data dos 10 anos de sua passagem.

No ano seguinte (2022), a ausência de Luiz Gushiken foi sentida durante as eleições, considerando sua participação em momentos importantes de disputas eleitorais anteriores.

Depois de 20 anos do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Gushiken estaria presente na campanha, na vitória e, certamente, participaria de forma entusiasmada e assertiva dos rumos da história política brasileira.

Um importante documento de Gushiken, intitulado *Uma nova ordem mundial*, escrita em 1994, foi a inspiração para batizar o livro que ora chega às mãos dos leitores e leitoras. O documento está presente aqui também.

É interessante perceber que *A nova ordem Luiz Gushiken* se mantém necessária, considerando que tempos recentes nos conduziu para uma sociedade em que enxergamos rastros de misoginia, xenofobia, desigualdade e retrocessos, dentro e fora do Brasil.

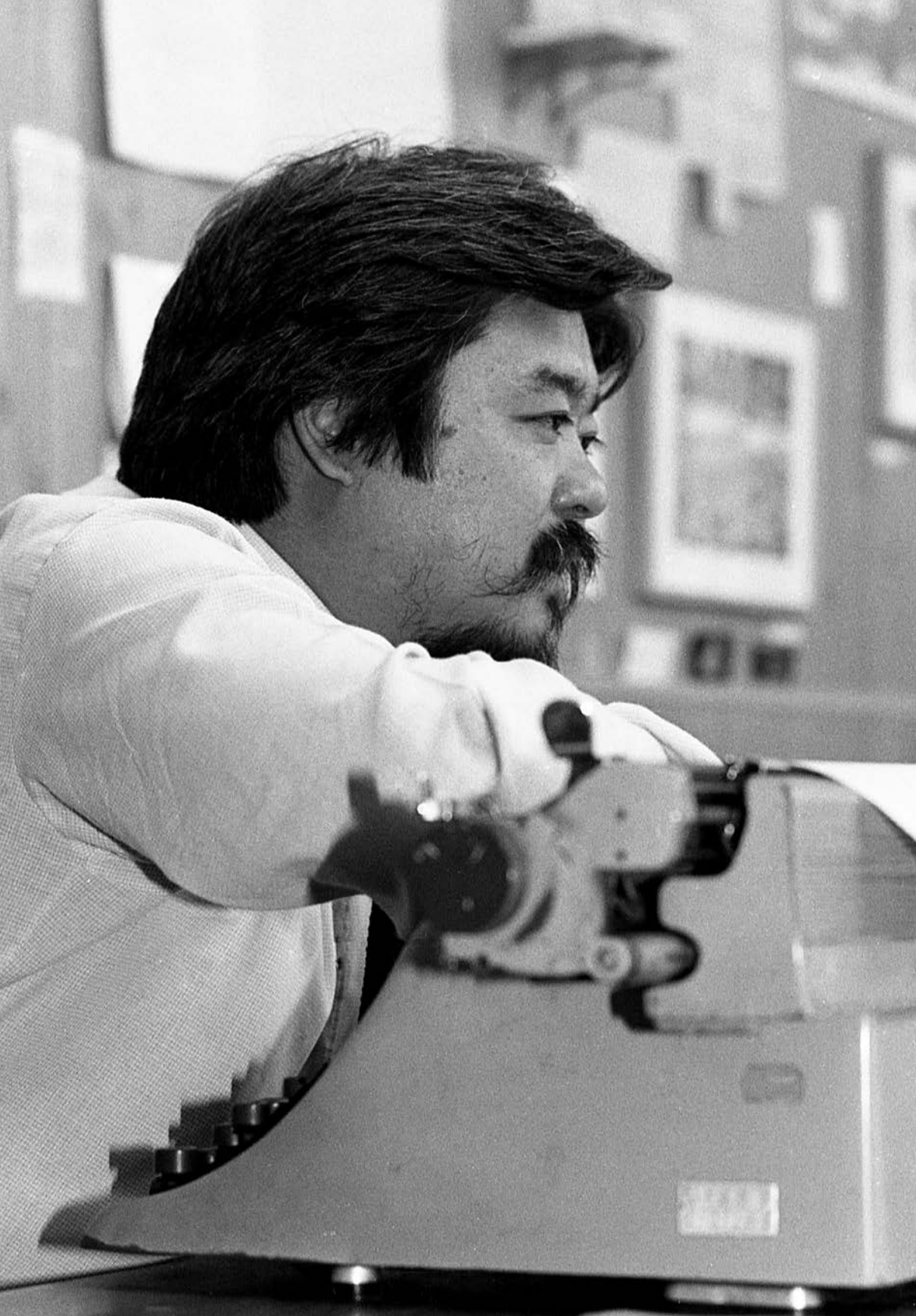
Em um momento de guerras híbridas, físicas, sociais e políticas, pensar um novo modelo de Estado e governança global é uma urgência.

Nesta nova ordem, ideais políticos e éticos são uma necessidade concreta, uma luta por mudanças vislumbrando um novo tempo.

Estão presentes aqui neste volume um conjunto de 67 autores e autoras, pessoas que viveram os mesmos tempos históricos que Gushiken, enfrentaram os mesmos desafios e lutaram o bom combate. Entre os colaboradores, contamos honrosamente com as palavras de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, ambas lideranças do Partido dos Trabalhadores (PT) que descrevem a convivência com o mestre samurai que deixou uma marca indelével na história do Brasil.

Além dos textos, contamos também com uma coletânea de imagens selecionadas por Esdras Martins, fotógrafo que registrou inúmeras lutas da classe trabalhadora em São Paulo.

Mais que uma biografia, um testemunho daqueles que viveram a história.



**A NOVA ORDEM  
LUIZ GUSHIKEN**



# A NOVA ORDEM LUIZ GUSHIKEN

**Organizadora  
Fernanda Otero**

Adacir Reis • Alencar Ferreira • Alexandre Maimoni • Aloizio Mercadante  
• Analu Camargo • Ana Júlia Carepa • Antonio Lassance • Ari Galvão  
• Arlindo Chinaglia • Avelino Ganzer • Betão Moschkovich • Carlos  
Abicalil • Catarina Gushiken • Clodoaldo Jurado • Cristovam Buarque •  
Dilma Rousseff • Eduardo Matarazzo Suplicy • Emerson Menin • Erika  
Kokay • Esdras Martins • Eugênio Bucci • Fernando dos Santos Ferreira  
• Fernando Moraes • Frei Betto • Gentil Gonçalves Filho • Gilmar Carneiro  
• Ideli Salvatti • Jacy Afonso • João Vaccari • Jorge Perez • José Carlos  
Alonso • José Carlos Fernandes Costa • José Dirceu • José Eduardo  
Martins Cardozo • José Genoíno • José Jorge de Moraes • José Luiz Frare  
• Juber Kanashiro • Julio Turra • Lúcia Mathias • Luiz Azevedo • Luiz  
Inácio Lula da Silva • Luiz Dulci • Manoel de Melo dos Santos • Marcel  
Juviniانو Barros • Marcelo Antunes Martins • Maria Laura • Marcos  
Palácio • Monica Giora • Oswaldo Laranjeira • Otaviano Pereira • Paulo  
Okamoto • Paulo Rogério Nunes • Raquel Kacelnikas • Renato Rovai •  
Ricardo Berzoini • Roberto Vomero Monaco • Rui Falcão • Selma Rocha •  
Sergio Lirio • Sérgio Rosa • Teresa Ribeiro • Tin Urbinatti • Tirso Marçal  
• Toni Cotrim • Vagner Freitas • Valter Passarinho e Washington Araújo.

## **Fundação Perseu Abramo**

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

### *Diretoria*

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Elen Coutinho, Naiara Raiol, Alberto Cantalice, Artur Henrique, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar, Valter Pomar, Virgílio Guimarães

### *Conselho editorial*

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis, Conceição Evaristo, Dainis Karepovs, Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Luiz Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira, Maria Rita Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi, Silvio Almeida, Tássia Rabelo, Valter Silvério

### *Diretor da editora*

Carlos Henrique Árabe

### *Coordenador editorial*

Rogério Chaves

### *Assistente editorial*

Raquel Costa

### *Coordenação do projeto*

Fernanda Otero

### *Organização do original*

Fernanda Otero, Luiz Azevedo, Antônio de Pádua Maia, Ricardo Berzoini e Washington Araújo

### *Preparação e revisão*

Fernanda Otero, Paulo Rogério Nunes, Claudia Andreotti e Angélica Ramacciotti

### *Projeto gráfico, diagramação e capa*

Antonio Kehl

Arte da capa gentilmente cedida por Catarina Gushiken. Título: Samurai Zen

Técnica: nanquim sobre papel. Formato original 25x38cm

### *Imagens*

As imagens que registram a militância política e sindical de Luiz Gushiken presentes neste livro foram gentilmente cedidas por Esdras Martins, a quem deixamos nosso agradecimento especial. As três últimas são do acervo da Agência Brasil (ABr), sendo duas delas de Salu Parente e a última, de Marcelo Casall Jr.

---

Otero, Fernanda (org.)

G989 A nova ordem Luiz Gushiken [livro eletrônico]

/ Fernanda Otero (org.) - São Paulo : Fundação Perseu

Abramo, 2023.

288 p.

ISBN 978-65-5626-103-4

1. Gushiken, Luis, 1950-2013 2. Biografia 3. Vida e obra I. Título II. Otero, Fernanda

---

Fundação Perseu Abramo  
Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana  
04117-091 São Paulo – SP  
Fone: (11) 5571 4299  
www.fpabramo.org.br

## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Uma saudação especial</b> .....                        | <b>13</b> |
| <i>Paulo Okamoto</i>                                      |           |
| <b>A Nova Ordem Luiz Gushiken</b> .....                   | <b>15</b> |
| <i>Fernanda Otero</i>                                     |           |
| <b>Recuperar a história do PT</b> .....                   | <b>19</b> |
| <i>Luiz Gushiken</i>                                      |           |
| <b>Não desistimos nunca</b> .....                         | <b>23</b> |
| <i>Luiz Inácio Lula da Silva</i>                          |           |
| <b>O multifacetado descendente de Okinawa</b> .....       | <b>27</b> |
| <i>Adacir Reis</i>  |           |
| <b>Algumas memórias afetivas</b> .....                    | <b>31</b> |
| <i>Alencar Ferreira</i>                                   |           |
| <b>Retratos do Gushiken</b> .....                         | <b>35</b> |
| <i>Alexandre Maimoni</i>                                  |           |
| <b>Yuimaru e o brasileiro que nunca desistiu</b> .....    | <b>41</b> |
| <i>Aloizio Mercadante</i>                                 |           |
| <b>Entrelinhas de histórias</b> .....                     | <b>45</b> |
| <i>Ana Lucia de Camargo</i>                               |           |
| <b>Opportunity, devemos ao Gushiken!</b> .....            | <b>47</b> |
| <i>Ana Júlia Carepa, Carlos Abicalil e Ideli Salvatti</i> |           |
| <b>Estratégia e teimosia de um líder</b> .....            | <b>53</b> |
| <i>Antonio Lassance</i>                                   |           |



|  |            |
|--|------------|
| <b>Um caminho de experiências e vitórias .....</b>   | <b>57</b>  |
| <i>Ari Galvão</i>  |            |
| <b>Homenagem a um homem consciente, que lutou até o fim! .....</b>   | <b>61</b>  |
| <i>Arlindo Chinaglia</i>   |            |
| <b>Uma referência forte.....</b>   | <b>65</b>  |
| <i>Avelino Ganzer</i>  |            |
| <b>Três passagens com um mestre samurai .....</b>  | <b>67</b>  |
| <i>Betão Moschkovich</i>   |            |
| <b>Gushiken: memórias ancestrais .....</b>   | <b>71</b>  |
| <i>Catarina Gushiken</i>   |            |
| <b>A ousadia do samurai .....</b>  | <b>77</b>  |
| <b>O dia em que Gushiken conseguiu o apoio de parte do<br/>Centrão para estatizar todo o sistema financeiro brasileiro .....</b> | <b>77</b>  |
| <i>Clodoaldo Jurado</i>  |            |
| <b>Luiz Gushiken e a falta que ele faz: simpatia, lucidez,<br/>sinceridade, diálogo.....</b>                                     | <b>81</b>  |
| <i>Cristovam Buarque</i>   |            |
| <b>Lição de dignidade .....</b>  | <b>83</b>  |
| <i>Dilma Rousseff</i>  |            |
| <b>Lutador por direitos e democracia .....</b>   | <b>85</b>  |
| <i>Eduardo Matarazzo Suplicy</i>   |            |
| <b>Reverenciando a memória de um gigante .....</b>   | <b>89</b>  |
| <i>Emerson Menin</i>   |            |
| <b>O legado de um construtor da história .....</b>   | <b>91</b>  |
| <i>Erika Kokay</i>   |            |
| <b>O Luiz Gushiken que aprendi a respeitar e estimar.....</b>  | <b>95</b>  |
| <i>Eugênio Bucci</i>   |            |
| <b>Duro como um samurai, doce como um monge budista.....</b>   | <b>99</b>  |
| <i>Fernando Moraes</i>   |            |
| <b>Fala, “Japa”!.....</b>  | <b>103</b> |
| <i>Fernando dos Santos Ferreira</i>  |            |
| <b>Gushiken, um sábio na política.....</b>   | <b>107</b> |
| <i>Frei Betto</i>  |            |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Construção do Sinprovaes</b> .....   | 109 |
| <i>Gentil Gonçalves Filho</i>   |     |
| <b>Luiz Gushiken, presente!</b> .....   | 111 |
| <b>Anos 1970 a 1990 – Sem liberdade, mas com luta...<br/>e anos 2000 – com liberdade e luta</b> ..... | 111 |
| <i>Gilmar Carneiro</i>  |     |
| <b>Estrategista para um novo mundo</b> .....  | 115 |
| <i>Jacy Afonso</i>  |     |
| <b>Um defensor da classe trabalhadora brasileira</b> .....  | 121 |
| <i>João Vaccari</i>   |     |
| <b>O paletó do Gushiken</b> .....   | 125 |
| <i>Jorge Perez</i>  |     |
| <b>O mestre</b> .....   | 131 |
| <i>José Carlos Alonso</i>   |     |
| <b>Sobre coragem e paixão</b> .....   | 135 |
| <i>José Dirceu</i>  |     |
| <b>Conhecendo o Gushiken</b> .....  | 139 |
| <i>José Carlos Fernandes Costa</i>  |     |
| <b>Uma ausência sentida</b> .....   | 141 |
| <i>José Eduardo Martins Cardozo</i>   |     |
| <b>Um militante especial</b> .....  | 147 |
| <i>José Genoino</i>   |     |
| <b>Velhos tempos de lutas e vitórias</b> .....  | 151 |
| <i>José Jorge de Moraes</i>   |     |
| <b>O dia em que Gushiken deu um baile no delegado da PF</b> .....                                     | 153 |
| <i>José Luiz Frare</i>  |     |
| <b>O representante shogun</b> .....   | 157 |
| <i>Juber Kanashiro</i>  |     |
| <b>O camarada Newton</b> .....  | 161 |
| <i>Julio Turra</i>  |     |
| <b>Gratidão e companheirismo</b> .....  | 165 |
| <i>Lúcia Mathias</i>  |     |

|   |            |
|---|------------|
| <b>De olho no futuro e nos detalhes.....</b>                              | <b>169</b> |
| <i>Luiz Azevedo</i>   |            |
| <b>Singular e plural .....</b>  | <b>173</b> |
| <i>Luiz Dulci</i>   |            |
| <b>Daqui do fim da rua .....</b>  | <b>175</b> |
| <i>Marcelo Antunes Martins</i>  |            |
| <b>A simplicidade de um sábio .....</b>                                   | <b>177</b> |
| <i>Marcel Juviniانو Barros</i>  |            |
| <b>A luta da oposição bancária no ABC.....</b>                            | <b>181</b> |
| <i>Marcos Palácio</i>   |            |
| <b>O melhor do Brasil: o brasileiro Gushiken é um deles .....</b>         | <b>183</b> |
| <i>Maria Laura</i>  |            |
| <b>Fraterno companheiro .....</b>   | <b>185</b> |
| <i>Manoel de Melo dos Santos</i>  |            |
| <b>Uma pequena lembrança de um gigante.....</b>                           | <b>187</b> |
| <i>Monica Giora</i>   |            |
| <b>Os anos de aprendizado com Gushiken .....</b>                          | <b>189</b> |
| <i>Oswaldo Laranjeira</i>   |            |
| <b>Um brasileiro admirável.....</b>                                       | <b>193</b> |
| <i>Otaviano Pereira</i>   |            |
| <b>À sombra da amoreira.....</b>  | <b>197</b> |
| <i>Paulo Rogério Nunes</i>  |            |
| <b>Três momentos com o Gushi .....</b>                                    | <b>201</b> |
| <i>Raquel Kacelnikas</i>  |            |
| <b>Um estrategista samurai.....</b>                                       | <b>203</b> |
| <i>Renato Rovai</i>   |            |
| <b>Você não pode errar nisso! .....</b>                                   | <b>209</b> |
| <i>Ricardo Berzoini</i>   |            |
| <b>Gushiken: um mestre da evolução revolucionária.....</b>                | <b>213</b> |
| <i>Roberto Vomero Monaco</i>  |            |
| <b>Uma trajetória de luta e compromisso – dez anos de sua partida....</b> | <b>217</b> |
| <i>Rui Falcão</i>   |            |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Sobre política e dignidade</b> .....                             | 219 |
| <i>Selma Rocha</i>  |     |
| <b>A dignidade de Gushiken</b> .....                                | 223 |
| <i>Sergio Lirio</i>   |     |
| <b>Gushiken, único, presente ontem e sempre</b> .....               | 227 |
| <i>Sérgio Rosa</i>  |     |
| <b>Companheiro Gushiken</b> .....                                   | 231 |
| <i>Teresa Ribeiro</i>   |     |
| <b>“Assim falou...”</b> .....                                       | 237 |
| <i>Tin Urbinatti</i>  |     |
| <b>Uma década de ausência</b> .....                                 | 243 |
| <i>Tirso Marçal</i>   |     |
| <b>Sou brasileiro, não desisto nunca</b> .....                      | 247 |
| <i>Toni Cotrim</i>  |     |
| <b>Meu, seu, nosso Luiz Gushiken!</b> .....                         | 249 |
| <i>Vagner Freitas</i>   |     |
| <b>O samurai da quebrada</b> .....                                  | 253 |
| <i>Valter Passarinho</i>  |     |
| <b>Gushiken não morreu, porque nem todos morrem</b> .....           | 257 |
| <i>Washington Araújo</i>  |     |
| <b>Uma nova ordem mundial: O esgotamento do Estado Nacional ...</b> | 263 |
| <i>Luiz Gushiken</i>  |     |
| <b>Sobre a organizadora</b> .....                                   | 287 |



## Uma saudação especial

*Paulo Okamoto<sup>1</sup>*

**F**ico emocionado ao perceber tantas companheiras e companheiros falando coisas que certamente orgulham familiares e amigos de Luiz Gushiken, com quem tive a oportunidade de militar junto em diferentes momentos na construção do Partido dos Trabalhadores (PT), e na luta da classe trabalhadora. Temos uma feliz e divertida coincidência que marca o período em que ele ocupou a presidência do Diretório Nacional do PT e eu estava à frente do diretório estadual do PT de São Paulo. Tivemos uma grande parceria e foi o único momento em que o partido foi dirigido por dois descendentes de japoneses, o que causava certa perplexidade nas delegações estrangeiras que nos visitavam.

Eu sei o quanto ele valorizava formação. A maior homenagem que Gushiken pode receber é cultivar e lembrar seus valores. Sinto-me satisfeito com esse registro extraordinário de cada um e cada uma, pois Gushiken foi e continua sendo uma referência.

---

<sup>1</sup> Atual presidente da Fundação Perseu Abramo (FPA). Foi diretor financeiro (2003-2005) e presidente do Sebrae (2005-2010) durante o governo Lula. Foi diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, fundador do Instituto Cidadania, presidente do PT-SP e presidente do Instituto Lula.



# A Nova Ordem Luiz Gushiken

Fernanda Otero<sup>1</sup>

*O mundo de hoje é um vulcão prestes a explodir. A solução exige novas instituições e valores sociais em escala mundial. Estados nacionais soberanos deverão evoluir para um novo sistema que os agreguem num corpo federado mundial, mais democrático e mais justo, em que o conceito de cidadão nacional é estendido para o conceito de cidadão do mundo.*

Luiz Gushiken

**E**ste livro foi escrito de maneira colaborativa, com a participação graciosa e afetiva de amigos e amigas que se dispuseram a compartilhar as memórias da convivência com Luiz Gushiken, um gigante da história da classe trabalhadora e da política brasileira, um líder impaciente contra as injustiças e contra o atraso, um defensor da democracia.

A lista de virtudes de Luiz Gushiken é grande, e nestas páginas, você encontra suas qualidades mais evidentes por meio dos relatos daqueles que privaram de sua amizade, liderança e convívio íntimo. Aqui encontramos com o amigo, o líder sindical, o conselheiro, o estrategista, o político, o comunicador, o amante da cultura e do povo brasileiro. Um deputado implacável quando se tratava de proteger o bem público, que desempenhou seus três mandatos com disciplina e fidelidade às suas origens, mas sem deixar de prestar atenção aos temas maiores. Prova disso, é um requerimento de informação que questiona o Ministério das Relações Exteriores sobre o lixo transnacional. Ou seu projeto de lei sobre o limite dos ganhos de brasileiros no exterior para isenção de imposto de renda. Ou ainda, o projeto de lei que garantia

---

<sup>1</sup> Jornalista, organizadora deste livro, foi assessora de Luiz Gushiken entre 1993-1997. Agradece infinitamente a confiança e apoio de cada uma das pessoas que participaram do projeto germinado em setembro de 2021. Agradece também ao seu filho Gaudiê Otero pela paciência infinita e à Biancka Arruda Miranda, por ter empurrado para frente quando necessário. Esse livro é de vocês!



aposentadoria proporcional para as mulheres, num tempo em que a paridade salarial era um debate inexistente. Ora, se as mulheres não podiam ganhar o mesmo que os homens, que elas então tivessem o direito de se aposentar mais cedo. Não podemos esquecer do vanguardismo no debate sobre a previdência privada do qual ele se tornou grande articulador e especialista. Muitos e tantos outros problemas macro (e micro) estavam no seu radar, a lista é grande... Um político que não se deleitou nos corredores do poder, porque este nunca lhe subiu à cabeça.

Nas próximas páginas nos encontraremos com o Gushi.

Luiz Gushiken nasceu em Oswaldo Cruz, estado de São Paulo, no dia 8 de maio de 1950. O primeiro dos sete filhos de Shoei e Setsu Gushiken, imigrantes japoneses de Okinawa. Mudou-se para a capital em 1970, onde passou a maior parte da sua vida entre idas e vindas à Brasília e Indaiatuba, aquela cidade do interior paulista que não tem praia. Viveu 63 anos, deixou filhos e uma família amorosa que floresce com a vinda de novos herdeiros de seu honrado nome. Com o consentimento da família, este livro foi organizado, e o primeiro e mais importante agradecimento que se deve registrar é este: *obrigada, Elizabeth Gushiken*.

Luiz Gushiken faleceu em 2013. Em sua última internação hospitalar, estimulado com o chamado do amigo Lula, ele fez questão de apontar caminhos e possibilidades ao analisar os eventos ainda desorientadores de junho daquele ano.

O texto inédito, um depoimento colhido pela historiadora Selma Rocha, sua amiga desde os tempos da Libelu<sup>2</sup>, não perdeu a relevância dez anos depois. A excelência se apresenta nos questionamentos e afirmativas que Gushiken nos coloca, desafiando-nos a ver além do que era óbvio. Agradecemos à Selma por ter guardado esse tesouro.

---

<sup>2</sup> A Liberdade e Luta (Libelu) foi uma tendência do movimento estudantil brasileiro dos anos 1970, ligada ao trotskismo e ao jornal O Trabalho, que era editado, à época, pela Organização Socialista Internacionalista (OSI). A Libelu ficou conhecida por ser a primeira tendência política a defender a palavra de ordem “Abaixo a Ditadura” publicamente. Ela participou ativamente da reconstrução da União Nacional dos Estudantes (UNE), da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e teve muitos de seus militantes em importantes diretórios e centros acadêmicos do país. Foi dissolvida na primeira metade da década de 1980, com a integração de alguns de seus quadros ao Partido dos Trabalhadores (PT). [N.E.]

A carta foi finalmente entregue ao seu destinatário, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e é ele quem faz o primeiro depoimento sobre Luiz Gushiken, interagindo com suas últimas reflexões.

A carta foi também presenteada a alguns dos autores e autoras e o leitor e leitora identificarão essa interação. Agradeço especialmente a Luiz Azevedo, Ricardo Berzoini e Antônio de Pádua Maia pelo empenho e incentivo em reunir esse grupo de notáveis, para celebrar a memória de Luiz Gushiken. Os autores e autoras estão organizados em ordem alfabética. Washington Araújo merece uma menção especial, pelo apoio e sugestões na formatação do livro e à Fundação Perseu Abramo (FPA) por ter guiado e orientado no desenvolvimento do projeto, com um agradecimento especial ao atual presidente Paulo Okamoto, que abraçou a ideia desde o início.

Sempre inquieto, Gushiken estudou temas que afetariam a vida da sociedade moderna no médio e longo prazo. Sua visão amplificada de mundo está registrada em uma tese extremamente pertinente e atual onde ele vislumbrava um mundo em que uma nova ordem mundial vigoraria, com governos compartilhados e Estados supranacionais. O pequeno livro editado pela Câmara dos Deputados em 1994, intitulado *Uma nova ordem mundial*, não poderia faltar neste livro e, é a tese que fecha a série, uma oportunidade de revisitar suas ideias pelas suas próprias palavras.

Finalmente, agradeço a confiança, disposição, dedicação e generosidade dos que colaboraram para que este livro se materializasse em um espaço tão curto de tempo. Tenho certeza que o nosso Gushi ficaria alegre e feliz, celebraria o encontro com as pessoas que ele queria bem. Posso imaginar sua alegria e seu sorriso largo ao ler os textos, reagindo a cada parágrafo, sorrindo e comentando com seus amigos e amigas, os escritos. Faltava a história ser contada por quem a viveu. Este livro não fecha as possibilidades de outros trabalhos, mas ele será, certamente, um farol. Desejo que as contribuições sejam inspiradoras para a evolução da espécie almejada por Gushiken.

Luiz Gushiken não morreu, está vivo e presente na memória de cada uma das pessoas com quem você se encontrará nas próximas páginas. Obrigada aos autores e autoras, Adacir Reis, Alencar Ferreira, Alexandre Maimoni, Aloizio Mercadante, Analu Camargo, Ana Júlia Carepa, Antonio Lassance, Ari Galvão, Arlindo Chinaglia, Avelino Ganzer, Betão Moschkovich, Carlos Abicalil,

Catarina Gushiken\*, Clodoaldo Jurado, Cristovam Buarque, Dilma Rousseff, Eduardo Matarazzo Suplicy, Emerson Menin\*\*, Erika Kokay, Esdras Martins (pelas imagens), Eugênio Bucci, Fernando dos Santos Ferreira, Fernando Morais, Frei Betto, Gentil Gonçalves Filho, Gilmar Carneiro, Ideli Salvatti, Jacy Afonso, João Vaccari, Jorge Perez, José Carlos Alonso, José Carlos Fernandes Costa, José Dirceu, José Eduardo Martins Cardozo, Jose Genoino\*, José Jorge de Moraes, Jose Luiz Frare, Juber Kanashiro\*, Julio Turra, Lúcia Mathias, Luiz Azevedo, Luiz Inácio Lula da Silva, Luiz Dulci, Manoel de Melo dos Santos\* (Manezinho), Marcel Juvinião Barros, Marcelo Antunes Martins, Maria Laura, Marcos Palácio, Monica Giora, Oswaldo Laranjeira, Otaviano Pereira, Paulo Rogério Nunes, Raquel Kacelnikas, Renato Rovai, Ricardo Berzoini, Roberto Vomero Monaco, Rui Falcão, Selma Rocha, Sergio Lirio, Sergio Rosa, Teresa Ribeiro, Tirso Marçal, Tin Urbinatti, Toni Cotrim, Vagner Freitas\*\*, Valter Passarinho\* e Washington Araújo.

Por fim, vale uma nota a respeito dos apelidos presentes nos textos a seguir que identificavam Gushiken para seus companheiros e companheiras. Com a saudável evolução ocorrida nos últimos tempos, tornou-se ofensivo alguns apelidos e tratamentos nos quais se destaca características físicas ou de origem migrante. Assim, pedimos que não considerem ofensivas as palavras e apelidos usados para se referir a Gushiken que eram entendidos à época, como amigável e carinhoso.

---

\* Entrevista realizada pela organizadora Fernanda Otero e convertida em texto.

\*\* Depoimento pessoal gravado e convertido em texto pela organizadora Fernanda Otero.

# Recuperar a história do PT<sup>1</sup>

*Luiz Gushiken*

**L**ula me pediu para fazer uma análise de conjuntura e gravar. Tenho dificuldade em fazer uma análise de conjuntura mais precisa, pois não tenho lido jornais e não tenho visto televisão.

Quero agradecer o pedido e, ao mesmo tempo, me desculpar pelas limitações que tenho agora para fazer uma análise. Prefiro não gravar, prefiro falar e peço que você escreva.

O PT precisa reescrever sua história. O âmago da questão em relação às manifestações envolve três dimensões: há grupos novos se manifestando na sociedade, mas há violência premeditada e obscuridade de interesses de alguns.

O PT não pode morrer na memória de milhares de pessoas. Não pode! É preciso caracterizar as várias fases da história do PT e os nossos objetivos. O PT teve uma fase heroica de muita dedicação e sofrimento de seus militantes. Esse sofrimento foi para criar o PT, para fazer viver o PT. Essa fase foi até o mensalão.

Depois, com a situação do mensalão, houve um ataque brutal ao PT. A imprensa ajudou a ceifar dirigentes. É preciso assegurar a respeitabilidade e a dignidade de quem foi atingido.

Acho que o Brasil precisa enxergar as qualidades do PT. O PT foi uma grande construção política. Temos que fazer algo que proteja o PT. O PT tem a obrigação histórica de se proteger.

---

<sup>1</sup> Este foi o último texto de Gushiken, ditado à Selma Rocha na presença de Tita Dias e Tirso Marçal, em 5 de setembro de 2013.

Quais são os conceitos que podem proteger o PT? O primeiro é o respeito à própria história, é o respeito à fase heroica. O respeito e a fase heroica devem virar um conceito.

Nada assegura mais a dignidade e a proteção do PT do que recuperar e qualificar sua história. Se não fizermos isso, o que será daqui a 20 anos?

Eu insisto: é preciso qualificar a fase heroica e esta fase que estamos vivendo, é preciso defender a dignidade de todos. É preciso respeitar e proteger quem deve ser protegido.

Os ataques contra a história do PT mostram uma fraqueza muito grande do ser humano. As manifestações mostraram que a classe média pede que não se pague pelo serviço público.

Acho que se estivéssemos crescendo mais as pessoas não estariam nas ruas. Há um desconforto com o crescimento baixo, mas o problema é a crise mundial.

O instrumental físico e cerebral das pessoas busca o progresso, ganhar melhor, mais direitos. A imprensa faz projeções catastróficas em relação ao câmbio, ao PIB. A Globo tem orquestrado isso. É muita força para uma empresa. Há uma orquestração política contra o governo. Há uma orquestração política contra o PT.

Mas caracterizar esse movimento como fascista é um erro. As pessoas se asenhorearam do conceito de democracia direta. Mas a participação não precisa e não deve substituir a representação política.

A democracia direta não pode ser um instrumento ideológico contra a democracia representativa. Hoje a imagem da democracia está associada a uma representação em relação aos parlamentares: a imagem da corrupção. Isso não pode continuar. A democracia representativa terá que fazer uma espécie de “haraquiri” nela mesma: uma profunda Reforma Política.

Temos que ter um parlamento muito sólido. A democracia representativa deve voltar a ter o atributo da confiança do povo. A democracia direta é muito importante, mas sem relação com as instituições políticas, pode ser um perigo para a própria democracia. A democracia direta não pode ser confundida com manipulação. Há um grande jogo político a serviço da manipulação.

A sorte está lançada.

O povo confia no Congresso? Não.

Precisa mudar? Sim

Como? Não sei!

Uma pista: as ideias e a bandeira da Reforma Política precisam ser encampadas por milhões de pessoas. Nas ruas.

Não podemos deixar a memória e a história do PT serem atingidas. Isso será o caos para o país. Recuperar a história e a dignidade do PT não é só necessário. É imprescindível.



## Não desistimos nunca

*Luiz Inácio Lula da Silva<sup>1</sup>*

**S**ou grato à vida por ter colocado lado a lado, por tantos anos, eu e meu amigo Luiz Gushiken. “Chininha” e eu nos aproximamos ao final dos anos 1970, no calor das greves e das lutas. Eu, dirigindo o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Ele, liderando com maestria o Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Nós comungávamos uma certeza: a de que a emancipação dos trabalhadores e das trabalhadoras do Brasil exigia o fim da ditadura militar, o combate às desigualdades e a construção de um novo modelo de desenvolvimento. E essa aproximação de ideais e de visões de mundo entrelaçou nossas vidas e nossa atuação política.

Fizemos greves juntos, fomos presos na mesma época, apoiamos sempre um ao outro. Ultrapassamos, juntos, as fronteiras de São Paulo. Nos unimos aos esforços de companheiros de todo o Brasil – não só metalúrgicos e bancários, mas também petroleiros, servidores públicos, professores e muitos outros – ajudando a criar uma nova fase do sindicalismo brasileiro.

Em meio a todas aquelas transformações históricas, Gushiken e eu tínhamos a consciência de que para preservar as conquistas de então – e avançar ainda mais – os trabalhadores precisavam de novas formas de organização

---

<sup>1</sup> Pernambucano de Garanhuns (PE), Lula recebeu mais de 60 milhões de votos em 2022 e se tornou o primeiro brasileiro a conquistar três mandatos como presidente da República pela vontade do povo. É fundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT) e ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (SP).



política. Forjados na experiência e na força da luta sindical, queríamos levar o povo a novos espaços de poder. E foi o rumo que tomamos.

Em 1980, estávamos lado a lado na criação do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1983, estávamos juntos na criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Entre 1987 e 1988, fomos deputados constituintes. Ambos fomos presidentes nacionais do PT. Em 1989 e em 1998 estávamos juntos nas eleições presidenciais que disputei, tendo ele na coordenação de campanha.

Em 2002, mesmo com sérios problemas de saúde, Gushiken voltou a participar da coordenação da campanha presidencial. E teve um papel extraordinário nos esforços que nos levaram à vitória.

Em 2003, ao formar a equipe de governo, não tive dúvidas: escalei Gushiken para um dos mais importantes ministérios da Esplanada: a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, mais conhecida como SECOM.

Gushiken, novamente, atuou com maestria. Desconcentrou a destinação das verbas publicitárias do governo. Foi além do eixo Rio-São Paulo e chegou aos veículos regionais. Passou a cobrar que qualquer propaganda do governo seria estrelada por gente com a nossa cara: indígenas, negros, mulheres.

E fez mais. Mobilizou empresas, agências de publicidade e veículos de comunicação para fazer uma campanha que até hoje é muito bem lembrada, chamada de “O melhor do Brasil é o brasileiro”.

O que queríamos ali era ajudar a elevar a autoestima de nosso povo. Mostrar que não podíamos nos conformar mais com aquela ideia de que éramos inferiores às demais nações, ou de que carregávamos problemas e desigualdades que nunca seriam resolvidos.

Naquela época, o Brasil já começava a se transformar, graças sobretudo às políticas públicas e aos investimentos que estávamos fazendo para devolver a dignidade ao nosso povo. E, nesse mesmo momento em que a comida começava a voltar à mesa das famílias e a dignidade estava de volta ao cotidiano do trabalhador, a campanha da SECOM foi certa. Ajudou o povo a reconhecer o seu direito de andar de cabeça erguida. E de sonhar.

Alguns dos vídeos mais famosos daquela campanha traziam testemunhos de gente que nunca se abateu perante a dificuldade. E terminavam com a frase: “Sou brasileiro e não desisto nunca”. Frase que, para mim, é a melhor tradução da grandeza do meu querido companheiro.

Gushiken nunca se abateu com as doenças do corpo, que o obrigaram a enfrentar cirurgias e longos tratamentos. Nunca se abateu com as prisões arbitrárias a que foi submetido quando era dirigente sindical. Não pendurou as chuteiras após nossas derrotas eleitorais. E não baixou a cabeça após as acusações e processos injustos a que foi submetido.

A verdade é que, para meu querido “Chininha”, suas próprias limitações não importavam. O que importava era dar a energia que o momento histórico exigia – seja nos anos 1970, seja nos anos 2010.

Em setembro de 2013, quando internado no hospital Sírio Libanês, em São Paulo, nos seus últimos dias de vida, Gushiken me enviou uma mensagem, contando como via a difícil conjuntura política que o Brasil começava a viver naquele momento. Mensagem que pode ser lida neste livro.

O PT era atacado como nunca na mídia. Era a vítima do que só depois viemos a chamar de discurso de ódio e de *fake news*. E Gushiken já identificava, em meios aos ataques, violências premeditadas e interesses obscuros de alguns.

Para combater isso tudo, ele dizia, era preciso recuperar a fase heroica do partido. Mostrar que ele foi uma verdadeira construção política. E defender sua dignidade.

O certo é que, depois que Gushiken nos deixou, os ataques só aumentaram. A presidenta Dilma foi vítima de um golpe. Uma enorme fraude judicial me tirou a liberdade e o direito de concorrer às eleições. Nossa democracia foi ameaçada como nunca. O fascismo mostrou suas garras afiadas.

Mas seguimos lutando, apesar das derrotas e dos retrocessos.

Seguimos lutando porque sabíamos, por experiência própria, que era possível cuidar da gente mais pobre deste país. Porque tínhamos a convicção de que era necessário fortalecer a cada dia a democracia que garante os direitos do povo. E porque conhecíamos, em cada canto desse país, o extraordinário valor do povo brasileiro.

Hoje, em pleno ano de 2023, podemos dizer sem medo: voltamos a vencer.

Posso imaginar como Gushiken estaria feliz ao ver esse momento de nossa história. E não só porque estamos, mais uma vez, superando as ameaças autoritárias e o fascismo e dando ao povo brasileiro o direito de voltar a sonhar.

E estaria feliz ao ver, mais uma vez, que somos brasileiros e não desistimos nunca.

**I CONGRESSO ESTADUAL  
BANCO DO BRASIL-SP**  
ARARAQUARA - SP 1987



## O multifacetado descendente de Okinawa

*Adacir Reis<sup>1</sup>*

**M**inha convivência com o Gushiken se deu mais no campo do relacionamento humano do que político. Acho que o Gushiken era um estoico e um hedonista. Suportou a doença com bravura e, ao mesmo tempo, soube buscar o prazer nos momentos mais fugazes.

Quando o conheci pessoalmente, pelas mãos do Luizinho Azevedo, o Gushiken já era uma liderança nacional bem conhecida e estava indo para o que seria seu último mandato de deputado federal.

Fizemos várias viagens pelo interior do estado de São Paulo durante sua campanha eleitoral. Para mim, logo ficou claro que o Gushiken não se ligava mais em política partidária. Tinha sido presidente nacional do PT, era membro da Executiva Nacional, mas aquela dinâmica de candidato e compromissos partidários já o aborreciam. O que interessava mesmo para ele era o debate de ideias. Eu tinha concluído há pouco tempo o curso de Direito da Faculdade do Largo São Francisco e fiquei surpreso com um político tão anticonvencional, tão diferente do estereótipo que existe por aí.

Naquela época, a religião era um dos temas que mais lhe interessava. Por isso estudou o assunto com método, com disciplina, ora como um pensador, ora como alguém à procura de um credo.

---

<sup>1</sup> Advogado em Brasília (DF), foi assessor jurídico do deputado Luiz Gushiken. Ex-secretário de Previdência Complementar (2003/2006). Integrou a Comissão de Juristas do Senado Federal para a Reforma da Lei de Arbitragem e Mediação. É presidente do Instituto San Tiago Dantas de Direito e Economia.

Então reeleito, ele me convidou para integrar seu gabinete como assessor jurídico. Nessa época, em Brasília, me lembro de como ele conciliava uma agenda de pressões com momentos de descontração. Quantas vezes, na primeira hora do dia, antes de começarmos uma pauta pesada na Câmara dos Deputados, íamos tomar banho na Água Mineral, que fica num parque natural dentro de Brasília! Parecia que o Gushiken estava de férias. Porém, uma hora depois, numa guinada, ele já estava numa reunião de bancada ou numa CPI da Câmara dos Deputados, de paletó e gravata, dando o tom dos debates e articulando as estratégias de enfrentamento parlamentar.

No seu último mandato como deputado, o Gushiken começou a tratar do tema da governança global. Para ele estava claro que a tão falada globalização, ideologia sagrada naqueles anos 1990, era um conceito com muitos problemas. Ele então passou a defender a reforma dos órgãos multilaterais, uma nova governança mundial que levasse em conta os novos problemas contemporâneos, os quais não conheciam as fronteiras dos Estados nacionais. Se os problemas do clima, meio ambiente, crises financeiras e pandemias são transnacionais, as soluções também deveriam ir além das nacionalidades. Ficávamos debatendo aquilo por horas. E ele chamava gente da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Brasília (UnB), das Embaixadas. Um dia o Gushiken vira e me diz: “vamos escrever sobre isso?”. E daí fizemos um texto, assinado em conjunto e publicado no *Estadão*, sobre os desafios e dilemas da globalização. Eu tinha entre 25 e 26 anos de idade, ele um ideólogo respeitado, o que revela a generosidade intelectual do Gushiken.

É interessante lembrar que o Gushiken sempre teve um olhar especial para os temas internacionais. Nessa época de deputado, ele recebeu um convite do então chanceler Fernando Henrique Cardoso (FHC) para ir ao Japão numa missão oficial. Apesar da polarização partidária da época entre PT e PSDB – nada comparável, hoje sabemos, ao que viria depois –, o Gushiken fez aquela viagem com o FHC e voltou entusiasmado. Ele entendia que a política externa deveria ter uma articulação mais ampla e superior ao cotidiano dos partidos.

Hoje, quando vemos o protagonismo de Lula no cenário internacional, não há como não lembrar das ideias do Gushiken sobre o peso da diplomacia presidencial. Gushiken sempre dizia que o Lula era um líder vocacionado para os temas mundiais e que o Brasil deveria ter mais ousadia para assumir o papel

que lhe cabia no tabuleiro global. Quando o Gushiken decidiu não concorrer a um novo mandato eletivo, eu já havia me desligado do seu gabinete e montado um escritório de advocacia em Brasília. Sua renúncia a uma fácil e nova reeleição surpreendeu a todos. Esse desapego de um mandato de congressista quebrava a lógica inercial das coisas.

Nas voltas que o mundo dá, a eleição do presidente Lula (em 2002) o trouxe de volta e ele não se furtou – já então com problemas de saúde – a uma nova experiência de vida, agora no governo central.

O Gushiken foi um dos estrategistas da campanha presidencial de 2002. No governo Lula I, no auge do poder, o então ministro Gushiken, fazendo parte do chamado “núcleo duro” do palácio presidencial, encontrava tempo para sair das questões imediatas da política e especular sobre a viabilidade do ser humano como espécie.

Muitas vezes, depois de um bom jantar, ficávamos até de madrugada tomando vinho e falando sobre as dores e as delícias da existência!

Com a eleição do Lula, eu havia me tornado titular do órgão de regulação e supervisão de previdência complementar, convidado pelo Ricardo Berzoini, o novo ministro da Previdência.

Naquele início de governo, o Gushiken foi decisivo para viabilizar uma nova legislação tributária, que passou a proteger a poupança previdenciária de imposto de renda na fase de acumulação. Foi uma luta difícil, em que conseguimos mobilizar os atores do mercado e do governo. Tal legislação está aí até hoje, regulando a tributação do mercado de previdência privada.

O Gushiken era multifacetado. O estereótipo de monge budista, o “Gushi-zen”, era apenas uma de suas múltiplas facetas. Tinha um entusiasmo genuíno, juvenil, pelas coisas novas, por um novo livro, por um interlocutor especialista em algum assunto de seu interesse. Quando viajamos para os Estados Unidos, nos anos 1990, vi um Gushiken curioso, fascinado pela inventividade dos norte-americanos. O ex-trotskista, militante da Libelu, não tinha qualquer inibição em procurar entender a meca do capitalismo, em ser um ávido aprendiz sobre as últimas novidades da tecnologia.

Sob aquela feição oriental de decano havia um intelectual em ebulição, um homem de cálculos, mas também de arroubos. Era um romântico e um pragmático. Conseguia sair de uma conversa filosófica sobre o intangível e,

minutos depois, entrar num assunto prático e operacional. Isso me causava admiração, pois a versatilidade é um dos elementos que mais capacita o ser humano para os desafios da sobrevivência.

Essa capacidade de virada de chave e de adaptação aos diferentes momentos me remete o Gushiken àquela sabedoria bíblica: existe a hora de gargalhar, e a hora de chorar; a hora de plantar, e a de colher; a hora de trabalhar e a hora de descansar; a hora de sofrer, e de ter prazer. A hora da guerra, e a hora da paz.

No campo pessoal, o Gushiken foi abençoado por uma bela família, da qual tinha muito orgulho.

Na sua fase final de vida, já consciente daquilo que todo ser humano evita se conscientizar, ou seja, a inevitabilidade do fim, o Gushiken procurava sorver os últimos momentos de uma vida que não tinha deixado de ser plena.

Em todas as vicissitudes da sua existência, o Gushiken em nenhum momento exibiu qualquer sentimento de vitimismo. Talvez, lá no fundo, tivesse alguma angústia, que sabia disfarçar com autocontrole de samurai, sobre o que ainda poderia fazer, sobretudo, no campo da formulação e transmissão de ideias.

Numa de nossas últimas conversas, na casa dele em Indaiatuba, me disse: “o corpo humano é totalmente químico! Tudo aqui é química”. E começou a falar sobre o assunto como uma nova descoberta.

Hoje, em perspectiva, vejo o quanto sua passagem por este mundo fez diferença em nossas vidas. E ainda faz, pois a memória daqueles tempos converteu-se num outro tipo de presença, uma presença indecifrável e, nem por isso, menos real.

## Algumas memórias afetivas

*Alencar Ferreira<sup>1</sup>*

**P**osso afirmar que ingressei no movimento sindical e no Partido dos Trabalhadores (PT) pelas mãos de Luiz Gushiken. Explico.

Era ainda muito jovem e não tive uma história familiar de participação política, não frequentava movimentos sociais ou de igreja onde isso fosse estimulado. Muito menos fiz parte de partidos de esquerda nos tensos anos da ditadura. Entrei no Banco do Brasil aos 18 anos e fui logo convidado por colegas a participar de reuniões no Sindicato dos Bancários de São Paulo, onde se discutia “Decretos-lei do governo que prejudicavam os trabalhadores”.

Foi em uma dessas reuniões que conheci Gushiken (também Luizinho Azevedo, dono de retórica precisa e mobilizadora) com seu tom sempre moderado e analítico, que nos estimulava a, entendendo racionalmente a situação, atuar coletivamente para o bem comum. Era luta, amigos! E luta de classes das boas!

Ainda neófito, mas já munido da retórica e dos sonhos de esquerda, participei ativamente das grandes mobilizações bancárias da década de 1980. A greve de 24 horas do Banco do Brasil, em dezembro de 1984, iniciava a mobilização massiva que iria desembocar no movimento dos bancários de 1985. Segundo falávamos naquela época o “maior movimento social da história de uma única categoria” – éramos jovens e permitíamo-nos esses arroubos!

Gushiken comandava as Assembleias e as lições de política e de estratégia que recebemos, numa Praça da Sé lotada de bancários, foram inesquecíveis.

---

<sup>1</sup> Economista aposentado do Banco do Brasil.



Vivíamos no estreito limite da disputa pela democracia em meio a uma ditadura militar que, mesmo moribunda, assustava.

Conhecíamos a lógica do movimento de massas pelos livros e experimentávamos “a quente” suas virtudes, temendo as marcas que a repressão poderia nos deixar e cuja brutalidade não foi deixada apenas nos livros.

Na sequência dessa greve reivindicamos junto à diretoria de nosso sindicato a organização de uma subsede na cidade de Guarulhos. Aprovado o investimento, fizemos sua inauguração no início de dezembro de 1985. Gushiken lá esteve com seu discurso cheio de mistério para aqueles que desejavam festejar nossas conquistas. Ele dizia: “Não podemos brincar com os recursos dos trabalhadores e se essa subsede não ficar permanentemente cheia de bancários, nós vamos fechá-la!”

Bom, a história conta que a subsede virou associação, que virou sindicato e se apresenta até hoje, quase quatro décadas depois, como uma das maiores referências do movimento sindical e popular daquela cidade. Ponto para os trabalhadores!

No final da década de 1980, Gushiken, já deputado federal e presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), se destaca como um dos coordenadores da primeira campanha presidencial do país no pós-ditadura militar. A direita tradicional, fragmentada pelo fracasso do governo José Sarney e pelo espólio da ditadura, se uniu em torno do “caçador de marajás” e do apelo midiático. Foi um doloroso aprendizado; mas a história dessas linhas não é essa.

Durante a pré-campanha de Lula, coordenada por Gushiken, e que construiu uma aliança com o centro, o senador José Paulo Bisol surgiu como vice da nossa chapa. Eu e outros companheiros do Sindicato resolvemos apoiar Fernando Gabeira, vejam só! Assumo esse apoio, mas não revelo quem estava comigo nessa. Éramos jovens e tínhamos pressa!

Numa noite, após um evento de campanha, a turma de apoiadores do Gabeira reuniu-se no antigo Restaurante Piolim, no início da Rua Augusta. Vimos Gushiken chegar e o chamamos à nossa mesa para, em alto e bom som (depois de várias cervejas, diga-se), protestar: “O PT Bisol na bola!”

E ele: “Falem baixo, estou com o João Amazonas aí pra fechar a aliança com o PCdoB!” E não se vexou: “vocês precisam entender que só com o eleitorado petista e de esquerda, nós não ganhamos essa eleição. Temos de nos abrir à centro-esquerda e ao centro!” Bom, o resto da história vocês já sabem.

Dando um salto para 1996 com o movimento sindical, nos bancos públicos em especial, combalido por greves sem vitórias econômicas e anos sem recomposição salarial; o império da ideologia liberal, constrangidos pela desestatização da economia e com programas de demissão voluntária e com tantas outras não voluntárias, assumi a coordenação da mesa de negociações com o banco.

Em um momento de ruptura das conversas e negociações, conseguimos uma interlocução com o presidente da empresa, intermediada por Gushiken.

Após a reunião, Gushiken, no particular, dispara: “o sindicato que não negocia e contrata com a empresa perde representatividade junto aos trabalhadores. O momento é difícil, mas invistam no que acabamos de fazer aqui”.

Ainda em 1996, lançamos a campanha de defesa do “BB nem Privado, nem Estatal: Público”. Convidamos Gushiken e o sociólogo Betinho para patronos da empreitada e conseguimos pautar entre os trabalhadores, com alguma repercussão na opinião pública, que o banco apoiava as micro e pequenas empresas, a economia familiar no campo e os consumidores; orientações gerais que ainda hoje norteiam uma discussão séria de banco público.

No segundo ano do primeiro governo Lula, tivemos a responsabilidade de construir uma proposta de reajuste do salário mínimo. Seria a primeira vez que o faríamos, já que em 2003 o salário mínimo havia sido decidido no último ano do governo anterior.

Ricardo Berzoini, então ministro do Trabalho e Emprego, coordenava a discussão entre os ministros e eu participava de grupo técnico sobre o tema. Consideramos diversos cenários calculando o impacto fiscal das propostas, todas elas com ganhos reais para o salário mínimo, e uma proposta complementar que previa um reajuste mais robusto para o salário família, no pressuposto de que o trabalhador que tivesse filhos teria um ganho um pouco maior.

Na reunião com o presidente Lula para deliberar sobre o tema, no Palácio da Alvorada, participaram diversos ministros, líderes do Senado e da Câmara e o ministro Berzoini fez a defesa da ideia e do valor que propúnhamos. Seguiu-se debate intenso (e extenso), alguns com posição mais fiscalista do que o esperado. Gushiken seguiu calado na reunião, o que me exasperava, e só falou quando a reunião caminhava para a definição do presidente. O teor de sua fala, que acompanhava o que o ministro Berzoini encaminhava, guiou a

decisão presidencial e foi o pontapé inicial da política de valorização do salário mínimo, um discurso que flui fácil na boca de qualquer petista.

Ali vi algo valioso, digno de Nicolau Maquiavel: o Príncipe (no caso, o presidente) deveria manter entre seus principais assessores, aqueles que não tivessem medo de falar o que pensavam, mesmo que o contrariando. Aqueles que, sendo pessoas de confiança, não utilizavam de autocensura conveniente. E isso faz falta, não?

A última vez em que estive com Gushiken foi para uma visita ao amigo convalescente. Cheguei em sua casa no meio da tarde para ficar entre 20 e 30 minutos, como a educação manda em ocasiões como essa. Saí de lá altas horas da noite, depois de um papo regado a vinho, pizzas e baforadas de cubanos que colocou em dia o passado, o presente e o futuro de toda essa história que tive a fortuna (só para retomar Maquiavel) em participar. Os desafios que se nos apresentavam naquele momento eram complexos, mas Gushiken tinha as ideias claras e o ímpeto inabalável.

Em todos esses momentos, Gushiken exerceu sua marca, foi moderado, analítico, ajudando a entender racionalmente a situação para uma atuação coletiva. É líder que se fala, né? Saudades.

## Retratos do Gushiken

*Alexandre Maimoni<sup>1</sup>*

**A**o receber o convite para participar desta coletânea em memória de Luiz Gushiken, achei que seria mais interessante ao leitor se eu tratasse do aspecto humano da nossa convivência, tendo em vista que o caráter político das três principais fases da sua vida pública – dirigente sindical e partidário, deputado federal e ministro do governo Lula I –, com certeza serão melhor descritos por figuras de renome que participam do livro.

Particpei da última fase da trajetória parlamentar do Gushiken. Em meados de 1993, morava em São Paulo e tinha acabado de me formar em Direito quando um amigo de faculdade, que trabalhava com o então deputado estadual Luiz Azevedo, me perguntou se eu teria interesse em trabalhar como assessor jurídico do deputado federal Luiz Gushiken. “Só tem um porém”, esse amigo falou, “é para trabalhar em Brasília”. Eu tinha 23 anos e fiquei encantado com a proposta (e amedrontado também, posso confessar agora). Conhecia o Gushiken da imprensa, das campanhas do PT, da qual ele tinha sido presidente durante a campanha de Lula em 1989. Ele era, ao lado de José Genoíno, Aloizio Mercadante e José Dirceu, uma das estrelas do partido no Congresso.

Marcou-se um encontro meu com o Gushiken em São Paulo. O gabinete dele ficava no Vale do Anhangabaú, esquina com a São João, num prédio antigo onde, por anos, ficou instalado um famoso painel eletrônico e cujo térreo era ocupado por um bar e restaurante bem tradicional, o Guanabara.

---

<sup>1</sup> Advogado em Brasília (DF), atualmente ocupando o cargo de diretor Jurídico, de Governança, Gestão e Riscos do Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO).

A conversa entre nós pouco se assemelhou a uma entrevista de emprego, foi mais uma troca de ideias sobre amenidades, vida pessoal. Para minha surpresa, Gushiken era sorridente e afável e tinha uma voz forte, de locutor, que impunha respeito. Era baixo, de ombros largos, rosto rechonchudo e meio barrigudinho. Fumava cachimbo. Logo a minha timidez inicial foi se dissipando e estávamos conversando de maneira franca. Essa foi, sem que eu soubesse na época, a mais importante entrevista de emprego da minha vida.

Cheguei em Brasília em julho de 1993 e nunca mais saí. Trabalhei no Congresso com o Gushi por quase cinco anos, até 1997. Ele tinha uma equipe em São Paulo talentosa e engajada, a maioria vinha das lutas sindicais, da militância partidária, sendo os principais o Paulo Bezerra e o Tirso Marçal. Em Brasília, o gabinete era comandado por um combativo militante de esquerda, o chileno Julio Marín (“Paco”). Eu era novo e sem experiência política comparável à dessa equipe, e com eles aprendi muito.

O PT, derrotado em 1989, tinha possibilidades reais de ganhar as eleições de 1994, tendo em vista o trauma do país com o *impeachment* de Collor. Afigurava-se uma espécie de 3º turno daquela eleição que, sabíamos, tinha sido manipulada<sup>2</sup>. Lula percorria o país com as Caravanas da Cidadania e era líder absoluto nas pesquisas. Mas a direita se reorganizava sob o governo Itamar com a aliança PSDB-PFL. No primeiro semestre de 1994, eu estava no apartamento funcional em Brasília com Gushiken, quando assistimos pela TV o lançamento da candidatura do então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Um evento no ministério, só com um grupo de políticos engravatados. Lembro de um sorrir para o outro, satisfeitos com aquele aparente fiasco, uma clara montagem para aparecer na mídia. Não sabíamos que, em breve, em 1º de julho daquele ano, seria lançado o Plano Real e, com seu êxito na estabilização da economia e o intenso uso eleitoral da máquina midiática, empresarial e governamental, FHC seria eleito presidente da República no 1º turno. Cabe lembrar que o PT foi impedido de usar imagens das Caravanas da Cidadania, por emenda na lei eleitoral de autoria do então deputado José Serra, que impediu o uso de imagens externas pelos candidatos.

---

<sup>2</sup> Posteriormente, revelou-se que houve manipulação tendenciosa na edição do debate entre os candidatos, às vésperas da eleição. Ver link: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/25/de-volta-a-globo-lula-ja-foi-alvo-de-manipulacao-em-debate-de-89.htm>. [N.E.]

O curioso é que FHC tinha uma relação especial com Gushiken. Eles tinham ido juntos ao Japão quando Fernando Henrique era ministro das Relações Exteriores do governo Itamar Franco, e desenvolveram uma relação próxima. Em uma ocasião, Gushiken me levou numa audiência com FHC, este já como ministro da Fazenda, para tratar de uma possível privatização do Banco da Amazônia, juntamente com um grupo de dirigentes sindicais bancários. E pude testemunhar o apreço e a deferência com que FHC tratou Gushiken.

A relação com Lula também era muito especial. Posso estar exagerando, mas já comentei diversas vezes com amigos em comum que o gestual e o modo de falar do Gushi eram muito semelhantes aos do Lula, restando saber quem mimetizava quem.

Gushi uma vez contou que começou a usar paletó e gravata ainda durante o movimento sindical bancário, indo contra o padrão do sindicalista de então. Dizia que era por uma questão de autoestima. Andar bem vestido o colocava em uma posição de igualdade ao negociar com os barões do sistema financeiro.

Gostava também de curtir a natureza. Uma vez fomos a Alto Paraíso, no norte de Goiás. No meio do caminho ele pediu para pararmos o carro – um Gol branco, ano 1988, com placa de São Paulo, que ficava para uso do gabinete em Brasília – quando passamos por um riozinho que ele queria conhecer. Ele não tinha pressa de chegar, curtia cada momento.

Nessa viagem em particular ele falou muito da sua nova religião, a crença Bahá'í, que eu não conhecia. Era originária do Irã e estava sendo perseguida pelo regime teocrático daquele país, com prisões e mortes, obrigando um contingente grande de praticantes a fugir.

Gushi gostava de comer bem. Era comum chegarmos em um restaurante e ele perguntar há quanto tempo o garçom trabalhava ali. Se fosse bastante tempo, significava que a comida era boa – e geralmente era mesmo. Contava sempre a história de que os grandes *sushimen* não trabalhavam quando estavam tristes ou preocupados, pois a tradição diz que a energia do cozinheiro passa para a comida. Ele fazia questão de almoçar em casa sempre que podia, gostava de comer comida simples, de verdade. Em São Paulo era comum irmos numa casa especializada em comida árabe no bairro do Paraíso – e cujos garçons eram antigos de casa.

Uma vez reeleito para seu terceiro mandato em 1994, Gushi revelou que aquele seria seu último. De 1995 em diante, assumi a chefia do gabinete dele em Brasília, mas o clima dele já era de despedida do Parlamento. E de preparação para seu sucessor na Câmara dos Deputados, que seria, muito exitosamente, o então líder sindical Ricardo Berzoini.

Em 1996, casei com minha primeira esposa, mãe de meus três filhos, e tive a imensa satisfação de ter como convidados no casamento, o Gushiken, a Beth e os filhos Guilherme, Helena e Artur. No ano seguinte, com o apadrinhamento do Gushi, segui outros desafios profissionais e nossas vidas se separaram. Quando Lula ganhou em 2002, nos falamos por telefone. Ele me convidou para que eu fizesse parte do governo, mas segui no meu escritório de advocacia. Depois acompanhei de perto suas atividades, a composição do governo, vários companheiros e colegas em cargos importantes.

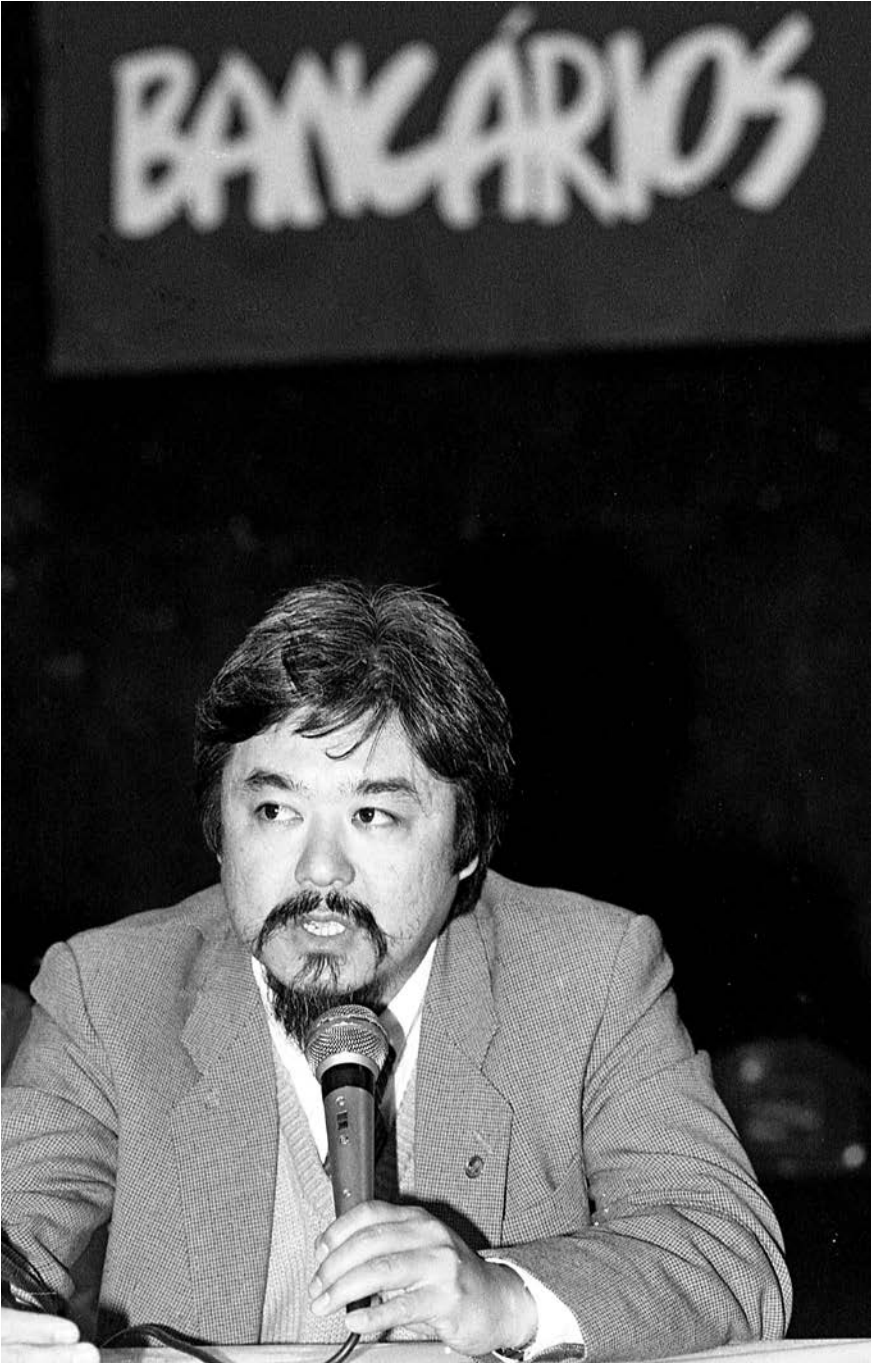
Tempos depois, quando já havia começado o ruído do mensalão, nos encontramos num jantar na casa de amigos em comum em Brasília. Ficamos um bom tempo falando da vida, ele rindo muito e já mais magro e envelhecido devido ao tratamento contra o câncer que, anos depois, o abateria. Não falamos de política, o que acho positivo, pois eu era, vamos dizer, da “cota pessoal”. Acompanhei muito entristecido o episódio do mensalão, as consequências para a família. Foi tudo traumático, mesmo ele tendo sido depois absolvido.

Gosto de lembrar dos momentos mais alegres quando, por exemplo, ele me contou, aos risos, que nos anos 1970, quando ainda estudante de administração na FGV e militante da Libelu, foi com uns amigos fazer um mochilão pelos rincões do Brasil. Dormiam em *campings*, viajavam de carona e, quando estavam na região de Pirapora, às margens do Rio São Francisco, dormiram num barracão e, na manhã seguinte, havia um monte de crianças em volta deles, curiosos. Nunca tinham visto um japonês.

Fazendo esta retrospectiva de memórias esparsas, concluo com a constatação, nada original, de que Gushiken era um sujeito, antes de mais nada, que pensava fora da caixa. Foi o primeiro, ou um dos primeiros, a enxergar a importância dos fundos de pensão para os trabalhadores, quando ninguém falava disso. Interessou-se ativamente por uma religião iraniana pouco conhecida – e da qual extraiu a ideia de que o conceito de Estados nacionais já não servia para resolver os problemas da humanidade, sendo necessária a instituição

progressiva de um governo global. Usava paletó e gravata no movimento sindical – ele me dizia que não foi fácil, houve críticas quanto à vestimenta “burguesa”. Fumava cachimbo – uma assessora da época testemunhou o encontro de Gushiken com Miguel Arraes para formalizar apoio deste a Lula nas eleições de 1989 e se surpreendeu com o mutismo dos dois, que, por longos minutos, ficaram sentados, um fumando cachimbo, o outro charuto, numa verdadeira pajelança de caciques. Desistiu de seguir no Parlamento, mesmo sendo uma liderança nacional e tendo chances de fazer uma longa carreira, preferindo abrir caminho para novos líderes. E, no que me toca diretamente, contratou um rapaz recém-formado em Direito para trabalhar como seu assessor em Brasília, alterando sua vida para sempre.





## Yuimaru e o brasileiro que nunca desistiu

*Aloizio Mercadante*<sup>3</sup>

**C**onheci Luiz Gushiken no final da década de 1970, antes mesmo da fundação do PT e da CUT, nossos caminhos se cruzaram primeiro no movimento estudantil e depois no movimento sindical, ele presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e eu presidente da Associação de Professores da PUC. Naquela ocasião, o foco e a destreza oriental já se mostravam presentes nesse combativo e comprometido militante.

A família de Luiz Gushiken, o brasileiro que nunca desistiu, veio de Okinawa, pequena ilha do extremo sul do Japão.

Muito conhecida pela sangrenta batalha que lá ocorreu na Segunda Guerra Mundial, Okinawa tem, na realidade, uma cultura tradicional que a distancia bastante do militarismo japonês e do rígido código dos samurais.

Por 450 anos, Okinawa pertenceu ao Reino Ryūkyū. Esse reino floresceu como um estado independente que governou as ilhas Nansei, no que é hoje a parte mais ao sul do Japão.

Essa pequena nação marítima, formada por uma cadeia de ilhas entre Kyūshū e Taiwan, tornou-se um estado tributário da China Ming na segunda metade do século XIV e também um importante entreposto nas rotas

---

<sup>3</sup> Professor doutor aposentado de economia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor licenciado pelo Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Fundador da CUT e do PT, foi deputado federal, senador e presidente do Parlamento do Mercosul. Foi ministro de Ciência, Tecnologia e Inovação; ministro da Educação duas vezes; ministro-chefe da Casa Civil da Presidência da República. Foi presidente da Fundação Perseu Abramo e coordenador do Programa de Governo da Campanha do Presidente Lula em 2022. Atual presidente do BNDES.

comerciais do Leste Asiático, importando e revendendo artigos de nações do leste e sudeste da Ásia.

Na realidade, esse reino, do qual Okinawa fazia parte, comunicava e integrava, pelo comércio e pelas relações diplomáticas, diferentes culturas: a cultura chinesa, a cultura japonesa, as culturas do sudeste asiático e até mesmo a cultura coreana.

Era o que se chamaria hoje de nação multicultural e pacifista, que convivia harmonicamente com a diversidade. Era também um reino muito dedicado às artes e profundamente religioso, sendo que as divindades eram relacionadas ao espírito feminino.

Era um país de comerciantes, diplomatas e de artistas, como o pai de Gushiken.

Caro na cultura de Okinawa é o conceito de Yuimaru, que significa ajuda mútua, solidariedade, necessidade de cooperar com o próximo para que todos possam crescer e prosperar.

Pois bem, vejo Gushiken muito mais como um homem de Yuimaru, um herdeiro da antiga, diversa e tolerante cultura de Okinawa do que um samurai.

E Gushiken fez a ponte perfeita entre essa cultura e a cultura brasileira.

Desde muito cedo, Gushiken empenhou-se na construção de um Brasil solidário, tolerante e igualitário. Um Brasil onde todos prosperassem. Um Brasil para todos. Um Brasil baseado em Yuimaru e conduzido coletivamente pelo PT.

Nesse processo longo e muito difícil, fez de tudo: foi sindicalista, presidente dos sindicatos dos bancários, fundador da CUT, fundador do PT, deputado constituinte, coordenador de campanha de Lula, diretor da SECOM da Presidência da República, chefe do Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República etc.

Em todos esses cargos, distinguiu-se pela inteligência, capacidade de organização, otimismo e talento de ouvir opiniões discordantes.

Quando assumiu o Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, fez questão de chamar para compor a equipe o diplomata Paulo Roberto de Almeida, que era de oposição ao governo do PT.

Valorizava o debate qualificado e gostava dialeticamente das divergências. Sabia que, dessa forma, todos prosperavam e cresciam. Yuimaru intelectual.

Coerentemente com esse compromisso com o debate democrático, juntos criamos o Clube de Política Arco-Íris, uma curiosa confraria onde tudo podia ser debatido de forma plural, aberta e arejada. Incomodamos, mas abrimos caminhos. Ao longo de toda essa trajetória, sempre tivemos uma identidade política muito sólida, tanto diante dos desafios para a construção da CUT, quanto diante das divergências no PT.

Nós moramos juntos em Brasília por um curto período, pois também chegamos ao parlamento na mesma ocasião. Ao longo de toda nossa convivência, sempre me chamou a atenção o fato de que Gushiken lia muito, era culto e reflexivo.

Aliás, suas reflexões não eram imediatistas e nem triviais. Profundamente humanista, se ocupava de pensar as possibilidades de construção de um “governo mundial” para enfrentar os grandes desafios da humanidade. Em outros momentos, suas ideias eram inusitadas. Defendia a construção de um serviço civil obrigatório ao invés do serviço militar obrigatório. Ideias de um visionário, nem sempre viáveis. Nem sempre concordávamos com as respostas, mas ele sempre soube fazer as perguntas certas.

No entanto, a vida lhe deu duros golpes. Houve os golpes das doenças que o enfraqueceram, mas que nunca lhe fizeram desistir de nada. Era um brasileiro e, como ele dizia, o brasileiro não desiste nunca. Suas doenças eram apenas físicas, nunca espirituais.

O golpe mais duro foi, porém, o da injustiça e perseguição política.

Envolvido indevidamente na AP 470, Gushiken sofreu, durante anos, feroz campanha de difamação. Um absurdo kafkiano. Doeu-lhe bem mais que o câncer. Optou por se retirar da vida pública, preocupado em construir patrimônio para sua família e filhos e em preservar sua principal riqueza: a honradez.

Ativo, fez uma defesa histórica, antológica, da sua honradez, base da sua cultura familiar, herdada do seu pai de Okinawa. Depois de algum tempo – tempo demasiado para um inocente –, foi absolvido das acusações ardilosamente inventadas.

Suas influências e experiências e seu humanismo existencial o conduziram ao bahaísmo, fé sem dogmas e sem clero, que acredita na unidade espiritual da humanidade. Para os bahá'ís, todos os seres humanos foram criados igualmente e a diversidade racial e cultural deve ser não só aceita, mas apreciada e

valorizada, algo que combinava muito bem com Gushiken, sua missão de vida e com sua cultura de origem.

Nos últimos anos de vida, com a saúde combalida, mas com o espírito íntegro, refugiou-se em sua chácara, no interior de São Paulo.

Fui visitá-lo no hospital um dia antes de sua morte. Gushiken me confidenciou que sempre se preparou espiritualmente para a morte, e na sua reflexão interior concluiu que não havia preparação possível para esse momento. Disse que gostaria de continuar vivendo.

Também me disse que o PT precisava voltar a viver um momento heroico. “Nunca foi por dinheiro ou por poder, entramos nessa luta por uma causa, por um sentimento que precisa ser revivido”.

A vida nunca desistiu de Gushiken, e nem ele dela.

Lá, no seu refúgio, longe dos ruídos do mundo, mas profundamente conectado com a nossa humanidade comum que ele tanto amava, Gushiken gostava de ver filmes de Charles Chaplin. Carlitos, o homem do povo. O “vagabundo” genial de profunda humanidade e bondade. A personificação da vida. O humano em risos, lágrimas, solidariedade e esperança. A melhor cor em preto e branco que o mundo produziu.

Gushiken, guiado pelo Yuimaru, continua por aqui, no Brasil, em Okinawa e em todos os lugares onde há humanidade.

Continua, vivíssimo, nos corações imortais dos que sonham com um mundo no qual toda a humanidade unida floresça.

## Entrelinhas de histórias

Ana Lucia de Camargo<sup>1</sup>

**U**ma jovem de 15 anos entra como trabalhadora em um banco e rapidamente aprende o quanto o mundo do trabalho pode ser opressivo, o quanto utilizam a imagem das mulheres, a sua capacidade de acolhimento, o quanto hipersexualizam sua imagem.

Em pouco tempo, ela observa que não existe uma relação justa nesse mundo, e, como que por encanto, um super-*hippie* chega, bate no balcão da agência e grita: “Folha Bancária!!!!”

Como uma jovem curiosa e sem medo, ela vai até o balcão ver o que era aquilo e assim começa a conhecer as lutas de outras mulheres e homens contra um sistema que explorava o trabalho. Próximo passo: se sindicalizar!

O mesmo *hippie* de pequenos óculos começa a conversar com essa jovem e ela começa a se encantar por esse mundo diferente através das poucas linhas do jornalzinho que chegava todos os dias e falava sobre um mundo melhor, com menos exploração, menos assédio, melhores salários e condições de trabalho.

Até que um dia, nos idos de 1985, entra o amigo *hippie* falando sobre uma tal campanha salarial na qual o sindicato queria reajuste trimestral e reposição, porque a inflação comia todo o salário.

Essa garota, por curiosidade, participa da grande assembleia convocada pelo sindicato, onde ela vê um oriental baixinho com uma força descomunal, que gritava em cima de um carro de som em plena Praça da Sé. Ele conduzia

---

<sup>1</sup> Educadora, mestra em Humanidades. Mulher que dança e toca tambores. Ex-diretora do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

a assembleia, cheia de gente ouvindo e gritando junto, e, para aquela jovem, ele parecia um super-herói lá no alto do caminhão de som!

Foi linda aquela noite na Praça da Sé, mágica, forte e potente, e, nesse momento, nasceram os sonhos de uma sociedade mais justa.

Depois de algum tempo a efervescência volta, e já é 1986. Outra campanha, outra greve e o sentimento de conquista refloresce. Em 1987, a jovem já havia entendido um pouco mais sobre lutar. Mantinha seu herói samurai e outros heróis que foram aparecendo. Entretanto, nesse momento, veio o cansaço e a derrota, doendo muito na alma e no bolso, mas como diziam os heróis: A luta continua!!! A luta continua!!!

Foi nessa época que a jovem conheceu de perto o herói samurai Luiz Gushiken e passou a admirá-lo mais, pois sua sagacidade e inteligência eram condições de seu ser. A cada reunião ou momento de conversa, ele apresentava suas ideias; mas seus olhos viam além de seu tempo. Com ele, a jovem começou a observar o que era estratégia, e com outros companheiros, juntavam pessoas para sonhar e realizar.

Gushiken sempre tratou essa jovem com carinho, respeitando suas vivências, inteligências e deficiências. Como não aprender com ele?

Os anos fizeram com que essa jovem crescesse, e os ideais plantados naquela época batem no coração até hoje, no coração de uma pessoa que se tornou Mulher, Mãe e Companheira!

Ele nunca teve ideia das coisas que escrevo aqui, pois um grande mestre ensina com o exemplo e não se preocupa com os louros de acumular seguidores e admiradores. Depois de tanto tempo poder escrever sobre alguém que na minha formação teve tanta importância, é uma felicidade.

Hoje, homenageamos Gushiken, que também é nome de avenida, mas acima de tudo, foi luz em vários caminhos!

Luiz Gushiken, presente!

## Opportunity, devemos ao Gushiken!

Ana Júlia Carepa<sup>1</sup>, Carlos Abicali<sup>2</sup> e Ideli Salvatt<sup>3</sup>

**A**pós dez anos da morte de Luiz Gushiken, vivemos um momento em que cada vez mais se comprova a perversidade e os malefícios provocados pelo *lawfare*. O ataque, a perseguição, a eliminação de adversários políticos ou econômicos utilizando o aparelho de Estado, parte do Judiciário, do Ministério Público, em conluio com setores da grande imprensa, emergem com força total nas denúncias dos abusos e crimes cometidos pela operação Lava Jato e na Ação Penal (AP) 470 (mal denominada de “mensalão”).

Temos a *oportunidade* e devemos fazer a verdadeira Justiça a Gushiken: a sua absolvição não foi por falta de provas, não! Foi por sua absoluta e incontestada inocência, inclusive pela ausência do crime: o “mensalão” é uma farsa!<sup>4</sup>

Temos a *oportunidade* de dar evidência a sua luta contra um conhecido agente e beneficiário de processos com fortes indícios de corrupção no país, o sr. Daniel Dantas, processado no Brasil e em vários países por uma série de ações com alto potencial criminoso, em especial no processo de privatização da Telebras e das operações do seu Banco Opportunity.

---

<sup>1</sup> Ex-senadora do Pará.

<sup>2</sup> Ex-deputado federal do Mato Grosso.

<sup>3</sup> Ex-senadora de Santa Catarina.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias-antigas/2017/2017-11-14\\_09-59\\_Mantida-indenizacao-a-familia-de-Luiz-Gushiken-por-materias-publicadas-pela-revista-Veja.aspx](https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias-antigas/2017/2017-11-14_09-59_Mantida-indenizacao-a-familia-de-Luiz-Gushiken-por-materias-publicadas-pela-revista-Veja.aspx) “Os fatos indicam que o Ministério Público tinha plena ciência da inocência de Luiz Gushiken antes mesmo do recebimento da ação. O que demonstra que sua intenção era fazer do processo a própria pena”.



Temos a *oportunidade* de exigir que processos de privatização com tantos indícios de falcatruas e prejuízos ao Brasil, sejam decisivamente investigados e os corruptores, em especial, exemplarmente punidos.

Temos a *oportunidade* de explicitar os mecanismos do *lawfare* e buscar aperfeiçoamento no arcabouço legal, na estrutura e na operação do Poder Judiciário brasileiro.

A disputa política e de interesses econômicos conflitantes, fruto de projetos distintos para o Brasil, se espalhou após a vitória do presidente Lula, em 2002. A ação midiática, parlamentar, judicial tinha foco em desestabilizar o governo, impedir Lula de cumprir seus compromissos de campanha e atuou fortemente no sentido de eliminar pessoas estratégicas do governo e do PT, como José Dirceu, José Genoíno, Luiz Gushiken e muitos outros. E esse ataque à soberania popular seguiu crescendo, crescendo. Fortes são os indícios de apoio e envolvimento de interesses políticos e econômicos internacionais, em especial dos Estados Unidos.

Até que, com o golpe de 2015/2016, conseguiram cassar o legítimo mandato da presidenta Dilma. Depois, prenderam o presidente Lula de forma injusta e ilegal, interferindo no processo eleitoral de 2018, garantindo a eleição de Jair Bolsonaro.

Não resta qualquer dúvida de que o ataque sofrido por Gushiken se deve ao papel imprescindível que sempre desempenhou no movimento sindical dos bancários, na atuação firme e correta junto aos fundos de pensão, na construção e organização do Partido dos Trabalhadores e, especialmente, por ser do núcleo estratégico do governo do presidente Lula. Há que se destacar o papel que desempenhou no combate às privatizações lesivas aos interesses do país, em especial na privatização da TELEBRAS, se contrapondo à voracidade marginal em práticas lideradas pelo grupo do Banco Opportunity.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Conferir em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/daniel-dantas-denuncia-interferencia-politica-em-gestao-de-fundos/141914> - Senadora quer perícia de computadores do Opportunity - Relato dos processos do DD - Quebra de sigilo do Opportunity Found; <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/355732>; <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/357599>; <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/355822>; <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/358509>; <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/357973>; <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/>

Gushiken encarou toda a sorte de ameaças, das quais o líder do grupo era useiro e vezeiro, sem limites, como atesta a Carta Aberta do presidente do STJ, ministro Edson Vidigal, ameaçado após ter cassado uma liminar que ia contra seus interesses.<sup>6</sup>A inclusão do Gushiken na CPMI dos Correios<sup>7</sup> e acusação na ação penal AP 470 merece uma profunda revisão nas práticas, nos procedimentos e na própria estrutura do Judiciário brasileiro. Não foi o conluio de um juiz de 1ª instância com um promotor, como no caso da Lava Jato, que contaminou todo o sistema, de baixo para cima. Não! Foi o alto escalão do Judiciário, da Procuradoria Geral da República (PGR) e do Supremo Tribunal Federal (STF), que desconhecera laudos técnicos, separaram inquéritos (2275 e 2474), realizaram manobras regimentais e, o mais importante, mantiveram sob sigilo de justiça (2474), sem acesso aos advogados dos acusados, os documentos que comprovavam a inocência de Gushiken, entre outros. Centralmente, contribuíram para manter de pé o conto do “mensalão”!<sup>8</sup>

A base da ação penal AP 470 é falsa como uma nota de três reais! A Visanet é uma empresa privada, não é do Banco do Brasil<sup>9</sup>, não é dinheiro público, os

---

pronunciamento/357773 e <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/357564>. Discursos no Plenário do Senado Federal, das Senadoras Ideli Salvatti e Ana Júlia Carepa, sobre, Daniel Dantas, Opportunity, envolvimento com governos anteriores ao PT, incoerências na tese do “mensalão”, privatização da Telebrás, ameaças a juíza.. “De cada 10 encrucas no país, Dantas está metido em 10”.

<sup>6</sup> Cf.: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/357973> [...] Tão logo, há alguns meses, decidindo em favor dos fundos de pensão, cassei uma liminar, cujos efeitos incomodaram, e ainda incomodam, interesses poderosíssimos no setor de telecomunicações, fui avisado de que ações de trabalho sujo se desencadeariam contra mim. Seria “grampeado”, seguido, filmado. Meus amigos, familiares e pessoas mais próximas passariam a estar, eles também, sob intensa vigilância. [...]

<sup>7</sup> Cf.: <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/notas-taquigraficas-da-oitava-do-depoente-sr-luiz-gushiken/>

<sup>8</sup> Cf.: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/ministro-encaminha-relatorio-da-pf-no-inquerito-2474-para-procurador-geral-da-republica/2634958>; <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-sigilo-ha-7-anos-inquerito-da-pf-sobre-mensalao-e-liberado-9314/>; <https://jornalistaslivres.org/ministro-do-stf-e-procurador-geral-da-republica-esconderam-provas-no-mensalao/>; <https://ujs.org.br/blog/noticias/barbosa-nao-responde-a-perguntas-sobre-o-inquerito-2474/> e <https://www.conversaafiada.com.br/politica/2014/01/24/inquerito-2474-lewandowski-desnuda-barbosa>.

<sup>9</sup> Cf.: <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/1-documentos-do-bb-sobre-a-propriedade-do-dinheiro-da-visanet/>

serviços de comunicação foram comprovadamente realizados<sup>10</sup>. Os verdadeiros responsáveis pela gestão da Visanet que aparecem no Laudo 2828/2006, do Instituto Nacional de Criminalística<sup>11</sup>, não foram jamais acusados. Aliás, chama a atenção que não foi investigado a fundo a relação antiga, anterior ao governo Lula, das empresas do sr. Daniel Dantas com as empresas do sr. Marcos Valério, envolvendo milhões de reais.

O relatório final da CPMI dos Correios foi profundamente controverso<sup>12</sup>. A ponto de os membros do PT, na Comissão, apresentarem um voto em separado, um “relatório paralelo” que, embora derrotado, deixou registrado boa parte dos indícios das irregularidades e práticas criminosas que não foram devidamente investigadas pela Comissão. Foi o “relatório paralelo”, posteriormente encaminhado ao Ministério Público, que embasou ações judiciais contra o sr. Daniel Dantas e o Banco Opportunity<sup>13</sup>.

Dantas chegou a ser preso, em 2008, e prontamente colocado em liberdade pelo seu poder, suas relações e pelo *modus operandi* de influência, ameaça e perseguição. Permanece impune!

Há a *oportunidade* de se fazer revisão dos processos e inquéritos, dos procedimentos e condenações ilegais, das investigações abortadas, das punições interditas. E, indiscutível e imperiosamente, se faz necessária a análise do papel e da responsabilidade de veículos da grande imprensa, da imprensa corporativa, das suas alianças e interesses no desenrolar de todos esses fatos e na consecução do *lawfare*.

---

<sup>10</sup> Cf.: <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/1-explicacao-sobre-a-auditoria-do-pinheiro-neto-visanet/>; <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/doc-1-pinheiro-neto-final-28-09-2006/>; <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/doc-2-sumario-09-02-2006-pinheiro-neto-ap-430-item-7/>; <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/doc-3-sumario-07-03-2006-pinheiro-neto-ap-408/>; <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/doc-4-corresp-visanet-p-bb-30-10-2006/> e <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/bb-2018-09-17-hp-juntada-exib-cielo-e-proc-dnaxbb>. Documentos da Auditoria do Escritório Pinheiro Neto.

<sup>11</sup> Cf.: <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/laudo-de-exame-contabil/>

<sup>12</sup> Cf.: <https://www.senado.leg.br/comissoes/cpi/relatoriofinalvol2.pdf> - Volume 2 do Relatório final da CPMI dos Correios.

<sup>13</sup> Cf.: <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/doc033/-> Embasamento do voto em separado, “relatório paralelo” da CPMI dos Correios. E <https://movimentohumanizasc.com.br/2023/06/doc-voto-em-separado-20060719/>. As Atas e Notas Taquigráficas da CPMI dos Correios estão no Diário do Senado Federal, de 18 de julho de 2006.

*Oportunidade* de revisar o poder judiciário brasileiro, para que não se esqueça da prática do *lawfare*, para que não a repita!

*Oportunidade* de justiça plena a Luiz Gushiken!

*Lawfare* nunca mais!



## Estratégia e teimosia de um líder

*Antonio Lassance<sup>1</sup>*

**E**m 2002, Lula foi ao hospital visitar aquele a quem gostava de chamar de “Chininha”. Não era exatamente uma visita de cortesia. Gushiken havia perdido muitos quilos e uma parte do intestino para se livrar de um câncer agressivo que teimava em derrotá-lo, mas ainda não seria dessa vez. Lula tinha um convite inusitado e que talvez muitos julgassem inapropriado para a ocasião: queria Gushiken como coordenador-adjunto da transição de governo e, depois, ministro da comunicação da Presidência da República.

Gushiken nunca quis ser ministro da Secretaria de Comunicação. Queria uma Secretaria de Assuntos Estratégicos, que já não mais existia – havia acabado durante o segundo mandato de FHC. Foi Lula quem insistiu na ideia da comunicação e via nela uma de suas áreas mais estratégicas. Precisava não de um comunicador ou publicitário, de quem já dispunha, mas de um estrategista político para orientar a área. A teimosia de Gushiken em recriar a pasta de assuntos estratégicos gerou uma solução com uma cabeça de Janus: a Secretaria de Comunicação e Gestão Estratégica da Presidência da República.

Gushiken era aficionado por estratégia. Tinha uma biblioteca essencial sobre o tema, gostava de ler, assistir e falar de tudo o que dissesse respeito, direta ou indiretamente, a essa milenar arte de surpreender os adversários.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB) e pesquisador do IPEA. Em novembro de 2002, tornou-se coordenador administrativo no gabinete montado para fazer a transição do governo FHC para o governo Lula. Ali, conheceu Luiz Gushiken. Em janeiro de 2003, foi nomeado chefe de gabinete na SECOM.

Gushiken foi fundador do PT, em 1980; membro de seu Diretório Nacional; presidente do Partido, de 1988 a 1990, e coordenou a heroica campanha de 1989, a do Lula-lá! Foi também secretário sindical nacional e vice-presidente nacional do PT. Deputado constituinte, foi reeleito por mais dois mandatos. Em 1998, surpreendeu não apenas adversários, mas aliados, ao abrir mão de disputar eleições e de concorrer a mais um mandato de deputado federal.

Quando assumiu a SECOM, a comunicação de governo era para ele um enigma. Mais uma vez, Gushiken surpreendeu ao provocar uma reviravolta na maneira tradicional de o governo se comunicar. Antes do governo Lula, havia ministérios, como o da Educação, de Paulo Renato Souza; o da Saúde, de José Serra; e o do Desenvolvimento Agrário, de Raul Jungmann, que suplantavam em muito a estrutura de comunicação da própria Presidência da República. A partir de Gushiken, os ministérios passaram a fazer exclusivamente a publicidade dita de utilidade pública. A publicidade institucional de governo passou a se concentrar privativamente na SECOM da presidência.

O governo federal passou a ter um negociador único (a SECOM) da verba publicitária. A partir de então, a relação com os veículos de comunicação inverteu-se. Alguns veículos eram privilegiados na distribuição de verbas publicitárias, sem qualquer relação com a audiência ou com o público-alvo das campanhas.

Quando Gushiken determinou que a audiência seria usada como um dos critérios objetivos de remuneração, a SECOM reduziu significativamente o gasto publicitário com a Rede Globo e elevou a das demais. Isso levou o SBT a alfinetar a concorrente com um anúncio publicitário de agradecimentos pelo uso do IBOPE como critério de distribuição da verba publicitária.

Por sua vez, o critério de orientar o gasto em publicidade conforme o perfil do público alvo e dos veículos de maior proximidade com cada público levou a um maior direcionamento do gasto para pequenos veículos de cidades do interior. Pela primeira vez, tomou lugar uma estratégia de regionalização da publicidade governamental.

A própria equipe da SECOM começou a cadastrar e a incentivar o processo de formação ou fortalecimento das associações de veículos do interior, que se organizaram para contratar mecanismos para a aferição de audiência, para que pudessem ser remunerados conforme sua capacidade de difusão da informação.

Em paralelo, Gushiken havia montado dois cães de guarda em seu trabalho, um para latir e outro para morder. Uma parte de sua equipe de imprensa organizou um boletim destinado a propagar as boas notícias das realizações do governo. Era o chamado “Em Questão”, uma espécie de “Voz do Brasil”, só que em formato impresso. O “Em Questão” tornou-se rapidamente o principal instrumento governamental de divulgação de notícias positivas do governo Lula. Embora tivesse versão impressa, sua maior circulação se dava por e-mail. A imprensa ironicamente o apelidou de *Pravda* – em russo, “a verdade”, nome do famoso jornal oficial da antiga União Soviética. A fama disseminada acabou ajudando a divulgar sua existência e a atrair atenção para ele. Ao final de 2006, o “Em Questão” chegava impresso ou por e-mail, diretamente, a meio milhão de pessoas. Outro instrumento, criado ainda em 2003, foi o “Café com o presidente”, que levava ao rádio o recado semanal e ao vivo do presidente da República.

O cão de guarda responsável por morder era um radar chamado de “Carta Crítica”. Era produzido por uma equipe coordenada pelo grande jornalista Bernardo Kucinski, que desde a campanha eleitoral de 2002 fazia a análise das notícias publicadas pela imprensa. Kucinski produzia as “Cartas Críticas” durante as madrugadas, e o documento seguia bem cedo para o Palácio da Alvorada. O presidente as lia tomando café ou durante suas caminhadas, às 6h da manhã.

As “Cartas” eram críticas tanto em relação aos erros da imprensa diante do governo – consideradas falhas a serem corrigidas com explicações – quanto aos erros do governo com a imprensa, com a opinião pública e em relação aos problemas graves do país. Lula sistematicamente usava a “Carta Crítica” como um roteiro para seus puxões de orelha em ministros, na primeira hora da manhã. Um dos ministros insistentemente criticados por Kucinski era um certo Antonio Palocci, o ministro da Fazenda, que reclamou com Gushiken: “O Bernardo tem que parar com isso. Todo dia o presidente me liga pra reclamar”. “Oh, Palocci, é exatamente pra isso que chamamos o Bernardo”, defendeu Gushiken.

Em 2004, Gushiken abriu uma nova frente de expansão da publicidade de defesa da imagem governamental. Convidou as principais agências de publicidade do setor privado para uma ação conjunta em parceria com as agências



que atendiam o governo. Os publicitários foram incentivados a pensar peças de uma grande campanha para reforçar a autoestima dos brasileiros.

O esforço em parceria deu origem à campanha e ao memorável bordão, “O melhor do Brasil é o brasileiro”. O *slogan* “sou brasileiro e não desisto nunca” também se associou à campanha e “pegou”. Popularizou-se como nunca antes na história da publicidade governamental.

O sucesso do trabalho de Gushiken pôde ser atestado por um observador insuspeito. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, então o opositor mais proeminente de Lula, conferiu a Gushiken um elogio às avessas, ao dizer que a única coisa que funcionava de fato no governo Lula era a propaganda. O exagero transformou Gushiken em vitrine e em alvo.

Em 2005, o escândalo desencadeado pelas acusações de Roberto Jefferson, presidente do PTB, levantou suspeitas infundadas sobre a comunicação do governo. O escândalo apelidado de mensalão colocou Gushiken na berlinda por algum tempo. Gushiken, desde o início, manteve-se convicto de que não havia dinheiro da comunicação no dito mensalão. As cifras aventadas eram muito superiores ao próprio orçamento da comunicação de governo e era impossível que recursos gastos para pagar publicidade veiculada em empresas privadas de comunicação fossem parar em campanhas eleitorais. Não fazia sentido. As empresas teriam que veicular publicidade de graça e repassar recursos para partidos aos quais acusavam em seu noticiário.

Gushiken foi inocentado na peça elaborada pelo procurador-geral da República, no relatório de Joaquim Barbosa e pelo voto de todos os ministros do Supremo Tribunal Federal. Convidado a permanecer no governo em um segundo mandato, Gushiken achou que isso não faria bem nem a ele e nem ao governo.

Poucas semanas depois de ter completado seus 63 anos, Gushiken reuniu a família, fez um balanço de sua vida, falou dos desafios do governo Dilma e do PT. O câncer havia voltado em definitivo e a medicação já não produzia qualquer efeito, a não ser os mais negativos. O 13 que o acompanhou por toda a sua vida política selou seu derradeiro fim. No dia 13 de setembro de 2013, Gushiken deixou a vida e entrou para a história.

## Um caminho de experiências e vitórias

Ari Galvão<sup>1</sup>

**E**u e o Nelson Canesin fomos contratados no mesmo dia para trabalhar no Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região, em 1985. O Marco Palmanhani e o Marcos Carratu me indicaram para o Sindicato. Na época, eu era estudante e militante do PT do Jaguará e depois da Lapa, engajado no movimento estudantil e sindical. Fui da regional Lapa, junto com Wilson e Valdir. Distribuíamos a *Folha Bancária* nas agências da região, fazíamos sindicalização e tratávamos de denúncias e de vários problemas dos bancários. Demorei alguns dias para entender como sobreviver naquela estrutura.

A convivência no Sindicato tinha extremos com várias “divergências” e “convergências” de ideias e, nessa hora, os amigos são fundamentais. Difícil buscar lembranças após 40 anos e ter um relato que seja fiel, sem esquecer de alguém.

Eu tinha grande admiração pelo Gushiken, em particular. Um mestre respeitoso, dono de uma didática única, sempre com grande habilidade de convencimento e paciência para tratar de qualquer que fosse o problema. O problema era que tínhamos poucos momentos de tranquilidade. Às vezes, ele estava lendo jornal, rindo e, em outras ocasiões, xingando, sempre emitindo opiniões. Falava alto, chamando as pessoas e correndo pelos corredores para falar com Julinho de Grammont ou com Luizinho, no setor de imprensa. Trabalhavam lá também a Neli, João Negrão, Arnaldo e Eton. Não me lembro de

---

<sup>1</sup> Formado em Filosofia, pós-graduado em Gestão de Políticas Públicas Sociais. Trabalhou durante 15 anos no Sindicato dos Bancários de São Paulo. Foi funcionário da CUT-SP e assessor da Federação Nacional das Associações dos Empregados da Caixa-FENAE durante 25 anos. Atualmente aposentado.

todos da equipe. Era uma chuva de ideias que acabava se transformando em uma assembleia e pauta para a *Folha Bancária* do próximo dia.

Na entrada da sala do Gushiken, ficava a Teresa, enviando telex e falando ao telefone, não existia fax. Na sala dos Bancos Privados, ficavam Paulo Arnoni, Vani, Tita, Gilberto e outros mais. Na sala de Bancos Públicos, Fernando e Sérgio Rosa. A diretoria ocupava o 18º andar da rua São Bento, mas tinha ainda o 19º e o 20º andar, onde ficava a administração e outros departamentos. No Recursos Humanos, trabalhavam o Carlão e o Zacarias. Na arrecadação, Alexandre, Detinha e Madalena. Por lá também era fácil encontrar os advogados Guimarães, Mário, Glória, Douglas, Tatuí e outros. Na retaguarda, Tia Nazareth, Neusinha, Cleuza, e Dona Jura, além do nosso prezado Batista, Chiquinho e outras figuras. O Gushi era o mais “zen”, já o Gilmar, Tita e o Luizinho, mais agitados. Na época eu não tinha contato com Augusto Campos, Lucas Buzzato, Paulo Dantas, Aci e outros.

O Gushi, o Gilmar e o Luizinho falavam alto e comandavam as agitações nas ruas. O Gushi chegava muito cedo e, após o almoço, dormia no chão forrado de papel. Uma imagem difícil de descrever: em plena batalha, ele “apagava” por alguns minutos; imagine o grupo de teatro de rua com Cachoeira, Jorginho Odara e a banda do Peru passando pelos andares chamando os dirigentes para descer para as ruas do centro de São Paulo. Gushi tirava os sapatos e colocava embaixo da cabeça e apagava. Acordava como se nada tivesse acontecido.

O Gushiken destoava da maioria dos dirigentes. Comunicativo e com uma capacidade especial de aglutinar e de mudar opiniões em torno de objetivos comuns, junto com a diretoria traçava estratégias e articulava propostas para uma greve nacional dos bancários. Embora ele fosse o chefe, a fisionomia dele era sempre aquela que animava o grupo. Sempre de camisas brancas – difícil lembrar de outra cor – terno social preto e gravata; não tinha barba, eram fios de bigode e cavanhaque, um autêntico Okinawa. Quem já conhecia as suas franjas, sabia daquele trejeito: cada passada de mãos para colocar os cabelos para trás era o sinal de recuo ou de calma. Quando passava as duas mãos no cabelo para trás e as mãos no rosto, sai da frente que vem porrada!

O Sindicato, como um todo, começou a traçar propostas e planejar com outras entidades em nível nacional. Os estados tinham realidades diferentes,

com acordos, acordos em separado, pisos e salários distintos. A perseverança e a habilidade dos diretores faziam a massa se mobilizar e, devagar, foi se articulando a maior greve nacional da categoria dos bancários. E eu, um mero espectador, estava vivendo um sonho na maior entidade dos bancários do Brasil. Até alguns dias atrás nem pensava que estaria numa sala da Rua Florêncio de Abreu, no Sindicursu, com Nelson Silva no comando, escutando também o Luiz Gushiken explicando o que faríamos. Entrei em estado de empolgação por fazer parte da história de luta deste grupo.

Em 1985 vimos a maestria do Gushi, Gilmar, Luizinho e dos representantes dos Grupos de Bancos em conduzir as articulações para a maior greve dos bancários em nível nacional. Trouxeram Nelson Lentine da Federação dos Bancários do Rio de Janeiro-Espírito Santo; Roberto Pinto da Federação dos Bancários do Paraná; Eribelto Manuel da Federação dos Bancários de São Paulo; Olívio Dutra do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre; Oswaldo Laranjeira do Sindicato dos Bancários da Bahia; Valfran Miguel do Sindicato dos Bancários do Mato Grosso, entre outros tantos.

O Gilmar era o dirigente responsável por coordenar as reuniões das regiões, missão fundamental para o movimento dar certo. Para agitar e conduzir a formação das microrregiões regionais e as plenárias de orientação, foram criadas comissões de mobilização e organização da greve. As reuniões eram às sextas e começavam às 9 horas, e sabia-se lá que horas terminariam. A lista de presença ficava na lousa e tinha que ter justificativa para as ausências. Cada regional dava o seu informe sobre a situação de cada banco: de gerente a demitidos, tudo era analisado. A *Folha Bancária* tinha que chegar ao maior número de agências e nas mãos dos bancários em todas as regiões, assembleias, encontros regionais, estaduais e nos encontros nacionais.

A campanha pela greve nacional durou vários meses. Partíamos da capital em ônibus lotados, muitos bancários queriam participar, era muita adrenalina, gritos e palavras de ordem. Nada acontecia sem os nossos agitadores responsáveis pelos microfones e pela comunicação, eles faziam a massa entrar em estado de greve a cada discurso. Gushiken, Gilmar, Tita, Luizinho, Augustão e Lucas eram os pilares. Os demais dirigentes se articulavam em grupos de bancos.

Quantas vezes éramos chamados para reuniões e se via o Gushi sentado em lugares diferentes, ele não tinha apego ao poder. Não se cansava: descia e

subia em carros de som quantas vezes fossem necessárias para defender uma proposta. Ele chegava na Boa Vista, XV de Novembro ou na Praça Antônio Prado de terno e com o microfone na mão. Quem imaginaria ver um sindicalista de terno e microfone, esclarecendo ou explicando economia e política na rua? Quando os bancários passavam, se formava aquela multidão para escutar e pegar a *Folha Bancária*.

A greve foi um sucesso. Gushi passava por nós, no meio da multidão e dizia: “Essa é a maior greve de todos os tempos!”

O sorriso estampado em seus olhos.

## Homenagem a um homem consciente, que lutou até o fim!

*Arlindo Chinaglia*<sup>1</sup>

**A**o pedir que Gushiken fizesse uma análise da conjuntura, num momento de mobilizações que surpreenderam por unir grande quantidade de pessoas e movimentos díspares, e com um grau de enfrentamento que lhes deu unidade na ação, seguramente Lula queria ouvir a opinião do Gushiken, e homenageá-lo também.

E Gushiken preferiu falar da trajetória e desafios do PT e da necessidade de resguardar nossa memória, mas da conjuntura, citou três dimensões corretamente: novos grupos, violência premeditada e obscuridade de interesses de alguns. Acertou em cheio! No parlamento, a esquerda teceu loas descuidadas ao movimento. Poucos de nós não embarcaram na avaliação de que “gente na rua” era necessariamente algo de fato nobre (a greve dos caminhoneiros no Chile pré-golpe já nos havia ensinado).

De lá, até os dias de hoje, vimos o golpe contra a presidenta Dilma, a *lawfare* e a prisão do presidente Lula, a direita perder a vergonha e defender o indefensável, a politização de setores do Ministério Público, judiciário, das polícias, das Forças Armadas, das igrejas, o papel absolutamente nocivo da grande mídia, o

---

<sup>1</sup> Médico, formado pela Universidade de Brasília (UnB), foi presidente do sindicato dos médicos de São Paulo. Foi presidente da CUT do estado de São Paulo. Eleito deputado estadual em 1990, atualmente no oitavo mandato consecutivo de deputado federal. Foi presidente da Câmara dos Deputados e do Parlamento do MERCOSUL; líder da bancada do PT, do governo Lula, do governo Dilma e da minoria no Congresso Nacional. Atualmente é membro titular da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, da Comissão de Saúde e da Comissão de Minas e Energia. No Executivo, foi secretário de subprefeituras do município de São Paulo.

lavajatismo dos corruptos e todo movimento para destruir o PT e, em menor grau, outras forças e movimentos de esquerda ou centro-esquerda.

Acontecimentos posteriores, em princípio inimagináveis para a quase totalidade de pessoas, colocaram luzes nos fatos, mas muito antes disso, Lula preso não recuou um milímetro ao defender sua inocência, rejeitar qualquer tipo de acordo para sair da cadeia, prevendo a decadência de Moro e Dallagnol, chamando-os de mentirosos face a face. Foi algo que dificilmente veremos novamente. Lula ressurgiu como aquele que foi injustiçado, com a coragem de sempre e ganha pela terceira vez a presidência da República.

Nessa vitória de Lula em 2022, derrotamos aqueles que defendem a ditadura, a tortura e que são responsáveis por mais de 700 mil mortes por COVID e que tentaram de todas as formas golpear a democracia. Caíram por terra suas máscaras de honestidade, patriotismo e boas intenções. Todos sabem disso, ainda que muitos continuem mentindo.

Nada será mais forte na defesa do PT! Incluindo a vigília em frente à sede da Polícia Federal em Curitiba. E que mostrou ao mundo todo do que é capaz nossa determinada militância: muitos, para ali ficarem, se distanciaram de suas famílias, afazeres e de outro convívio social que não fosse a luta para tirar Lula da prisão.

Levaram Lula preso para impedi-lo de se tornar presidente em 2018. E essa foi a verdadeira e gigantesca fraude daquelas eleições.

Antes delas, o PT e os democratas já tinham sido golpeados junto com a presidenta Dilma. É uma parte indelével da nossa história e de nossa luta.

Nossa mobilização não foi suficiente para mantê-la no cargo de presidente. Ela não cometeu crime de responsabilidade, mas o golpe foi apoiado pela mídia, por atores políticos em todos os níveis e até em partidos que compunham seu governo, por amplos setores empresariais, religiosos e da classe média.

E a Câmara dos Deputados, em noite decadente e vergonhosa, foi quem aprovou a autorização de abertura do processo de *impeachment* da presidenta Dilma.

Num processo complexo, a ponto de Bolsonaro se apresentar e se eleger com um discurso antissistema, nem sempre o PT acertou. E agora temos o desafio do terceiro mandato que Lula conquistou, numa vitória mais apertada do que gostaríamos. Ganhamos com aliados que queriam derrotar Bolsonaro, mas que não concordam com muitas de nossas teses centrais.

Estamos sob observação e julgamento. E para honrar e reescrever o melhor de nossa história, haveremos de ter coragem e capacidade para realizar as transformações necessárias.

O Brasil retomou o programa Bolsa Família, o aumento real do salário mínimo, os investimentos em saúde e educação, programas fundamentais como o Minha Casa, Minha Vida, Farmácia Popular etc.

Estamos gerando emprego, a inflação caiu, a Bolsa reagindo, o dólar baixando, os combustíveis a preços mais baixos.

Apesar de todas dificuldades criadas pelo Banco Central e a falta de uma base consolidada no Congresso.

E no plano internacional, o Brasil retoma seu papel de liderança no MERCOSUL e em vários fóruns mundiais, e cabe um destaque específico para os BRICS.

Em seu último texto, Gushiken não dá o tom de despedida e faz do mensalão um corte de nossa história. E defende o PT e a dignidade dos que foram atingidos.

Vale registrar aqui a dignidade de Gushiken ao enfrentar corajosamente os que tentaram desqualificá-lo na CPI. Saiu maior do que entrou!

O ataque brutal a que se refere, todos sentimos como ele. Aqui, de maneira pública e num texto curto, não é adequado um aprofundamento da análise que o PT precisa fazer. Não para corroborar as teses da direita, mas para mostrar o PT que criamos e fizemos crescer, numa sociedade escravocrata, opressora para milhões de brasileiros, e que, sem idealizar, nos vê como instrumento de lutas, de esperança e de conquistas para melhorar o país e a vida de todos.

Certamente, Gushiken, quando refletiu sobre reescrever nossa história, tinha elementos preciosos de análise: uma história pessoal de lutas e destaque por onde passou.

No movimento sindical, foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, fundador e dirigente da CUT; também foi presidente do PT Nacional, ministro poderoso no governo Lula e, acima de tudo, tinha autoridade política e pessoal.

Nos seus momentos derradeiros, com um esforço inimaginável, escreveu a essência de uma vida: fizemos e fazemos o bom combate e nossa história deve ser escrita por nós, e não pelos adversários.

Com todos desafios que enfrentamos e que temos pela frente, Gushiken faz muita falta.





## Uma referência forte

*Avelino Ganzer<sup>2</sup>*

**E**u era migrante no coração da Amazônia em 1972, junto dos meus nove irmãos, de uma família de onze irmãos. Havia migrado para participar da colonização da Transamazônica, a BR-230, promovida pelo governo militar, após o golpe de 1964. Não demorou muito tempo, fomos encontrados pela Igreja Católica progressista, com a Teologia da Libertação, que nos ajudou a compreender parte da realidade que vivíamos, inclusive o abandono do próprio governo e a ausência quase total dos serviços básicos de saúde, educação, transporte etc. A própria igreja nos orientava sobre a importância dos sindicatos e da organização em associações, cooperativas etc.

Mais adiante tivemos a presença do imortal educador de base vindo para Santarém – Pará, Antônio Vieira. Com Vieira, veio a formação política fundamental e, com ela, as ideias classistas. Vieram as oposições sindicais e os sindicatos combativos, chamados “o novo sindicalismo”. Nos anos 1980, Vieira trouxe para o debate ideias e propostas vindas do Sindicato dos Bancários de São Paulo e “uma referência forte”, dizia ele: um japonês chamado Luiz Gushiken.

Depois, veio a primeira CONCLAT, a pró-CUT.

O que me chamava mais atenção era o tempo que o companheiro Gushiken encontrava para dialogar, questionar e depois dar sua opinião orientadora.

---

<sup>2</sup> Gaúcho, vive com a família no Pará, onde são agricultores familiares. Iniciou-se na política a partir da Teologia da Libertação. Foi delegado sindical, diretor e presidente do STR de Santarém. Fundador e dirigente nacional da CUT e do PT. Secretário de Relações Internacionais da CONTAG. Membro do DN. Participou do governo Dilma e hoje está na coordenação do Programa 50+50 do governo federal.

Imaginem um agricultor familiar migrante na Amazônia se encontrar esporadicamente com alguém que Antônio Vieira também admirava e ainda receber sua atenção, isso marca profundamente e dá direção objetiva de profunda firmeza.

Mais tarde, eu na executiva nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Gushiken, deputado federal, sempre nas conversas que tivemos falava da importância do Partido e das disputas, e que nunca o Poder Legislativo deveria se sobrepor ao partido e também, para não abandonar a construção e fortalecimento dos sindicatos e da CUT.

Quando elegemos o primeiro governo Lula eu não fui para o governo, voltei para a base agrícola no Pará. Acompanhava à distância Gushiken no governo Lula e sua labuta interna no caminho de melhoramento do processo de comunicação do governo do PT com as massas.

Assim, Luiz Gushiken vive em cada um de nós: na batalha por uma sociedade socialista e um sindicalismo classista, de luta, de base e de massas.

## Três passagens com um mestre samurai

*Betão Moschkovich<sup>1</sup>*

**E**scolhi três passagens para registrar e homenagear Luiz Gushiken ou, como era mais conhecido entre nós, Gushi.

A primeira é do ano de 1984. Eu estava desempregado havia alguns meses e resolvi visitar meu último local de trabalho, o curso preparatório para vestibulares Anglo Latino, localizado em Higienópolis.

Informaram-me que estariam estudando a inauguração de um posto bancário, do Banco Nacional, e também estariam procurando ex-funcionários para serem contratados para esse serviço específico. Saí de lá com uma carta de apresentação. Isso ocorreu em uma sexta-feira e a entrevista seria na segunda-feira seguinte.

No sábado, ocorria uma feira musical e de artesanato na Praça Benedito Calixto, no bairro de Pinheiros. Eu adorava aquele movimento musical independente que acontecia em São Paulo. Logo após a apresentação do Grupo Rumo, enquanto o palco estava sendo preparado para a próxima banda, o Premeditando o Breque, o locutor anunciou a presença de Luiz Gushiken, um diretor recentemente cassado do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Fiquei surpreso com a coincidência, já que tinha uma entrevista de emprego agendada para a próxima segunda-feira.

Fiquei impressionado com sua capacidade de realizar um pronunciamento tão didático e esclarecedor sobre a conjuntura que levou o governo militar a

---

<sup>1</sup> Trabalhou no Banco Nacional (1983/1986) e Caixa Econômica Federal (1989/2017). Foi diretor da CUT Regional Grande São Paulo (1985/1986); diretor da FETEC-CUT-SP (1990/2003); APCEF-SP (1994/1996); APCEF-COOP(2000/2023); FENAE (1998/2000).

intervir nos principais sindicatos do país, de ouvi-lo falando da recém-criada Central Única dos Trabalhadores (CUT). Impressionou-me também o modo como nos relatava a simplicidade de uma conversa com um metalúrgico de São Bernardo a respeito da necessidade de organizar os trabalhadores e com isso, a clareza de uma consciência de classe.

A segunda passagem ocorreu entre os anos de 1994 e 1998, quando eu já estava exercendo um papel de liderança sindical nacional, na Caixa Econômica Federal (CEF), e tínhamos um debate forte no movimento sindical da Caixa com relação aos fundos de pensão para buscarmos defender o sistema de “Benefício Definido”.

Gushi me recebeu em seu gabinete, no Anexo III da Câmara dos Deputados, para realizarmos uma conversa sobre o tema.

Ele tinha a atribuição institucional da casa para falar sobre os planos dos fundos de pensão, viajando para mais de 30 países para conhecer e recolher subsídios para a Câmara dos Deputados amadurecer sobre esse ponto.

Eu me lembro que saí dali tão convencido que, voltando às discussões dentro do movimento sindical da Caixa, começamos a refletir e rumamos para a defesa dos planos de “contribuição definida”.

Mas o que mais me chamou a atenção foi a postura de estadista, demonstrando qual seria nossa responsabilidade com a saúde financeira das contas públicas, defendendo a proposta de benefício definido, sem deixar de apontar com seriedade qual a maneira correta de suportar financeiramente essa proposta.

Uma visão de futuro.

Por fim, quando eu estava como consultor do vice-presidente João Carlos Garcia e o Gushi estava como ministro da SECOM, o companheiro Emerson Menin, que estava na diretoria da BR Distribuidora, buscava reunir, de vez em quando, em sua casa, para um almoço aos finais de semana, os companheiros que estavam no governo em Brasília.

Estive presente com minha viola caipira a tiracolo e, após tocar e cantarmos juntos, numa breve pausa, o Gushi me pediu para tocar um pouco a viola.

Relatou então, já com a viola no colo, o momento especial ocorrido no Palácio da Alvorada, onde o Gil tocava e Gushi lhe pediu que tocasse e cantasse “Lamento Sertanejo”, de autoria de Dominginhos.

Ele me perguntou como deveria formar os acordes básicos na viola, expliquei rapidamente e ele, em seguida, executou “Lamento Sertanejo”, e cantamos juntos... muita emoção.

Companheiro Gushi, presente!



## Gushiken: memórias ancestrais

*Catarina Gushiken<sup>1</sup>*

**E**u tenho muitas lembranças do meu tio. Uma delas é que estava sempre muito ocupado. Mesmo com o pouco tempo que tinha, ele se preocupava com todo mundo, com os irmãos, com os sobrinhos. Queria saber se estávamos precisando de alguma coisa. Mesmo sem tempo, estava sempre ligado ao afeto familiar.

Fomos nos aproximando na minha fase adulta, porque antes era só aquela coisa do tio, brincava um pouco, mas não nos conhecíamos profundamente, no sentido dele saber mais detalhes sobre mim depois que eu deixei de ser criança.

Eu tive uma transição de carreira, saí do ramo da moda quando estava num momento de ascensão profissional, mas não era um sonho de vida, foi uma profissão que a vida me levou a atuar por um tempo, mas eu sempre quis trabalhar com arte, ter meu ateliê. Então, quando fiz essa passagem, ele me fez uma visita, veio até meu ateliê para saber como estavam as coisas; quis entender um pouco da minha forma de pensar, como seria ter um ateliê meu,

---

<sup>1</sup> Artista visual, nasceu em São Paulo, em 1981. Vive e trabalha na cidade de São Paulo. Seu processo criativo envolve investigações sobre identidade, ancestralidade e origem. Iniciou sua pesquisa a partir de arquivos de família, realizando a tradução de cartas e diários escritos em uchinaguchi (antiga língua indígena de Uchina, hoje Okinawa/Japão) deixados por seu avô, que datam desde 1936. Por meio desta investigação surgiu o trabalho “Caligrafias Sensitivas”, em parceria com o artista e fotógrafo Gal Oppido. Catarina vem experimentando, além do desenho e pintura, conexões entre as escrituras abstratas, corpo e dança, tendo participado do espetáculo “Jardim Oriental dos Primeiros Desejos” dirigido por Ismael Ivo, junto ao Balé da Cidade de São Paulo, realizado no Instituto Tomie Ohtake. Seu trabalho é a manifestação das confluências e compartilhamentos com outros seres e suas percepções de mundo, é a própria diversidade de memórias que emergem destes encontros com existências tão plurais.



estava preocupado. Ele questionava: você larga um trabalho que está muito bem-sucedido, ganha muito bem para começar do zero, e, ao mesmo tempo, o quanto isso vinha de uma motivação psíquica espiritual. “Que motivação é essa?”, perguntava.

Ele já tinha se tornado ministro, e eu tenho uma memória muito bonita da conversa que tive com ele, de seus conselhos. Tinha uma visão muito ampla sobre tudo, principalmente uma visão estratégica de como tínhamos que pensar a nossa vida, porque eu tinha uma carreira consolidada na moda e larguei tudo para começar do zero, como artista. Ele sempre estava entrelaçando o que estava acontecendo, as questões práticas com questões espirituais, esse era o jeito dele. Durante este encontro, ele esqueceu uma caneta, que acabou não pegando de volta e ficou comigo. Tem várias fotos dele em reuniões importantes usando essa caneta.

Ele gostava muito de arte, música... Ele era muito interessado por história da arte, por filosofia. Acredito que como artista, o meu trabalho sempre envolveu essa pesquisa profunda em relação a questões humanas, e o meu trabalho sempre teve também essa conexão, de certa forma, com uma investigação psíquica espiritual, através da arte, acho que quando ele me conheceu e viu que pensávamos muito parecido, começamos a gostar de conversar mais sobre arte e sobre a vida, e aí fomos nos tornando amigos. Ele gostava muito de fazer encontros para conversar, e ficava muito interessado pelo meu trabalho de arte; queria saber mais, queria estar, de alguma forma, conectado.

Na ocasião do novo diagnóstico, me conectei ainda mais com ele. Sinto que seu olhar em relação a tudo, do que era mais essencial para a vida, foi se transformando ainda mais com a progressão da doença. E lembro-me que uma vez me falou: “Olha, Catarina, eu já sei que não vou viver muito. Passei por vários estágios... Primeiro você fica com raiva, existe uma revolta, depois você vai assimilando aquilo”. E aí ele já estava num momento em que já havia interiorizado, então queria aproveitar ao máximo cada momento de forma preciosa. E foi aí que a gente se conectou bastante, porque ele me encomendou um trabalho, e eu o apresentei quando ficou pronto. A princípio ele não sabia se queria um mural, pois não poderia levar caso se mudasse de casa. Sugerí então uma tela, e que eu fosse pintar na casa dele em Indaiatuba. Disse a ele “Cada vez que eu te visitar, eu pinto um pouco, e você vai vendo e vai

acompanhando o processo”. Era também uma forma de ficar mais perto dele, porque era um motivo para eu ter que viajar muito mais vezes para a casa dele. Então, construímos essa tela, ela foi um elo para encontros mais constantes. Eu não lembro durante quantos meses fiquei pintando essa tela. Eu ia para lá, passava um final de semana, e aí a gente ficava falando sobre arte, filosofia. Ele gostava muito dos filmes do Akira Kurosawa, e por isso eu pintei um samurai para ele. Ele queria que o samurai estivesse entregando a espada. Eu respondi: “Não, isso eu não vou fazer, eu vou deixar a espada na bainha”.

No processo da pintura, fui criando alguns elementos diferentes e fiz cada bota do samurai com uma cor, uma preta, outra branca, expliquei para ele que ia ser como um equilíbrio, tipo Yin Yang, mas ele não gostou. Ficou achando aquilo esquisito e me perguntando por quê? Tudo ele queria saber por quê, tinha que ter sempre um embasamento.

Passaram-se os meses e depois que o quadro ficou pronto, falou: “O quadro está tão bonito, mas vai ficar só aqui, na sala? Aqui a gente não fica tanto, a gente fica mais ali na parte da cozinha, né?”. Em sua casa tinha um salão onde a família e os amigos se reuniam, e ele queria ter o quadro por perto.

Assim, nos últimos anos da vida dele, acredito que consegui me conectar com a alma dele mesmo. Eu acho que essa coisa das memórias são, para mim, a maior herança, o maior legado que alguém pode deixar. Meu trabalho de arte é completamente alimentado por essas memórias que tive com os meus avós, os pais dele. O que vivi na minha infância com os meus avós, alimenta meu trabalho até hoje, estou sempre revisitando essas memórias. E esses últimos anos de convívio com meu tio me deixou essa herança, que são memórias que a gente construiu nesse convívio mais íntimo, de conexão de almas mesmo. Quando me lembro dele, eu sinto que é a parte mais especial, o que é mais rico, o que é mais valioso para mim, de memórias com ele, são esses últimos momentos em que a gente se conectou demais durante a pintura desse quadro.

Outra conexão forte que tive com ele, parte do meu trabalho de pesquisa da memória, é a investigação de todo o material que o meu avô deixou. Meu avô deixou 11 diários que continuo traduzindo até hoje. Eu já viajei para Okinawa, conheci o lugar onde meu avô nasceu, é uma investigação muito profunda.

Quando nasci, como primeira neta, causei uma extrema mudança na vida do meu avô. Minha mãe conta que meu avô parou de beber, que ele se

ressignificou. Conta também que eles tiveram uma vida muito difícil, uma família pobre, com muitos filhos. Meu avô veio de Okinawa com apenas com 13 anos, deixou grande parte da família, inclusive sua mãe. Esse deslocamento cria muitas marcas, acho que teve um período da vida que foi difícil. Mas quando nasci, ele foi na casa dos meus pais, desmontou o berço e trouxe pra casa dele. “Quem vai cuidar desse bebê sou eu” disse ele. E, de fato, era meu avô que me levava e buscava na escola, meus avós foram a base da minha educação.

Então, a relação que tenho, que tive, e que tenho dentro do meu coração com os meus avós, foi meio pai e mãe, com essa energia de muito afeto. Eu cuidei do meu avô, o Seu Didi, até os momentos finais de sua vida.

Depois que ele morreu, lendo seus diários, fui contando para o tio Gushi as coisas que eu estava descobrindo. Meu avô era um homem muito romântico, ele se apaixonou pela minha avó, não foi casamento arranjado. Ele escrevia poesia. Ele lia literatura clássica japonesa. Pela dificuldade com o português, muita gente achava que meu avô era um homem simplório, até porque ele não era o Chonan, que é o filho mais velho; o irmão dele, o Takemasa, era o mais velho. Na cultura japonesa e na cultura de Okinawa existe uma hierarquia, então, meu avô sempre se colocava numa posição mais reservada, ele não era muito de falar. Mas, nos diários, fui descobrindo que meu avô era um intelectual também. A pessoa que estava traduzindo os diários dele falou “Seu avô com 16 anos lia alguns autores do Japão que são equivalentes ao Machado de Assis aqui”. Tem muita poesia escrita e uma extrema sensibilidade.

Acho que o que foi enrijecendo-o, nesse começo de família, foram as dificuldades financeiras. A vida era muito dura naquele período do Brasil, da ditadura, tem toda essa questão contada no livro *Corações sujos*, de Fernando Moraes, que retrata bem o que os japoneses sofreram. Um povo que de repente estava tentando se inserir na cultura brasileira, sofrendo perseguição até dos japoneses mais ultranacionalistas, impedidos pela ditadura de usar a sua língua. Tem muitas camadas nessa questão do comportamento do meu avô. E aí, conversando com meu tio, fui fazendo uma outra narrativa do meu avô, das coisas que eu estava lendo no diário.

Seu Didi era aberto, tinha um pensamento transgressor. Em 1940 ele estava falando que era a favor do divórcio, imagina? Falava que você podia se sentir até derrotado, mas jamais arrependido. Lendo as coisas que ele escrevia,

percebe-se que ali tinha elementos de uma pessoa de esquerda, as questões de romper com ideias extremamente conservadoras. Meu avô estava muito na vanguarda de algumas ideias. E também era uma família muito ligada à arte. Ele tocava vários instrumentos, a minha avó dançava, gostava muito de pintura. Acho que também pelos meus avós terem essa conexão com esse lado sensível e com essas ideias que eram menos conservadoras, quando eu era criança, por exemplo, os meus avós deixavam eu desenhar nas paredes de casa. Eu virei artista, com certeza, pela experiência que tive na casa dos meus avós japoneses. Enquanto fui contando isso para o meu tio e misturando com a minha relação, que era muito amorosa, muito afetiva, me lembro que o tio Gushi uma vez falou: “Nossa, o meu pai não é o seu avô”. Então ele prestava muita atenção na forma como eu falava do meu avô e acredito que ele foi interiorizando isso, que é uma outra maneira também de você conhecer outros lados.

Ele também foi uma pessoa que me estimulou muito a ir à Okinawa, porque eu tinha ficado com um livro dele, chamado *Crisântemo e a espada*, de Ruth Benedict, e quando li, fiquei muito confusa, e comentei com ele que aquele era o livro que falava da construção do Japão, sobre quando tinham só clãs guerreando entre eles, até se consolidar como uma nação, com uma identidade que era o Japão. Ele falou “Olha, Catarina, é porque você está estudando errado, você não tem que estudar a história do Japão, esse livro narra a história do Japão, você tem que ir estudar a história de Okinawa, porque é muito diferente”. Então, fui estudar a história de Okinawa, sobre questões muito específicas, e não parei de estudar até hoje. Fui percebendo a verdade das minhas origens, que tenho que estar conectada com a cultura de Okinawa, que era um reino independente, que tinha uma língua diferente antes de ser incorporado ao Japão, que agora é reconhecido pela ONU como povo indígena do Japão.

E aí comecei a fazer esse entrelaçamento das questões históricas de Okinawa com as memórias do meu avô. Isso desabrochou muito o meu trabalho como artista. Muito do que vivi com o meu tio foi base para meu desabrochar como artista também, ele era uma pessoa que provocava muito a gente, as perguntas que fazia, os *insights* que dava, e isso me estimulava a buscar mais, a saber mais. Ele era uma pessoa muito fantástica, uma mente muito brilhante.

Quando fui estudar um pouco mais sobre a história de Okinawa, uma das tradições de quando o reino se chamava Ryukyu é que as mulheres tatuavam a

parte externa da mão. Eu já tinha feito uma tatuagem na minha mão, e eu não sabia, mas anos depois aprendi que as mulheres no reino de Ryukyu tatuavam as mãos umas das outras, e cada região da ilha tinha uma forma geométrica diferente. Motobu, que é a região que meu avô nasceu, lembra a forma de um quadrado, o mesmo desenho da minha tatuagem.

Meu avô deixou 11 diários, deixou muita fotografia, deixou caixas e caixas de documentos. Deixou todo esse material comigo, só que me pediu para traduzir os diários só depois que morresse. Ele narra o dia do casamento, e guardou duas notinhas: o cupom fiscal das alianças e do vestido de noiva da minha *batchan* que ele comprou. Tanta coisa, que até agora ainda estou catalogando, é muito denso o que meu avô deixou.

Achei em uma das caixas um pacotinho no qual ele guardava todos os recortes de jornais em que meu tio saía.

O Luizinho, como a família o chamava, era um homem generoso, afetuoso, sempre preocupado com todos.

Seu nome nos honra.

## A ousadia do samurai

O dia em que Gushiken conseguiu o apoio de parte do  
Centrão para estatizar todo o sistema financeiro brasileiro

Clodoaldo Jurado<sup>1</sup>

Lideranças com a envergadura moral do Gushiken são incomuns. Em que pese a multiplicidade das suas qualidades, como a densidade intelectual, a sensibilidade aguçada tanto para os temas da grande política como para a imersão no olhar aflito de um companheiro ou ainda, a capacidade de mobilizar e orientar recursos no cumprimento de uma missão coletiva, era a elevada condição moral que traduzia Luiz Gushiken. Justamente por nunca transigir com a mediocridade – e nem com medos cotidianos – Gushiken era a forma humana de uma prática revolucionária que pulsava, sorria, lutava, estudava e buscava respostas para as agruras das misérias humanas, principalmente daquelas produzidas pela sanha do capital contra o trabalho.

É de um dos muitos embates que Gushiken fez com o *crème de la crème* do capital – o sistema financeiro – que trago aqui um episódio do período no qual ele era deputado constituinte: a apresentação de uma emenda à Comissão de Sistematização da Assembleia Nacional Constituinte propondo... a estatização de todo o sistema financeiro brasileiro!

O dispositivo que fazia a proposição em plenário, no dia 12/05/1988, era a Emenda Substitutiva no 2P01043-1: “Art. 228. As instituições financeiras são de propriedade exclusiva do Poder Público, cabendo-lhe privativamente o exercício das atividades de intermediação financeira em todas as suas modalidades.”

---

<sup>1</sup> Economista, foi bancário do Banespa e licenciado para trabalhar no gabinete do Luiz Gushiken, em São Paulo, no período de 1987 a 1995.

Na sua forma, a emenda era tão singela quanto objetiva. Para compreendê-la era desnecessário qualquer traquejo jurídico. Ela mexia com as placas tectônicas do capitalismo no Brasil e Gushiken nunca nutriu qualquer esperança de que ela fosse aprovada: o objetivo era a medição de forças procurando encontrar fissuras e oportunidades a partir da identificação de contradições na composição do bloco reacionário do Centrão.

Na ocasião, a conjuntura econômica era difícilíssima. O Brasil do governo Sarney apresentava uma inflação anual aproximada de 980% enquanto os juros cobrados pelos bancos estavam num patamar que era o dobro disso: 1.834%.

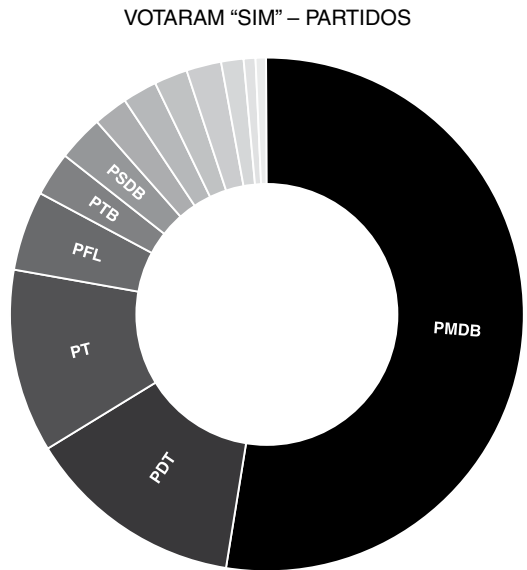
Gushiken se manifestou em plenário – indignado – contra os juros exorbitantes da banca brasileira e, na defesa da sua emenda, introduziu o conceito de função social do crédito: “Esses juros são cobrados dos que recebem baixos salários e precisam comprar o essencial para sua subsistência. A necessidade de vincular a função social ao crédito também se deve ao fato de, no Brasil, não ter o empresário condições de contar com um crédito a longo prazo nas instituições financeiras, porque os banqueiros só aplicam recursos objetivando a inviabilidade de qualquer empresário fazer um investimento via acesso ao sistema creditício de bancos privados”.

Em 1988, o mundo começava a ser assolado pela onda neoliberal que, no ano seguinte, imporia a todo o planeta suas diretrizes do “Estado mínimo” pelas cartilhas do Consenso de Washington. Esse contexto impunha um desafio adicional ao Gushiken, uma vez que, além de propor que os cofres dos banqueiros passassem a ser geridos pelo Estado, ainda tinha que fazer essa defesa num cenário ideológico extremamente adverso.

O PT contava com apenas 16 deputados constituintes, e toda a esquerda somada não passava de 50 parlamentares. Embora ciente de que a emenda da estatização do sistema financeiro não tivesse chance de sair vencedora, uma eventual derrota acachapante (que mal superasse o intramuros do PT) traria efeitos opostos ao objetivo inicial: as fissuras e contradições expostas seriam as nossas. Porém Gushiken mostrou que, enquanto liderança, a sua moral era uma vastidão, e o resultado das suas articulações e sustentação em plenário acabou surpreendendo. Concluída a votação, o placar ficou assim: Gushiken conseguiu 139 votos!

| PARTIDOS         | PRESENTES  | SIM        | %         |
|------------------|------------|------------|-----------|
| PT               | 16         | 16         | 100       |
| PCB              | 3          | 3          | 100       |
| PCdoB            | 3          | 3          | 100       |
| PSB              | 3          | 3          | 100       |
| PSC              | 1          | 1          | 100       |
| PDT              | 21         | 19         | 90        |
| PSDB             | 7          | 4          | 57        |
| PDC              | 5          | 2          | 40        |
| PMDB             | 245        | 73         | 30        |
| PTB              | 16         | 4          | 25        |
| PL               | 9          | 1          | 11        |
| PDS              | 34         | 3          | 9         |
| PFL              | 104        | 7          | 7         |
| PMB              | 1          | 0          | 0         |
| PMD              | 0          | 0          | 1         |
| <b>PRESENTES</b> | <b>469</b> | <b>139</b> | <b>30</b> |

Fonte: Senado.<sup>2</sup>



A tabela acima mostra a votação da Emenda Substitutiva no 2P01043-1 e os percentuais referem-se ao total de parlamentares presentes e não do total de parlamentares constituintes. Além dos números mostrarem que, quantitativamente, a emenda obteve votos em praticamente todos os partidos (exceto nos nanicos PMB e PMD). O PTB liberou sua bancada, o PDC também, o PMDB orientou voto contrário, mas, ainda assim, 73 parlamentares votaram a favor da estatização do sistema financeiro.

No PSDB, quatro entre sete parlamentares votaram "SIM" e mesmo no PDS, PFL e PL, Gushiken conseguiu apoios.

Do ponto de vista qualitativo, Gushiken também conseguiu o voto de lideranças conservadoras relevantes na Assembleia Nacional Constituinte,

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/constituente/N018.pdf>.



como: Arnaldo Faria de Sá, César Maia, Itamar Franco, João Agripino, José Maria Eymael e Renan Calheiros.

Este é um episódio que retrata muito bem a personalidade corajosa e de uma visão de alcance cósmico da realidade que o nosso querido samurai Luiz Gushiken nos deixou como exemplo e legado.

## Luiz Gushiken e a falta que ele faz: simpatia, lucidez, sinceridade, diálogo

*Cristovam Buarque<sup>1</sup>*

**C**onheci Luiz Gushiken nas lutas petistas, e convivi com ele durante os meses do primeiro governo Lula, em que fui seu colega no ministério. De todo o período de convivência lembro da esfuziante simpatia dele, sempre abraçando física, emocional e politicamente os amigos. Ele era um senhor simpatia. Seu sorriso era permanente e contaminava quem estava com ele.

Do período no ministério, lembro das conversas sobre os rumos do governo naquele início e da necessidade de executarmos ações transformadoras com a marca do governo Lula: uma democracia com conteúdo popular e reformas estruturais.

Ele compartilhava a ideia de que educação poderia ser essa marca, com ampliação do programa Bolsa Escola, iniciado no governo petista no Distrito Federal em 1995, a toda família que necessitasse no Brasil. Creio que se deve em parte a Gushiken a transformação do Bolsa Escola em Bolsa Família, com a ampliação de quatro para dez milhões de famílias. Também discutia com ele a necessidade de o nosso governo adotar a educação de base nos municípios e estados sem condições de financiar e executar educação de qualidade para suas crianças. O programa que chamamos de Escola Ideal seria um embrião de uma possível federalização da educação de base.

Neste terceiro governo Lula, Gushiken faz falta: ele poderia ser, com a influência e carisma que tinha, o porta-voz dos que defendem marcas estruturais

---

<sup>1</sup> Professor universitário, economista, foi reitor da Universidade de Brasília (UnB), de 1985 a 1989; governador do Distrito Federal de 1995 a 1998 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e também senador, de 2003 a 2019. Hoje está filiado ao Cidadania.

que transformem de forma definitiva o país. Colocando-o no rumo do desenvolvimento sustentável, com justiça social.

Ele faz falta também como parte de um núcleo central ao qual Lula ouviria, com respeito, mas sem a reverência inibidora que impede auxiliar os líderes. Gushiken seria hoje um dos que sobreviveram, física e politicamente, com estatura e décadas ao lado de Lula, capaz de apoiá-lo, alterá-lo e dar sugestões. Gushiken faria parte deste núcleo aliado, tinha a lucidez de entender as crises e contradições do momento, tinha o sentimento de perceber a necessidade de diálogo com todas as forças do país, sem isolamento, e a força moral testada com amizade para usar a sinceridade que ele tinha a serviço do presidente e do Brasil.

## Lição de dignidade

*Dilma Rousseff*

**L**uiz Gushiken, um homem de coragem que, mesmo vilipendiado por brutal injustiça, jamais abaixou a cabeça. Enfrentou seus algozes com superioridade moral, e traduziu à perfeição a maior qualidade que um ser humano pode deixar como legado aos seus descendentes: dignidade.

Lula, sempre brincalhão, aplicou àquele que viria a ser um grande amigo o apelido de “China”, quando o conheceu, nas greves de 1978 a 1980 no ABC. Os companheiros de sindicalismo o chamavam de “Japa”, e acertaram em relação à sua ascendência. Mas todos – Lula, os camaradas sindicalistas e os muitos admiradores – quando falam dele ainda hoje, dez anos depois de sua partida, lembram-no como o lutador que sempre foi e se referem a Luiz Gushiken como “samurai”.

Homenagem apropriada a um militante de esquerda que batalhou a vida inteira por seus ideais, com ética e generosidade; que participou da criação do PT, da fundação da CUT, da coordenação de duas campanhas presidenciais petistas e da Constituinte de 1988; e que, aviltado covardemente pelo lavajatismo e pela mídia conservadora, defendeu sua honra com a força de um impávido guerreiro.

A justiça demorou demais, hibernou preguiçosamente por sete longos anos, mas acabou por render-se aos fatos, absolvendo-o de todas as acusações

---

<sup>1</sup> Ex-presidenta da República Federativa do Brasil e primeira mulher a ocupar o cargo, reeleita para um segundo mandato, sofreu um golpe em 2016. Atual presidenta do Banco de Desenvolvimento dos BRICS.

que sofreu. A história sempre o acolheu com o carinho que reserva aos seus atores mais significativos.

A Luiz Gushiken nunca foi dado o direito inalienável de se defender publicamente. Difamado, respondeu sempre com a serenidade dos que nada temem; agredido em sua honra, reagiu com a confiança de quem está protegido pela verdade; ofendido em sua integridade ética, enfrentou os que o acusavam com a grandeza imperturbável dos inocentes.

No primeiro mandato de Lula, Gushiken chegou a defender que a esquerda e as forças populares criassem a sua própria mídia, para contrapor-se aos abusos da imprensa conservadora que domina o país. As grandes manipulações midiáticas que a história registrou demonstraram que sua proposta fazia sentido: o complô para inventar e eleger Collor; as privatizações criminosas dos anos 1990; a Ação Penal 470, fabricada para criminalizar o PT; a apropriação pela ultradireita das manifestações de junho de 2013; o golpe que me destituiu em 2016; os abusos criminosos da Lava Jato, que levaram à prisão ilegal de Lula e, posteriormente, à ascensão de um governo fascista...

Luiz Gushiken foi protagonista da história contemporânea do Brasil. É digno do tributo devido aos que lutaram pelo povo, e faz jus ao desagravo obrigatório aos que ousaram remar contra a maré da manipulação, da perseguição e do fascismo.

O que podemos celebrar, pelo menos, é que a democracia foi restabelecida, o Brasil começa a ser reconstruído e o Judiciário alinhou-se ao desejo de Justiça que hoje move o país.

E o nosso samurai venceu. Foi vitorioso na vida plena e relevante que teve. Também foi grande na maneira como decidiu se despedir de nós, oferecendo alento, vontade de lutar e fé no futuro.

Todos tivemos de vencer desafios enormes e superar obstáculos que pareciam intransponíveis.

E foi a dignidade de seres humanos da grandeza de Luiz Gushiken que nos inspirou e nos fez chegar aqui.

Obrigada, companheiro Gushiken!

## Lutador por direitos e democracia

*Eduardo Matarazzo Suplicy<sup>1</sup>*

O apelido de samurai não era à toa, foi um guerreiro desde sempre, lutou por direitos, pela democracia, pela sua vida e saúde. Sempre e o tempo todo. Seja em um carro de som, no Sindicato dos Bancários de São Paulo, na presidência do Partido dos Trabalhadores (PT) ou como ministro secretário das Comunicações do governo do presidente Lula. Onde ele entrou, ele lutou por um mundo mais justo e fraterno.

Conheci o Luiz na Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ele, aluno, eu professor. Tivemos na nossa vida e trajetória inúmeros momentos em que dividimos palanques, manifestações, campanhas e outros tantos palcos e batalhas.

Nascido na pequena cidade de Osvaldo Cruz, interior de São Paulo, em uma grande e humilde família que morava em casa de ripas, aos 12 anos começa a trabalhar em uma fábrica local e ajudar na renda familiar. Eram seis irmãos e os tempos não eram fáceis.

Muda-se para São Paulo em 1968, auge da ditadura, onde inicia os estudos de Administração na Fundação Getúlio Vargas, pela manhã, e, à noite, Filosofia na Universidade de São Paulo (USP). Prestou e passou no concurso do Banespa aos 19 anos. Pouco depois passa a fazer parte da diretoria do Sindicato dos Bancários. Ali começa sua vida e batalha política.

---

<sup>1</sup> Deputado estadual mais votado de São Paulo em 2022, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), vereador de São Paulo, senador por 24 anos, deputado estadual e federal e secretário de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo.

Ainda nos anos 1970, também se inicia uma luta que marcaria toda a vida de Gushiken, um câncer o obriga a um pesado tratamento radioterápico.

Nos anos 1980, participa da fundação do PT e da CUT, se torna presidente do Sindicato dos Bancários e se elege deputado constituinte. Em 1987 lidera a histórica greve nacional dos bancários.

A partir de 1990 convivemos muito no Congresso Nacional, ele deputado, eu senador. Foram quase dez anos de convivência na casa, onde passamos tanta coisa e tantos desafios.

Sempre admirei seu dom da oratória e sua capacidade de agregar. Suas falas sempre me tocaram fossem no plenário, nas reuniões do PT ou nas manifestações sindicais. Com sua religiosidade, transmitia uma paz interior e sabedoria. Com a força de suas palavras nos conduziu em muitos mares.

Os anos 2000 chegaram para Gushiken com boas e más notícias, e, se em 2001 sofre um ataque cardíaco e em 2002 descobre um novo câncer, desta vez no estômago e com uma complicação na cirurgia que lhe fez sofrer com uma septicemia que por pouco não o levou de nós. Mesmo com tudo isso, faz parte da coordenação da campanha que leva o presidente Lula até o Palácio do Planalto, onde se torna ministro-chefe da Secretaria de Comunicação, e, posteriormente, ministro-chefe do Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. No governo, descentralizou e democratizou a verba publicitária para o interior, lançou a campanha “O melhor do Brasil é o brasileiro”.

A partir de 2005, passa a enfrentar um desafio maior que o câncer, denúncias que se mostraram infundadas colocaram Gushiken no centro do furacão da AP 470. Se defendeu, a si e ao presidente Lula. Demorou sete anos, mais um infarto e nova operação pelo câncer para ver sua absolvição de todas as acusações.

No dia 10 de setembro de 2013 fiz um discurso no Senado no qual o homenageava, havia acabado de visitá-lo no hospital onde três dias depois ele viria a falecer. Recordo as palavras que lá disse:

Nos últimos dias, visitei um amigo querido. Quero aqui falar da trajetória de um samurai, não apenas meu amigo, mas de tantas pessoas, gente que se fez na luta pela restauração das liberdades no Brasil. Fui ao encontro de Luiz Gushiken no Hospital Sírio Libanês e testemunhei o que o poder de uma coragem indomável e de uma fé inquebrantável é capaz de fazer.

Vi Luiz Gushiken travando mais uma longa batalha pela vida. E com aquele mesmo espírito sereno, desarmado, ou melhor, armado como sempre de seus nobres predicados éticos, morais, espirituais.

[...] Enquanto lhes dirijo essas palavras, este querido amigo encontra-se pela enésima vez entre a vida e a morte, em um quarto de hospital, alternando momentos de lucidez com outros de letargia. Luiz Gushiken decidiu abraçar já o infinito. Numa tarde, se escutou essas suas palavras: ‘De noite, ao adormecer, sigo para os infindáveis mundos de Deus, mas, pela manhã, acordo com barulho do hospital me trazendo de volta...

Senti que aqueles preciosos momentos não deveriam ficar trancafiados apenas no quadro de minha memória. Senti que deveria compartilhar, e, por isso, venho a esta tribuna.

Luiz Gushiken merece todas as honras pela sua enorme contribuição ao Brasil.





## Reverenciando a memória de um gigante

*Emerson Menin<sup>1</sup>*

**J**untamente com outros amigos do Luiz Gushiken, quero reverenciar a memória de um gigante; colocar aqui algumas lembranças de como era o nosso samurai. Gushiken foi um homem muito fora do comum. Ele tinha uma inteligência fora do comum, sensibilidade política e social muito fora do comum. Ele pensava fora da caixa, muito inteligente, muito leal ao Partido dos Trabalhadores (PT), ao movimento sindical, muito leal à CUT – ele ajudou a construir a Central Única dos Trabalhadores –, muito leal ao Lula, de quem era grande amigo. Com capacidade diferenciada de análise, ele deu uma enorme contribuição ao Partido dos Trabalhadores (PT). Nos momentos de grande tensão política ele conseguia pensar com total lucidez. Sempre muito preocupado com a marcha do processo civilizatório, refletia e tinha clareza sobre a contribuição do PT nesse processo.

Tive a sorte, o privilégio de trabalhar com ele como deputado, como ministro e de privar da amizade dele. Um homem que gostava de conversar. A gente ia para a casa dele e conversava até altas horas sobre tudo; sobre política, geopolítica, economia, filosofia, processo civilizatório, história, religiões e seus impactos no processo civilizatório. Sem dúvidas, ele foi um político muito especial, um amigo pra lá de especial. A figura fora do comum que foi o Gushiken, nosso amigo, adorava encontrar, conversar e ter longas conversas até de madrugada.

---

<sup>1</sup> Trabalhou na Liderança do Partido dos Trabalhadores (PT) na Câmara dos Deputados (DF), na PETROBRAS, nas áreas de Comunicação e Gás e Energia. Desde 2014, dedica-se à gestão do Colégio Objetivo de Porto Ferreira (SP).

Ele lia sobre tudo. Um homem muito generoso, muito desprendido, sempre foi muito desapegado dessa coisa de poder. Ele queria contribuir. Com o PT, com a CUT, com os movimentos sociais. Ele pensava na frente, mas ele era muito generoso, muito correto ao falar sobre outros companheiros do partido. Ele sempre enaltecia qualidades, de todos ele falava bem. Eu nunca ouvi Gushiken falar mal de ninguém do partido, nunca. Foi um grande homem e um grande amigo.

Ele tinha uma devoção muito grande ao pai. Quem o conheceu na intimidade sabe disso. Ele reverenciava muito seu pai. Então, se ele estivesse numa reunião com os amigos e o sr. Didi chegasse – Seu Didi, como carinhosamente a gente chamava seu pai –, ele passava de orador a ouvinte respeitoso. E ficava ali à disposição do pai para qualquer coisa. O pai foi uma grande referência em sua vida. Então, era assim o nosso samurai. Ele conhecia as tradições do Japão, da família dele. As origens de sua família, de origem samurai. Sua espada samurai ficou com o filho mais velho aqui no Brasil.

Leal, extremamente leal. Deixou um legado muito importante para o PT, para a política nacional e para os seus amigos. Nos últimos meses de sua vida teve a amabilidade de presentear-me com sua coleção de cachimbos.

Ele se manteve alegre e lúcido até o último instante de sua vida, sempre conversando com seus amigos. Uma pessoa muito diferenciada, muito fora do comum, que deixou muita saudade, com quem aprendi muito e a quem sou muito grato. Muita saudade, Gushiken!

## O legado de um construtor da história

*Erika Kokay<sup>1</sup>*

**H**á quem lute por um dia e seja bom. Há quem lute por muitos dias e, por isso, seja muito bom. Os que lutam por muitos anos são melhores ainda, mas quem luta por uma vida toda, dizia o poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht, esses são os imprescindíveis. Luiz Gushiken era um dos imprescindíveis, e pude notar isso logo na primeira vez que o vi.

Não conheço absolutamente ninguém que tenha convivido com Gushiken e que não tenha sido profundamente marcado por ele. A sua militância incansável e disciplinada e a rara capacidade de compreensão da realidade e de formulação marcaram profundamente a história do PT, da CUT, da luta pela democracia e do movimento sindical, em especial do movimento bancário.

Nós, trabalhadoras e trabalhadores da Caixa Econômica Federal (CEF), que ainda lutávamos pelo direito à sindicalização e pelo direito de sermos chamados de bancários, tínhamos nele uma referência e, sobretudo, um grande incentivador. Gushiken entendeu o sentido do nosso movimento. Não foram poucas as vezes em que se reuniu conosco para ouvir nossas dúvidas e discutir soluções. Em momentos de muita dificuldade em levar a luta adiante, lá estava ele nos dando segurança, com sua capacidade única de escuta, de respeito às nossas opiniões, e de fazer uma análise dura da conjuntura, se fosse preciso, ao mesmo tempo em que exalava fraternidade e acolhimento.

---

<sup>1</sup> Bancária e psicóloga, está no quarto mandato de deputada federal. Começou a vida política na luta contra a ditadura, no movimento estudantil e sindical, tendo sido a primeira presidenta do Sindicato dos Bancários do Distrito Federal. Também presidiu o PT e a CUT do DF, além de ter sido, por duas vezes, deputada distrital.

Presidido por Gushiken, o Sindicato dos Bancários de São Paulo, que já havia sido decisivo na fundação da CUT dois anos antes, foi o instrumento fundamental para a Greve Nacional dos Bancários, considerada o grande marco da retomada do movimento no Brasil e que contou com grande adesão, forçando os banqueiros a atender as reivindicações quase que integralmente. Em apoio, fizemos duas horas de paralisação da Caixa em Brasília, já vislumbrando a nossa própria greve, que viria a conquistar a jornada de seis horas e o direito à sindicalização. A categoria virava uma página de mais de duas décadas de repressão e autoritarismo, mostrando força, tendo êxitos e formando lideranças que muito contribuíram para a vida nacional.

Foi eleito para a Assembleia Nacional Constituinte e na companhia de nomes como Lula, Benedita da Silva, Florestan Fernandes, Irma Passoni e do também bancário Olívio Dutra, representou muito bem o PT naquele processo, tendo sido decisivo para avanços importantes na consolidação do direito à aposentadoria das mulheres após 25 anos de serviço. Seguimos podendo contar com o deputado Gushiken, que nunca se furto a se reunir com o Movimento Nacional da Caixa naqueles duros tempos de hiperinflação.

Em 1989, Lula concorria pela primeira vez à Presidência da República, em uma campanha coordenada por Gushiken, então presidente nacional do PT. Um momento inesquecível para as nossas vidas, para a política brasileira e que transformou para sempre a relação da sociedade com a esquerda. O “esperançar”, tão falado por Paulo Freire, poucas vezes foi tão bem empregado, e a campanha se tornou um lindo movimento que quase venceu uma eleição marcada pelo abuso do poder econômico e pela manipulação midiática.

Veio o governo Collor e, com ele, muitas retaliações, ameaças de privatizações e de demissões. Amigo do movimento e de seus companheiros e companheiras, Gushiken, com toda a serenidade que lhe era peculiar, nos acalmava, esperançava e apontava caminhos de luta e de ação.

Também se dedicou muito a estudar o tema dos fundos de pensão, se tornando um dos maiores conhecedores do assunto. Analisava as experiências da participação dos fundos em outros países e buscava adequá-las à realidade brasileira, em uma crença de que eles poderiam agregar grande força à economia.

Após também coordenar a campanha de 1998, integrou a coordenação da campanha vitoriosa de 2002 e foi imortalizado pelo documentário *Entreatos*,

de João Moreira Salles, em uma cena onde, como o verdadeiro mestre que de fato era, treinava Lula para o debate contra José Serra. A capacidade estratégica e de articulação de Gushiken foram fundamentais para a vitória petista e para a consequente transformação do Brasil. Uma vitória da geração que lutou contra a ditadura, que mudou o movimento sindical e que fundou e consolidou o PT enquanto grande instrumento da luta política da classe trabalhadora brasileira. Uma vitória da luta de toda uma vida de Gushiken.

Se há condições objetivas que favorecem os processos históricos, dizia o revolucionário e escritor russo Georgi Plekhanov, existem as pessoas que concentram as condições necessárias para fazer história, as condutoras da história. Por toda a sua capacidade de percepção e de transformação da realidade, o imprescindível Gushiken era uma dessas pessoas. Era alguém que amava profundamente a vida e a humanidade e que demonstrou esse amor no exercício da sua trajetória política, toda calcada na fraternidade e no combate a tudo que ameaçava a vida humana. Tanto amor à vida expressou, ainda, no enfrentamento sereno e firme a todos os problemas de saúde que vivenciou.

Foi com essa mesma firmeza e serenidade que enfrentou a perseguição que sofreu injustamente, naquele que foi uma espécie de ensaio geral do processo golpista que culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff, na prisão de Lula e na ascensão do fascismo no Brasil.

E hoje, se vencemos o fascismo, o *lawfare*, e o receituário neoliberal, elegendo Lula novamente para a Presidência, muito se deve à força de organização do Partido dos Trabalhadores e da CUT, instrumentos em que Gushiken foi fundamental para construir. Muito se deve a Gushiken. Seu legado de luta jamais será esquecido. Para sempre, Gushiken!

**SOU BANCÁRIO,  
ESTOU NA LUTA.  
E VOCÊ?**

**SIN... OS BAN... S - C**

**ASSIM  
NÃO DÁ,**

**ASSIM  
NÃO DÁ,**

**ASSIM  
NÃO DÁ,**

## O Luiz Gushiken que aprendi a respeitar e estimar

*Eugênio Bucci<sup>1</sup>*

**N**o finalzinho de 2002, quando fui convidado para presidir a Radiobras, no primeiro governo Lula, que começaria em poucos dias, eu ainda não conhecia pessoalmente Luiz Gushiken. Ele já estava confirmado para o posto de ministro da SÉCOM, à qual a Radiobras estaria vinculada. Seu nome aparecia na imprensa como um integrante do chamado “núcleo duro” do futuro governo, ao lado de políticos como José Dirceu, que assumiria a Casa Civil, e Antonio Palocci, futuro ministro da Fazenda. Fiquei apreensivo com a sondagem que recebi, pois a responsabilidade me pareceu imensa. Mesmo assim, sinalizei que aceitaria. Foi então marcada uma conversa entre mim e Gushiken. Finalmente, eu seria apresentado a ele. Fazia calor em Brasília. Peguei um avião em São Paulo e me hospedei na Academia de Tênis, um hotel vistoso, com restaurantes, cinemas e piscinas, que tinha os quartos mofados. Sumiria da face da Terra alguns anos depois, falido.

Esperei ali com a janela aberta, entre meio-dia e duas da tarde. O telefone tocou. Era o sinal verde para eu partir ao encontro do futuro titular da SÉCOM. A reunião em que disse “sim” oficialmente foi no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), onde se instalara a equipe de transição. Gostei do papo. Fiquei impressionado com a energia daquele sujeito de baixa estatura, cavanhaque de samurai, riso ofuscante e voz firme. Ele tinha cabelos brancos e bigodes idem. O publicitário Duda Mendonça estava junto nessa conversa.

---

<sup>1</sup> Jornalista, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).



Estranhei, mas não havia nada de anormal ou impróprio na presença dele. De todo modo, deixei claro que meu entendimento ali era com o Gushiken, não com o Duda – e assim foi, durante os 4 anos, 3 meses, 20 dias e 2 horas em que ocupei a função.

Claro que, àquela altura, eu já conhecia – e bem – a fama e a reputação de Luiz Gushiken. Homem da total confiança de Lula, dirigente histórico do Sindicato dos Bancários em São Paulo, deputado federal de votações expressivas, tinha sido militante da Quarta Internacional. No começo da década de 1980, eu tinha integrado a mesma organização que ele, a Organização Socialista Internacionalista (OSI), ligada à corrente do trotskista francês Pierre Lambert. O líder dos bancários era um nome que inspirava respeito entre os mais salientes quadros do Partido dos Trabalhadores. Não tinha medo da polícia. Carismático. Não se apequenava na vida pessoal. Em tudo, eu tinha a impressão, era um ser humano de grandes virtudes. Mantenho essa opinião até hoje.

Nosso entendimento foi rápido. A convivência política, entretanto, não transcorreu sem atritos laterais. A empresa pública que me coube presidir, a Radiobras, era incumbida de gerir emissoras de rádio e televisão. Além disso, eu passei a ser chamado com frequência para opinar sobre outras matérias da comunicação governamental. Minha jornada era intensa, e os contatos com o ministro, frequentes. Eu recusava, porém, interferências editoriais na programação das emissoras da Radiobras e nos nossos serviços informativos pela Internet, como a Agência Brasil. Não me parecia correto que o Poder Executivo opinasse sobre o que a Radiobras deveria veicular ou deixar de veicular. Para sustentar a minha posição de defesa da autonomia formal, eu invocava a natureza jurídica da empresa – que, nos termos da lei, era vinculada, mas não subordinada à SECOM. A cultura política média em Brasília nunca assimilou esse princípio. Para a maioria das pessoas – viessem elas de partidos de esquerda, de centro, de alhures ou de estamentos burocráticos de carreira –, a empresa pública deveria cumprir diretrizes governamentais, e ponto final. Em função dessa cultura política, os estranhamentos entre a Radiobras e equipes ligadas à SECOM não demoraram a aparecer. Era um desgaste, mas nada que me impedisse de fazer o trabalho que me cabia fazer, com impessoalidade e objetividade. A Radiobras começou a melhorar, e o ministro nos respeitava,

mesmo quando deixava transparecer certa contrariedade, num caso ou noutro. Quando precisei dele, não me faltou.

Ao longo do meu período em Brasília, a minha admiração por ele só fez aumentar. Jamais o vi conceder ao que não fosse adequado aos cânones republicanos, tão lembrados por nós naqueles tempos. Em algumas ocasiões, testemunhei sua indignação com assuntos que, também a mim, revoltavam. Eu me identificava com ele. Em todas as vezes em que estivemos juntos, ele se caracterizava por uma conduta impecável. Às vezes se exaltava, é verdade, mas não transigiu com a ética pública.

Não pude ver de perto o trabalho de Gushiken como parlamentar ou como líder sindical, mas testemunhei com assiduidade seu desempenho como ministro, como homem de Estado, como servidor do Poder Executivo. Passados agora 20 anos dessa convivência, posso dizer que sinto orgulho de ter trabalhado ao lado dele, mesmo nas ocasiões em que tínhamos opiniões divergentes. Não fosse ele, eu não teria ido para Brasília para tomar posse de um cargo público no dia 2 de janeiro de 2003. Não fosse ele, eu não teria resistido lá por tanto tempo, realizando um trabalho que tanta alegria me trouxe. Sou grato a ele por isso. Sempre serei. De Luiz Gushiken guardo a melhor lembrança. Tive sorte, muita sorte, de ter convivido com ele.



## Duro como um samurai, doce como um monge budista

Fernando Morais<sup>1</sup>

**L**uiz Gushiken tornou-se um nome conhecido da opinião pública no período em que, líder sindical dos bancários, empenhou-se com vigor na defesa da Previ, fundo de previdência dos funcionários do Banco do Brasil, luta que o levou a um duro braço de ferro com o banqueiro Daniel Dantas, dono do Banco Opportunity.

Eu o conhecera à distância no auge da guerra de 1980 do ABC, quando Lula e toda a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC encontravam-se presos no DOPS. A ditadura militar interviu no sindicato, os líderes foram presos e simultaneamente demitidos de seus empregos.

Eu fazia parte de um pequeno grupo de deputados que apoiavam as greves, os piquetes e as assembleias de São Bernardo e que depois iríamos compor o Fundo de Solidariedade à greve, destinado a levantar fundos para sustentar as famílias dos presos, privadas dos salários dos metalúrgicos demitidos.

Na hora do almoço do dia 28 de abril, nove dias após as prisões, fui à praça da Sé presenciar o engenhoso plano que Gushiken engendrara para, a um só tempo, denunciar a ditadura, divulgar as greves e as prisões e levantar recursos para o Fundo de Solidariedade.

Enxadrista amador, o baixinho e parrudo sindicalista de bigodes à Fu Manchu distribuiu pela praça da Sé, então o centro bancário de São Paulo, dez mesinhas desmontáveis e sobre cada uma delas dispôs um tabuleiro de xadrez

---

<sup>1</sup> Jornalista e escritor. É autor, entre outros, dos títulos *Olga, Lula e Os últimos soldados da Guerra Fria*. Tem livros publicados em 35 países, ganhou três vezes o Prêmio Esso de Jornalismo; o Prêmio Jabuti, pelo livro *Corações Sujos*; e quatro vezes o Prêmio Abril de Jornalismo.

e as 32 peças pretas e brancas. Uma enorme faixa foi presa aos pés das mesas, com a inscrição, em letras gigantes: “ABAIXO A DITADURA!”. Em letras menores, vinha a explicação da insólita operação: “Desafie o vice-campeão paulista de xadrez, Herbert Carvalho, aqui presente”. A renda das apostas em cada partida seria destinada ao Fundo de Solidariedade dos Metalúrgicos.

Colunista de xadrez do jornal *Folha de S.Paulo*, Carvalho já demonstrara sua oposição à ditadura militar ao denunciar a enxadrista Iluska Simonsen, mulher do economista Mário Henrique Simonsen, ministro da fazenda do governo militar, de usar o prestígio do marido para fraudar campeonatos e afastar adversários mais fortes que ela.

Transeuntes e funcionários da *City* bancária em hora de almoço logo formaram uma pequena multidão em torno da disputa que Carvalho travava simultaneamente com os dez contendores que logo se perfilaram diante de cada mesa. A engenhosa ideia de Gushiken durou pouco. Alertada, a polícia política cercou o local e minutos depois viaturas do DOPS desembarcaram dezenas de policiais que desmontaram mesas e tabuleiros a pontapés e prenderam Gushiken, trotskista filiado à corrente Liberdade e Luta, a Libelu, que passou a ser o mais novo hóspede da tropa de metalúrgicos que já enchia as celas do DOPS.

Anos depois eu voltaria a ter contato com o “China”, ou “Chininha”, como Lula o tratava. Em 1990 Gushiken era o presidente nacional do PT quando ocorreram as eleições para o governo do Estado de São Paulo, do qual eu, do MDB, fazia parte como secretário da Cultura. Disputavam o Palácio dos Bandeirantes Plínio de Arruda Sampaio (PT), Mário Covas (PSDB), Paulo Maluf (PDS), e Luiz Antonio Fleury (PMDB). Terminado o primeiro turno, habilitaram-se para a disputa do segundo Maluf e Fleury.

Como Maluf era o candidato da ditadura e visto pelas esquerdas como a besta-fera civil da ditadura, o PMDB alimentou a expectativa de que o PT decidiria naturalmente pelo apoio a Fleury. Este era capitão aposentado da PM e promotor público especializado em Direito Penal e fora Secretário de Segurança Pública do governo Quéricia (1986-1990). O partido escolheu meu nome para negociar com o PT o apoio a Fleury no segundo turno.

Dois dias depois recebi um telefonema de Gushiken, presidente do PT. Polido e cortês, ele desfez minhas esperanças de receber o apoio formal do partido de Lula para Fleury no segundo turno:

– Meu caro secretário. Nós o respeitamos por seu comportamento digno e democrático, mas o PT não apoiará o Fleury. Destacamos o Paulo Okamoto e o deputado Cândido Vacarezza para conversar com você em nome do partido sobre o segundo turno. Mas a orientação que eles levarão é clara: não vamos apoiar nem Maluf, obviamente, nem o Fleury. O PT não se esquecerá de que ele é acusado de ter vestido uma camiseta do partido em um dos sequestradores do empresário Abílio Diniz, um ano atrás, no dia em que Lula disputava o primeiro turno com Collor. Desse pecado, para o PT, ele não será absolvido jamais. De qualquer maneira, peço que você receba o Okamoto e o Vacarezza.

De fato, o PT nada tinha a ver com o sequestro de Diniz, realizado por um grupo de canadenses, chilenos e um brasileiro (o tal que fora exibido ao público vestindo uma camiseta do Partido dos Trabalhadores). A motivação do sequestro também cheirava a tramoia: os sequestradores alegaram que os 5 milhões de dólares exigidos como resgate para libertar Diniz seriam destinados à Frente Sandinista nicaraguense. Ocorre que fazia dez anos que sandinistas haviam deixado de ser um grupo guerrilheiro, venceram o ditador Anastácio Somoza e estavam no poder na Nicarágua desde 1979.

A visita de Okamoto e Vacarezza foi cordial, mas a posição do PT, como me advertira Gushiken, já estava tomada: o partido de Lula não apoiaria nenhum dos dois candidatos no segundo turno. A despeito do insucesso da minha missão, mesmo sem o apoio do PT Fleury acabou vencendo Maluf por uma pequena margem de votos, tornando-se o novo governador do Estado.

Por mera casualidade, seria Fleury que, indiretamente, me colocaria de novo frente a Gushiken. Em março de 1993, o britânico *Channel Four* exibiu um explosivo documentário intitulado *Beyond Citizen Kane* (Além do Cidadão Kane), dirigido pelo cineasta Simon Hartog. Tratava-se de uma demolidora peça cinematográfica que levantava toda a obscura história de Roberto Marinho e da TV Globo. As Organizações Globo tentaram comprar os direitos de exibição no Brasil, mas os produtores britânicos rejeitaram a proposta, certos de que a TV Globo engavetaria o filme, fazendo com que ele jamais fosse visto pelo público brasileiro.

Na época deputado federal, Gushiken obteve em Londres uma cópia pirata de *Beyond Citizen Kane* e conseguiu convencer o jovem Geraldo Anhaia Mello, diretor do Museu da Imagem do Som (órgão subordinado à Secretaria

Estadual da Cultura de São Paulo), a exibi-la para o público no auditório do MIS paulista. Assim que a notícia circulou, o todo-poderoso Roberto Marinho telefonou para o governador Fleury sugerindo que a iniciativa de Gushiken e Anhaia fosse proibida. Sugestão de Roberto Marinho era uma ordem. O governador paulista não hesitou e censurou a exibição.

Embora eu já não fosse secretário da Cultura (com a vitória de Fleury eu passara a dirigir a pasta da Educação), Gushiken me ligou pedindo apoio a Anhaia para derrubar a censura. Procurei o arquiteto Ricardo Ohtake, amigo de muitos anos e que me sucedera na pasta da Cultura. Ele revelou que tentara insistentemente dissuadir Fleury, alegando que aquele seria um ato de censura inadmissível num regime democrático, mas o governador bateu o pé, mantendo a decisão. Temeroso de carregar a pecha de censor, Fleury repetiu para Ohtake a argumentação que ouvira de Roberto Marinho: não se tratava de censura, mas de impedimento de um filme que fora obtido clandestinamente por Gushiken e que, nessas condições, o governo não poderia ser cúmplice de um ato ilegal de pirataria. E ponto final. Anhaia acabou demitindo-se do MIS, mas Gushiken encarregou-se de exibir o documentário primeiro na Câmara dos deputados, para um grupo restrito de deputados, e de fazer circular pelo país cópias do filme, que acabou sendo visto por quem quis.

Originariamente ateu, Gushiken transitou pelo zen-budismo, pelos rosacruzes, pela umbanda e pela cabala até se fixar na fé Bahá'í. Quando o vi pela última vez, meses antes de seu falecimento por um câncer no aparelho digestivo que o infernizara durante anos, ele em nada lembrava, fisicamente, o gordo bigodudo que eu vira montando as mesas de xadrez na Praça da Sé. Mesmo franzino e fragilizado pela doença que o levaria meses depois, passamos um dia em sua casa em Indaiatuba gravando seu depoimento para o livro que escrevo sobre Lula. Foi um dia inesquecível. Na volta para São Paulo, lamentei profundamente não ter tido oportunidade de me aproximar mais de uma figura humana excepcional, dura na defesa de suas convicções, mas que não perdera a doçura que certamente herdara de sua passagem pelo budismo.

## Fala, “Japa”!

*Fernando dos Santos Ferreira*<sup>1</sup>

**E**m tempos politicamente incorretos era assim que chamávamos Gushiken, o Gushi, “China”, “Japonês da Libelu” e, posteriormente, deputado Gushiken e ministro.

Não, não é fácil falar de – ou sobre – Gushiken, mesmo dez anos após sua morte. Defini-lo, menos ainda! Gushi era indecifrável, um ser instigante, um pensador inquieto!

Fez de sua caminhada busca permanentemente pelos insondáveis mistérios da vida e da morte. Atravessou o tempo na busca de si mesmo, de sua alma, de seus desatinos e sonhos, navegando por sendas e veredas do inescrutável, do desconhecido e, talvez – por que não? – do místico e do secreto. Não foi um sujeito comum. Assim como dizia Terêncio – dramaturgo e poeta romano (185 a.C-159 a.C.) – “Sou humano, nada do que é humano me é estranho”, parece-me que Gushiken fez o mesmo.

Sua inquietação lhe fez buscar incessantemente conhecer as religiões, por exemplo. Transitou entre a Rosacruz, a Umbanda, o Budismo, a Cabala, o Zen-budismo e, por fim, se encontrou na Fé Bahá’í.

Sem dúvida foi um guerreiro, o que, não por acaso, é uma das definições de samurai. Além dos embates e lutas sindicais, políticas e partidárias, sua grande batalha foi pela vida, pela incansável e longa jornada de combate às

---

<sup>1</sup> Ex-funcionário do Banco do Brasil, foi ativista sindical e político e integrou a Oposição no Sindicato dos Bancários de São Paulo, entre 1977 e 1990. Foi dirigente do Sindicato dos Bancários entre 1985 e 1988.



doenças que o acometeram e que o vitimou tão precocemente. Passou poucas e boas, atravessou com resiliência, altivez, garra e persistência os tratamentos e medicamentos a que era submetido constantemente.

Gushiken foi um incansável lutador. Encontrei-o alguns dias antes de sua morte, no hospital. Nos recebeu – a um amigo e a mim – já administrando ele mesmo o controle da morfina, como se estivesse pronto para uma reunião. Só não usava gravata e paletó!

Confesso que cheguei a crer que ele estava quase de saída do hospital tamanha a tranquilidade.

Conheci Gushiken nas reuniões da oposição no Sindicato dos Bancários de São Paulo por volta de 1977 quando a pequena, mas ruidosa e ativíssima Oposição Bancária se reunia na sede dos bancários no famoso endereço na Rua São Bento, nº 365. Na época, grande parte dessa militância era de bancos oficiais – estaduais e/ou estatais – por conta da forte pressão que havia naqueles tempos e os riscos iminentes de demissões nos bancos privados. No entanto, deve se registrar que, nessa época, a Oposição Bancária já contava com ampla representação dos bancários dos bancos privados. Embora tenhamos nos tornado próximos ao longo dos anos seguintes, nunca convivemos proximamente. Fomos companheiros de chapa em 1985, mas logo no ano seguinte, Gushiken foi candidato a deputado federal e, eleito deputado constituinte, passava a maior parte do tempo em Brasília.

Até 1991, quando me mudei do estado de São Paulo, era comum encontrar Gushiken nos eventos sindicais e políticos na capital paulista e nos seus retornos a São Paulo. Diversas vezes estivemos juntos, na minha casa, no Bixiga, onde volta e meia reuníamos um punhado de companheiros e amigos e, invariavelmente, Gushi sempre comparecia. Juntávamos cerveja, cachaça, churrasco, política e conversas até altas horas da madrugada.

Era a oportunidade que tínhamos – muitos dos presentes eram dirigentes e envolvidos com as campanhas das entidades de funcionários do Banco do Brasil e, naturalmente, apoiadores incondicionais do Gushi – de então encontrar com o amigo e parlamentar Luiz Gushiken.

Gushi era uma pessoa extremamente acessível e, em especial, amável e atencioso com todos que o abordavam. De generosidade imensa, era um bom ouvido e sabia escutar como poucos.

Rubem Alves, o educador, diz em um de seus poemas:

[...] Bonitas são as pessoas que falam pouco e sabem escutar.

A essas pessoas é fácil amar.

Elas estão cheias de vazio.

E é no vazio da distância que vive a saudade...

Saudades, "Japa"!



## Gushiken, um sábio na política

*Frei Betto*<sup>1</sup>

**C**onheci Luiz Gushiken nas greves metalúrgicas do ABC, no início da década de 1980. Enfático na fala, ágil no raciocínio, trazia a sabedoria própria dos orientais. Sabia encarar uma situação por vários ângulos, numa lógica dialética que fazia dele exímio estrategista.

Em muitos contatos nossos, ele expressava interesse pelo tema da espiritualidade, embora frisasse não ter fé cristã.

Gushiken era um dos raros líderes sindicais e políticos que peitava Lula. Fazia críticas francas, assertivas, até com teimosa insistência. Por isso, Lula o respeitava tanto, em gratidão à alteridade.

Convivemos nos anos iniciais do primeiro mandato presidencial de Lula. Ele na SECOM; eu no Fome Zero. Trabalhamos juntos a estratégia de comunicação do programa.

Em tempos tão conturbados como os atuais, Gushiken faz falta. O sonho dele era ver o PT na presidência da República nas comemorações do bicentenário da Independência do Brasil. A vida o privou de chegar a 2022, e a conjuntura surpreendeu a todos nós, sonegando da nação tudo aquilo que a efeméride merecia.

---

<sup>1</sup> Frade dominicano, Frei Betto é jornalista, antropólogo, filósofo e teólogo. Autor de mais de 74 livros editados no Brasil e no exterior.



# Construção do Sinprovaes

*Gentil Gonçalves Filho<sup>1</sup>*

O Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Privados de Ensino nos Municípios de Indaiatuba, Salto e Itu (SINPROVALES) foi criado em 18 de agosto de 2001. Até 2003, data da concessão do Registro Sindical no Cadastro de Entidades Sindicais (CNES-MTE), várias foram as idas e vindas a Brasília para obter o devido Registro que daria legalidade às ações sindicais.

O filantropo e patrono da causa foi o ministro Luiz Gushiken, que através da intercessão de sua esposa, a senhora Elisabeth Gushiken, promoveu uma audiência com os seus assessores e abriu as portas do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), na época dirigido pelo ministro Jaques Wagner.

O ministro Luiz Gushiken, que tinha estabelecido residência em Indaiatuba – cidade a 98 quilômetros da capital de São Paulo – participava da vida cultural indaiatubana, estabelecendo o mecenato com a Sociedade Cultural Cantátimo (mantenedora da Orquestra de Câmara de Indaiatuba e do Madrigal Cantátimo), portanto, sendo acessível às causas dos munícipes indaiatubanos.

Hoje, próximo de comemorar o seu 22º aniversário de fundação, o SINPROVALES, com os professores das instituições de ensino de Indaiatuba, Salto e Itu, são devedores ao insigne ministro por sua benevolência em intermediar o acesso do SINPROVALES no Ministério do Trabalho e Emprego.

Na oportunidade de audiência com seus assessores, em 2003, o SINPROVALES ofereceu uma placa alusiva em reconhecimento de seu trabalho em prol de

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia. Presidente do SINPROVALES. Vice-presidente da Federação dos Professores do Estado de São Paulo (FEPESP).

toda a categoria dos professores em estabelecimentos privados das cidades destas duas importantes regiões do estado de São Paulo – Campinas e Sorocaba.

O SINPROVALES tem a honra de participar da iniciativa de realizar as Memórias do ilustre ministro, deste que, como muitos brasileiros, participou ativamente na vida política nacional, desde a presidência do coirmão Sindicato dos Bancários de São Paulo e depois como ministro de Estado, sempre buscando em suas ações realizar o Bem, por causa de suas ideias.

## Luiz Gushiken, presente!

Anos 1970 a 1990 – Sem liberdade, mas com luta...  
e anos 2000 – com liberdade e luta

*Gilmar Carneiro<sup>1</sup>*

O espaço é pequeno, mas suficiente para relatarmos os momentos vividos e convvidos com Gushiken, o que muito nos emociona. Ao lembrar de tantas lutas e manifestações, fomos surpreendidos com a morte de Rita Lee, criadora das inesquecíveis músicas dos anos 1970 que alegravam nossa juventude, que procurava emprego e ia para a faculdade.

A partir de 1974, com a retomada do movimento estudantil, começaram a crescer os movimentos de contestação à ditadura militar. Surge um novo sindicalismo e um amplo movimento de base da Igreja católica, chamado Teologia da Libertação.

Neste período, eu estudava na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e trabalhava no Banco do Estado da Guanabara (BEG), que depois virou Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ). Tita Dias também trabalhava no BANERJ. Seu companheiro era aluno da FGV, onde também estudava Luiz Gushiken.

Daí a começarmos a atuar juntos foi questão de tempo. Passamos a fazer parte orgânica da Oposição Sindical Bancária. Atuávamos nas campanhas salariais e organizamos as greves de 1978, preparando a disputa e a vitória nas eleições do Sindicato dos Bancários de São Paulo, em 1979.

O movimento grevista e as manifestações se espalhavam por todo o Brasil, gerando uma legião de ativistas sindicais. Já na direção do Sindicato, Gushiken foi se firmando e aumentando sua liderança em São Paulo e no Brasil.

---

<sup>1</sup> Administrador de empresas, bancário concursado do Banerj. Foi fundador do PT, da CUT e da CONTRAF. Foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e secretário geral da CUT.



Simultaneamente renascia a discussão sobre os partidos de esquerda e a democracia. O fim da ditadura militar e a anistia ampla, geral e irrestrita eram nossas bandeiras. O novo sindicalismo e o PT iam se construindo, forjando uma aliança entre operários, camponeses, estudantes, intelectuais, artistas e progressistas em geral, tendo Lula à frente.

Os sucessos de Rita Lee embalavam as noites, as madrugadas e as manifestações. Era a democracia chegando. Começamos a década de 1980 com vitórias. Em 1982, elegemos governadores progressistas em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco. Dentre outros, Montoro, Brizola e Arraes simbolizavam os avanços rumo à democracia, ao lado de muitos senadores e deputados. O PT se estruturava e crescia em todo território nacional.

Em 1983, a fundação da CUT impulsionou a renovação sindical, que se espalhava por todos os Estados e grandes municípios. Os sindicalistas ajudavam a organizar novos diretórios do PT e os petistas ajudavam a conquistar os sindicatos que se encontravam burocratizados.

Em 1984, a campanha das “Diretas Já!” ocupava as ruas e Rita Lee bombava com suas músicas libertárias, fazendo grande sucesso. Manifestações reuniam milhares de pessoas nas capitais, exigindo “Diretas Já!”.

O Congresso Nacional votou contra a emenda das diretas e optou pela eleição no Colégio Eleitoral. Tancredo foi eleito presidente e Sarney vice, em uma eleição indireta. Tancredo morreu antes de tomar posse e Sarney assumiu como presidente do Brasil.

Em 1985, a Greve Nacional dos Bancários consolidou a grande liderança de Gushiken que, em 1986, foi eleito deputado federal. Seu brilhante desempenho na Assembleia Nacional Constituinte o credenciou para comandar a campanha de Lula em 1989 à Presidência da República.

Foi uma eleição emocionante e Lula foi brilhante ao demonstrar sua imensa capacidade de liderança e articulação política. Foi para o segundo turno e faltou muito pouco para ser eleito. Gushiken coordenou a campanha de uma Frente Ampla e um movimento de massa vigoroso. A estrela do PT brilhou, iluminando a música “Lula lá”, que se tornou quase que um hino do PT.

A frágil democracia e o cinismo da direita brasileira possibilitaram que Collor fosse eleito presidente. A infeliz escolha logo se revelou com o confisco da poupança popular e a abertura descontrolada da economia. A reação

veio com a derrubada de Collor como corrupto, e o Brasil viu-se falando inglês: *Impeachment*.

Assumiu, em sucessão a Collor, o seu vice, Itamar Franco, que levou para o Ministério da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Em face da descontrolada inflação, FHC liderou a elaboração do Plano Real e a estabilidade monetária se tornou seu maior trunfo eleitoral, tornando-o presidente da República, em 1994, e reelegendo-o em 1998.

As privatizações, o desemprego e o retorno da inflação, mesmo que em baixos patamares, possibilitaram o crescimento das lutas sindicais e populares e uma atuação vigorosa da CUT e do PT. Gushiken se destacou na elaboração da “Carta aos Brasileiros” e na construção da aliança que uniu brasileiros e brasileiras em torno de Lula. O destino já tinha “escrito nas estrelas”.

José Serra, senador e ex-ministro pelo PSDB, foi derrotado e Lula foi eleito. O primeiro presidente deste terceiro milênio foi um operário e migrante nordestino. As estrelas anunciavam o nascimento do Brasil da esperança!

Lula montou um ministério de quadros e lideranças políticas, Gushiken e José Dirceu eram parte importante da coordenação do governo. O Brasil começava a mostrar sua cara e o povo a viver sem medo de ser feliz. No meio do caminho foi posta uma pedra. Os conservadores inventaram o “mensalão”, e tentaram dar um golpe de Estado, pautado por denúncias e prisões baseadas na suposição do domínio de fatos, sem provas.

Neste contexto, Gushiken se articulou com a Associação Brasileira de Anunciantes no lançamento da campanha “O melhor do Brasil é o brasileiro”. Mesmo com toda a baixaria e o cerco político promovido pela mídia e setores empresariais, Lula e seu governo conseguiram dominar o risco inflacionário, gerar milhares de empregos e aumentar os salários, e ele foi reeleito em 2006. No segundo mandato, Lula enfrentou a crise de 2008, quando demonstrou que aumentar o poder aquisitivo do povo fazia a economia rodar e gerar empregos.

Os bons resultados econômicos e sociais possibilitaram que Dilma Rousseff derrotasse Aécio Neves (PSDB) na eleição de 2010, tornando-se a primeira mulher a se eleger presidente do Brasil. Entretanto, a oposição elegeu 62% dos parlamentares na Câmara dos Deputados. Gushiken fez muita falta. Um câncer interrompeu uma vida e uma atuação política brilhantes.

A oposição passou a criar obstáculos e dificultar a governabilidade. Geraram e intensificaram a crise econômica e agregaram ao cerco parlamentar gente dos três poderes, inclusive o vice-presidente, em uma armação para dar um golpe de Estado. Dilma não conseguiu reunir forças para se contrapor e as “forças ocultas”, com claro envolvimento do governo americano, do judiciário, da imprensa e da classe média aprovaram o *impeachment* da presidenta Dilma, sem fatos comprovados.

Temer assumiu a presidência e adotou um programa neoliberal, com privatizações e ataque aos direitos dos trabalhadores. Em 2017, aprovou uma reforma trabalhista, seguida de mudanças legislativas pautadas pelo retrocesso civilizatório.

Para impedir que Lula voltasse em 2018, foi armada uma operação denominada “Lava Jato”. Armou um cerco com prisões sem provas e conseguiu prender e tirar Lula da disputa eleitoral. Sem Lula, em uma vitória apertada, Bolsonaro se elegeu usando e abusando das *fake news*.

Fez um governo desastroso, criminoso e genocida. Lula livre, disputa e vence, pela terceira vez, as eleições para presidente, em 2022. O Brasil recuperava sua dignidade e sua parceria internacional. Gushiken tem feito muita falta. Mas sua partida antecipada não nos impede de lembrar sua trajetória e de intensificar nosso trabalho na reconstrução de um Brasil gigante, uma grande Democracia, com o povo, do povo e para o povo. Um socialismo democrático que unifique a humanidade e a classe trabalhadora será a grande contribuição à Paz e à inclusão de todos os habitantes da Terra. Afinal, a Terra é a nossa Pátria.

## Estrategista para um novo mundo

*Jacy Afonso<sup>1</sup>*

**F**alar do Gushiken em um artigo é muito difícil porque ele fez tantas coisas extraordinárias que se torna difícil selecioná-las. Vou aqui falar um pouco sobre a minha relação pessoal com o Gushi e os momentos importantes da vida brasileira em que eu presenciei as decisões estratégicas dele.

O movimento sindical bancário sofreu intervenções com o golpe militar em 1964 e, inclusive, Aluizio Palhano, presidente da CONTEC e do Sindicato dos Bancários no Rio, foi cassado, morto, dado como desaparecido e ainda hoje seu corpo não foi encontrado. Nesse período, o primeiro sindicato a ser retomado foi o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, no início dos anos 1970, tendo Olívio Dutra como presidente que inclusive liderou a greve dos bancários em 1979. O movimento de oposição pela retomada do Sindicato dos Bancários de São Paulo foi vitorioso em 1979, elegendo Augusto Campos como presidente e Luiz Gushiken, Gilmar Carneiro, Luizinho e Tita, entre outros maravilhosos militantes, como diretores. Depois foi Rio de Janeiro, Ceará, Rio Grande do Norte, Distrito Federal e Bahia. Eram sete sindicatos e, destes, dois eram liderados pelo PT e os demais liderados pelo PCB nessa renovação sindical.

Em 1982, entre este grupo, o Sindicato dos Bancários de São Paulo foi o primeiro a fazer a sua renovação. Três chapas disputaram e a chapa do Augusto foi reeleita. A maioria da diretoria do Sindicato de Brasília era vinculada ao

---

<sup>1</sup> Atualmente preside o PT do Distrito Federal. Foi chefe de gabinete de Gushiken na Constituinte e presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.

PCB, mas nós tínhamos um núcleo dos bancários do PT muito forte aqui. Fiz parte da mesa na posse do Sindicato dos Bancários de São Paulo representando o Núcleo dos Bancários.

Eu, o companheiro Osvaldo Laranjeira, presidente do Sindicato da Bahia que tinha sido militante da oposição bancária em São Paulo, e outro diretor da Bahia, Moisés Bebé, fomos almoçar no dia seguinte na casa do Gushi, onde tive a oportunidade de conversar com ele de maneira mais profunda. A partir dali começamos a nossa amizade.

Em julho de 1983 voltei a encontrar com o Gushiken no primeiro encontro de sindicalistas do PT. O Encontro tinha como objetivo preparar os petistas para o CONCLAT, que aconteceria em agosto daquele ano. Gushiken era o Secretário Sindical do PT-SP e organizou o evento junto com o Azevedo dos metroviários (Secretário Sindical Nacional). Aquele final de semana era véspera da greve dos Petroleiros de Paulínia (SP) e Mataripe (BA), que gerou greve de solidariedade dos metalúrgicos de São Bernardo e também a Greve Geral de 21 de julho, a primeira após o golpe de 1964. Coincidentemente, os sindicatos de bancários, metroviários e metalúrgicos sofreram intervenção do governo, além dos petroleiros de Paulínia e Mataripe. Esse processo da greve dos petroleiros e a greve geral mostrou as divergências existentes no movimento sindical e gerou uma divisão que resultou na fundação da CUT e depois na fundação da CGT.

Mesmo com a intervenção do Ministério do Trabalho e a cassação da diretoria do Sindicato dos Bancários de São Paulo, os diretores mantiveram uma atuação sindical independente da diretoria interventora, inclusive a *Folha Bancária Livre*, que era um jornal diário do Sindicato.

Nos novos processos eleitorais as diretorias cassadas eram impedidas de concorrer, mas o pessoal dos metalúrgicos e bancários montou uma estratégia, colocaram o Gushiken e Meneguelli como candidatos a presidente e Fernando Ferreira e Mário Barbosa como candidatos a vice, porque se fosse negado o registro das candidaturas dos presidentes, eles teriam um outro companheiro que não era da diretoria cassada. A ditadura, em fase terminal, não teve coragem de impugnar as candidaturas.

O companheiro Gushiken foi eleito presidente do Sindicato no início de 1985. Logo em seguida, a CUT ganhou a eleição para o Sindicato do Rio de

Janeiro. Em maio de 1985, Gushi, junto com Gilmar Carneiro, líder bancário da CUT Nacional, liderou a fundação do DNB-CUT (Departamento Nacional dos Bancários da CUT) com cinco sindicatos: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Londrina e Ipatinga. Tiveram várias oposições, inclusive a nossa de Brasília.

A ditadura militar acabou em março de 1985, e em junho a categoria conquistou o reajuste trimestral. Na preparação da campanha salarial, Gushi teve um papel importante no convencimento dos setores atrasados (Erivelto da FEEB-SP) do sindicalismo bancário e na realização da primeira greve nacional da categoria, em setembro do mesmo ano.

É a partir dessa estratégia da campanha nacional articulada que nós conquistamos, em 1992, sete anos após a primeira greve nacional, o contrato coletivo nos bancos privados. Em 2004, no governo Lula, incluímos os bancos públicos no contrato coletivo nacional da categoria. Em 1992 o Berzoini era presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e, em 2004, eu era o presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.

Em 1986, o Gushiken foi eleito deputado constituinte, sendo um dos 16 constituintes eleitos pelo PT. O Lula foi o deputado constituinte mais votado do Brasil, e também foram eleitos os bancários Olívio Dutra (PT-RS) e Augusto Carvalho (PCB-DF).

Em janeiro de 1987, fui convidado pelo Gushiken a ser seu Chefe de Gabinete. Viveria um dos anos de maior efervescência política e social, bem como formação política trabalhando com Gushi. Fiquei apenas um ano na Câmara dos Deputados porque retornaria para o Banco do Brasil em 1988 para militar na oposição bancária em que fomos vitoriosos somente em 1992, elegendo a Erika Kokay como presidente do Sindicato.

Em março de 1987, diante do fracasso do Plano Cruzado, realizamos, fora da data base, uma greve da categoria. Foi nesse período que Gushi estabeleceu uma relação profícua com a FENAE. Em abril, preocupado com a pouca participação popular e em especial com a demora do PT em organizar o povo na constituinte, Gushi propôs uma série de atividades e plenárias por fora das estruturas partidárias. Essa iniciativa contribuiu como um caldo de cultura para posteriormente termos as mobilizações das emendas populares.

Em maio ele escreve na revista do CEDI, com Aloizio Mercadante e Vitor Letizia, um artigo sobre os desafios sindicais e partidários. Lembro de ir à

agência dos Correios pegar o postgrama (fax) e, depois das observações do Gushi no conteúdo, ir novamente aos Correios enviar a nova versão do artigo. Na minha opinião, este artigo teve grande contribuição para o que viria a estar nas teses da Articulação do Partido dos Trabalhadores para o 5º Encontro Nacional do PT em dezembro de 1987 e na Tese 10 da Articulação Sindical para o 3º CONCURTO em setembro de 1988.

Em junho, no processo das eleições dos metalúrgicos de São Paulo, presidido pelo pelego Joaquinão, Gushi participou ativamente defendendo a unidade da oposição sob a liderança do companheiro Lúcio Bellantani. Infelizmente a oposição cutista se dividiu; a outra chapa seria liderada pelo companheiro Carlucio. A Chapa 2 do Bellantini foi para o segundo turno contra a Chapa 1 do Medeiros, que ganhou as eleições por uma pequena diferença de votos. Acredito que se a oposição cutista tivesse ganhado aquela eleição, a força sindical não existiria e a CUT seria verdadeiramente a única central de trabalhadores.

Na época da constituinte não existia Access e Excel, mas ele descobriu um sistema de cadastro do PRODASEN com uma combinação de dados com três letras e três números. Montamos um extraordinário banco de dados com mais de 60 mil pessoas, 30 anos antes dos famosos algoritmos. Com este cadastro, ele tinha uma estratégia de comunicação direcionada que foi fundamental na sua ação parlamentar na disputa política e nas suas reeleições de 1990 e 1994.

No 5º Encontro Nacional do PT, Lula deixou a presidência do Partido dos Trabalhadores e o companheiro Olívio Dutra assumiu. Nas eleições municipais de 1988, nós elegemos três prefeitos de capitais: Luiza Erundina em São Paulo, Vitor Buaiz em Vitória e Olívio Dutra em Porto Alegre. Olívio deixaria a presidência do PT. Naquele dia eu liguei para a casa do Gushiken e ele não estava lá (naquela época não tinha telefone celular). Quem atendeu foi a Beth e eu comentei: “acredito que o Gushiken vai ser o sucessor do Olívio Dutra”. Ela disse “Eu acho que não”. E eu respondi “Ele vai ser!”.

Muitos anos depois, às vésperas da morte do Gushiken, quando fui visitá-lo, ele me contou que foi conversar com Lula sobre o processo sucessório, e que ele lhe disse: “Tem que ser você. O PT tem que ser presidido por sindicalista e assunto encerrado”. Hoje isso não é mais critério nos processos eleitorais do PT.

Em 1989, Gushiken era o presidente do PT, Zé Dirceu, secretário geral e Wladimir Pomar, coordenador da campanha presidencial. Este triunvirato

foi extraordinário! No segundo turno, Gushiken teve um papel importante de costurar alianças em um curto espaço de tempo com Ulisses Guimarães, Franco Montoro, Mário Covas, Miguel Arraes e Leonel Brizola. O Brizola, inclusive, chegou a comentar: “Se eu tivesse esse japonês no PDT, era eu que estava no segundo turno e não o Lula”. Brasília foi o único lugar em que Lula ganhou as eleições no primeiro turno. No segundo turno ele ganhou em Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Em 1990, depois do “Lula Lá” e do “Quase Lá”, vieram as eleições estaduais. Gushiken, na presidência, articula as chapas nos estados. Em Brasília, eu e ele discutimos a vinda do ex-Reitor da UnB, Cristovam Buarque, para o PT para ser candidato a governador. O Cristovam se filiou, mas não obtivemos êxito na estratégia. O PT optou por outra candidatura, mas obtivemos sucesso em 1994, quando elegemos o Cristovam governador, Arlete vice-governadora, Lauro Campos senador, 2 deputados federais e 7 deputados distritais. Foi o primeiro estado, junto com o Espírito Santo, a eleger um governo estadual. Fui secretário de Estado e administrador da Cidade de Santa Maria. Gushi acompanhou de perto a primeira experiência de governar um estado. Visitamos as cidades do DF para conhecer os programas de governo.

No governo Lula, Luiz Gushiken foi ministro de Assuntos Estratégicos e de Comunicação. Um dia ele me ligou e disse: “Quero ir a Santa Maria escutar a periferia”. Ele queria saber qual era a percepção que o povo tinha do governo Lula. Lembro que levei ele para conversar com várias pessoas, mas me lembro especificamente da conselheira do Orçamento Participativo, companheira Ana Gomes. Nunca esquecerei aquela cena: o ministro no carro oficial percorrendo a periferia para escutá-la. Foi a partir dessa visita e de várias outras que ele criou o *slogan* institucional do governo federal: “O melhor do Brasil é o brasileiro”, baseado em Câmara Cascudo.

Gushiken foi essa pessoa importante na história do movimento operário brasileiro, no parlamento, na direção do PT e nos sucessos do governo Lula.

A minha convivência com ele foi extraordinária, aprendi muito neste período, por isso que eu sempre o chamei e continuarei a chamá-lo de “Gushiken, o samurai brasileiro”. Ele era corajoso, ele era perfeccionista, ele era um estrategista para um novo mundo.





## Um defensor da classe trabalhadora brasileira

*João Vaccari<sup>1</sup>*

**C**onheci Gushiken quando estávamos organizando a oposição bancária, que venceu as eleições para a direção do Sindicato dos Bancários de São Paulo em 1979. Nós dois trabalhávamos no Banespa, banco que se destacava pelo número de funcionários e pela tradição na participação sindical. Lideranças expressivas eram Augusto Campos, Osvaldo Laranjeira, Luiz Antonio Moreti, Luiz Gushiken, dentre tantos outros.

Já em 1979, no primeiro ano de mandato, Augusto Campos insistiu que era fundamental desatrelarmos o valor do piso da categoria e priorizar a elevação do seu valor. Em torno da luta pelo piso foi aprovada a greve, apesar de não haver condições de mobilização no Banespa para tanto, inclusive porque a questão do piso tinha menor impacto no banco.

A partir de então, Gushiken se dedicou a estudar profundamente a categoria. Uma pesquisa foi encomendada ao DIEESE e foi possível compreender que além da elevação e desatrelamento do piso do salário mínimo, conquistado em 1979, a questão do anuênio ganhou relevância, inclusive porque os bancos queriam acabar com ele.

Gushiken, Augusto e grande parte da diretoria do Sindicato e da militância bancária participaram ativamente da construção do PT, cuja fundação foi no segundo semestre de 1980, e da CUT, formalmente fundada em 1983.

---

<sup>1</sup> Bancário do Banespa durante 33 anos, foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, secretário geral da CUT e secretário de finanças do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT).

Em 1982, Franco Montoro venceu as eleições para o governo do Estado de São Paulo e já em 1983 foi aprovada a eleição de um diretor representante dos trabalhadores para a direção do banco. Junto com o cargo de diretor foi criado um conselho de representantes. Augusto Campos se candidata e se elege diretor representante e a organização sindical no Banespa avançou significativamente.

Em 1983, atuamos com firmeza na construção da greve geral de julho de 1983. Na véspera da greve, a polícia federal invadiu o Sindicato e prendeu diversos dirigentes enquanto ocorria uma reunião do Comando da Greve no 17º andar do Sindicato. Deputados organizaram a saída em segurança do pessoal do comando em seus carros oficiais e quem estava na reunião ficou em silêncio e conseguiu sair pela rua Líbero Badaró. Foram muitas prisões de diretores do nosso sindicato, dentre eles Augusto Campos, Luizinho Azevedo, Tita Dias, Manoel Boanerges, Reco, Marquinhos, a funcionária Fumaça, dentre outros. Gushiken conseguiu escapar e não foi preso, mas fomos todos cassados e o Sindicato sofreu intervenção.

Encerrada a intervenção no Sindicato em 1985 e estando Augusto Campos representando os trabalhadores na diretoria do Banespa, Gushiken foi escolhido para ser o candidato a presidente da chapa que concorreu e venceu as eleições no Sindicato dos Bancários. Liderou a greve de 1985, quando a atuação de Augusto Campos e dos conselheiros de representação, ao lado da organização dos funcionários do Banco do Brasil e dos demais bancos públicos, foi essencial para que a greve fosse deflagrada inclusive nas bases sindicais das diretorias imobilistas.

Em 1986, Gushiken se afasta da presidência para disputar a eleição como deputado constituinte. Eleito deputado federal, destacou-se no processo Constituinte, o que o tornou ainda mais forte e o credenciou para assumir a coordenação da campanha de Lula à presidência da República em 1989. Foi uma das mais belas campanhas que por pouco não tornou realidade a música “Lula lá”.

Na década de 1990, ampliamos nossa visão do papel dos sindicatos, incluindo em nossa estratégia a necessidade de disputar a opinião pública para além das questões específicas da categoria bancária. As negociações coletivas passaram a ser nacionais e contaram sempre com o apoio de Gushiken na Câmara Federal.

Exerci a tesouraria do Sindicato no período em que a privatização dos bancos estaduais foi intensificada. Conseguimos travar uma batalha histórica em defesa do Banespa como um bem público. Em 1998 assumi a presidência do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Em viagem pelo interior com Gushiken e Lula, este me pergunta qual era minha opinião sobre pôr o Gushi para assumir a coordenação da campanha eleitoral de 2002. Manifestei minha imediata concordância, primeiro pela sua visão estratégica e capacidade de articulação, segundo porque assumir uma tarefa dessa envergadura o ajudaria a se recuperar da cirurgia a que havia se submetido recentemente.

Gushiken nos falava que Lula seria presidente e que precisávamos estar preparados para esta nova situação. Sua visão estratégica foi essencial para que ao redor de Lula fosse possível reunir amplos setores da sociedade. Eleito e empossado Lula, Gushiken exerceu papel de destaque em seu governo.

Tanto Gushiken como eu fomos vítimas de uma perseguição implacável. Eu fui condenado e preso. Agora a justiça tem me inocentado de todos os processos que contra mim foram movidos, situação diferente não foi com Gushiken, que também foi vítima de calúnias, difamações e foi inocentado de todas as denúncias.

Tenho orgulho de ter trabalhado e travado muitas batalhas com Gushiken; e todos nós sentimos a falta que ele fez nestes últimos dez anos para as lutas da classe trabalhadora brasileira.



## O paletó do Gushiken

*Jorge Perez*<sup>1</sup>

**E**ntrei no Banco do Brasil em setembro de 1974, com 20 anos. Em março de 1975, ingressei no curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). No primeiro ano de banco, assumi a edição de um boletim da Associação dos Funcionários da agência do metrô Luz e, pela prudência que o momento político do país exigia, mantive relativa neutralidade nos textos, sem deixar de fazer uma discussão crítica, porém sem confronto aberto com a administração. Ao mesmo tempo, comecei a participar da Libelu, nos barracos vermelhos da Cidade Universitária.

Por conta do folheto que eu publicava, fui convidado, não me lembro por quem, para participar de uma reunião de bancários que se organizavam como oposição sindical. Desta reunião me lembro só do Osvaldo Laranjeira. Particpei de uma única reunião e decidi que deveria, naquele momento, focar minha militância apenas no movimento estudantil.

Na minha ansiedade pela revolução socialista, ingenuamente considerava que na universidade eu poderia me construir como militante de esquerda com mais conteúdo, já que, nos barracos, participava cotidianamente de reuniões, debates e conversas sobre a estratégia do movimento revolucionário dos trabalhadores.

---

<sup>1</sup> Presidente do Sindicato dos Bancários de Pernambuco (1994/1997); presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) de Pernambuco (1997/2002), delegado regional do Trabalho/MTE em Pernambuco (2003/2006); presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) de Pernambuco (2007/2011).

Era uma visão equivocada do ponto de vista militante, mas não posso negar que os anos de Libelu na universidade ajudaram muito na minha formação política.

Em 1977, os estudantes resolveram retomar as manifestações de rua que haviam cessado em 1968. Os assassinatos de Alexandre Vannuchi Leme e de Vladimir Herzog já criavam um clima para a retomada. Participei ativamente, como agitador de rua, daquelas manifestações no centro de São Paulo, pedindo o fim da ditadura. Nelas, eu via como uma parcela da população, em particular os comerciários, demonstravam aprovação ao movimento dos estudantes. Foi quando meu conceito de classe operária como vanguarda revolucionária, com as greves metalúrgicas, deixava de ser uma ideia abstrata para ser uma manifestação material. Assim, em 1978 decidi participar da campanha salarial dos bancários, atraído pela intervenção da Oposição Sindical. Participei das assembleias dirigidas politicamente pela oposição e foi nesse tempo que minha consciência política e meu sentimento revolucionário estudantil amadureceram.

Uma imagem, que depois se tornou simbólica, colaborou de forma decisiva para esse meu amadurecimento como militante de esquerda na busca de um ideal libertário. Essa imagem, que ganhou importância fundamental nessa fase da minha vida, veio na primeira vez que vi o companheiro Gushiken à frente da assembleia dos bancários.

Ao meu redor, boa parte dos bancários, se não a maioria, era composta por jovens como eu, de camisa esporte ou camiseta, cabelos e barbas compridas, legítimos herdeiros da geração *woodstockiana* tropicalista, típico dos estudantes que eu conhecia tão bem.

Mas foi a vestimenta do “Japa” que mexeu com meus neurônios e minhas crenças até então incipientes, nascituras. Com um discurso claramente político, aquele dirigente da assembleia de jovens bancários, surpreendentemente para mim, vestia um paletó.

Não me lembro se era o único com aquele traje, mas ele mexeu comigo e aquele paletó se fez símbolo do que eu nem sabia exatamente o que era, e que aos poucos fui desvendando.

Numa manifestação política que se assemelhava às assembleias estudantis, das quais fiz parte inúmeras vezes, um trabalhador comandava a mobilização. Um trabalhador como todos os outros que ali estavam, porém de paletó.

Naquela massa de jovens trabalhadores, em 1978, cabia um paletó? Claro que sim, eu apenas teria que processar a imagem, e foi o que fiz.

Aquela era uma manifestação aberta da luta de classes e aquele paletó era o *macacão* do bancário. E eu percebi nele uma elegância revolucionária. Pela primeira vez eu ouvia um discurso que conhecia feito por um paletó, o *macacão* do jovem bancário.

Já ocorriam à época as grandes mobilizações das greves operárias do ABC, com Lula à frente. As imagens por fotos e cenas televisivas dos metalúrgicos moldavam minha consciência política como espectador estudante.

Na assembleia dos bancários, eu era um agente político ao lado de centenas de outros, como aquele companheiro de paletó. As emoções que modelavam nossa consciência ética e estética naquele momento estavam concentradas naquele paletó. Era a imagem do dirigente trabalhador, e Gushiken dirigia a luta de classes que se expressava na campanha salarial. O paletó ganhava significado, representação e ficou guardado na parede da minha memória, impulsionou minha vontade de ser o bancário que vestia um novo *macacão*, com a simbologia de dirigente sindical e político.

Passei a querer ser bancário de fato, ser militante.

Algumas semanas depois daquela campanha salarial, a oposição montava uma chapa para concorrer às eleições do Sindicato de São Paulo. Naquele momento os dirigentes da Libelu me apresentaram a proposta de fazer parte da chapa.

Ainda organizando emoções, vontades e deveres que se impunham e que os meus neurônios e sinapses processavam, vi na mobilização e na proposta a possibilidade de também ser um dirigente sindical de paletó. De estar junto a Gushiken. Tomado de alegria quase juvenil, aceitei o desafio, mas foi por poucos dias.

Na semana seguinte fui informado de que já havia muitos componentes de bancos oficiais na chapa e não seria interessante incluir mais um, ainda mais sem militância na categoria.

Foi frustrante. Meu paletó, comprado para a nova jornada, ficaria no armário. Participei somente de atividades de colagem de cartazes de propaganda da Chapa 2.

Em fevereiro de 1979, os dirigentes da Libelu procuravam um estudante que se dispusesse a mudar para Recife, onde o movimento estudantil começava



a crescer e havia interesse em construir a corrente em Pernambuco. Eu estava sozinho, tinha desfeito meu casamento, e me dispus a ir para Recife, já que tinha a vantagem de ir com o emprego do Banco do Brasil.

Na segunda semana de trabalho em Pernambuco, abril de 1979, uma jovem colega de outra agência do banco veio falar comigo ao perceber que eu era novato. Trocando informações, falei da minha militância na USP. De imediato ela me convidou para o que seria uma primeira reunião para discutir uma oposição sindical bancária. Não titubeei. Não cometeria o “erro” anterior. Fui para a tal reunião.

A vitória da Chapa 2 em São Paulo estimulava aquela iniciativa recifense. Abandonei o projeto de construir a corrente na universidade e assumi o desafio de fazê-lo no movimento sindical. Num grupo de jovens bancários, a maioria rapazes barbudos, com bolsa a tiracolo, voltava a possibilidade do paletó, mas o clima da região não era próprio para aquela vestimenta. Em Recife somente os deputados e advogados usavam paletó, dentro de salas refrigeradas no parlamento e nos tribunais. Senti que o paletó não seria coisa tão simples, mas nunca desisti.

Conversei diretamente com Gushiken apenas uma vez durante o governo FHC, foi a primeira e única conversa que travamos e eu não estava de paletó. Eu era presidente do Sindicato dos Bancários de Pernambuco e ele ligou para trocar ideias e propostas para a luta em defesa dos fundos de pensão, em particular da Previ. Foi uma conversa breve. Não sei como ele se vestia no momento da ligação, mas foi inevitável, mesmo depois de quase 20 anos a imagem voltou com a mesma intensidade e significado daquele longo dia.

Sempre acompanhei e acompanhava à distância a trajetória de Gushiken como presidente nacional do PT, seus mandatos parlamentares e poucos anos depois como ministro do presidente Lula, as acusações injustas e seu sofrimento com a doença que o levou. E minha admiração sempre crescia.

Mais tarde, como delegado regional do Trabalho em Pernambuco durante o 1º governo Lula, eu tinha um paletó no encosto da minha cadeira, mas era uma mera formalidade do cargo burocrático que ocupava na máquina do Estado.

Não carregava a aura do macacão de dirigente político que mobilizava a luta de classes e que impulsionava todas as minhas ações de militante classista e partidário.

Em 2013 me mudei para Santa Catarina, Balneário Camboriú. Havia me apaixonado por Célia, que morava em Florianópolis e acabei morando na chamada “Dubai brasileira”, com temperaturas bem frias no inverno, inclusive com ocorrência de neve na serra catarinense.

Em uma viagem à Grã-Bretanha, eu e Célia estávamos caminhando pelas ruas de Edimburgo quando ela parou para observar um lenço numa vitrine. Entrou na loja e eu fui junto. Enquanto ela olhava outros modelos de lenço, eu fui atraído pela arara de paletós e blazers, talvez o inconsciente me levou a admirar e gostar das peças em exposição. Fiquei observando-os e encontrei um de tecido de lã escocês com pedaços de couro na altura dos cotovelos. Fiquei impactado e mesmo com um preço alto, resolvi comprá-lo.

Quando uso meu paletó sinto uma alegria contida de quem, no escurinho da memória, lembra a história do macacão do bancário do “Japa”.

Gostaria muito, agora, de poder dizer a Gushiken: “tenho um paletó mais bonito que aquele seu, mas... não chega nem perto da simbologia e elegância revolucionária do seu paletó”, talvez comprado no Mappin ou na Vila Romana.



## O mestre

*José Carlos Alonso<sup>1</sup>*

**T**ive o privilégio de ter o Gushiken como meu grande mestre, quem me ensinou o que era o movimento sindical autêntico, a importância da organização da base e a busca pela unidade na ação.

Minha experiência como militante limitava-se ao movimento estudantil, onde atuei como membro do Centro Acadêmico da Faculdade. Como empregado da Caixa Econômica Federal (CEF), via o sindicato como algo distante.

Os trabalhadores da Caixa não eram considerados bancários, nossa jornada de trabalho era de oito horas. Como a Caixa é uma empresa pública, nós éramos proibidos de nos sindicalizarmos. Nossa data-base acompanhava a dos funcionários públicos federais em 1º de janeiro. As reclamações trabalhistas eram submetidas à Justiça Federal.

Os empregados da Caixa foram contagiados com a efervescência dos movimentos sociais nos anos 1980 que contestavam a ditadura civil-militar, lutavam contra a carestia, contra o pagamento da dívida externa, em defesa da democracia e da anistia dos presos e exilados políticos. Um movimento de empregados que foram contratados como auxiliares de escritório reivindicava enquadramento como escriturário, o que propiciou uma tomada de consciência da sua condição de trabalho e que a luta era mais ampla como bancários.

---

<sup>1</sup> Bancário aposentado da Caixa, ex-diretor-presidente da Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal de São Paulo (APCEF/SP), ex-diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região, ex-diretor-presidente da FENAE e ex-diretor de Benefícios eleito da FUNCEF.

Em 1985, Gushiken despontava como liderança nacional. Tendo tomado posse como presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo em março, ele rapidamente inicia a preparação da campanha salarial de setembro.

Os bancários ainda sentiam os reflexos da greve de 1979 que, com forte repressão policial, foi derrotada. Era necessário todo um planejamento e preparação, o que permitiu revelar o grande estrategista que era Gushiken. Eu tive a oportunidade de acompanhar várias reuniões em que ele reunia sindicalistas não só de São Paulo como de outras bases sindicais para fazer análise da conjuntura política, econômica e social, as dificuldades que iriam se apresentar e qual a estratégia que seria adotada.

Para que a campanha salarial fosse vitoriosa e derrotasse os banqueiros, seria necessária uma greve forte, que devia estar apoiada em três pilares:

O primeiro pilar era estimular a adesão voluntária dos bancários por meio de informação, organização e mobilização. Cartazes afixados nas proximidades das agências divulgavam o movimento tanto para os bancários quanto para a população em geral. O uso de *bottons* da campanha pelos bancários evidenciava o crescente apoio ao movimento. A distribuição de orientações nos dias de greve contribuiu para estimular a participação da categoria. Os grevistas deveriam estabelecer um ponto de encontro próximo à agência, ter em mãos fichas telefônicas e os números dos advogados do Sindicato, que estariam de plantão para qualquer emergência. Também eram fornecidas orientações sobre como explicar aos clientes os avanços das negociações e os motivos da greve. A realização de uma passeata no centro de São Paulo no Dia dos Bancários (28 de agosto), com a participação de 30 mil bancárias e bancários, demonstrava que a adesão da categoria estava garantida.

O segundo pilar era conseguir o apoio da população. Explicar que a reivindicação era justa e que o movimento era pacífico e ordeiro. Para reforçar essa ideia se divulgou que não haveria piquetes, mas que haveria apenas Comissões de Esclarecimentos, que atuariam explicando a greve aos clientes e à população em geral.

O terceiro pilar consistia em que a campanha deveria ser nacional e unificada. Para conseguir a unidade foi preciso um longo processo de negociação com as direções dos sindicatos pelegos, cuja campanha na base foi organizada por militantes da oposição.

Lembro do Encontro Nacional dos Bancários que discutiu a composição do Comando de Greve, da Comissão de Negociação e os próximos passos da campanha (em que os sindicalistas autênticos eram maioria), uma parte dos militantes queria “passar o trator” nos pelegos. Gushiken sabia que toda a estratégia construída para conseguir uma mobilização forte em nível nacional dependia da unidade nacional e era muito mais importante do que uma demonstração de força pontual que poderia rachar o movimento.

A organização e mobilização estabelecidas durante a campanha salarial de setembro de 1985 foram tão poderosas que não apenas resultaram em uma vitória, mas também transformaram completamente o cenário das negociações salariais dos bancários. A partir dessa greve, diversas outras ocorreram, ampliando as conquistas de direitos para a categoria.

Toda estratégia dessa campanha salarial dos bancários foi referência também para a construção do movimento nacional da Caixa. Gushiken conseguia se desdobrar e dirigir o maior sindicato de bancários do país, organizar a campanha salarial e ainda acompanhar e apoiar o movimento específico da Caixa, como se já fôssemos bancários.

Nossa luta era para sermos reconhecidos como bancários, o direito à sindicalização junto ao Sindicato dos Bancários, e o direito à jornada de trabalho igual à dos bancários, com o mote “6 horas Já!”. Apesar da unidade do movimento em torno da sindicalização, havia um movimento do corpo gerencial que defendia a criação de um sindicato próprio, o “Sindicato dos Economiários”. Em São Paulo, uma grande parcela dos empregados da Caixa preencheu fichas de filiação ao Sindicato dos Bancários de São Paulo, antes mesmo de conquistarmos esse direito, numa demonstração contundente da opção de sermos bancários.

No dia 30 de outubro de 1985, a Caixa parou por 24 horas em todo o país. Conseguimos o reconhecimento de sermos bancários e fomos os primeiros trabalhadores de uma empresa pública a conquistar o direito à sindicalização. Os trabalhadores de empresas públicas, autarquias e o funcionalismo público tiveram o direito à sindicalização garantido com a promulgação da Constituição de 1988.

Quando o Gushiken foi candidato a deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), fazer campanha para ele era muito fácil. Muitos empregados

pensavam que ele era da Caixa, em função do seu profundo conhecimento da instituição. Os empregados não queriam apenas votar nele, mas também queriam participar da sua eleição, buscando material para ajudar a distribuir entre seus conhecidos.

Apesar de ter se desligado formalmente do movimento sindical, ele continuou participando e sendo uma referência importante para as lutas que se seguiram, como a regulamentação do Sistema Financeiro Nacional, as discussões sobre Previdência pública e privada, atuando junto com o Lula e demais deputados progressistas na defesa das pautas dos trabalhadores na Assembleia Nacional Constituinte.

Gushiken nos deixou um legado de lutas, de formação de quadros, muitas conquistas e muitas saudades.

Foi uma grande honra ter podido compartilhar um pouco da vida do Gushiken.

## Sobre coragem e paixão

*José Dirceu<sup>1</sup>*

**N**ão sei porque, sempre que busco na minha memória a imagem de Luiz Gushiken, me vem a figura de um jovem agitador, com barba *a la* Ho Chi Minh, megafone nas mãos, enfrentando a repressão nas ruas.

Recém-chegado da clandestinidade, em dezembro de 1979, graças à Lei da Anistia, queria muito conhecer quem eram os sindicalistas que haviam, no meu entender, mudado a história do Brasil. Primeiro encontrei Lula e os metalúrgicos do ABC, Jacó Bittar e outros líderes petroleiros, entre vários outros, ao lado dos quais assinei a ata de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em março de 1980.

Só fui encontrar pessoalmente Gushiken em 1986, quando ele presidia o Sindicato dos Bancários de São Paulo, já era um líder sindical de destaque e um quadro do PT, que também ajudara a fundar. Qual não foi minha surpresa ao conhecê-lo. Fiquei fascinado com sua personalidade, que combinava contrastes. Era irrequieto e ao mesmo tempo zen; agitado, mas muito organizado. Sabia harmonizar as atividades práticas da luta com uma vida intelectual intensa, de bastante estudo. Tinha uma imagem forte, poderosa, de alguém que não apenas comandava, mas iluminava.

Vivemos juntos, quem diria, longos e belos 30 anos, dos quais trago no coração sempre as boas e alegres lembranças. A vida me foi sempre generosa,

---

<sup>1</sup> Foi líder estudantil nos anos 1960, combatente à ditadura civil-militar, fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), deputado estadual e federal eleito pelo Estado de São Paulo e ministro-chefe da Casa Civil durante o primeiro governo Lula.



e a convivência com militantes políticos como ele foi, para mim, um aprendizado. Ver e ouvir Gushiken, Marco Aurélio Garcia, Apolônio de Carvalho, Wladimir Pomar, David Capistrano, Emir Sader e tantas outras e outros, era como frequentar outra vez a universidade, tal a riqueza e profundidade das reflexões e discussões.

Nosso Japonês era um híbrido, trotskista de carteirinha, ex-Libelu, administrador e estudioso, prático e sonhador. Ainda me lembro dele e do Eduardo Jorge defendendo uma nova governança mundial e o fim das Forças Armadas. Gushiken era um pacifista e, por essas ironias da vida, depois foi nosso ministro de Assuntos Estratégicos. Assim como Vladimir Palmeira, meu irmão e companheiro de sempre, deixou o mandato de deputado, coisa rara nos tempos que vivemos.

Quando Lula assumiu seu primeiro mandato como presidente da República e nomeou Gushiken para a SECOM, fiquei surpreso. Não que ele não merecesse ou tivesse capacidade para o cargo, mas o via como ministro do Planejamento ou da Previdência, já que fora praticamente o fundador da nossa política do PT para os fundos de pensão. Era também um nome para a Casa Civil. Ele reunia qualidades raras hoje em dia, produto do mundo que nossa geração viveu, estudioso, uma geração que fazia tudo com paixão, mas se preocupava em se preparar intelectualmente.

Sua ascendência okinawa lhe deu sabedoria e paciência. Conhecedor de nossos limites, sempre me alertava contra “meus demônios” para que eu não me deixasse seduzir pelo meu lado conspirativo. Ele costumava dizer: “lá vem o Zé conspirando contra sua própria sombra”. Quando Lula me nomeou também ministro das Relações Institucionais acumulando com a Casa Civil, ele se enfureceu e me acusou de querer mais poder. Uma acusação injusta, porque a decisão foi exclusivamente do presidente.

Em 2001, Lula me chamou e me disse: “Vá a Indaiatuba e traga Gushiken, não podemos começar sem ele”. E lá fui eu conversar com ele e Beth para convencê-lo a voltar à militância e à direção da campanha, apesar do câncer que já o atingira. Ele veio e vencemos. Elegemos Lula presidente.

No final de sua vida, já consciente da morte que se aproximava rápido, me chamou ao hospital onde estava internado. Tivemos uma longa e apaixonada conversa de dois revolucionários que sabiam que era o último encontro. Qual

não foi minha emoção ao ouvir Gushiken, como se ainda tivesse 20 anos de idade, avaliar o momento em que vivíamos e me deixar lições e mensagens para evitar o pior com relação ao governo Dilma e sobre como pensar o futuro do PT, sempre o partido, nosso ponto de confluência, sua importância para nosso projeto de vida, o Brasil e a humanidade.

Escrevo essas linhas no ano em que se completam dez anos de sua morte, com profunda tristeza e saudade de Gushiken, mas grato por ter vivido ao seu lado. Espero ter aprendido a lição de viver a vida com coragem e paixão.



## Conhecendo o Gushiken

*José Carlos Fernandes Costa<sup>1</sup>*

**E**u me lembro do Gushiken, o Gushi, dirigindo as assembleias do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Eu e minha mulher éramos bancários, trabalhávamos no antigo Banespa, onde ele também trabalhava. Ele era licenciado para trabalhar no Sindicato.

Confesso que não gostava muito dele na época, pois o achava muito radical. Portanto, muito antes de ser eleito deputado federal, o conheci. Na época, morávamos em São Paulo.

Nos mudamos depois para Indaiatuba, onde estou até hoje. Mal sabia que aqui iria gostar e ter mais contato com o Gushi e sua família...

Eu mudei de emprego, mas minha mulher permaneceu no mesmo e acabou se beneficiando de uma lei proposta pelo Gushi – 25 anos de serviço para as mulheres poderem se aposentar.

Somos petistas de primeira hora. Assinamos a ata da reunião de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) em São Paulo no escritório do Luiz Eduardo Greenhalgh na rua Humaitá junto com o Gushi, Aloizio Mercadante, Eduardo Suplicy e outros.

Comecei a gostar do Gushi quando ele fez uma visita oficial a Indaiatuba. Esteve aqui para dar seu apoio ao candidato a prefeito da época, eu era coordenador da campanha. A família dele morava aqui há pouco tempo, e o candidato a prefeito havia estudado no colegial com sua esposa, daí o convite.

---

<sup>1</sup> Um dos fundadores do PT, foi bancário do Banco do Estado de São Paulo e do Banco do Brasil.

Chovia muito naquela noite de sábado. O encarregado do caminhão do Sindicato dos Metalúrgicos teve que desligá-lo sob risco de eletrocutar todos que estavam em cima ou dentro dele.

O Gushi fez o discurso no gogó. Ele estava em seu primeiro mandato de deputado federal. Alguns meses depois, já em sua casa, em Indaiatuba, nos ensinou a fazer arroz japonês, sem óleo e sem sal, na panela elétrica. Conversamos só sobre o mundo holístico. Nada de política. Nas conversas deu para perceber o quanto idolatrava e respeitava seu pai. Tinha orgulho de seu pai. O consultava quando o tempo permitia, sobre qualquer assunto. Quando virou ministro de Lula, os mesmos homens que o odiavam e o xingavam, deram a ele o título de “cidadão indaiatubano”. Pura hipocrisia!

Esse era o homem Gushi que conheci, aprendi a amar e respeitar.

## Uma ausência sentida

*José Eduardo Martins Cardozo<sup>1</sup>*

**C**om a sua fundação em 1980, o Partido dos Trabalhadores (PT) se apresentava como uma alternativa política importante para todos os que desejavam combater a ditadura militar e construir uma sociedade justa e fraterna. Sindicalistas, intelectuais, militantes políticos de esquerda, religiosos, lideranças da sociedade civil e estudantes, associaram-se em torno dessa proposta partidária, compartilhando experiências de vida diversas e visões políticas diferentes, com o objetivo conjunto de construírem um sonho.

Desde o meu primeiro ano na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a luta contra a ditadura me empurrou para uma militância no movimento estudantil. No momento em que o PT nascia para a política brasileira, eu exercia o cargo de presidente do Centro Acadêmico “22 de agosto”, órgão representativo dos estudantes da minha faculdade. Não tive nenhuma dúvida em pedir a minha imediata filiação naquele partido recém-fundado e atuar para buscar convencer pessoas a fazerem o mesmo. Aquele partido representava para mim o melhor caminho político-institucional para organizar a luta dos trabalhadores pela democratização e para combater a miséria, a exploração e a opressão no nosso país.

Quatro décadas depois, e olhando para tudo o que ocorreu no país e na minha vida desde então, não posso deixar de reconhecer que minhas posições

---

<sup>1</sup> Ex-presidente do Centro Acadêmico “22 de agosto”, foi secretário de governo de São Paulo, vereador por São Paulo e deputado federal pelo Estado de São Paulo. Ocupou o cargo de ministro da Justiça e advogado-geral da União. Advogado da presidenta Dilma Rousseff no processo do *impeachment*.

políticas mudaram muito. No momento de fundação do PT eu me identificava com visões alinhadas ao trotskismo. A vida mudou as minhas antigas convicções. Muitos dirão que foi uma evolução, enquanto outros dirão que foi uma involução fruto de uma insuperável contradição pequeno burguesa. Isso, porém, para mim hoje não importa. A história demonstrará – mesmo que seja após a minha morte – quando estive certo ou errado ao longo da minha vida.

Posso dizer com orgulho, porém, que o fato de ter mudado de convicções não me fez mudar de lado nos perigosos caminhos da história. A defesa da ditadura do proletariado foi para mim substituída pela defesa de uma democracia radical igualitária e fraterna. A transformação social por vias violentas foi substituída pela luta pacífica dos trabalhadores por mudanças sociais radicais, agudas e profundas, realizadas a partir de lutas democráticas cotidianas e por meio de um processo de conscientização social crítico e – porque não dizer – revolucionário. A prática democrática e republicana deixou de ser para mim somente um *meio* para se converter simultaneamente em um *meio* e um *fim*.

Essa mudança de pensamentos ao longo da minha vida – e que talvez ainda não tenha parado – não me fez mudar de partido e nem ignorar as minhas principais referências pessoais orientadoras.

No que diz respeito a minha militância partidária, reconheço com muito orgulho que toda a minha atuação política se deu a partir do Partido dos Trabalhadores, a despeito de não poucas vezes ter sido convidado para migrar para outras agremiações partidárias. No PT vivi fortes embates, participando de grandes vitórias e sofrendo grandes derrotas. Nele vivi experiências maravilhosas e felizes, bem como situações decepcionantes e tristes, em que me senti agraciado ou preterido. Nele aprendi a ver a vida como ela é, livre de maniqueísmos dogmáticos e de intolerâncias autoritárias. Sob a sua bandeira, tive a oportunidade de exercer diferentes funções no Parlamento e na Administração Pública. Ainda jovem fui secretário de governo do município de São Paulo durante a gestão da primeira prefeita da cidade em que nasci e sempre vivi, Luiza Erundina de Souza, tendo como companheiros de secretariado nomes da envergadura de Paulo Freire, Dalmo de Abreu Dallari, Marilena Chaui, Paul Singer e Mario Sérgio Cortella, dentre muitos outros. Depois exerci dois mandatos de vereador, tendo sido presidente da Câmara Municipal de São Paulo por duas gestões consecutivas. Durante o primeiro e o segundo governo do

presidente Luiz Inácio Lula da Silva, fui deputado federal, tendo ainda exercido a função de secretário-geral nacional do Partido dos Trabalhadores durante as presidências de Ricardo Berzoini e José Eduardo Dutra. Sob a presidência de Dilma Rousseff – a primeira mulher a exercer a presidência da República do Brasil – ocupei o cargo de ministro de Estado da Justiça e, depois, no período final do seu segundo mandato, o de advogado-geral da União. Tive ainda a honra e o privilégio de servir como advogado da presidenta Dilma Rousseff durante o *impeachment* que abreviou o fim do seu segundo mandato, tendo a oportunidade de afirmar de viva voz perante a Câmara dos Deputados e o Senado Federal que aquele processo não passava de ser um golpe de Estado.

Nesses meus anos de vida, acumulei uma larga vivência política. E nela fui premiado com importantes referências orientadoras de companheiros que me fizeram guardar lembranças preciosas dos que, não mais convivendo conosco no mundo dos vivos, jamais desaparecerão da minha memória ou deixarão de ter de mim um profundo e sincero agradecimento. Um desses companheiros é Luiz Gushiken.

Seria mentiroso da minha parte afirmar que convivía diária e cotidianamente com ele, embora o tivesse não apenas como companheiro, mas também como amigo. Seria igualmente mentiroso deixar de reconhecer que ele teve uma presença marcante na minha vida política. Como eu, ele também teve um passado de militante trotskista, embora a sua militância sindical tenha dado a ele um importante protagonismo político nas greves de 1980 e durante o período em que presidiu o Sindicato dos Bancários de São Paulo. Embora tenha sido fundador do Partido dos Trabalhadores, eu apenas o conheci pessoalmente mais tarde, durante o período em que exerceu a sua presidência. Desde então, por razões das mais diversas e curiosas, direta ou indiretamente, ele sempre exerceu uma forte influência pessoal e política sobre mim.

Quando exerci o cargo de secretário de governo do município de São Paulo mantive frequentes contatos com Gushiken, particularmente nos momentos de crise. E não foram poucas as crises que enfrentamos naquele governo. Luiza Erundina havia sido eleita não pela maioria dos votos da cidade (não existia naquela época ainda o segundo turno eleitoral) e sofria diretamente os mais pesados preconceitos decorrentes do fato de ser mulher e nordestina. Não bastasse isso, era a primeira vez que o modo petista de governar era testado



em uma megalópole, atingida profundamente pela situação financeira herdada da gestão anterior e, ainda, por graves problemas administrativos e sociais. Nossos sonhos e nossas experiências eram incomensuravelmente maiores que a nossa vivência político-institucional e administrativa. Sem possuímos a maioria parlamentar na Câmara Municipal, acreditávamos que as nossas boas intenções seriam prontamente sustentadas pelos movimentos sociais e que sempre contaríamos com a pressão social para defender as nossas bandeiras de governo. Nosso messianismo ingênuo nos fazia menosprezar a ação desestabilizadora das elites e dos corruptos que não aceitavam a afirmação de posturas republicanas na gestão da maior cidade do país e o cerco asfixiante da grande mídia.

Vivemos muitos problemas internos e externos, em que o choque entre um pragmatismo exacerbado e uma utopia difícil de ser implementada produziram graves tensões e conflitos permanentes. Nesses momentos – que não foram poucos – fui socorrido ou procurei socorro na opinião firme e serena de Luiz Gushiken. Sua liderança, sempre fiel à estrutura e aos princípios partidários, era vista por mim como um porto seguro diante de mares políticos revoltos. Ele sempre teve comigo uma afetuosidade e uma postura companheira inesquecíveis.

Idênticas situações se reproduziram durante os meus mandatos de vereador e de deputado federal. Volta e meia as palavras de Gushiken foram por mim recebidas como um guia de orientação salvadora e fraterna. Durante o período das investigações sobre o denominado “mensalão”, em que fui designado como sub-relator da CPMI dos Correios, era com o então ministro-chefe da Secretaria de Comunicação da Presidência da República que frequentemente procurava respostas, orientações e aconselhamentos amigos para as minhas inquietações e dúvidas sobre como agir naquele momento. Ele nunca se furtou a cumprir o seu papel de companheiro e de amigo, ouvindo e dando a sua opinião sincera.

Infelizmente, por estar lutando contra a doença que o levou à morte em 2013, desde que assumi o Ministério da Justiça acabei conversando com ele muito pouco. Praticamente vivendo recolhido na sua chácara em Indaiatuba, não foi possível que pudssemos manter encontros pessoais. Seu aconselhamento e a sua amizade me fizeram uma imensa falta naquele período.

Por isso, ao ultrapassar a barreira dos 60 anos de idade e olhar para a vida que se foi e aquela que ainda virá, vejo que algo ficou marcado na minha mente e no meu coração: a minha profunda admiração e respeito pelo meu grande conselheiro, o companheiro Luiz Gushiken. Sei que a sua falta ao ficar doente e aos nos deixar, não foi sentida apenas por mim, mas por muitas pessoas. Indiscutivelmente ele deixou um grande vazio nas nossas existências e no nosso percurso militante pela transformação. Sua tolerância, seu afeto companheiro, sua compreensão elevada da vida aprimorada ao longo do tempo e pela evolução plural do seu pensamento, foram para mim e para todos os petistas um símbolo histórico. Um símbolo de grandiosidade humana, de respeito pela divergência e pelo direito que temos de evoluir nas nossas ideias e com as nossas visões políticas, sem abandonarmos a defesa dos explorados e oprimidos.

Querido amigo Gushiken, você nos fez falta, nos faz falta e nos fará sempre uma imensa falta. Sempre será uma ausência sentida.



## Um militante especial

*José Genoino<sup>1</sup>*

**L**uiz Gushiken era um militante diferenciado. Diferenciado porque ele sabia se ligar ao futuro, ele ligava o presente com o futuro. Deixou um texto de uma atualidade incomum. Nada ficava indiferente à convivência com ele, seja como sindicalista, como deputado, como presidente do PT, como militante da campanha do Lula, do governo do Lula em 2003, ele tinha essa facilidade de tratar a política. O Gushiken era um iluminista no sentido de perceber o futuro. Ele não ficava preso à questão do momento. Ele dava à política uma dimensão de futuro.

Eu nunca esqueço que, em 2003, quando discutíamos as reformas, os dilemas do governo Lula, ele nos chamava a atenção para o potencial que o Lula tinha de ser uma liderança mundial.

Metidos em reforma da previdência, metidos em reforma do judiciário, metidos em reforma da aliança ampla, o Gushiken falava que tínhamos que prever o Lula como uma grande liderança mundial, o que acabou se concretizando. Eu me lembro disso, ele dizia isso em 2003, falava sobre o peso do Lula, e isso está se concretizando agora. Nesse sentido, ele sempre situou o Brasil dentro do mundo, porque ele trabalhava com a época histórica, ele trabalhava com valores que representavam uma espécie de emancipação, emancipação do ser humano.

Nesse sentido, o Gushiken era um visionário, porque ao apresentar uma visão libertadora, que às vezes tinha traços da religiosidade dele, aquilo era, em

---

<sup>1</sup> Ex-presidente do PT, ex-deputado federal, ex-constituente e militante político.

realidade, uma visão da política, no sentido da emancipação. A política que passava dos limites do economicismo, das alianças do presente etc.

Em sua última análise, que nos chega dez anos depois dos fatos de 2013, além de refletir a época dramática que vivíamos, Gushiken nos chama a atenção para o futuro. E ele, quando coloca essas ideias, no meio de uma crise pós-desilusão do mensalão, que estava ainda em desenlace, ainda estava em processo, ele estava prevendo (e ele acertou!) o que aconteceria com o país e com o futuro do Partido dos Trabalhadores (PT). Por quê? Porque na visão dele, o futuro do PT sempre esteve associado com o futuro do país e o futuro do país associado com o futuro do PT.

Na verdade, o país viveu a experiência de sacrificar a história do PT e sacrificou o país. Ele também foi sacrificado, e, no seu depoimento na CPI do mensalão, teve uma postura digna e combativa.

O PT é produto de condições históricas e ele aprende com o povo e ensina ao povo. É uma relação dialética que ele interpretava, que ele compreendia muito bem e por isso o Gushiken era um militante especial.

O que veio com a criminalização do PT e a prisão do Lula? O inominável. O que representou o inominável nesses quatro anos? Tragédia, tragédia e tragédia. E nós, do PT, tiramos o país da barbárie quando evitamos que a tragédia se transformasse em absoluta barbárie com a eleição do Lula em 2022.

Imagine esse texto sendo redigido após a Lava Jato, após a prisão do Lula, após a eleição de 2018? Imagine esse texto sendo redigido com a preparação da pré-campanha do Lula e a vitória em 2022?

Naquele momento, ele chama a atenção, e é muito atual isso, para o PT dialogar com as novas gerações. Porque a geração da fundação do PT estava sendo confrontada. Tinha que ter um novo discurso. E é interessante que ele chama a atenção para a centralidade da reforma política, que foi uma tentativa da Dilma de convocar uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva para a reforma política. E a política atravessava uma crise, porque quando a extrema direita hegemoniza as manifestações de 2013, o objetivo dela foi criminalizar a política. Ao criminalizar a política, criou as condições na época para a intolerância, o maniqueísmo, para correntes protofascistas. Ele tem razão em dizer que não era fascista: mas era protofascista. Nesse sentido, era impressionante a visão dele em relação ao que viria depois de setembro de 2013 no auge das

manifestações, e ele estava olhando para o futuro. E esse futuro que ele delineou aconteceu com a tragédia do golpe após a eleição da Dilma. Quer dizer, a própria eleição da Dilma colocou dilemas que ele estava prevendo nessa carta, nessa declaração. O golpe começou ali, a preparação do golpe, mesmo Dilma sinalizando para o ajuste fiscal, a direita queria dar o golpe, porque a direita não suportava o PT.

Eu ligo muito essa frase dele com o que o Antonio Candido falou para mim uma vez. Ele disse “Olha, vocês fizeram a revolução porque botaram o povo no orçamento.” Foi a primeira vez que eu ouvi isso. “Mas vocês esqueceram de ganhar os corações e as mentes para o projeto que vocês representavam.” E ele dizia: “E vocês tiveram ilusão na classe dominante, mas ela é racista, patriarcal, escravocrata e colonialista.”

Particpei de muitas reuniões com ele quando ele era presidente do PT, quando era ministro da SECOM, e muitas vezes ele fazia observações contundentes ao Lula, como líder máximo, de como o Lula precisava encarar a política com aquilo que ele achava que era o mais correto, era o mais eficiente para o projeto político representado pelo PT.

O PT hoje faz um governo mais amplo do que o que foi o primeiro e o segundo governo do Lula e o terceiro governo do PT, com a Dilma. No momento em que o país atravessa uma crise maior do que a de 2003, e essa crise não é só do Brasil, é da humanidade, com o agravamento do modelo neoliberal, que é mundial, acho que é responsabilidade do PT de compreender isso, nunca a compreensão foi tão fundamental para a militância política. E essa é uma lição do Gushiken.

O Gushiken sempre queria compreender as coisas e ele ficava atormentado quando não compreendia. Ele queria compreender. Hoje temos que compreender isso para saber para onde vamos. Por essa visão do Gushiken, o PT está, de certa forma, em uma encruzilhada. Ou nós fazemos a transformação e a reconstrução, ou então nós seremos engolidos por essa crise violenta que quer nos domesticar.

O companheiro Gushiken era um agregador, ele não expelia, ele não afastava: ele agregava, ele atraía. Jamais vi o Gushiken como um sectário, como dono da verdade. Ele dava suas opiniões francamente, mas não como dono da verdade. Ele tinha lado, mas não dizia que era único. Ele tinha posição, mas

não dizia que era única. E ele tinha essa característica de pensar grande: a política para ele era pensar grande. E esse pensar grande era colocar tudo dentro de uma conexão de futuro. Quer dizer, ele nunca estava preso ao imediato. Quando convivíamos no parlamento, na Constituinte, nas reuniões do PT, a opinião dele sempre tentava sublimar. Sublimar no sentido de pensar mais longe, pensar mais amplo do que o que estava posto numa mera resolução. Mas ele fazia isso não apenas com as ideias, a vida dele era assim.

A maneira de ele viver, a maneira de ele trabalhar tinha essa relação coerente entre o que ele pregava e o que ele vivia. Por isso que a convivência com ele era agradável, era agregadora, era amorosa, era cheia de afeto, porque ele afetava, ele afetava e era afetado.

Obrigado, Gushiken!

A sua memória é transformadora e revolucionária.

## Velhos tempos de lutas e vitórias

*José Jorge de Moraes<sup>1</sup>*

**D**écadas de 1970 e 1980. Banco do Brasil e UNESP Araraquara. Caso e vou para o interior do Ceará, sem telefone na cidade. Recebo os jornais e parece que a revolução começou. Vila Euclides, um líder surge: Lula. Volto correndo e a vida nunca mais foi a mesma.

Movimento contra a carestia. Bancos públicos lideram a categoria nos movimentos sindicais. Surgem Dutra, Augusto, Gushiken. Formam novas lideranças na capital (Luizinho, Berzoini, Gilmar, entre tantos outros) e também no interior.

Conheço Gushiken na frente nacional de negociação. Passeata dos dez mil em Campinas. O “Japonês” sempre coordenando, apoiando e estimulando. Da luta sindical para a partidária. Fundação do PT, de casa em casa, filiando para legalizar o partido.

Gushiken, presente! Lidera a Libelu para se dissolver e se integrar ao partido. Forte atuação em Ribeirão Preto junto com Clara Ant. Saio candidato a vereador. Dobradinha Luizinho para estadual e Gushiken para federal.

A vida nos separa por anos.

Ele se torna fundamental para o governo e para Lula (que falta faz...).

Como pequeno empresário, me torno representante classista dos franqueados do Correios. Gushiken, ministro.

---

<sup>1</sup> Bem casado desde 1978 com a professora aposentada Ekumi Kanayama de Moraes. Concurso do Banco do Brasil, entrou em 1972 e saiu no primeiro PDV. Fundador do PT em Araraquara; em Ribeirão Preto foi fundador e dirigente da CUT Interior II. Adquiriu uma franquia dos Correios e tornou-se dirigente classista, tendo sido presidente da ABRAPOST/SP e fundador e presidente nacional da APOST-BR.



Chego em Brasília e resolvo ligar para o ministério, já contando em não ser recebido. Afinal, sem agendamento e com um ministro intensamente envolvido com as complexas questões da governabilidade (mais uma vez: que falta faz meu amigo!), poucas eram as chances. Para minha surpresa, sua secretária me liga 40 minutos depois, perguntando se poderia ir ao final do dia. Assim, sem mais compromissos na agenda, poderíamos conversar mais tranquilamente. E assim foi.

Cheguei, me recebeu, afrouxou gravata e cinto, tirou os sapatos, colocou os pés em cima da mesa e disparou: – “Agora sim. Fala aí, Zé! Vamos lembrar os velhos tempos.”

Assim era o lutador e humano Gushiken. Ainda fez questão de marcar um jantar em seu apartamento com a Beth onde pudemos continuar as recordações no calor da amizade e de um vinho.

Alguns anos depois tivemos nosso último encontro em sua casa em Indaiatuba.

Jamais esquecerei de um homem que nunca se deixou levar pela vaidade e pelo poder.

Obrigado para sempre, Gushiken!

## O dia em que Gushiken deu um baile no delegado da PF

José Luiz Frare<sup>1</sup>

**D**ono do Itaú, Olavo Egydio Setúbal (pai de Roberto Setúbal, atual presidente do Conselho de Administração do banco) era naquele momento ministro das Relações Exteriores do governo José Sarney. Filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o partido da ditadura militar, Setúbal havia sido prefeito biônico de São Paulo de 1975 a 1979, nomeado pelo governador Paulo Egydio Martins.

Ele tenta chegar ao governo de São Paulo em 1978, também de forma biônica, mas perde a convenção da ARENA para outro ambicioso ex-prefeito nomeado da capital em rápida ascensão política por dentro da ditadura militar: Paulo Salim Maluf. Setúbal abandona então a ARENA e entra depois no Partido Popular (PP), fundado por Tancredo Neves, o banqueiro Magalhães Pinto, Sarney e outros próceres políticos da ditadura.

Agora em eleição direta, Setúbal tenta novamente chegar ao governo de São Paulo na disputa de novembro de 1986. É nesse momento que entram em cena os cartazes apreendidos no Sindicato dos Bancários.

Fazia três meses que os bancários haviam deflagrado a greve histórica de setembro de 1985, que por três dias parou totalmente o sistema financeiro de norte a sul do país. Eleito presidente do Sindicato apenas cinco meses antes, retomando a entidade da ditadura após a intervenção decretada em julho de

---

<sup>1</sup> Conhecido como Coelho, jornalista, trabalhou na *Folha de S.Paulo*, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Revista *Nova Escola*, Confederação Nacional do Bancários, Sindicato dos Bancários de Brasília, Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil (CASSI) e CONTRAF-CUT. Trabalha hoje para a FETEC Centro-Norte e para o Associados Previ.

1983, Luiz Gushiken emerge da greve como a principal liderança nacional da categoria. Após a vitória dos bancários, no entanto, com o passar dos meses alguns bancos começam a descumprir o acordo coletivo assinado para pôr fim à greve, passam a demitir trabalhadores e a intensificar a carga de trabalho e a exploração. Entre eles o Itaú.

O Sindicato começa a bater pesado nos bancos. Além da *Folha Bancária* diária, que não deixou de circular mesmo durante os quase dois anos que durou a intervenção da ditadura, o Sindicato editava jornais por banco. O *ItaUnido*, dirigido aos bancários do banco de Setúbal, intensifica as denúncias e o combate a esses ataques aos trabalhadores.

A campanha contra o Itaú se amplia com inúmeras outras ações. Teve até uma manifestação de bancários, com faixas e carro de som, em frente à residência de Olavo Setúbal numa daquelas ruas tranquilas do Jardim Europa, bairro nobre de São Paulo. E o lançamento de novos cartazes, pregados em postes e muros por toda a cidade. Um deles dizia: “Itaú, não é banco de sangue, mas suga seus funcionários”.

A resposta do Itaú é abrir uma usina de ações na Justiça contra dirigentes do Sindicato e contra funcionários, principalmente da imprensa. A primeira delas, instaurada pessoalmente por Olavo Setúbal, é por “injúria e difamação”, referente aos cartazes apreendidos. A queixa-crime é contra os diretores sindicais do Itaú, André Accorsi e Antônio José Bertacco, o coordenador da imprensa do Sindicato, Julinho de Grammont, e este jornalista que vos escreve, então editor dos jornais de banco, além do gerente da gráfica onde o Sindicato imprimia o material.

Cresce a suspeita de que havia espíões frequentando as instalações do Sindicato. Afinal, como a polícia descobrira os pacotes de cartazes escondidos no Sindicursu antes de começarem a ser distribuídos? Outro detalhe reforça a suspeita: na queixa-crime de Setúbal, sou identificado como “José Luiz Frare, conhecido pelo apelido de ‘Coelho’, casado, jornalista”.

Após o lançamento do Plano Cruzado pelo governo Sarney, na véspera do Carnaval de 1986, começam a correr boatos no mercado de que o Itaú estaria enfrentando problemas para cumprir seus compromissos financeiros. E daí para a suspeita de que o banco corria o risco de quebrar era só um pulinho na imaginação.

É nesse cenário que Gushiken e eu somos intimados pela Polícia Federal (PF) a prestar depoimento. A sede da PF em São Paulo naquela época ficava na rua Antônio de Godói, entre o largo do Paissandu e o viaduto Santa Ifigênia, perto do Sindicato. Importante lembrar que a PF integrou o aparato de repressão da ditadura militar e a imagem dela nessa época era péssima.

No dia marcado, acompanhados de um advogado do Sindicato, subimos 12 andares para chegar à sala do delegado que nos interrogaria. Sentado atrás de uma mesa à nossa frente, ele começa com uma lengalenga, pergunta o que o Sindicato fazia, quem representava, como eram as negociações com os banqueiros etc. e tal.

No meio do interrogatório, Gushiken tira do bolso da blusa um cortador de unhas e começa a usar. Bem calmamente, começa pelo dedo mínimo.

– Tec, tec, tec...

O delegado fica nitidamente puto com a insolência, mas disfarça a irritação e continua com a peroração.

– Tec, tec, tec...

De repente, um pedaço de unha cortado salta sobre a mesa do delegado e cai em cima de umas pastas empilhadas. O delegado para, olha, enrubesce, mas não reage. Pega alguns exemplares do *ItaUnido* em cima da sua mesa, dá uma folheada como que procurando algo. E Gushi continua:

– Tec, tec, tec...

Já a ponto de explodir, o delegado questiona:

– Por que o Sindicato está com tanta bronca do Itaú e tá nessa campanha agressiva contra o banco?

Gushiken responde:

– Porque o Itaú descumpriu o acordo coletivo que assinou com o Sindicato, está fazendo demissões sem necessidade, o que prejudica o atendimento aos clientes e a toda a população e aumenta a carga de trabalho dos bancários, desrespeita a jornada de trabalho e viola os direitos da categoria.

E volta ao tec, tec, tec...

O delegado da PF entra então na questão central:

– Os senhores, como trabalhadores do setor, devem saber dos boatos sobre a quebra do Itaú. O Sindicato tem alguma responsabilidade nesses boatos? E esses ataques nos jornais e cartazes de vocês não estariam ajudando a alimentar esses boatos?

Gushi responde na lata:

– Delegado, o Sindicato representa os bancários do Itaú e luta para que seus direitos sejam respeitados, que eles tenham melhores salários e melhores condições de trabalho. Se o Itaú quebrar, quase 90 mil trabalhadores que os sindicatos representam perderiam os empregos. Seria uma tragédia para os bancários e para o Sindicato. Como o senhor pode ver, essa suspeita não faz o menor sentido.

Desconcertado com a resposta, o delegado para, pensa um pouco e emenda:

– E os senhores por acaso têm alguma ideia de onde surgem esses boatos?

Gushi fecha o cortador de unhas, coloca calmamente de volta no bolso da blusa, olha para o delegado e dispara:

– O senhor já fez essa pergunta pro Bradesco, delegado?

E o delegado encerra o interrogatório.

Uma pitadinha de ironia como epílogo: Setúbal acaba não disputando a eleição de 1986 porque seu partido, o PP, decide apoiar o candidato Paulo Maluf, agora no PDS. Quem sai vitorioso é Gushiken, eleito deputado federal pelo PT, que vai ajudar a escrever a Constituição Federal de 1988.

## O representante shogun

*Juber Kanashiro<sup>1</sup>*

**A** São Paulo das décadas de 1950, 1960, recebeu forte imigração do pessoal do interior, dos imigrantes japoneses que emigraram para o Brasil. Os filhos tinham que estudar e o interior não tinha faculdade. Meus parentes eram de Presidente Prudente, mas meus pais sempre moraram na capital. Viramos uma referência para todos os que vinham para São Paulo.

Em 1969, eu trabalhava na Bolsa de Valores no centro de São Paulo. Um primo meu chamado Jaime, que passava uma temporada na nossa casa, me chamou para conhecer um amigo que tinha chegado do interior. Eu sugeri que o encontro fosse na escadaria da Catedral da Sé, lugar que eles conheciam. Foi assim que fui apresentado ao Luiz Gushiken.

Luizinho era de Oswaldo Cruz, mas tinha morado em Prudente, então era conhecido da família. Depois desse encontro, sem brincadeira, toda sexta-feira ele saía do Banespa lá do Brás, pegava o bonde até a Sé, da Sé ia para a Aclimação, na minha casa, e só voltava segunda-feira para o banco. Foi uma época romântica. Eu e ele ficamos muito amigos, dois boêmios: boliche, futebol, música, ele gostava muito de música e de violão. Em casa, a gente ficava até as quatro, cinco horas da manhã batendo papo, conversando. Nossas famílias eram de Okinawa, que antigamente não era terra de ninguém. Não era do Japão, não era da China, isso também nos aproximou.

---

<sup>1</sup> Metalúrgico aposentado, atualmente luta pelo direito de ser anistiado. Faz parte da Associação dos Metalúrgicos Anistiados e Anistiandos do ABC (AMA-A).

Eu morava com meus pais e meus irmãos. Por sermos okinawanos, somos mais reservados. Política não era bem o nosso assunto preferido, mas era do meu irmão, o Keiji, meu irmão mais velho. Ele era muito politizado, e fazia reuniões políticas na minha casa. Meus pais ficavam apavorados, por causa disso, a gente começou a ser vigiado pelo DEOPS. Foi o Keiji que aproximou o Luizinho do sindicato lá em São Bernardo, e junto com eles estavam o Lula, o Djalma, e outros nomes.

Quando ele me contou que tinha sido convidado para ser diretor do Sindicato dos Bancários, eu falei “Pô, Luiz, não acho legal agora não, o negócio tá meio bravo!”. Em 1973, eu trabalhava na Volkswagen e havia comentários e narrativas de prisões e torturas dentro da fábrica. Foram anos de chumbo, a ditadura estava massacrando os trabalhadores, eu era um ativista dentro da fábrica, tanto que fui perseguido e, posteriormente demitido.

Em 1983, me mudei para Bagdá, no Iraque, e perdemos o contato. Voltei em 1987, e ele veio no meu casamento, a Beth estava grávida de um de seus filhos, ele já era deputado federal.

Muitos outros anos se passaram e nos encontramos novamente. Eu estava numa praia remota no litoral de São Paulo, quando vejo uma moça me olhando, sentada em uma cadeira e acompanhada de seus filhos. Era a Beth. Foi quando o reencontrei, grandes alegrias e emoções. Nos encontramos muitas outras vezes naquela mesma praia. Teve um fim de semana, quando estava acontecendo uma reunião de um vizinho de condomínio, uma grande festa foi organizada, uma festa cheia de convidados importantes. Acontece que o Luizinho, que era convidado da festa, resolveu ir para a minha casa junto com os meus irmãos Keiji e Katsuji junto com o Lula, e ficaram tocando violão. Começaram a chegar outras pessoas e, de repente, uma multidão transferiu a festa para minha casa.

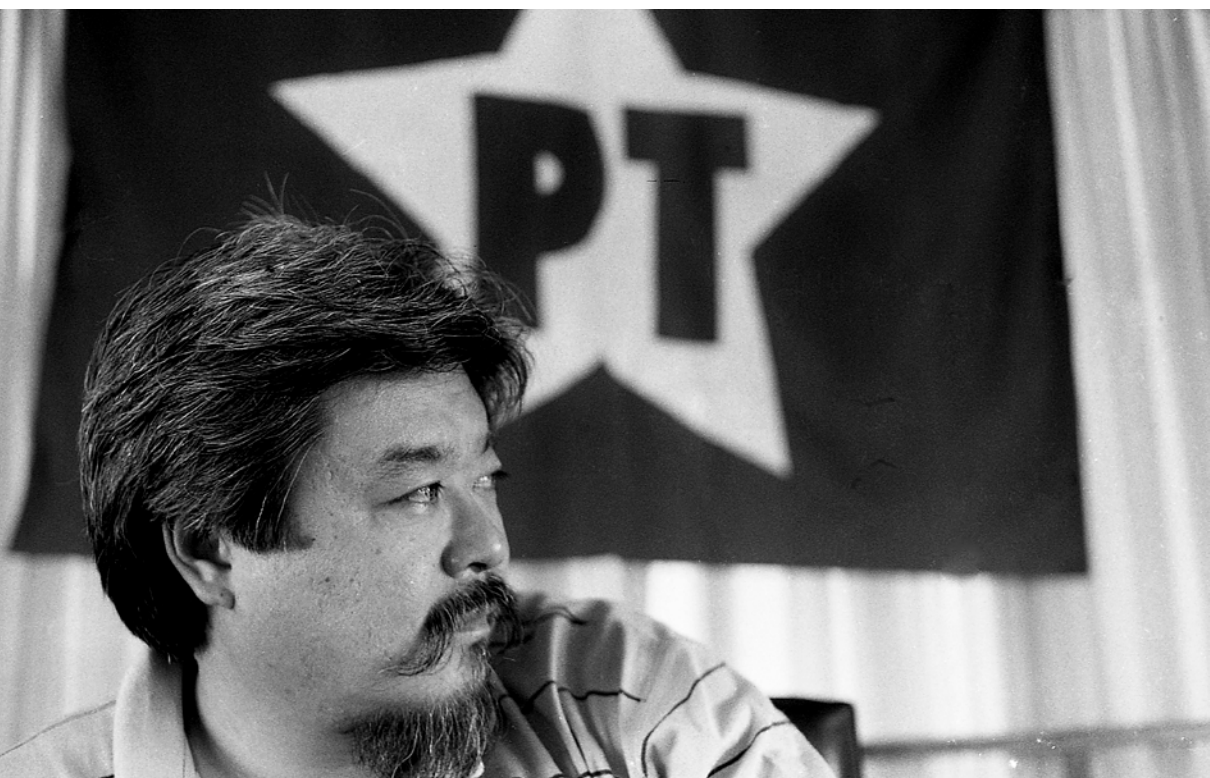
Uma coisa que sempre me marcou foi a visão de mundo que ele tinha. Um exemplo disso foi sua ideia de fazer comércio com a China. Ele dizia: “se eu vendesse um botão para cada chinês, cada chinês usa aquelas camisas com dez botões, imagina?” Ele já tinha esse raciocínio, de ver o mundo maior do que as outras pessoas viam. Uma visão de mundo numa época que não tinha Internet, não tinha meios de comunicação como temos hoje, e ele via o mundo. Ele dizia coisas como “a gente não tem que pagar por água e luz”. Eu era garoto e ria, dizia que ele era louco.

Ele tinha uma liderança natural entre as pessoas, era muito próximo do presidente Lula, e eu brincava com ele: “É, você é o Golbery do Lula, né?”. A gente gostava muito de história e ele entendia a brincadeira e a comparação. Para mim, o Gushiken foi o grande articulador de tudo isso aí, da vitória do presidente Lula desde o princípio.

Luizinho representou a cultura shogun, de samurais. Me sinto muito honrado de ter tido a oportunidade de conviver com ele, a Beth e toda a sua querida família, de ter sido seu amigo de juventude e de assistir de perto sua trajetória de sucesso no começo, quando ele despontou como uma grande liderança política, e que ficará eternamente em nossa história.

Um grande amigo que faz falta e jamais será esquecido por nós.





## O camarada Newton

Julio Turra<sup>1</sup>

**C**orria o ano de 1977. Os estudantes rompiam os muros da USP e de outras universidades e ocupavam as ruas do centro de São Paulo em grandes passeatas contra a ditadura. Foi o ano também da invasão da PUC-SP pela tropa de choque do coronel Erasmo Dias.

Na Fundação Getúlio Vargas (FGV), um jovem estudante “sansei” vindo do interior do estado, que, como outros tantos à época, de dia era bancário e à noite estudante, via com simpatia as mobilizações e aproximou-se da tendência estudantil Liberdade e Luta, ao mesmo tempo que começa a interessar-se pela oposição sindical bancária.

Foi nessa época que conheci Luiz Gushiken, apresentado a mim como um promissor futuro militante para a Organização Socialista Internacionalista (OSI) pelo camarada Zé Carlos, “nome de guerra” do baiano Oswaldo Laranjeira, que tinha sido meu colega de movimento estudantil na USP, mas já estava na Tendência Sindical Classista (TESICLA) dos bancários.

No final de 1977 ou início de 1978 – a memória falha, ainda mais que a clandestinidade pedia não guardar datas e nomes – coube a mim, camarada Lauro, discutir o ingresso do “Japonês” na OSI. Terminado o GER – grupo de estudos revolucionários, passagem para o ingresso de novos militantes na

---

<sup>1</sup> Tem 70 anos de idade, foi fundador e dirigente da CUT, membro de sua Executiva Nacional entre 1997 e 2019, atualmente assessor político da Central. Na juventude foi um dos criadores da tendência estudantil Liberdade e Luta na USP. Membro da atual corrente *O Trabalho* do PT, seção brasileira da 4ª Internacional.

organização – perguntei que nome de guerra ele queria adotar. “Newton, camarada Lauro”, foi a sua resposta.

O camarada Newton militou na OSI, organização trotskista clandestina à época, que vai dar origem à atual Corrente *O Trabalho* do PT, seção brasileira da 4ª Internacional, por cerca de dois anos, até o final de 1979. Nesse período, ajudou a recrutar vários militantes bancários para a organização, como o Washington Lima, ou a recomendou, mesmo após ter saído da OSI, como fez com o Tirso Marçal. Ele fez parte de uma geração de jovens lideranças bancárias, ao lado da Tita Dias, Aci Diniz Rangel, Luizinho Azevedo, Gilmar Carneiro, Édson Campos e tantos outros, que jogaram um papel histórico nas greves e mobilizações dos bancários e da classe trabalhadora nos anos 1980.

A breve passagem do camarada Newton pela OSI não impediu que ele continuasse trabalhando ombro a ombro conosco por todo um período, em particular na batalha que foi, desde a realização da CONCLAT da Praia Grande de 1981, a da fundação da CUT, que neste ano completa 40 anos de vida.

Uma batalha constante do “bloco combativo” ou do “novo sindicalismo”, que se ligava ao núcleo original da formação do PT, contra o bloco da “unidade sindical”, composto pelos stalinistas do PCB, PCdoB e MR-8 e os “pelegos” da estrutura sindical oficial, que eram hostis ao PT “que dividia a oposição” (estavam todos eles no MDB) e também contrários à fundação da CUT como central sindical em ruptura com o Ministério do Trabalho e defensora da Liberdade e Autonomia Sindical.

Nas inúmeras vezes que, entre 1981 e 1983, os “combativos” tiveram que negociar nos bastidores com o bloco “pelego-stalinista”, como o Lula dizia não ter paciência com “essa turma”, quem enfrentava as velhas raposas do “partidão” eram os jovens sindicalistas, de professores e bancários, dentre eles o Gushi e eu. O que ajudou a selar uma relação de confiança entre nós, que perdurou ao longo do tempo.

Em maio de 1985 ocorreu o Encontro nacional sindical do PT e lá estávamos novamente juntos na comissão que iria elaborar a ‘Linha Sindical’ do partido. Ao lado de companheiros como Paulo Okamoto e Arlindo China-glia, trabalhamos para entregar no 2º Encontro de Sindicalistas, em Diadema, maio de 1986, o documento programático que foi finalmente adotado no 4º

Encontro Nacional do PT, realizado no Hotel Danúbio em São Paulo entre 30 de maio e 1º de julho de 1986.

Fortemente crítica à estrutura sindical corporativa criada pelo Estado varguista, a ‘Linha Sindical’ do PT consagrou os princípios com os quais fora constituída a CUT em 1983 e que balizaram a intervenção do “novo sindicalismo”. Um documento que segue de interesse, nos tempos bicudos que vivemos, em particular no sindicalismo, e que pode ser encontrado no livro de *Resoluções de Encontros e Congressos, 1979-1998*, publicado pela Fundação Perseu Abramo.

Depois que o Gushi saiu do Sindicato dos Bancários para tornar-se deputado federal e, mais adiante, assumir a presidência do partido e tarefas nos governos do PT, deixamos de ter um relacionamento constante, mas sempre mantendo um diálogo respeitoso, aliás, como era do feito do “Japonês”.

Curiosamente, todas as vezes que eu encontrava com o Gushiken, seja nas atividades partidárias, seja na Câmara dos Deputados ou no Palácio do Planalto, ele sempre me chamava de Lauro. Até mesmo nos seus últimos dias, no Hospital Sírio-Libanês, quando fui visitá-lo, ao entrar no quarto e me postar diante do seu leito, ouvi o sussurro “Lauro, que bom que está aqui”. Talvez, penso eu, essa mania de me chamar de Lauro fosse uma espécie de lembrança positiva dos seus primeiros anos de jovem militante.

O texto ditado por Gushiken em 5 de setembro de 2013 à Selma Rocha, Tita Dias e Tirso Marçal, sob o impacto das “jornadas de junho” daquele ano que ocuparam as ruas de capitais em todo o país e, manipuladas que foram pela direita, enfraqueceram o primeiro governo Dilma, revela duas preocupações centrais que ele tinha: a defesa do PT, de sua fase heroica e seu legado histórico, num momento em que o partido era vilipendiado e atacado de todas as formas pela mídia e pelas forças políticas a serviço da classe dominante; e o questionamento às instituições políticas apodrecidas do país, com a defesa de uma profunda reforma política, pois “o povo não confia no Congresso”, “precisa mudar”, dando a “pista” de que “as ideias e bandeiras da reforma política precisam ser encampadas por milhares de pessoas nas ruas”.

Luíz Gushiken não teve o tempo de vida que lhe permitisse acompanhar, em 2014, a campanha por uma Constituinte para fazer a reforma política, que levou essa discussão a todos os cantos do país, desaguando num plebiscito

popular que recolheu mais de 8 milhões de votos, cujos resultados foram entregues à presidenta Dilma Rousseff na reta final da sua campanha pela reeleição.

Tampouco pôde testemunhar os atos dos “coxinhas” que prepararam o terreno, ao lado da Lava Jato, para o golpe que foi o *impeachment* de Dilma em 2016, seguido pela prisão de Lula e pelo bolsonarismo triunfante em 2018, como expressão de uma extrema direita obscurantista e vendida ao imperialismo.

Mas a roda da história deu uma nova oportunidade para o PT, com a volta de Lula à presidência da República em 2023, recolocando velhos desafios – como os aventados por Gushiken da defesa do legado do PT e da necessidade de profunda reforma política – e levanta novos desafios diante de um mundo marcado pela crise estrutural do sistema capitalista em sua etapa imperialista e as consequências de uma guerra no coração da Europa que ameaça o conjunto da humanidade.

Ninguém tem todas as respostas prontas para uma situação tão complexa e dramática, mas, sem dúvida, serão os “milhões nas ruas”, vale dizer a luta de classes, que poderão apontar uma saída para a situação no Brasil e no mundo.

Camarada Newton, presente!

## Gratidão e companheirismo

*Lúcia Mathias<sup>1</sup>*

**Q**uando entrei para a diretoria do Sindicato dos Bancários de São Paulo, em 1988, Gushiken já era deputado federal. Meu convívio com ele era quase inexistente, como militante de base eu o via nas assembleias da categoria.

Fui convidada pela Célia Cantu e Paulo Dantas para fazer parte da diretoria do Sindicato, Gushiken era o presidente. Na época, havia as convenções por banco e por regional, onde os militantes disputavam, através do voto, quem iria compor a diretoria. Participei da convenção do Banespa, estavam em disputa quatro vagas, fui a 5ª mais votada.

Foi aí que Gushiken se tornou o responsável pelo meu ingresso no Sindicato. Ele me chamou para uma reunião e disse que o desenlace da chapa seria na convenção final da categoria, que reunia os militantes de todos os bancos e regionais. Disse que eu e um outro companheiro do banco Itaú não podíamos ficar de fora da chapa e que ele faria nossa defesa na convenção decisória.

Apesar de insegura com aquela situação, aceitei e Gushiken conseguiu a formação que ele queria. Acabei virando diretora do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Nos anos seguintes passei a ter mais contato com Gushiken. A partir de 1994, com a intervenção federal no Banespa, nosso convívio se estreitou ainda

---

<sup>1</sup> Bacharel em Matemática, ingressou no Banespa em 1978, em São Bernardo do Campo. Entre 1988 e 2002, ocupou os cargos de diretora executiva da Secretaria de Estudos Socioeconômicos e diretora executiva da Secretaria Geral do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Entre 1989 e 1992, foi diretora executiva da Secretaria Geral da Federação dos Trabalhadores em Empresas de Crédito de São Paulo (FETEC).

mais. Eu passava alguns dias em Brasília, em seu gabinete, e ele me levava para conversar com deputados e senadores, visando ampliar a luta contra a privatização do banco. Gushiken me levou também para um almoço com o governador Mário Covas, no Palácio dos Bandeirantes. Foi a primeira vez que entrei no Palácio, pois, até então, ficava nas manifestações do lado de fora.

Algo que sempre me chamou a atenção sobre Luiz Gushiken foi sua relação com Augusto Campos, que pude testemunhar em alguns momentos, um relacionamento marcado por muito respeito e amizade. Era impressionante observar como um ouvia atentamente o outro, demonstrando um genuíno interesse pelas ideias e perspectivas do parceiro. Em suas conversas e debates, ambos se mostravam abertos ao diálogo e dispostos a considerar diferentes pontos de vista. Essa dinâmica de troca e compreensão mútua enriquecia suas interações, fortalecendo a parceria e contribuindo para a construção de soluções mais sólidas e abrangentes.

Eles demonstravam a importância de ouvir e considerar opiniões alheias, mesmo quando havia divergência. Uma convivência inspiradora de como o diálogo construtivo pode gerar resultados positivos. O comprometimento com a busca por soluções e o respeito mútuo fortaleciam esse vínculo, permitindo que as conversas evoluíssem de forma construtiva, rumo a uma compreensão mais profunda com decisões mais informadas. Era evidente que essa relação colaborativa era uma fonte de aprendizado e crescimento para ambos, contribuindo para o desenvolvimento de suas ideias e para a efetividade de ações conjuntas.

No cenário político e nas discussões sobre temas relevantes, esse processo servia como um exemplo de como é possível estabelecer conexões positivas e produtivas, mesmo diante de diferentes opiniões. Eles mostravam que é possível encontrar pontos em comum e construir soluções quando há respeito mútuo e um compromisso genuíno com o bem comum, uma inspiração para todos aqueles que testemunhavam a troca de ideias entre eles, evidenciando que, por meio do diálogo e da busca por entendimento, é possível avançar na construção de um mundo mais harmonioso e justo.

Os anos de convivência com Gushiken me ensinaram muito e sou grata por ter tido a oportunidade de conviver com ele. Sua dedicação em defender os interesses dos bancários e sua influência política foram inspiradoras para

mim e para muitos outros. Gushiken era um líder visionário e comprometido com a causa sindical. Sua capacidade de articulação e sua habilidade em estabelecer parcerias foram fundamentais para fortalecer nossa luta contra a privatização do Banespa.

Gushiken sempre valorizou a importância da participação das mulheres no movimento sindical. Ele incentivava e apoiava as mulheres a ocuparem posições de destaque e a terem voz ativa nas decisões. Foi com seu apoio que muitas mulheres como eu puderam ter uma oportunidade.

Luiz Gushiken foi um verdadeiro samurai na política, demonstrando coragem, lealdade e honra em sua trajetória.





## De olho no futuro e nos detalhes

*Luiz Azevedo<sup>1</sup>*

**D**esde que conheci Luiz Gushiken, em 1976, até nosso último encontro, uma semana antes dele nos deixar, acompanhei de perto a passagem de nosso samurai pelo planeta Terra.

Gushi, como o chamamos, era aficionado por avaliar o passado e prospectar o futuro para que a oposição sindical – depois as direções do sindicato, da CUT e do PT – pudessem melhor se posicionar, fazer as alianças necessárias e decidir quais adversários iria enfrentar, com quais iria dialogar e de quais procuraria se desviar.

Alguns rápidos episódios confirmam esta afirmação. Em 1978, quando estávamos nos organizando para disputar as eleições no Sindicato dos Bancários de São Paulo, fomos os dois para a colônia de férias da Federação dos Bancários de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, onde ficamos uma semana estruturando a campanha que teríamos de fazer para ganhar as eleições. Revés do destino, fui preso com toda nossa produção quando voltamos para São Paulo e tivemos que repensar tudo.

Em 1981, ao término de nosso primeiro mandato no sindicato, ele se envolveu na realização de diversos seminários de avaliação. No ano seguinte, liderou a redação do documento ‘Linha Sindical’, que delineava os principais desafios do sindicalismo naquela década, apontava as estratégias e detalhava passo a passo o trabalho de organização de base.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia, foi secretário executivo da Presidência da República do Brasil, secretário de governo na Prefeitura de Itajaí, deputado estadual por São Paulo e dirigente da CUT e do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Em 1985, quando recuperamos o sindicato das mãos dos interventores, Gushi concentrou-se em compreender as dificuldades que teriam de ser superadas para fazermos uma campanha salarial vitoriosa. Apontou três fatores que considerava estratégicos para construir a campanha. Dizia que era necessário superar o desconhecimento dos intelectuais em relação ao trabalho prático e a ignorância dos dirigentes em relação aos problemas teóricos.

Defendia a adoção do planejamento estratégico como instrumento essencial na luta política. Dizia que, em primeiro lugar, era preciso que a reivindicação refletisse de fato as necessidades e vontades das bases. Segundo ele, era necessário que os trabalhadores percebessem que a proposta de greve vinha como último recurso, que somente seria desencadeada após o esgotamento de todos os instrumentos de pressão. Que uma ampla unidade era essencial para a vitória!

Seguindo essas diretrizes básicas, conseguimos organizar uma campanha unitária em âmbito nacional e realizar a vitoriosa e maior greve da categoria, em 1985.

Por fim, já no governo Lula, quando assumiu a Secretaria de Comunicação de governo e Gestão Estratégica (SECOM), presidiu o Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, que se dedicou a construir o Projeto ‘Brasil em 3 tempos (2007, 2015 e 2022)’, reunindo intelectuais e lideranças expressivas para prospectar o futuro e apontar os principais desafios estratégicos no longo prazo que poderiam “levar à construção de um pacto entre a sociedade e o Estado brasileiros acerca de valores, caminhos e soluções para a conquista desses objetivos estratégicos; e criar condições para a institucionalização da gestão estratégica dos objetivos nacionais de longo prazo”.<sup>2</sup>

Semanas antes de nos deixar, ele se dedicava ao estudo da crise do império romano, convicto que ali encontraria pistas que nos ajudariam a pôr um fim ao império norte americano e a construir um mundo multipolar, onde florescesse democracia, liberdade, igualdade e paz.

Sua incessante busca em construir a visão de futuro que deveria nos orientar não o deixava esquecer dos detalhes. Pelo contrário, desde o primeiro mandato no sindicato dedicou-se com afinco a compreender cada detalhe e buscar formas de aprimorar nossa atuação.

---

<sup>2</sup> Cadernos NAE n. 1 (jul. 2004, p. 5). Brasília: Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Secretaria de Comunicação de governo e Gestão Estratégica, 2004.

Após a greve de 1979 e a fracassada tentativa de reproduzir nos bancários a experiência grevista ‘braços cruzados, máquinas paradas’ usada pelos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Gushiken passou a insistir que os dirigentes do sindicato, a maioria jovens, usassem terno e gravata se quisessem dialogar com os bancários que exerciam cargos de chefia. Para qualificar o trabalho de distribuição da *Folha Bancária* nas bases sindicais, reunia-se com os e as dirigentes no início da semana para discutir os temas e as informações que deveriam ser priorizados nos diálogos com os bancários.

As reuniões da diretoria nunca começavam no horário e horas eram perdidas em discussões intermináveis com poucas decisões. Dedicou-se ao estudo do assunto e concluiu que era necessário adotar um método de discussão que construísse o consenso e propiciasse reuniões mais resolutivas. Escreveu um texto duro voltado para a direção do sindicato, afirmando que seria uma irresponsabilidade manter aquela forma de se reunir e tratar os problemas da categoria. A partir de então, começou a defender um método chamado de consenso progressivo, que consistia em trabalhar intensamente na superação das diferenças pelo diálogo e progressivamente ir construindo um consenso em torno da decisão a ser tomada. Para obter maior foco e evitar distrações e divagações passou a adotar o formato em ‘U’ no *layout* das reuniões.

As reflexões em torno do consenso progressivo o levaram a pensar mais profundamente sobre a disputa de hegemonia gramsciana e a importância das religiões. Dedicou-se muito a essas temáticas e ao estudo das questões mundiais em face das características cada vez mais globais que adquiriam os problemas nacionais. Nesta caminhada, terminou por conhecer e se aprofundar nos escritos do persa Bahá’u’lláh. A mim, falava muito de dois dos pilares principais de seu pensamento: a unidade da religião, afirmando que todas as maiores religiões têm a mesma fonte espiritual; e a unidade da humanidade, enfatizando que todos os seres humanos foram criados igualmente e que a diversidade racial e cultural deveria ser apreciada e aceita.

Foi refletindo sempre nessa direção que resgatou a frase de Câmara Cascudo (1898-1986) – “O melhor do Brasil é o brasileiro” – em campanha articulada com a Associação Brasileira de Anunciantes (ABA), visando melhorar os níveis de autoestima do brasileiro e superar o ‘complexo de vira-lata’.

A campanha indicava um problema que seria largamente explorado pelo bolsonarismo anos depois. A elite branca sempre teve uma postura submissa em relação aos europeus e norte-americanos e absolutamente discriminatória em relação aos negros, aos pobres e aos nordestinos. Ao bater continência para a bandeira norte-americana e explicitar sua postura machista e racista, Bolsonaro sabia que apoio buscava conquistar.

A percepção predominante era de que o melhor do Brasil era sua seleção pentacampeã. Na copa de 1970, as cores verde e amarela eram realçadas na marchinha que dizia ‘todos juntos vamos, pra frente, Brasil, salve a seleção’. O refrão foi usado por alguns para realçar apreço pela ditadura militar.

Apesar da vergonhosa derrota brasileira para a Alemanha na copa de 2014, o bolsonarismo escolheu o uniforme da seleção brasileira e as cores da bandeira como marcas de sua campanha. Sabiam que da insistente postura submissa de nossa burguesia, multiplicada pelos meios de comunicação – o que ainda guardava identidade com algo positivo no Brasil, era a seleção pentacampeã. Vejam como estas questões já eram consideradas por Gushiken quando pensou em adotar a campanha “O melhor do Brasil, é o brasileiro”.

Antes de nos deixar, Gushiken me chamou para ir a sua casa. Bebemos vinho, assistimos Chaplin e discutimos filosofia, religião e estratégia política. Informou-me que estava cansado de tanto sofrimento e que se internaria na semana seguinte, logo que se internou, fui visitá-lo. Caminhando pelo corredor do hospital, me pediu para dizer a Lula que ele deveria buscar e ocupar posições relevantes na ONU, pois suas habilidades seriam necessárias para a construção da paz e da unidade da humanidade.

Fazemos nossa própria história em condições adversas que não escolhemos. Com Lula não foi diferente: retornou à Presidência da República depois de uma perseguição implacável e uma prisão injustificável e desumana. Em pouco tempo já demonstrou que exercerá papel decisivo em questões mundiais. Certamente, deve sentir muito a falta de seu sempre conselheiro Luiz Gushiken, companheiro fiel, dedicado, que dizia sem hesitar o que precisava ser dito, sem perder a ternura jamais.

Gushiken, presente!

## Singular e plural

Luiz Dulci<sup>1</sup>

O que mais me impressionava em Gushiken era a sua extraordinária inteligência. Ele foi uma das pessoas mais inteligentes que conheci. Sinto-me à vontade para dizer isso porque eu nem sempre concordava com suas análises e propostas. Mesmo quando pensávamos diferente, no entanto, sempre achei que ele elevava a *qualidade* da discussão, enriquecia o debate coletivo, desafiava o movimento sindical, o partido ou o governo a ir além das verdades estabelecidas e, principalmente, a dar respostas novas a problemas novos. A sua não era uma inteligência de tipo acadêmico, ainda que ele valorizasse muito os professores e pesquisadores que tanto contribuíram para a redemocratização do país e para a criação e consolidação do PT. Era uma inteligência eminentemente prática – no sentido da práxis grega, implicando um compromisso fundamental com o destino da comunidade – e possuía, além disso, uma notável capacidade de identificar as verdadeiras dinâmicas do poder, inclusive em seus aspectos mais disfarçados, menos visíveis.

Gushiken conhecia e respeitava, naturalmente, as teorias e doutrinas da esquerda, mas não achava que bastasse aplicar modelos interpretativos canônicos às realidades mutáveis e surpreendentes da política. Ele de fato pensava com a própria cabeça, coisa menos comum do que parece. E, se não estou enganado, nunca achou que a questão do poder na sociedade democrática se resumisse

---

<sup>1</sup> Um dos fundadores do PT, membro de sua primeira Executiva Nacional, foi sindicalista, deputado federal (1983-1987), secretário de governo e de cultura de Belo Horizonte e ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República (2003-2010). É vice-presidente nacional do PT.

à defesa de interesses materiais, por mais importantes que eles sejam. Não era um “economicista”. Estava convencido de que devíamos conhecer melhor a *mentalidade* dos diferentes setores sociais, suas ideias e valores, angústias e esperanças, dúvidas e até preconceitos. E levar tudo isso em conta ao definirmos nossa estratégia geral e cada política pública. Lembro-me de ouvi-lo dizer, com sua ênfase característica, que os governos progressistas, transformadores, precisam ter *argumentos* para dialogar com a sociedade, e não apenas *slogans* e palavras de ordem. E que os nossos argumentos devem considerar o que se passa na cabeça das pessoas, inclusive, e sobretudo, de quem pensa diferente de nós. Ou seja, que não basta repisar a nossa verdade; é necessário também entender que, para milhões de pessoas, a verdade pode ser outra. Nunca o vi mencionar expressamente o conceito de hegemonia, mas a discussão que ele propunha, salvo engano, era a de como conquistar – e manter – o apoio das maiorias sociais, melhorando a vida da população e, ao mesmo tempo, dialogando com ela de modo criativo e eficiente.

Dou apenas um exemplo, que pode parecer muito específico, mas não é, dessa singular inteligência e lucidez de Gushiken. Uma das melhores campanhas de comunicação dos nossos governos, na minha opinião, foi aquela que teve como mote “Sou brasileiro e não desisto nunca”, que Gushiken propôs e ajudou a conceber.

Campanha que dava protagonismo não só ao governo, mas também à sociedade. Que chamava a sociedade a agir como sujeito do desenvolvimento e da luta pela justiça social, deixando de ser apenas objeto das políticas públicas ou mera plateia da ação governamental. Que, além de falar com os setores organizados, dialogava com o conjunto da população, buscando fazer com que cada brasileira ou brasileiro se sentisse parte importante de um esforço nacional liderado pelo governo, mas não restrito a ele. O governo não dizia: eu, eu, eu. Dizia: eu e vocês. E o que é melhor: mesclando na medida justa razão e emoção!

## Daqui do fim da rua

Marcelo Antunes Martins<sup>1</sup>

Imagine uma sala ampla com uma mesa comprida, além de outros ambientes de estar.

Aos poucos vão chegando e se acomodando os participantes e uma polifonia de conversas cruzadas preenche a sala. O silêncio é restabelecido subitamente com a chegada do líder, que tomando o assento da cabeceira cumprimenta cordialmente os presentes com uma mensagem curta e objetiva.

Sem aquecimento inicia a reunião com questionamentos individuais. Uma pergunta se colocava usando apenas o nome do questionado, que por sua vez responde com uma única palavra.

Gushiken.: Maria?

Maria: Azul.

Gushiken: Mário?

Mário: Sábado.

Os assessores do então ministro Luiz Gushiken traziam para a reunião matinal as respostas ou informações de suas demandas sintetizadas numa única palavra. Em poucos minutos, após algumas considerações também pontuais, Gushiken encerrava a reunião. Ele atualizado e seus colaboradores orientados e pré-ocupados.

---

<sup>1</sup> Maestro, pesquisador da música clássica brasileira, fundador da Orquestra da Câmara de Indaiatuba onde foi seu regente titular entre 1993 e 2001. Em 1998 viajou em turnê com a Orquestra e o Madrigal Cantátimo de Indaiatuba por cinco estados brasileiros. Apresentando o CD *Ladainhas, Lamentos e Ladeiras*, apoiado pela Fundação Banco do Brasil. Gravou ainda os CD's *Os Mestres Mulatos e Os Mestres Brasileiros*.



Imagine uma sala ampla com uma mesa comprida, além de outros ambientes de estar, ambiente onde estamos prestes a assistir a uma reunião matinal da Secretaria de Comunicação do governo, porém, antes que aconteça, retire dos participantes todos os recursos de comunicação que dispomos hoje. Nos celulares, deixe apenas um telefone com chamadas caras e agenda eletrônica; das redes sociais, fica apenas o Orkut e a “velocidade” das trocas de e-mails, em época de alguma segurança e privacidade. Até o tempo parecia andar mais lento.

Assisti a uma dessas reuniões, numa visita ao querido amigo, que costumava dizer que o computador nos trazia o máximo de recursos com o mínimo de resultados, graças às deficiências naturais das novidades. Ao abusar um pouco da imaginação do leitor, estava sugerindo muito mais uma reflexão do que uma inevitável viagem no tempo.

Deixo um retrato de Luiz Gushiken melhor que os merecidos adjetivos, o gesto e o movimento de um homem que contemplava o fim da rua, enquanto nós estávamos preocupados com os buracos da calçada. Um homem com olhar e lucidez únicas para as coisas do mundo que estamos vivendo agora. A globalização das culturas e suas paixões, muito longe de como desejava, mas muito próximo do que somos agora.

Tomo a liberdade de falar em nome dos participantes dessas experiências e dos privilegiados. Pela convivência e aprendizado, muito obrigado.

## A simplicidade de um sábio

*Marcel Juviniانو Barros<sup>2</sup>*

**N**os idos dos anos 1980 e 1990 do século passado ainda não tínhamos os instrumentos de comunicação de hoje para receber informações e debater assuntos de comum interesse. Com isso, era fundamental ter pessoas de confiança e com disposição e disponibilidade para repassar informações e promover debates para disseminar conhecimento e formação de uma consciência de classe e política. Nas capitais onde tínhamos as assembleias legislativas e os grandes sindicatos esse processo era recorrente, já pra quem vivia no interior, os contatos e informações fluíam de maneira diferente, pois dependiam que aqueles que estavam no centro do poder se dispusessem a deslocamentos e viagens que, por vezes, podiam ser bem cansativas.

Era aí que entrava o Gushiken e sua incrível capacidade de se comunicar, conhecimento, disponibilidade e o jeito de fazer amizades com o pessoal do interior. Até hoje tem pessoas que acreditam que o Gushi era funcionário do Banco do Brasil pela facilidade com que ele debatia os temas ligados à empresa.

Era impressionante notar como as pessoas ficavam atentas quando ele falava, aquele olhar de satisfação por ter a oportunidade de estar ali ouvindo aquela exposição, e de como aquilo fazia parte do seu dia a dia. Da mesma forma, saber que um deputado tinha vindo até nós para trocar experiências e nos

---

<sup>2</sup> Presidente da ANAPAR, aposentado do BB. Foi presidente do Sindicato dos Bancários de Bragança Paulista, coordenador da Comissão de Empresa dos Funcionários do BB, secretário geral da CONTRAF e diretor de Seguridade da Previ.

trazer informações e conhecimento, fazia com que nos sentíssemos importantes e valorizados, talvez esses os detalhes mais significativos dessas iniciativas.

A sensação é que as pessoas viam no Gushiken alguém generoso a ponto de trocar seu conhecimento conosco de uma forma simples, pois chegava nos locais e conversava com todos de forma igual, sorria, ouvia e depois falava com simplicidade sobre os assuntos que diziam respeito a todos com muita sabedoria, pois os temas tinham uma profundidade que não tínhamos alcançado se não fosse a forma como tinham sido apresentados por ele.

Nas diversas vezes que estivemos juntos, nas campanhas que tive a oportunidade de participar e defender seu nome como candidato a deputado federal ou nas visitas que fazia às cidades da região para prestar contas do mandato e nos ajudar em nossas campanhas locais, pude aprender muito. Meus filhos até hoje se vangloriam de terem cedido a cama para o “Japonês” dormir nas vezes em que pernoitou em casa. Depois de passar o dia todo em reuniões pelas cidades, ele ainda tinha disposição para jantarmos, conversarmos e bebermos um pouco.

Vou relatar duas passagens que mostram um pouco de como aconteciam essas visitas e da participação do amigo e companheiro Luiz Gushiken.

Em 1992 o Diretório do PT de Bragança Paulista decidiu lançar uma chapa pura para as eleições municipais. Depois de muitas conversas, plenárias e quietais, ficou definido que este que vos escreve seria o candidato a prefeito, tendo a Rosana Ávila como candidata a vice.

Era uma disputa desleal: a família Chedid tinha um poder financeiro enorme e dominava politicamente toda a região. Bragança Paulista era a principal cidade onde o grupo operava.

Desde a convenção que aprovou a chapa recebemos total apoio do Gushiken e da equipe. Particpei de diversas reuniões no escritório do Gushiken, na região do Vale do Anhangabaú, esquina com a São Bento. Foi lá que conheci muitos companheiros e aprendi muito sobre como conduzir uma eleição, pedir votos, fortalecer a unidade do diretório, produzir materiais etc.

Para elaborar os folhetos da campanha, tirar fotos dos candidatos, pensar as propostas, sempre estava lá o Gushiken com algum detalhe ou comentário que melhorava o resultado final, por exemplo, colocar os candidatos em pé sobre as famosas listas telefônicas para que aqueles de menor estatura saíssem nas fotos no mesmo nível que os demais.

Decidimos fazer um evento de “lançamento da candidatura”, algo um tanto inédito em Bragança, e lá estava o deputado federal Luiz Gushiken, acompanhado do seu fiel escudeiro, o deputado estadual Luizinho Azevedo, para nos apoiar.

Não tenho dúvidas que o apoio, incentivo e a força da energia positiva que ele emanava foram determinantes para que os militantes carregassem a chapa todos os dias em caminhadas pelos bairros da cidade divulgando nossos candidatos. Quando o cansaço batia sempre alguém dizia, “vamos apertar mais uma mão de um eleitor, como ensinou o Gushiken” e lá íamos nós por alguns metros adiante e uns minutos a mais pedindo votos.

O Gushiken sempre nos incentivava a acreditar na nossa força e unidade, fizemos uma campanha fantástica e elegemos o primeiro vereador na cidade, Paulo Miguel Zenorini, falecido em 2002.

De outra feita, em 1996 fui eleito presidente do Sindicato dos Bancários de Bragança Paulista que, naquele ano, completava dez anos. Gushiken era deputado federal e vinha sempre à nossa região, dizia que queria comprar uma chácara por aqui, mas tinha que ter nascente de água.

Naquele início de abril ele chegou cedo em Bragança e fomos “rodar a região”. A programação previa visitar Joanópolis, Piracaia, Atibaia para terminar o dia com visita a algumas agências bancárias e o evento de posse em Bragança.

Circundar a represa do Jaguari, do sistema Cantareira, foi uma espécie de provocação com o Gushi: cada chácara que a gente via pelo caminho chamava sua atenção, poderia ser um bom lugar, mas o tempo era curto! Além do mais, sempre que ele vinha pra região a gente tinha que almoçar no “Piracaião”, um restaurante que servia um bife à parmegiana que o Gushiken simplesmente adorava.

Chegamos finalmente ao local da posse, o “Espaço Sanso”, uma casa de eventos. Como em toda cidade do interior, tínhamos alguns “convidados de honra”, dentre eles o comandante do 5º Batalhão da Polícia Militar da região.

Antes de formar a mesa naquela muvuca, todo mundo reunido, jogando conversa fora, beliscando algo e tomando uma cerveja – que ninguém é de ferro!

A certa altura da conversa, o Gushiken se dirige para o comandante e começa a falar sobre como a vida e os relacionamentos no interior são diferentes e sobre a mudança dos tempos. Comentou que alguns anos antes, numa

greve em São Paulo, ele Gushiken e os bancários corriam da polícia para não apanhar, já hoje, no interior, estávamos todos ali, numa roda de conversa, contando histórias e sorrindo, todos unidos.

Formamos a mesa e, logicamente, o Gushiken como convidado mais importante, foi o último a falar. Antes dele falou o comandante:

“Deputado, realmente os tempos mudam e aprendi muito com o senhor. Certamente, numa dessas vezes que o senhor estava correndo da polícia, eu estava correndo junto, pois eu era bancário do *Banco de La Nación* e estava em greve também. Hoje, estamos aqui, comemorando o aniversário do Sindicato e a posse de uma nova diretoria.”

Surpresa geral! Ninguém sabia que o comandante tinha sido bancário, muito menos que tinha feito greve em sua vida!

Na sua fala o Gushiken então respondeu ao comandante:

“Realmente os tempos mudam, agora estou aqui ao lado do companheiro comandante que está ajudando a criar uma cidade mais segura pra todos nós e como já conhece a vida dura dos trabalhadores e do movimento sindical, pode compreender melhor nosso direito de greve.”

O sorriso do comandante foi meio amarelo, é verdade, mas o fato é que ele foi bastante compreensivo e não nos criou tantas dificuldades nos anos que se seguiram, com greves super difíceis na era FHC, especialmente nos bancos públicos.

E assim muitas outras histórias poderiam ser contadas e certamente serão, mas o principal é que o amigo e companheiro Luiz Gushiken viverá para sempre em nossas memórias e em nossos corações.

## A luta da oposição bancária no ABC

Marcos Palácio<sup>1</sup>

**H**á muito a dizer sobre o companheiro Gushiken e suas contribuições em vários flancos de nossas lutas contínuas. Sob minha perspectiva, gostaria de destacar um momento que vivemos.

No início da década de 1980, reunimos um grupo de funcionários do Banespa, Banco do Brasil e Caixas Econômicas Estadual e Federal. Os trabalhadores dos bancos particulares operavam clandestinamente para evitar demissões. Foi assim que surgiu o Movimento de Oposição Bancária do ABC, assim chamado porque agimos paralelamente ao peleguismo do Sindicato dos Bancários do ABC.

Sem muita orientação ou estrutura, corremos para o Sindicato dos Bancários de São Paulo, onde fomos prontamente acolhidos pela direção – que incluía Augusto Campos (era o presidente), Luiz Gushiken, João Vaccari, Ricardo Berzoini, Gilmar Carneiro, Luizinho Azevedo e outros – que haviam ganhado as eleições recentemente.

Muito trabalho foi feito para transformar o Movimento de Oposição Bancária do ABC em uma chapa para concorrer às eleições. Foram anos de atividades: criamos a *Folha Bancária do ABC Semanal*, promovemos formação sindical, atuamos na fundação do PT e da CUT. Mas foi durante o mandato de Gushiken como presidente do Sindicato que as coisas esquentaram. Ele nos deu todo o suporte necessário para mantermos o Movimento de Oposição.

---

<sup>1</sup> Marcos Palácio foi o candidato a presidente da Chapa de Oposição Bancária do ABC, em 1986.

Chegamos a participar de várias reuniões da executiva da diretoria, grupos de formação em Cajamar etc. Foi então que criamos a Chapa de Oposição, que inicialmente só contava com bancários dos bancos estatais, em 1984, e, em 1985, fizemos greve com adesão total da categoria no ABC e liderança exclusiva da Oposição Bancária apoiada pelo Sindicato de São Paulo. Os pelegos do Sindicato de Santo André e região foram atropelados e tiveram que correr atrás! Em 1986, disputamos a eleição e sofremos o maior golpe da história sindical do ABC. Mas essa é outra história...

# O melhor do Brasil: o brasileiro Gushiken é um deles

*Maria Laura<sup>1</sup>*

**O** dia 13 de setembro de 2023 marca dez anos da ausência de Luiz Gushiken entre nós. Alguns podem dizer que faz dez anos que ele se encantou. Para mim, são dez anos da perda desse militante e ser humano quase insubstituível.

O “Japa”, como muitos o chamavam, viveu seu tempo olhando para a frente. Suas ideias e ações eram estratégicas. Ele compreendia a conjuntura indo às suas raízes e a partir delas orientava suas ações transformadoras. Foi assim que ele deu o melhor de si para organizar os bancários em São Paulo e para construir a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Ele sabia que à CUT e ao PT estava reservada uma missão revolucionária porque esses instrumentos de organização e luta precisariam ser transformadores.

Gushiken olhava para o Brasil e o mundo visando uma humanidade melhor. A grandeza e a riqueza do Brasil só têm sentido se todos puderem usufruí-las, pensava o “Japa”. Foi com essa concepção que, de forma insubstituível, ajudou a eleger o Lula, o primeiro operário a presidir esse país para todos.

---

<sup>1</sup> Nascida em Jaguaribe (CE), em 1941, é brasileira desde 1976. Foi pioneira na organização dos servidores públicos em Brasília. Participou da fundação do Sindicato dos Servidores Públicos Federais (SINDSEP), do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Foi deputada federal pelo PT de 1990 a 1998. Em 2003, durante o primeiro mandato do presidente Lula, foi secretária-adjunta da Secretaria de Políticas para as Mulheres. No ano em que completa 82 anos, continua apoiando o PT e o terceiro governo de Lula e considera a militância de rua o melhor lugar para dar sua contribuição.



Lula assumiu o compromisso de romper com a terrível desigualdade nas condições do povo. Ele disse que o Brasil iria deixar de ser periferia e que o brasileiro iria romper com o sentimento de “vira-lata”. Lula colocou o Brasil no cenário internacional e Gushiken colocou o brasileiro no papel de protagonista.

Ao assumir a Secretaria de Comunicação da Presidência, Gushiken formulou a campanha “o melhor do Brasil é o brasileiro”. Ele procurou colocar esse *slogan* na boca do povo para que fosse rompido o preconceito do brasileiro corrupto, preguiçoso e incompetente. Gushiken buscava reforçar a autoestima e a autoconfiança necessárias para a construção de políticas públicas que resgatassem a cidadania e a nossa soberania.

Gushiken estava além do seu tempo, mas fez suas tarefas no seu tempo histórico. Você faz falta hoje, companheiro.

## Fraterno companheiro

*Manoel de Melo dos Santos<sup>1</sup>*

**V**ou falar de um grande amigo, pai, um cara que eu respeitei e respeito muito até hoje, está presente na minha mente e no meu coração. Quero falar desse guerreiro, desse lutador, desse samurai do Congresso, que é o nosso querido Gushiken.

Ele me ensinou muito, me ajudava e me dava umas duras também, mas sempre com carinho. Um homem que fez um bem para o povo e para o Brasil, junto com os outros guerreiros do nosso Partido dos Trabalhadores (PT).

Em 1996 comecei a trabalhar com o Gushiken, mas a gente já se conhecia muito antes porque eu era filiado do PT de Indaiatuba, e ele era o nosso deputado federal. A vida do Gushi era sempre viajar, e quando ele estava em Brasília, eu ajudava com as crianças e com a Beth, e também ajudava com a militância do PT, porque eu sempre ajudei a construir o nosso partido pra melhorar o Brasil.

Quando a gente entrava na estrada, o Gushiken dormia muito, porque ele chegava na quinta-feira de Brasília e a gente não parava, era campanha, correria. A gente estava sempre fazendo uma correria. O Gushiken dormia e eu tocava o barco.

Um dia o telefone tocou, mas ele já estava dormindo. E o telefone não parava de tocar, mas, geralmente, eu não atendia. Eu continuava na estrada e esperava a pessoa desistir.

---

<sup>1</sup> Manezinho Santos nasceu em Moreira Sales (PR), e se mudou para Indaiatuba em 1978. Militante petista e sindical, é filiado ao PT desde 1984.

Mas nesse dia, a pessoa não desistiu, aí eu atendi o telefone.

Ele: – “Ô ‘Chininha!’”, e reconheci a voz e falei: – “Não, não, não, calma aí, calma aí, Lula, que eu vou chamar ele! Ele tá dormindo aqui, estamos na estrada, mas espera aí!”

E acordei ele: – “Gushi, Gushi, Lula, Lula!!”.

Aí ele pegou o telefone, e eu entendi que o Lula estava fazendo um convite para que ele ajudasse na coordenação na campanha dele, de 2002. O nosso guerreiro do povo venceu com a ajuda do nosso samurai, Luiz Gushiken.

Gushiken, sempre presente!

Gushiken sempre está vivo na minha mente e no meu coração.

## Uma pequena lembrança de um gigante

Monica Giora<sup>1</sup>

**G**ushiken era um típico okinawa, ou seja, um japonês do sul, a região mais pobre e discriminada do Japão. Algo como um nordestino no Brasil. Sentiu preconceito dentro da própria colônia, no Brasil, quando lançou candidatura a deputado pela primeira vez.

Observador atento do mundo, nunca foi de fazer longos discursos. Suas intervenções em reuniões e assembleias eram medidas, pensadas, destiladas, até a hora ‘H’. Ouvia muito e falava pouco, mas de forma decisiva.

Greve nacional dos bancários, 1985. Paralisar os bancos estatais era crucial. No Centro de Computação do Banco do Brasil de São Paulo (CESEC) a noite foi tensa, pois a greve seria a partir da meia-noite. Fazia muito frio. Na comissão de esclarecimento – nome que se dava ao piquete na porta da empresa – aparece o Gushi, com um elegante sobretudo preto. Acabara de voltar de uma viagem à China, onde adquiriu o traje. Para quem comentava que era coisa rara no Brasil, ele respondia: “é paraguaio!”. (Eu estava lá, ouvi essa!)

Gushi sempre trabalhou no velho Banespa. Certa vez, um jornalista perguntou sobre o “clima de greve” dentro do Banco do Brasil. Ele respondeu: “Você está me confundindo com algum outro japonês!” Na verdade, sua mulher, Beth, trabalhava lá e o mantinha bem informado.

Gushiken parecia aquele personagem do filme *Aventuras de Pi*: buscou respostas para suas dúvidas interiores em várias religiões. Criado em família

---

<sup>1</sup> Casada, mãe de gêmeos, arquiteta e publicitária. Sócia proprietária da MGiora, empresa precursora em comunicação política, sindical e suas múltiplas vertentes.

budista, foi Rosacruz, se interessou pela Umbanda, estudou o Zen Budismo e no final virou Bahá'í. Mas nunca tentava catequizar seus companheiros de luta, isso para ele era uma questão pessoal.

## Os anos de aprendizado com Gushiken

*Oswaldo Laranjeira<sup>1</sup>*

**M**ilitei com Gushiken no movimento sindical e partidário por cerca de três a quatro anos, aproximadamente, de 1974 a 1978. Foi uma fase intensa e marcante de aprendizado mútuo. Nesse sentido, esclareço que, a meu ver, o termo aprendizado tem sentido de influências recíprocas e troca de saberes, em outras palavras, uma formação que acontece ao longo da vida.

Pertencemos, na época, à Tendência Sindical Classista, grupo político ligado ao Movimento Comunista 1º de Maio, de orientação trotskista, que atuava na Universidade de São Paulo (USP) desde o início da década de 1970. Eu havia sido deslocado do movimento estudantil para o movimento sindical bancário com o objetivo de organizar a Tendência Sindical Classista. Após a primeira reunião da Oposição Sindical – então Comissão Sindicato Autêntico – na qual Gushiken compareceu a convite de Luiz Antônio Moretti, importante protagonista na luta bancária e, também, trabalhador do Banespa, fomos apresentados um ao outro. Gushiken tinha revelado a Moretti grande interesse em conhecer o trotskismo. Este episódio contribuiu para que nos aproximássemos e, desta forma, posteriormente, ele viesse a fazer parte dessa corrente político ideológica.

---

<sup>1</sup> Nascido em Palmas de Monte Alto (BA), cursou Filosofia na USP e se aposentou pelo Banespa. Fez parte do Movimento Sindical Bancário em São Paulo e presidiu o Sindicato dos Bancários da Bahia. Também representou os bancários no I Conclat, foi conselheiro no COREP e Diretor da DIREP do Banespa. Foi membro da direção da CUT-BA e Secretário de Organização na Executiva do PT-BA.

O que quero aqui destacar, por ser mais importante, é que já naquele período Gushiken mostrava traços de uma personalidade com enorme potencial de desenvolvimento político, ideológico, pessoal, cultural e psíquico, ou seja, uma grande vontade e irradiante disposição para a realização social de seus ideais. Isto se manifestava na contagiante energia e vigor de sua atuação, muito voltada para a ação e para as atividades político-sindicais no contexto de uma ditadura civil-militar opressora. Entretanto, ao mesmo tempo, ele mostrava na sua conduta de vida uma certa preocupação com o modo de viver e das relações entre as pessoas, temas que apareciam mais nas conversas fora das pautas das reuniões políticas, sinal daquele tempo de repressão intensa.

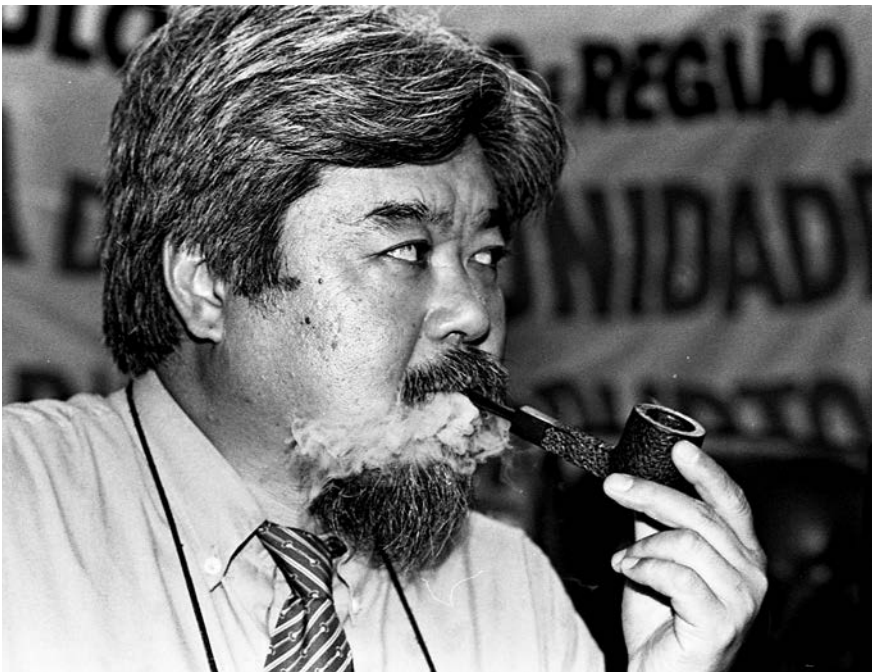
Creio que pelos diversos e importantes papéis que Gushiken teve no movimento sindical, à frente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, na criação e direção partidária, como presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) e no governo Lula, mais concretamente no Ministério das Comunicações, ele merece uma completa biografia pessoal e política, mas também episódica. Uma biografia que mostre com clareza o delineamento de sua singular personalidade e desenvolvimento multilateral de um militante político que atuou ativamente pela busca da felicidade e dos interesses de seus próximos, isto é, o povo brasileiro. Deste modo, uma característica que sobressaía na forma de Gushiken pensar a política e orientar a sua prática é que ele não se limitava ao sindicalismo com suas pautas somente econômicas. Ao contrário, ele sentia que a superação da sofrida realidade do mundo do trabalho aconteceria com a transformação de toda a sociedade, inclusive com a criação de partidos políticos que representassem a classe trabalhadora. Por isso, creio, ele abraçou tão fortemente a proposta do Partido dos Trabalhadores (PT).

A partir de 1979, com minha vinda para Bahia e atuando no movimento sindical local e no Partido dos Trabalhadores, meus contatos e conversas com Gushiken não foram tão frequentes, porém, mesmo assim, trocávamos impressões sobre a política e os rumos de nosso partido. Um desses momentos foi quando da criação do agrupamento dos 113 como uma corrente política interna do PT, que ele me apresentou.

Gostaria de finalizar esta singela contribuição em homenagem a Gushiken com a lembrança de uma conversa que tivemos. Ele falou sobre o tema da democracia, e esta como um valor universal – a vigorar em qualquer situação

e em qualquer tempo e lugar. Fiquei muito impactado com sua posição a esse respeito, pois significava uma ruptura com a velha discussão dos marxistas ortodoxos sobre democracia burguesa e democracia operária. Este é apenas um pequeno exemplo que atesta, como já dito, uma evolução e amadurecimento do saudoso Gushiken, que possuía uma ampla visão de mundo e um ideal que vê o ser humano como totalidade.





## Um brasileiro admirável

Otaviano Pereira<sup>1</sup>

**T**ive a honra de conhecer Luiz Gushiken em janeiro de 2003, em reunião com membros do Sistema de Comunicação do governo Federal (SICOM) e lideranças de áreas da SECOM. A partir dali, foram anos de convivência extremamente enriquecedora, que me marcou para o resto da vida.

Cada oportunidade com Gushiken era cheia de ensinamentos. Sua serenidade aliada à firmeza e à determinação; a simplicidade e a objetividade com que tratava os assuntos mais complexos; tudo movia quem estava ao redor dele com uma naturalidade e um entusiasmo impressionantes.

Um dos momentos mais marcantes para mim aconteceu em março de 2003. Apresentei, junto com a Angela Chaves e o Marcus Flora, proposta de modelagem para mídia publicitária dos órgãos do governo federal. Eu era responsável pela área de *marketing* dos Correios. O estudo foi apresentado numa reunião com gestores de estatais e de ministérios. Ele ouviu atentamente cada detalhe, questionou tudo que precisava e, ao final, foi muito direto. Aprovou a solução e determinou a formação de equipe para negociar com veículos de comunicação os novos parâmetros e critérios a serem praticados pelos órgãos do governo. E me atribuiu a coordenação do trabalho.

Saí da reunião e segui por um longo corredor, no Bloco A da Esplanada dos Ministérios, pensativo sobre o peso da responsabilidade que o ministro

---

<sup>1</sup> Publicitário, administrador de empresas. Vice-presidente executivo da Nova SB Comunicação SA. Fez carreira nos Correios por 30 anos, de gerente de agência a diretor de negócios. Na SECOM/PR foi Secretário de Publicidade (2007/08) e Secretário Executivo (2015/16).

Gushiken tinha me passado. Junto com o frio na barriga, senti a força da confiança que ele depositou em mim. No mesmo dia começamos a formação da equipe, com grandes profissionais do mercado.

Foi um dos trabalhos mais importantes de que participei nessa área. Até hoje me impressiono quando lembro do quanto o pragmatismo do ministro Gushiken foi fundamental para viabilizar aquela inovação, que gerou economia de centenas de milhões. Quem atuou e atua na comunicação pública sabe o quanto aquela mudança modernizou as práticas de mídia do governo federal.

O mesmo movimento inovador mexeu com o setor de projetos culturais e esportivos. Para concretizar as mudanças na sociedade a que se propunha o governo Lula, eram necessárias medidas estruturantes também nessa área. E Gushiken teve determinação e coragem para enfrentar resistências e mobilizar a SECOM nesse sentido. Sob a coordenação da Luciana Sérvulo, foi feita uma verdadeira revolução, com envolvimento de grandes especialistas do governo e do mercado. Uma das principais mudanças foi disseminar a prática dos editais públicos, que tiveram um papel decisivo para dar transparência e democratizar oportunidades aos cidadãos e aos profissionais de cultura e de esporte de todas as regiões, numa dimensão jamais vista no país.

De 2003 a 2006 foram incontáveis os avanços na área de comunicação do governo. Gushiken determinou que a publicidade passasse a mostrar de forma inequívoca a diversidade do povo brasileiro. Ao tratar de programas de governo na publicidade, que todos os casos e personagens fossem reais em tudo. A Comunicação de governo deveria ser verdadeira em cada detalhe, mostrar o verdadeiro povo brasileiro e a realidade do país.

Gushiken tinha uma clareza impressionante sobre a importância estratégica da comunicação para o governo e para a sociedade. Ele fez questão de fortalecer a SECOM para garantir sintonia entre as diversas áreas do governo, com alinhamento e articulação do discurso oficial, da imprensa e da publicidade. Gushiken alertava sempre para que a comunicação chegasse a todos os brasileiros. Para isso, implementou medidas fundamentais para ampla regionalização no uso da mídia.

Num dos momentos mais emblemáticos, ele articulou e apoiou diretamente a Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) no grande movimento “O melhor do Brasil é o brasileiro”. Um projeto magnífico que impactou a autoestima

dos brasileiros, fortalecendo de forma grandiosa o sentimento de brasilidade e de capacidade para mudar o Brasil e construir um país de todos. Uma iniciativa genial, com mobilização de anunciantes, empresas da mídia e de vários setores. A campanha “O melhor do Brasil é o brasileiro” foi decisiva para mostrar a todos a grandeza do país e expressar a dimensão das mudanças que estavam ocorrendo na vida dos brasileiros.

Eu passaria horas, dias, contando boas histórias do que vivi e do quanto aprendi no convívio com Gushiken. Nos relacionamos apenas profissionalmente, mas foi mais do que suficiente para eu me sentir próximo. Gushiken era uma pessoa forte, muito especial e generosa. E isso me permitia sentir essa proximidade.

Guardo rara passagem ocorrida no apartamento em que ele morava com a família na Asa Sul em Brasília. No final de outubro de 2006, tivemos um assunto de trabalho que ele pediu para tratar no escritório pessoal porque não houve tempo durante o dia na SECOM. Fui para lá no início da noite e logo resolvemos a pauta de trabalho. Estava começando o Jornal Nacional e ele me convidou para assistir, enquanto conversávamos. O jornal noticiou a última pesquisa eleitoral antes do segundo turno, que aconteceria no domingo. As pesquisas indicavam vitória do presidente Lula com boa margem de votos. Naturalmente ele estava muito feliz com aquele cenário e eu perguntei qual seria o desafio dele no segundo mandato. Para minha surpresa, ele disse que já tinha acertado com o presidente que deixaria o governo no dia 15 de dezembro. Ele fez o seguinte comentário: “Otaviano, a partir de agora tenho que cuidar de três coisas: da minha saúde, da minha família e da minha reputação. A vida pública é muito desgastante e eu preciso de tempo pra cuidar um pouco da minha vida”.

Depois de 2006 nossos contatos ficaram esparsos, mas ainda tive a oportunidade de encontrá-lo pessoalmente em julho de 2013. Mesmo naquele período, com a saúde fragilizada, ele teve a preocupação de me chamar ao hospital 9 de Julho, em São Paulo, para conversar com Wagner Pinheiro e dizer que eu precisava voltar aos Correios para participar daquela gestão. A lucidez, a serenidade e a objetividade eram impressionantes, como sempre. A recomendação dele me fez deixar atividades em São Paulo e retornar para mais alguns anos de trabalho na estatal que me formou.

Poucas semanas depois recebi a notícia do seu falecimento. Por coincidência, num dia 13, no ano de 2013. Ainda hoje me impacta lembrar o quanto

foi triste receber aquela notícia e o quanto foi rico conviver com o grande Luiz Gushiken.

Ter convivido com Gushiken é uma das maiores e mais valorosas experiências e uma das melhores memórias que tenho na vida. Um homem que simbolizou como poucos a expressão de Câmara Cascudo, que ele fez ganhar dimensão histórica no governo Lula: “O melhor do Brasil é o brasileiro”.

Todas as honras a Luiz Gushiken!

## À sombra da amoreira

*Paulo Rogério Nunes<sup>1</sup>*

**E**m 1986 eu tinha sido demitido do banco onde trabalhava. Foi a gota d'água numa vida posta do avesso, de cabeça pra baixo. Antes disso, tinha participado ativamente de uma greve dos bancários. Um dia eu estava no centro de São Paulo e vi um japonês gordinho de terno e gravata, óculos de gatinho (iguais aos da minha mãe!), em cima de um carro de som fazendo um discurso efusivo. Creiam: foi uma imagem impactante.

Semanas depois soube que esse “Japa” era candidato a deputado federal e fui no comitê de campanha dele me oferecer como voluntário. E fiquei lá, porque não tinha mesmo para onde ir, estava desempregado e mais perdido que cachorro na mudança. O chefe da campanha, Paulo Bezerra, era um cara barbudo, a barba ocupava quase a cara toda. Um dia, o Passarinho, outro moleque como eu que estava ajudando na campanha, entra na sala e fala: “olha só, o cara tá rindo”. Foi naquele dia que descobrimos que ele tinha boca e até falava...

É difícil lembrar de alguma coisa de quando a gente tinha 20 anos e não pensar num tempo de felicidade. Se tentar, consegue. Mas é difícil. Particularmente, pra mim, foi um dos momentos mais felizes da vida.

Anos depois, tive um sonho inesquecível e acordei com uma alegria que perdurou por muito tempo. Nele, eu lembrava das pessoas que eu tive a felicidade de conhecer naquela campanha. Um deles, obviamente, foi esse “Japa” que eu cansei de admirar, de me orgulhar por ter conhecido. Uma estrela brilhante da qual a gente custa a esquecer e que tanta falta tem feito. Aquele

---

<sup>1</sup> Foi bancário do Banespa e esteve em todas as campanhas do saudoso Luiz Gushiken.

moleque, o Passarinho, e tantos outros que estavam naquela campanha, a começar pelo chefe Paulo Bezerra, dono de um coração imenso, não são meus amigos, mas irmãos que eu encontrei na vida; o Jeter, o Zé Bomba, e tanta gente que está neste relato, pessoas que foram muito importantes para mim, como o Luizinho, a Tita, a Sônia, a Sandrinha, o Clodoaldo, a Zilda, o Marçal, a Fernanda e muitos tantos que eu não conseguiria citar aqui, esse pessoal que até hoje eu tenho como grandes amigos e guardo como reserva de um tempo feliz num lugar muito especial da minha memória... vocês estavam todos no meu sonho, num momento em que as coisas poderiam ser muito difíceis pra um moleque perdido na cidade.

A verdade é que o Gushiken aglutinava esse tipo de gente, essa alegria que a gente vivia. Como lembrou o Passarinho, nós tocávamos um horror naquele comitê. Coitada da Beth! Não tinha muito profissionalismo, mas estávamos genuinamente empenhados naquela séria brincadeira, e até para lamber poste ou pendurar bandeirinha de madrugada a gente fazia uma festa. De alguma forma, acho que contribuímos para fazer daquela campanha uma coisa menos sisuda do que o que se via nos outros comitês.

Foi uma pena não conseguir ter dado um último adeus a esse grande cara, com quem tive conversas inesquecíveis. No dia que o “Japa” se foi, eu já estava afastado desse universo de militância política, mas fiquei bem emocionado pelo reencontro com as pessoas que ali estavam. Saí do cemitério do Araçá, atravessei a rua e pedi uma caneta e escrevi num guardanapo do boteco umas palavras que parece que já vieram prontas. Talvez tomado por um espírito parnasiano, o poema já foi reajustado algumas vezes, numa tentativa de expurgar termos que julgo inadequados pela forma. O conteúdo, no entanto, considero do mesmo valor e a vocês eu dedico:

Em circunstância e lugar propícios,  
no lugar onde os pés pisam o que de nós é resto,  
à sombra de uma árvore me detive em pensamento:  
se não há um fim, mas fim e começo,  
nessa união de mútua emoção  
o que é fim é reinício.

Desde que haja um fim  
Para nós haverá sempre uma nova chance,  
Pois aqui estamos nesse adeus ou até breve,  
despedindo-nos e celebrando  
a vida que se foi e que não foi em vão.

Que em vão não seja a vida que ainda temos.  
Junto dos meus pensamentos  
os sonhos, as mágoas, aquilo que de nós jaz na lembrança,  
de tantos outros somam-se os mesmos sentimentos.

É momento de pausa, reflexão.  
De voltar para nós mesmos.  
Para trazer a esta vivência um sentido,  
tão simples como o da árvore sob a qual medito:  
Do fundo das minhas raízes trago cordas, tábuas, pregos e ossos.  
Não me importa por quantos percalços passe,  
a seiva da minha luta agora sirvo  
na forma de minúsculos cálices,  
sobre as cabeças,  
ao alcance das mãos  
e também dos pensamentos.  
Pois é preciso que pelo menos isso,  
de tudo quanto tivemos, reste.

Sob as verdes folhas de uma amoreira,  
numa linda tarde de união,  
apreciem o brinde  
que neste simplíssimo banquete ofereço.





## Três momentos com o Gushi

*Raquel Kacelnikas<sup>1</sup>*

**Q**uando apareceu no grupo “Reencontro Bancário” a proposta de falar da nossa relação com o Gushiken fiquei muito feliz. Imediatamente entrei no túnel do tempo buscando pedaços da minha história no movimento sindical.

Lembro-me do Gushi na greve de 1985, na primeira assembleia onde deveríamos decidir se entraríamos em greve ou não. Gushiken defende que não façamos a greve e os trabalhadores deixaram claro que queriam a greve. Gushi coloca em votação e o resultado vencedor foi iniciarmos a greve no dia seguinte. Bem, o primeiro dia da greve foi um sucesso, e, no início da noite, Gushi realiza assembleia e conversa com os trabalhadores afirmando que eles tinham razão ao afirmar que queriam a greve e ele estava errado. Eu, militante, vi naquele gesto um dirigente de muita humildade, simples, responsável e que despertava muita confiança.

Em 1989, um grupo de diretores do extinto banco Nossa Caixa Nosso Banco, do Sindicato de São Paulo, procurou o Gushiken pra falar do nosso desejo de romper com parte dos diretores do nosso próprio banco, as divergências eram tão grandes que a convivência estava insuportável. Gushi, na sua sabedoria “zen”, conversa conosco demonstrando o quão inviável e nada estratégico seria tomar essa atitude naquele momento. Ele nos acalmou e deixou

---

<sup>1</sup> Foi funcionária do Banco Nossa Caixa (Caixa Econômica Estadual). Diretora de Finanças, do Jurídico (dois mandatos) e secretária geral do Sindicato dos Bancários de SP. Conselheira representante dos funcionários no Banco Nossa Caixa. Foi secretária da SESE e diretora executiva do DIEESE. Era a interlocutora dos funcionários no chamado “Grupo do Banco” na presidência de Luiz Gushiken.

claro que teria que ser uma decisão coletiva, e que estava cada vez mais nítida essa possibilidade. O rompimento ou, como ficou conhecido na história do sindicalismo brasileiro, o racha dos bancários de São Paulo, acabou acontecendo no segundo semestre de 1990. A eleição do racha se deu no mês de janeiro de 1991 e a apuração aconteceu no ginásio do Pacaembu.

Esses dois eventos nortearam a minha maneira de ver a representação, o papel do diretor, a importância dos trabalhadores nas nossas decisões, a unidade da diretoria; enfim, sempre tive Gushiken como a minha referência, um mestre. Um líder não é nada se não souber ouvir o trabalhador. Gushiken tinha essa capacidade de se colocar no mesmo nível do trabalhador apesar de ser a liderança com a expressão nacional que ele era. Um modelo.

Mas teve também a parte engraçada, por assim dizer... não sei em que ano fui a Brasília, quando ele estava deputado, em algum evento e, provavelmente, alguma coisa em defesa dos bancos estatais. Ao final do evento, eu fui dormir na casa dele acreditando que haveria alguma refeição, já era bem tarde... Pensei: “quem sabe ele pede alguma refeição?” Qual o quê! Chegamos, a Beth nos recebe, eles me falam boa noite e eu disse a mim mesma: Tô morta!

Fui xeretar a cozinha, direto na geladeira, não tinha nada... quero dizer, quase nada, tinha algumas raízes... juro, tentei mastigar... impossível. Só sei que passei uma fome de cão aquela noite, não me lembro do que comi no dia seguinte... – devo ter comido um boi – mas nunca esqueci da fome que passei! Não sei exatamente que tipo de alimentação o Gushiken fazia naquela época, mas era o que tinha. Eu não conhecia Brasília, eu não tinha a menor noção de onde procurar um restaurante! Passei fome aquela noite. Algum tempo depois, fiquei sabendo que ele seguia uma dieta rigorosa chamada de macrobiótica. O Gushi, além de “zen”, era também “macrô”, e isso explicava aquela geladeira...

Salve, Gushi!

## Um estrategista samurai

Renato Rovai<sup>1</sup>

**G**ushiken foi uma das lideranças sindicais e políticas mais capazes da história recente do Brasil. Acha exagero? Pergunte ao presidente Lula qual é a opinião dele acerca dessa frase. Peça ao Lula para nomear três pessoas do seu primeiro governo que se ressentem de não ter no terceiro.

A liderança de Luiz Gushiken não estava apenas associada ao seu carisma ou a sua capacidade de articulação. Mesmo ele tendo de sobra os dois. Gushiken era maior que isso. Era um intelectual. Um estrategista que tinha o olhar dos visionários que ao mesmo tempo percebem as vias do sucesso, mas também sabem o que pode ou não dar problema. E antes de sair em caminhada se preparam não só para celebrar as conquistas, mas também para lidar com as intempéries, com os riscos.

Nas suas análises de conjuntura, Gushiken sempre fazia a análise dos riscos.

Ele se foi muito cedo, aos 63 anos, em 2013. Logo depois das chamadas “jornadas de junho”. Quase como num sinal de que chegava ao fim um ciclo de vitórias e conquistas de caráter popular. E que o que viria seria algo que teríamos de fazer com a ausência de lideranças importantíssimas como Gushiken.

O samurai estrategista tinha lutado contra a ditadura militar no sindicalismo bancário e no movimento estudantil desde o final da década de 1970, o que o levou a presidir o Sindicato dos Bancários de São Paulo de 1984 a 1986.

---

<sup>1</sup> Jornalista, doutor em Comunicação, diretor de redação da Revista *Fórum*, primeiro editor da *Revista dos Bancários* do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Mas lembro disso porque foi no Sindicato que o “Japonês” ganhou a régua e o compasso que lhe permitiriam fazer política de gente grande. Foi negociando com banqueiros que ele viu que a vida seria muito mais dura do que imaginava quando era apenas funcionário do Banespa, militante da Libelu ou estudante da FGV.

Os sindicatos eram escolas de grandes lideranças. Tem um pouco de nostalgia nesta frase, é bem verdade. Os tempos são outros, mas talvez isso precise ainda ser melhor investigado: por que nossos sindicatos não entregam mais Gushikens e Lulas?

Gushiken saiu do Sindicato para ser deputado constituinte. O terceiro mais votado do PT em São Paulo, perdendo apenas para Lula e para Plínio de Arruda Sampaio, que tinha o apoio de toda igreja católica.

Foram 50 mil votos que mostraram a força do sindicalismo bancário, mas também o carisma pessoal de Gushiken. Como deputado, Gushiken teve papel importante como quase toda bancada do PT naquela Constituição. Eram 16 parlamentares que valeram por uns 100, sem exagero. Tanto que por conta da bancada petista e de um grupo progressista em especial do MDB, liderado por Mário Covas, surgiu o centrão. A direita notou que se não se organizasse a Constituição seria ainda mais cidadã do que é. Cá entre nós, uma Constituição muito mais avançada do que a correlação de forças que há na sociedade brasileira.

Mas, voltando ao Gushiken, depois de todas essas conquistas na Constituinte, ele buscou a reeleição em 1990. E numa festa de sua candidatura lembro de Lula, no seu estilo de elogiar dando ‘pitos’, revelando aos presentes que teve que dar uma bronca no “Japonês”. Lula disse que Gushiken penou para se adequar à vida no Congresso e que teve que lhe dar uns puxões de orelhas para se impor mais. Na sua fala, Gushiken admitiu a dificuldade inicial de lidar com o seu primeiro mandato de maneira tranquila e isso não foi entendido como uma fragilidade, porque aqueles trabalhadores ali presentes sabiam que aquelas lideranças furavam um muro de contenção que não permitia sindicalistas e lideranças operárias no Congresso. A política no Brasil tinha sido para os militares de 1964 a 1985, mas antes disso era para as elites. Mesmo as lideranças progressistas tinham raízes nas elites. Foi a geração de Lula e Gushiken que rompeu com isso.

Os dois outros mandatos de Gushiken no parlamento já foram mais organizados. Ele aprendeu a articular as demandas congressuais com a voz das ruas e se reelegeu bem, mesmo quando teve que enfrentar uma eleição difícil, em 1994, no auge do Plano Real, e quando o então presidente do Sindicato Gilmar Carneiro decidiu disputar uma cadeira na Câmara Federal. Foram dois candidatos na mesma base e, ainda sim, Gushi foi eleito.

Neste momento eu era editor da *Revista dos Bancários*, uma publicação que tinha 120 mil exemplares de tiragem. Cruzava com Gushiken, fazia rápidas entrevistas, ligava para seus assessores Paulo Bezerra e Marçal com frequência para pedir informações ou pegar declarações do então deputado, mas não era amigo de Gushiken. Não tive o prazer de desfrutar de sua amizade. Achava-o bastante reservado. E nunca ousei passar dos cumprimentos formais.

Mas quando ele decidiu que não buscaria a reeleição a deputado federal, fui designado para entrevistá-lo. Aquela seria sua primeira entrevista sobre o tema, e só depois da divulgação da edição ele trataria do assunto com a imprensa tradicional.

Encontrei um Gushiken um tanto aliviado. Ele dizia que era hora de dedicar tempo à família. Que tinha perdido boa parte da infância e adolescência dos filhos vivendo em ponte aérea. E que, ao mesmo tempo, era hora de parar de passar medo. Pois é, Gushiken tinha medo de avião. E me falou uma frase que invariavelmente me recordo ao entrar num. Quanto mais você anda de avião, maior é a chance de dar algo errado num deles.

Naquela entrevista, anunciou que apoiaria o então presidente do Sindicato dos Bancários, Ricardo Berzoini, para sucedê-lo. Em tese, seria a saída do talentoso bancário da vida política.

Berzoini saiu candidato em 1998 e se elegeu. Lula perdia mais uma eleição. Mas em 2002, quando decidiu disputar de novo, o ex-operário foi buscar Gushiken para trabalhar no seu comitê. Ele já estava doente. E as previsões eram de que não teria muito tempo de vida. Mas encarou o desafio. Levava sua comida macrobiótica para o comitê e deu conta do recado. Lula, então, o convocou para ser um dos homens fortes do seu governo. Gushiken participou do núcleo duro da primeira fase. E, com a sua força e coragem de guerreiro samurai, peitou Daniel Dantas e pagou caro por isso.

Foi Gushiken quem impediu que o orelhudo (na definição de Mino Carta, que virou meme em *Carta Capital* na época) influenciasse na escolha dos Fundos de Pensão. Ao contrário, chamou para si a responsabilidade e colocou pessoas da sua confiança tanto na PREVI quanto na PETRUS. E para o ministério da Previdência, indicou Berzoini, aquele que havia escolhido como seu sucessor na Câmara. Ao invés de ficar por perto dessas áreas, foi para a SECOM, onde tirou a publicidade de uma vala de favores, centralizou as contas do governo, negociou desconto nas compras de veiculação e moralizou a relação com as agências.

A comunicação não era a praia do “Japonês”, mas ele sabia que ali era preciso, mais do que comunicar, gerenciar. Mas de lá, ele olhava para o futuro. Queria pensar o Brasil de 2020, de 2050. E convenceu Lula de que era necessário ter um Núcleo de Assuntos Estratégicos (NAE). E para lá ele foi pensar o Brasil.

Quando estava nessa empreitada, veio o mensalão. E como Gushiken era um dos homens da confiança de Lula, não podia ficar de fora do tsunami. Daquele episódio, recordo-me de dois momentos. Um deles foi a sua ida à CPI dos Correios. Antes de Gushiken, todos os que eram chamados chegavam de cabeça baixa. Gushiken, não. Ele abriu sua fala pedindo ao senador Álvaro Dias que se retratasse por tê-lo acusado de participar de uma quadrilha na sessão anterior. E politizou o debate, dizendo que “forças da direita” estavam se aproveitando da atual crise para fazer disputa política. Ou seja, para tentar travar um terceiro turno eleitoral.

Recordo-me também de uma matéria da revista *Veja*, onde ele, junto com Lula, era acusado de ter contas em um desses paraísos fiscais. Quando um amigo preocupado me ligou lendo trechos da matéria, tranquilizei o interlocutor. Se eles citavam Gushiken, a matéria era falsa. Ou, como se diz hoje, *fake news*. Tinha certeza da impossibilidade de Gushiken estar envolvido com algo assim. E, claro, não estava. A *Veja* apenas aprontava mais uma das suas.

Mas, mesmo sem que houvesse prova alguma contra ele, Gushiken teve de sair do governo e foi acusado no episódio do mensalão. Os acusadores precisavam de 40 nomes, para recriar a história de Ali Babá. E Gushiken entrou na conta. Mas, por falta de provas, seu processo não teve continuidade. O próprio Joaquim Barbosa decidiu inocentá-lo.

Quem o conhecia, mesmo que pouco, não precisava do veredicto de ninguém, muito menos de um juiz que fez o que Joaquim Barbosa fez, como um protótipo de Moro, no julgamento do mensalão. A integridade do “Japonês” nunca foi questionada nem pelos seus maiores desafetos.

Que Gushiken seja inspiração para novas gerações. E que este livro ajude neste caminho.





## Você não pode errar nisso!

*Ricardo Berzoini<sup>1</sup>*

**E**screver sobre o Gushi desperta inúmeras memórias de uma longa e agradável convivência. Nossa convivência começou quando ele já era uma liderança importante e eu era um militante sindical de base. Nas assembleias, reuniões no Sindicurso, em cursos de formação, eu observava aquele japonês com cara de chinês, com falas que fugiam ao padrão de oratória e conteúdo da maioria dos demais dirigentes e militantes. Uma mistura de filosofia, lógica formal e estratégia política. Um tom quase sempre de orientação determinada, quase professoral, mas atencioso e educado.

Aprendi muito com nossas conversas, mesmo divergindo inúmeras vezes. A divergência, longe de ser um problema, era uma provocação dialética que produzia inúmeras variáveis imprevisíveis. Fosse sobre economia, trabalho, previdência, filosofia ou futebol.

Na greve de 1985, Gushi tornou-se uma personalidade nacional. Foi o responsável pela meticulosa preparação, reunindo-se com autoridades para avisar da greve, e essas reuniões foram parte decisiva no aquecimento da categoria e da sociedade. Sua visão de organização e negociação nacionalizadas abriu

---

<sup>1</sup> Engenheiro e bancário de profissão, foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Substituiu Luiz Gushiken na cadeira de deputado federal e se elegeu para quatro mandatos consecutivos. Atuou como vice-líder da bancada do PT e também foi eleito para presidir o PT em duas ocasiões. Foi ministro da Previdência e Assistência Social, do Trabalho e Emprego, das Comunicações; chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República dos governos Lula e Dilma. Atualmente, dedica-se à sua empresa de assessoria.

caminho para o que depois seria a Convenção Coletiva Nacional dos Bancários e da própria Confederação dos Bancários da CUT.

Anos depois, eu, que fui um militante de base na greve de 1985, tive a incumbência de assinar a primeira Convenção Nacional, já como presidente da Confederação e secretário geral do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Em apenas sete anos, a força dessa ideia nacional resultou na entidade nacional, em ruptura com a estrutura sindical oficial, e, em oito anos, a primeira Convenção Nacional.

Em 1997 eu já estava no segundo mandato como presidente do Sindicato e já havia decidido encerrar minha atuação sindical em 1998, ao final do mandato. Havia anunciado isso em uma reunião da diretoria, para que a preparação da minha sucessão fosse transparente e pública. Recebo um telefonema do Gushi, que perguntou se eu poderia conversar pessoalmente. Convidei-o para vir ao Sindicato, na sala da presidência e, em poucos minutos, ele entrou e perguntou o que eu iria fazer depois de encerrar o mandato. Respondi que iria retomar minha vida de bancário de base. E ele falou:

– Não, você vai ser deputado federal!

Respondi que ele era o meu deputado federal. E ele retrucou que não seria mais candidato, que havia cansado de ir a Brasília todas as semanas e que só se preocupava em não deixar a categoria sem representante na Câmara dos Deputados. Pego de surpresa, ainda argumentei que não teria votos para ser eleito, que não estava certo dessa decisão, enfim. E ele disse: “Você tem uma semana para responder. Mas você tem que responder positivamente!” Recebi a ordem, conversei com alguns dirigentes do Sindicato, com a minha companheira Sonia e cumpri a determinação do “Chininha”.

Não terminou aí a minha vida de súdito do samurai. Dois anos depois, algumas pessoas do PT de São Paulo queriam que eu fosse candidato a presidente do PT Municipal. Eu não queria, pois não tinha experiência partidária suficiente. Ele me liga em casa e manda:

– Você tem que aceitar, precisamos vencer as eleições e teu nome ajuda a unificar um campo político.

Eu: – “Mas...” Ele: – “Você não tem o direito de recusar.”

E lá fui eu cumprir mais uma ordem. Aos trancos e barrancos, lidando com a fragmentação partidária e com algumas disputas de bastidores que

eu nem sabia da existência. Vencemos as eleições com Marta Suplicy e elegemos a maior bancada de vereadores da história do PT: 16 cadeiras na Câmara Municipal.

E por falar em ordens, Lula eleito presidente, eu já reeleito deputado federal, tentando descansar da campanha, recebo mais uma ordem, por telefone, no dia 20 de dezembro de 2002.

– Esteja em Brasília na próxima terça, pela manhã.

Perguntei para quê, disse que só iria na véspera da posse do Lula. Sem perguntar se eu queria ou não, ele me diz:

– No dia da posse, você vai tomar posse como ministro da Previdência.

– O quê?

Não havia espaço para argumentar. Havia aprendido que seria inútil, mesmo que espaço houvesse.

Tenho muitas outras histórias com ele, daria um livro, com mais detalhes e situações.

Mas vou logo para o Hospital Sírio Libanês. Ele, já bem debilitado, me passa uma série de ordens, baseadas na sua visão peculiar da política. Eu recollo as orientações, seguro o choro e administro a tristeza.

Ele me olha, com a bomba de morfina entre os dedos, e comenta com a voz bem fraca:

– O pior é que a cabeça está funcionando a mil por hora, não paro de pensar sobre o futuro.

Uma semana depois, ele não estava mais entre nós.

Vida longa às ideias de um brasileiro descendente de japoneses, com feições diferentes dos nisseis, que Luiz Inácio chamava de “Chininha”. Quanto mais o tempo passa, mais sua forma de pensar me é útil.

Às vezes, pareço ouvir sua voz mandatária:

– Ricardo, você não pode errar nisso!!!

Há dez anos, ainda sob o impacto das imprevisíveis manifestações de 2013, perdíamos a convivência com Luiz Gushiken, uma liderança que impactou tantos e de forma tão profunda, e cujas reflexões ainda nos desafiam.

No seu último texto, ditado à Selma Rocha, as palavras são claramente datadas e impactadas pela crise que o PT vivia e que ameaçava sua própria sobrevivência. Além das manifestações, que colocavam em xeque nossas teses

sobre “nova classe média” e a questão do acesso ao consumo como critério de melhoria das condições de vida, havia o impacto do julgamento da Ação Penal 470, finalizada recentemente.

Gushiken, que foi uma das vítimas do linchamento público do partido, manifestava sua preocupação com o registro da história do PT e o impacto da forma como a mídia empresarial atingiu a imagem e a relação do povo com a mais bela construção partidária da nossa instável democracia.

Na verdade, dez anos depois, não respondemos minimamente às perguntas que o Gushi nos deixou.

Nossa democracia permanece fragilíssima. Não há partidos no Brasil (nem em boa parte do planeta). Mesmo o PT, que é o que mais se aproxima de um partido, tem inúmeras limitações programáticas e frouxidão organizativa, sendo confrontado com a cultura política do patrimonialismo, do empreguismo, do assistencialismo e do clientelismo.

Gushiken não viveu o momento seguinte de dor coletiva, com o lavajatis-mo superando o patamar da AP 470, para encarcerar Lula e ceifá-lo da eleição de 2018.

Nem a volta triunfal de seu amigo à cena em 2022.

Mas as perguntas continuam as mesmas, e refletem as perguntas de Antonio Gramsci sobre a burocratização do Partido Socialista Italiano em 1919.

Haverá energia vital para responder? Quantos pensadores da qualidade e intensidade do nosso caríssimo amigo serão necessários?

O partido de classe idealizado por Gushiken há 43 anos merece que as respostas sejam construídas em uma nova fundação, na qual nossos fundamentos digam os caminhos.

“Recuperar a história e a dignidade do PT não só é necessário. É imprescindível.”

# Gushiken: um mestre da evolução revolucionária

*Roberto Vomero Monaco<sup>1</sup>*

O rigor, quanto ao conteúdo, e a generosidade para a formação de novos quadros, Gushiken certamente buscou na sua formação alicerçada na tradição revolucionária do trotskismo, de modo a exigir, daqueles que compartilharam com ele a militância sindical e a construção partidária, o compromisso de buscar alcançar a solução mais eficaz para os desafios postos para a organização política dos trabalhadores.

Meu depoimento nestes escritos em sua homenagem tem a marca de sua generosidade, uma vez que ele se dispôs a acolher um jovem advogado recém-formado, que fizera a transição da militância no movimento estudantil para contribuir com a reorganização da estrutura sindical, originada nas oposições sindicais e seu combate ao corporativismo da herança de Vargas e na modelagem da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Estávamos comprometidos com uma mudança significativa do modo de realizar a defesa do patrimônio jurídico dos trabalhadores, desenhando um novo formato que buscava superar as limitações intrínsecas ao modelo de reclamações trabalhistas individuais e à subsunção destas à Justiça do Trabalho, para dar corpo a um novo modelo, no qual se buscava a negociação coletiva, a partir da organização dos bancários no seu local de trabalho, que identificavam

---

<sup>1</sup> Advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), assessor jurídico do Sindicato dos Bancários de São Paulo no período de 1985 a 1988, trabalhou na administração da prefeita Luiza Erundina (eleita pelo PT) em São Paulo, no período 1989/1992, e se dedica à advocacia até a presente data.

tanto a violação mais comum de seus direitos individuais quanto as reivindicações para dar substância às pautas nas relações com o patronato.

O Sindicato dos Bancários de São Paulo passou a experimentar uma nova forma de conjugar a imprensa sindical, que resultou na *Folha Bancária* com as suas edições diárias, a realização de atividades culturais de rua no centro de São Paulo, que sensibilizavam e mobilizavam as bases dos bancários, e a escuta pormenorizada destes num plantão jurídico de dia inteiro, de modo a dar a máxima consistência às denúncias e reivindicações da categoria.

Ao lado da organização específica da categoria, a direção do Sindicato teve um papel central na construção da Central Única dos Trabalhadores, a CUT, e a organização da greve geral para unificar a pauta de lutas contra a política econômica de arrocho salarial e precarização das condições de trabalho.

A capacidade de luta e de mobilização demonstradas pelos bancários de São Paulo, liderados pela sua direção sindical, que contava com grandes quadros como Augusto Campos, Luizinho Azevedo, Gilmar Carneiro, Rui Sá Silva Barros, Tita Dias, entre outros tantos, emparedou o governo federal e resultou na intervenção pelo ministério do Trabalho no Sindicato em 1983, com a destituição da sua direção.

Ao invés de refluir com a intervenção, a luta dos trabalhadores bancários de São Paulo ganhou um novo estágio, sustentado na organização por local de trabalho, na distribuição da *Folha Bancária* e discussão de seus conteúdos nas agências e centros administrativos, dando corpo à preparação da retomada da direção do Sindicato.

Finda a intervenção e eleita a nova direção sob a presidência de Gushiken, preparou-se uma das mais memoráveis campanhas salariais, a de 1985, que resultou na Greve Nacional dos Bancários, que viria a paralisar o sistema financeiro nacional e resultar em ganhos econômicos, organizacionais e políticos da categoria.

Estive nesse período ao lado do Gushiken como seu assessor jurídico e pude testemunhar a sua capacidade de organizar, dialogar e liderar as iniciativas que possibilitaram articular todas as frentes nessa batalha, que incluíram desde iniciativas aparentemente paradoxais, como a entrega da pauta em visita pessoal ao Comando Militar da Segunda Região, e a realização da assembleia de deflagração da greve na Praça da Sé, negociada com Jânio Quadros, então prefeito de São Paulo.

Gushiken mostrou toda a sua habilidade de dialogar com a parcela da direção sindical dos bancários que não se identificava com a construção da CUT – ainda grande e expressiva à época – e, para não perdermos um único detalhe ou deixar escapar um evento desfavorável, ficamos acampados na sede da Federação dos Bancários de São Paulo, de modo a infundir confiança e construir as deliberações que dariam corpo e sustentação à greve.

Falei no início deste texto do rigor que marcava a relação do Gushiken com a sua assessoria e, conseqüentemente, recuperei aqui as suas cobranças para que eu lesse e “treslesse” o conteúdo dos acordos e convenções coletivas de trabalho que celebramos com o patronato bancário, de modo a não escapar um detalhe ou uma vírgula que pudesse alterar ou desfigurar o seu conteúdo.

Se imaginávamos que, finda a greve nacional vitoriosa de 1985, teríamos um momento de respiro ao final daquele ano, o Banco Central determinou a liquidação extrajudicial de dois bancos importantes na base territorial do Sindicato, o COMIND e o Auxiliar, pondo em extremo risco o emprego e o patrimônio jurídico de seus empregados.

Com a habilidade e a densidade política que ganhara com a greve, Gushiken articulou no Congresso Nacional as negociações essenciais para que o Banco Central se dispusesse a negociar questões que eram, até então, verdadeiros tabus, pois a liquidação extrajudicial é um procedimento falimentar, que congela todos os direitos de seus credores, inclusive os dos empregados daqueles bancos.

Conseguimos liberar quase de imediato as aplicações financeiras dos empregados do Comind e do Auxiliar, negociamos a cessão das cartas-patentes daqueles bancos para os concorrentes condicionada à absorção dos empregados das agências e a estabilidade destes durante um determinado período, bem como a quitação quase total do passivo trabalhista (92,5%) dos bancários que eram estáveis por tempo de serviço.

O ano de 1986 acabou por se converter no ano da passagem do líder sindical combativo para o quadro político que iria se eleger para compor a bancada do Partido dos Trabalhadores na Assembleia Nacional Constituinte e discutir os grandes temas que iriam vertebrar o quadro institucional da Constituição Federal de 1988.

Sua grandiosidade se firmou, ainda mais, na presidência nacional do Partido dos Trabalhadores, agregando, ainda outra vez, quadros políticos de alta densidade em suas naturais disputas de projetos e políticas.



Ministro no primeiro governo do presidente Lula, soube como poucos identificar as pautas prioritárias e os meios de articulá-las em cenários de alta complexidade e voltagem da disputa política, enfrentando, na sequência, com a coragem e a estatura ética necessárias o processo do mensalão. O samurai lutou, com todas as armas, pela saúde e pela vida até o último instante. Nos ensinou, pela busca de novos paradigmas, tanto no plano teológico, quanto no plano ideológico, o que é uma verdadeira evolução revolucionária. Saudades da sua ousadia, disciplina e discernimento essencial.

## Uma trajetória de luta e compromisso – dez anos de sua partida

Rui Falcão<sup>1</sup>

Já se vão dez anos que Luiz Gushiken nos deixou. Como é natural, o tempo esmaece a memória e as lembranças de alguém tão admirado vão falhando irremediavelmente.

Mesmo assim, há fatos marcantes na trajetória do militante “zen” que tive o privilégio de compartilhar e que agora resgato.

Conheci Gushiken em 1983, quando integramos (eu como vice-presidente e ele como secretário sindical) a primeira Comissão Executiva Estadual do PT de São Paulo. Havíamos saído das eleições de 1982 com a militância frustrada pela derrota do Lula na eleição para o governo do Estado e três tendências moviam os filiados: aderir ao PDT do recém-eleito governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola; atuar junto aos “autênticos” do MDB; continuar no PT, mas mudando suas características, convertendo-o numa agremiação de “poucos, mas bons”.

Foi quando nos empenhamos, sob a consigna do “PT não se funde nem se confunde”, na fundação da articulação dos 113, que deu rumo e força para a construção de um partido de cunho estratégico, de quadros e de massas, cujo objetivo era construir no Brasil uma sociedade socialista.

“Ser governo para ser poder” mobilizou o PT, sob a liderança do Lula. Gushiken, dirigente sindical dos bancários, ao lado de outros líderes que

---

<sup>1</sup> Jornalista e advogado. Foi um dos coordenadores da campanha vitoriosa da chapa Lula-Alckmin em 2022 e presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) de 2011 até 2017. É deputado federal e atual presidente da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC). Liderou nossos parlamentares na CPI das *Fake News*. Autor e coautor de relevantes projetos, como o do Estatuto da Vítima e dos direitos para os trabalhadores para aplicativos.

vieram da luta armada, do exílio das universidades, foi peça chave para as grandes vitórias eleitorais de 1988.

Junto com ele, participei da histórica campanha presidencial de 1989 e, finalmente, sua trajetória teve o ponto mais alto ao ser um dos coordenadores da vitória de 2002, quando foi convocado pelo presidente Lula para ser ministro-chefe da SECOM e, posteriormente, coordenador do Núcleo de Ações Estratégicas (NAE) da Presidência da República.

Deputado federal por três mandatos consecutivos, inclusive na Constituinte, não quis prosseguir na ação parlamentar, pois não entendia o mandato como se fosse uma profissão.

Na última vez que estive com ele, em 2013, já na fase final de sua luta contra o câncer, no Hospital Sírio-Libanês, exaltou-me a prosseguir na condução que vinha imprimindo ao partido, como presidente do Diretório Nacional. Foi um momento de muita empatia, de forte emoção e sentimento, pois sabia que era a despedida. Para ele, porém, cuja crença se nutria de múltiplas religiosidades, era só uma passagem para outro estágio.

Gushiken, presente sempre!

## Sobre política e dignidade

*Selma Rocha<sup>1</sup>*

**L**uiz Gushiken quis falar antes de partir. Coerente com a forma como compreendeu a ação política e o papel do partido que ajudou a fundar e construir – o Partido dos Trabalhadores (PT) – ao fazê-lo, indicou necessidades e urgências políticas, imediatas e estratégicas, bem como marcos éticos condutores dessa ação.

Sua última manifestação pública revelou, uma vez mais, como política e dignidade podem ser inseparáveis.

Muito debilitado, não quis gravar um vídeo, preferiu atender o pedido de Lula falando sobre a situação do país e do PT, me pediu que escrevesse durante uma visita que fizemos a ele no hospital.

Um momento singular, experiências e memórias individuais e coletivas rondavam a conversa: os compromissos com a transformação social no Brasil, a criatividade, a coragem, e a força de uma geração.

Diante da integridade, responsabilidade e generosidade manifestas em relação ao breve presente e a um futuro do qual não mais participaria, foi impossível não temer e tremer pela dor da morte e pelos desafios da vida.

---

<sup>1</sup> Doutora em História, foi fundadora do PT e militou com Luiz Gushiken na Libelu. Foi secretária de Educação de Santo André (SP), chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, diretora da Escola Nacional de Formação e da Fundação Perseu Abramo (FPA). Professora do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Atualmente, trabalha no Ministério da Educação.

Luiz Gushiken destacou a necessidade de defender a memória do PT e convidou o partido a reescrever sua história para que diferentes dimensões de suas lutas e experiências não morressem na memória de milhares de pessoas. Falava ele, especialmente, da defesa do que nomeou como sendo a fase heroica do partido, marcada por sofrimento e dedicação de seus militantes, combinação que marcaria fortemente a criação e a vida do PT até o mensalão.

Suas observações dialogaram com a crise vivida em 2005 e com as manifestações de junho de 2013. Identificando que novos grupos surgiam na sociedade em defesa de suas reivindicações, reconhecia, também, que havia violência premeditada e interesses obscuros em relação à política e à economia.

Para Gushiken, era imprescindível defender a respeitabilidade e a dignidade dos militantes e dirigentes do PT depois do brutal ataque ao partido, que ceifou lideranças e deu início às tentativas de sua desconstrução no imaginário social. As forças reacionárias do país pretendiam destruir o PT.

Por isso estava em causa para ele preservar a história e a memória. Gushiken parecia identificar elos de continuidade entre a crise de 2005 e 2013, sem reduzir, entretanto, as manifestações a uma ofensiva dos setores conservadores de extrema direita. Disse ele: – É um erro caracterizar tais movimentos como fascistas.

Reconheceu, contudo, a batalha travada a partir de 2013 no interior das manifestações de massa onde se mesclavam processos diferentes: o discurso anticorrupção, as causas dos grupos de extrema direita, a luta por mais direitos e pela melhoria dos serviços públicos.

Os defensores da racionalidade neoliberal buscavam construir base social, e o faziam a partir das tradições legítimas de participação popular desde a redemocratização.

Tradições comprometidas com uma visão voltada à desprivatização do Estado, à garantia de direitos como questão pública e a participação dos cidadãos como sujeitos. O discurso de muitos setores, que passaram a se comunicar a partir das redes sociais de forma abrangente e profissional, buscava realizar a separação entre a sociedade e o poder, a negação da representação e também da política como instrumento de expressão e transformação social. Uma tentativa de movimentar as maiorias sociais contra a democracia. Tratava-se do encolhimento e do enfraquecimento do espaço público e da despolitização da política a partir da manipulação dos processos de participação direta.

Apontava Gushiken que a democracia direta não poderia se tornar instrumento ideológico contra a democracia representativa.

Desde a Constituição de 1988, mecanismos como referendo, plebiscito e iniciativa popular foram criados, além de diferentes espaços de participação e gestão democrática das políticas públicas. O processo de redemocratização do Brasil teve nas manifestações públicas uma de suas principais forças propulsoras. Por certo, a conquista de liberdades políticas e direitos civis é inseparável das lutas que se tornaram visíveis nos espaços públicos contra a fome, a desigualdade, a exclusão social, por direitos básicos e a cultura política patrimonialista e patriarcal fortemente autoritária.

Mas o reconhecimento do direito à luta por direitos não bastou nos últimos anos do governo Dilma. O debate em torno dos erros cometidos pelo partido e pelo governo não foram suficientes para barrar o curso do golpe e a ascensão ao poder de um presidente que submeteu, de forma ainda mais profunda, a organização jurídica, administrativa e política do Estado aos interesses do capital financeiro; promovendo miséria, preconceito, violência e negação de direitos humanos, sociais e civis.

Movido pelo impulso de tornar pública uma contribuição à inteligibilidade do processo e a formular contribuições para a ação, Gushiken indicou a necessidade de que a Reforma Política se tornasse uma luta de milhões de pessoas. Retomava ele a necessidade de atualização de uma proposta política discutida e decidida pelo partido desde o 3º Congresso, em 2007, que previa a instalação de uma Constituinte exclusiva, livre, democrática e soberana para mudar o sistema político, eleitoral e partidário, tendo como eixos o financiamento público de campanha, o voto em listas pré-ordenadas visando alcançar a paridade de gênero e a ampliação da representação de etnia e raça, a revisão do papel do Senado, a convocação de consultas e/ou plebiscitos e referendos.

Tal perspectiva apontava para a superação da visão liberal da representação, em benefício de processos onde as classes e suas reivindicações e proposições se organizam, se apresentam e representam, fortalecendo a democracia e ampliando compromissos com a justiça social e a liberdade.

O sentido de urgência apontado por ele parecia anunciar a gravidade dos processos posteriores sustentados pela articulação de forças sociais que, se reapropriando de matrizes do pensamento autoritário, desenvolveram políticas

reacionárias, organizando e mobilizando por meio das redes sociais diferentes segmentos, entre os quais setores dos aparatos policiais, militares e grupos religiosos.

Gushi, quase que alheio ao próprio sofrimento, percebeu a configuração de uma outra hegemonia no Brasil, e nos derradeiros momentos de sua vida deixou sua contribuição ao país e ao PT.

Quando em 1º de janeiro Lula subiu a rampa do Palácio do Planalto para se encontrar novamente com o Brasil, com a democracia e com a justiça social, a força de Gushiken rondava nossa esperança.

Sua falta só não é maior que a suprema grandeza e sensibilidade de sua presença. Tivemos a sorte e a honra de conhecê-la.

# A dignidade de Gushiken

Sergio Lirio<sup>1</sup>

**A** memória me trai. Em algum momento de 2012, não me lembro se antes ou depois de o ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal (STF), confirmar sua inocência, tive a minha última e longa conversa com Luiz Gushiken. O ex-ministro me recebeu em sua casa em Indaiatuba, recanto aprazível, mas em nada parecido com a “mansão” descrita pela fértil imaginação de certos jornalistas mergulhados no clima de caça às bruxas. Gushiken me convidou para sentar do lado de fora, sob a sombra. O azul claro do céu acentuava o verde da grama.

Eu havia passado oito anos enfiado até o pescoço na cobertura da maior disputa empresarial, política e policial do capitalismo à brasileira, a guerra das teles que colocou de um lado parte do PT e de outro o banqueiro Daniel Dantas. Acompanhei as CPIs dos Correios, dos Fundos de Pensão, do Mensalão, além da Operação Satiagraha e das ações judiciais contra Dantas nos Estados Unidos e no Rio de Janeiro. Ainda assim, nem todas as peças se encaixavam e eu solicitei a conversa com Gushiken na esperança de finalmente montar o quebra-cabeças. Bem, doce ilusão de um repórter. O ex-ministro me recebeu com a habitual gentileza, mas, se havia algo a acrescentar a toda essa história, preferiu guardar consigo. Gushiken, devo confessar, não raro era irritantemente enigmático, como um desses mestres dos filmes de artes marciais. Às vezes falava por códigos, às vezes deixava no ar determinadas conclusões, quase sempre indicava pistas, contava o milagre sem dizer o nome do santo. Nunca,

---

<sup>1</sup> Editor-chefe da *Carta Capital*.



ao menos no meu caso, tentou plantar notícias ou maldizer companheiros do partido, nem mesmo aqueles que o traíram.

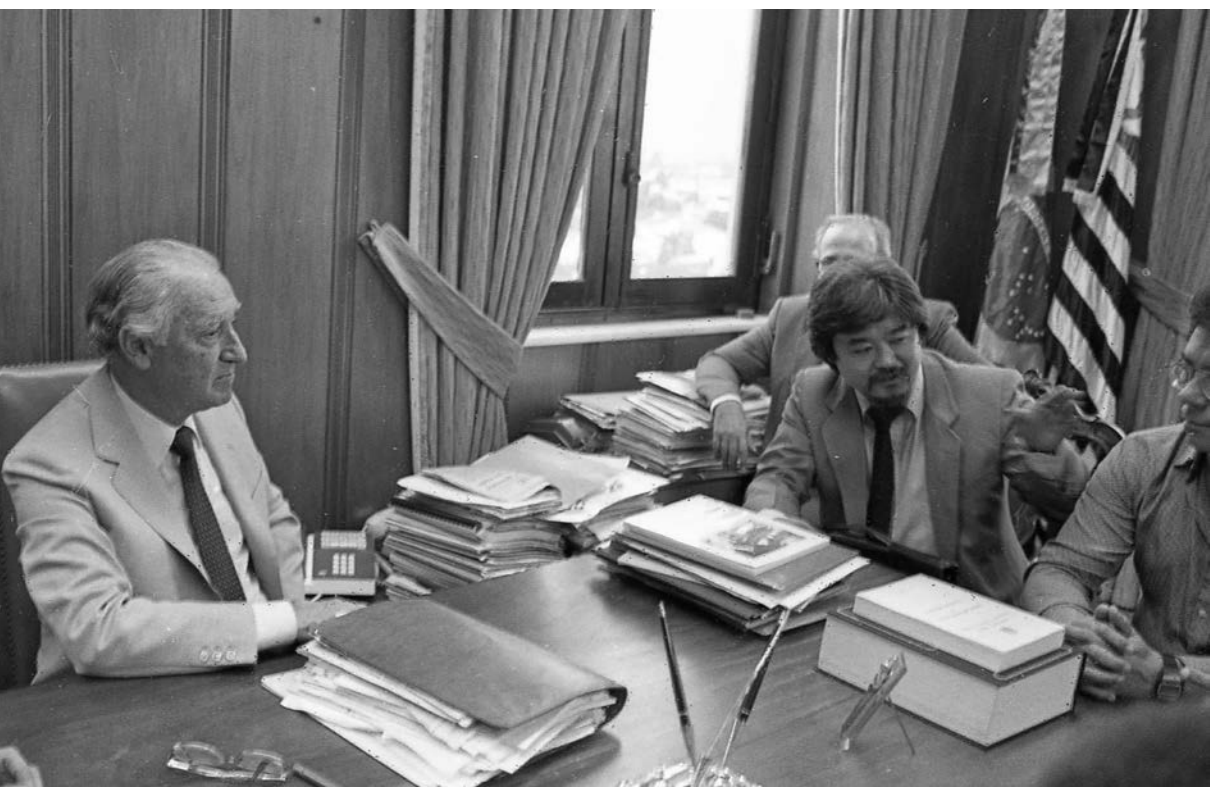
Fui embora sem informações novas, mas nunca considerei aquela uma viagem perdida. As imagens do encontro permanecem na minha mente. Havia uma impressionante serenidade na fisionomia do ex-ministro, embora a doença que o venceria no ano seguinte estivesse ali, perturbadora, visível, introneteada, como quem aguça os ouvidos para escutar a conversa da mesa ao lado. Por causa do encontro naquela manhã ensolarada, quando penso em dignidade, penso em Gushiken.

Penso também em como estaria seu espírito hoje, aos 73 anos. O “mensalão”, para muitos, parecia o fim da linha do PT e da primeira geração de militantes do partido, mas dias piores viriam: a Lava Jato, o golpe contra Dilma Rousseff, os 580 dias de prisão de Lula. Vieram e se foram, como a tormenta antes da bonança. Tão injustiçado quanto José Genoíno, Gushiken estaria na linha de frente ou teria sido deixado à margem, como outros da mesma geração? Que papel lhe caberia nesta nova fase? Sua argúcia, retidão e caráter fizeram falta nestes anos ao debate político e, em particular, à legenda da qual foi um dos fundadores e símbolos. Justiça que tarda, falha, diz o ditado, e o sistema judiciário brasileiro, os poderes de forma geral e o arremedo de democracia falharam miseravelmente em relação ao ex-ministro. Por quase dez anos, Gushiken foi vítima de uma campanha sórdida do jornalismo auto-intitulado “profissional”, do Ministério Público e da elite. Uma acusação sem provas, lançada por um ex-correligionário, em meio à disputa renhida com Dantas, o atirou no turbilhão das denúncias do “mensalão”.

Gushiken havia construído, antes e depois de deixar o governo, uma consultoria relativamente bem-sucedida e poderia, se quisesse, levar uma vida de classe média. O macartismo não o perdeu, no entanto. Sindicalistas e integrantes do PT, reza essa cartilha, precisam fazer voto de pobreza. Por isso, o exagero em chamar de “mansão” a casa em Indaiatuba ou inventar, como fez a revista *Veja*, a história do *Château Latour* de 3 mil reais e os charutos cubanos consumidos em um jantar. *Fake news* (ainda não se chamava assim naquela época) que obrigou o semanário a indenizar o ex-ministro.

Quando Barbosa o absolveu por falta de provas ou quando a Justiça lhe deu ganho de causa em processos por difamação, os meios de comunicação

limitaram-se aos registros burocráticos, desproporcionais às ofensas. Viraram a página, como se nada tivesse acontecido, e partiram para o próximo escândalo. Foi até pior no caso de Gushiken e, se isso serve de consolo, ao menos ele não estava aí para presenciar essa aliança. Um dos jornalistas mais empenhados em destruir a imagem do “China”, a soldo de Dantas, mudou de lado e tornou-se xodó do aparelho petista. Bastou fundar um site bajulador, especializado não só em surrupiar, mas em distorcer o conteúdo alheio, para todos os pecados serem perdoados. Eis um vezo da esquerda, atormentada pela baixa estima e de formação católica, que certamente o ex-ministro não compartilhava. Os progressistas brasileiros reúnem-se na curva de Damasco na torcida para o cavalo derrubar o cobrador de impostos Saulo e o converter no pregador Paulo. Um novo cristão, sincero ou não, provoca invariavelmente um gozo divino, é a prova da infalibilidade, da justeza da causa. Gushiken, reto e altivo, não esconderia o seu desprezo.



## Gushiken, único, presente ontem e sempre

*Sérgio Rosa<sup>1</sup>*

**F**oram muitos ciclos, digamos assim, compartilhados sob a liderança de Luiz Gushiken, a quem devo muito pelo que aprendi e realizei no movimento político e social. Depois dos anos de sindicalismo, das campanhas, dos seus mandatos de deputado e dos anos de construção do PT, a vitória do Lula em 2002 me colocou mais uma vez em situação de muita proximidade política com o Gushiken.

Como sindicalista e deputado ele sempre apoiou as demandas dos trabalhadores e ajudou a pensar estratégias para a defesa de direitos, e conhecia muito sobre previdência complementar. Ajudou muita gente a entender melhor e a se especializar nesse campo, muitas vezes negligenciado pelo movimento sindical, e essa atuação o tornou o deputado, ou mesmo o político mais reconhecido pela comunidade dos dirigentes e associados dos fundos de pensão, merecendo muitos convites e homenagens da Associação Nacional dos Fundos de Pensão, a ABRAPP. Ao deixar o mandato parlamentar, criou uma consultoria para dar treinamento e assessoria aos sindicatos, associações e fundos de pensão.

Durante a campanha de Lula à presidência em 2002, em que Gushiken atuou como um dos coordenadores, ajudei a estabelecer contato com alguns empresários, já que tinha sido eleito pelos funcionários do Banco do Brasil para a Diretoria da Previ (Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco

---

<sup>1</sup> Bancário do Banco do Brasil, foi vereador por São Paulo, presidente da Previ e da Confederação Nacional dos Bancários.

do Brasil), em maio de 2000. Houve um esforço orientado no sentido de intensificar o diálogo com este segmento, que sempre mostrou bastante distanciamento do PT. O diálogo tentava mostrar que um eventual governo Lula apontaria para um programa de investimentos e crescimento econômico com a parceria do empresariado e algumas parcerias já existentes com o setor, onde os trabalhadores tinham peso na gestão, era uma espécie de prova prática de que esse diálogo era possível e produtivo.

Com a vitória, Gushiken foi indicado coordenador adjunto da Equipe de Transição, e como sempre, cumpriu um papel fundamental de conversar com muita gente, interpretar a situação, orientar trabalhos e políticas, e aconselhar Lula, seu parceiro de longa data. Eu também participei daquela Equipe de Transição, onde conheci muitas pessoas que depois foram importantes para meu relacionamento com o futuro governo.

Gushiken apoiou minha indicação para a presidência da Previ, não sem antes expor as dificuldades e receios dessa decisão. Ele falava claramente que havia um receio em colocar aquele fundo tão importante, com tantos recursos e tantas participações em empresas relevantes, nas mãos de um sindicalista, e tenho certeza de que ele teve um papel fundamental para a minha indicação e também para a participação de outros trabalhadores na gestão das fundações do Banco do Brasil.

No final das contas fui indicado para a presidência da Previ e as conversas com o Gushiken sempre me ajudaram muito. Ele tinha uma clareza muito grande de que os recursos dos fundos significavam “dinheiro do trabalhador”, e por isso mereciam todo cuidado e proteção.

Talvez essa sensação seja compartilhada por muitos, e provavelmente isso é parte do que fez Gushiken um dirigente e um companheiro tão especial.

Ao longo de nossa convivência e da minha militância foram muitos os momentos em que pudemos ter conversas a respeito de políticas específicas e de visão de mundo em geral. Conversas muito ricas, em que um quadro tão relevante como ele se abria para o diálogo, para contrapontos e novas elaborações, fazendo de cada um desses momentos uma experiência de aprendizado que classificaria o Gushiken como uma das lideranças mais democráticas e abertas com quem tive a honra de conviver.

No processo de construção do PT, ele foi um dos responsáveis por apresentar o texto que deveria estabelecer a orientação do partido em sua relação

com os sindicatos (se não me engano, era formalmente o secretário sindical do PT). Talvez hoje essa discussão pareça um pouco simples, mas na época havia muito debate sobre isso. Havia visões de que os sindicatos deveriam seguir uma orientação mais direta do partido, e de que os petistas deveriam constituir uma corrente dentro dos sindicatos. Em muitos lugares ocorreu esse tipo de experiência, com os partidos operários assumindo uma postura dirigente em relação aos sindicatos. Tive oportunidade de discutir muito este assunto e contribuir com o texto que foi apresentado ao partido, que estabeleceu uma linha de colaboração, mas não de subordinação, dos sindicatos e dos sindicalistas. Prevaleceu a visão de que o movimento sindical deveria receber toda atenção do partido, mas deveria preservar sua independência e seu perfil de frente única dos trabalhadores, sem exigência de carteirinha do PT para estar na CUT ou em qualquer chapa. A experiência sindical e política do Gushiken foi muito importante para essa definição que, eu diria, teve um papel fundamental no desenvolvimento paralelo da CUT e do PT.

O Gushiken tinha um espírito religioso que todos conheciam, e seguia a orientação Bahá'í, que tentou me apresentar, com o empréstimo de alguns livros. Só retive a ideia de que esta religião entendia que todas as religiões eram mais ou menos uma só, uma complementando a outra, de acordo com as necessidades e as condições de cada época. E tive a oportunidade de assistir à bela cerimônia de casamento do seu filho no rito simples e acolhedor Bahá'í.

Outra utopia do Gushiken era a necessidade de evoluirmos para alguma coisa como um “governo mundial”. Ele tinha essa clareza: de que um novo arranjo para a humanidade não poderia ser feito em países isolados. Ele via que as tendências, a economia, a tecnologia, as injustiças, os problemas ambientais, eram mundiais e precisavam de uma resposta global. Confesso que sempre objetei, pois não via como estabelecer esse arranjo sem que ocorressem transformações em uns tantos países-chave que decidissem se unir nesse sentido. Mas Gushiken não via outra saída. No final das contas, apesar do seu pragmatismo que dava muita consistência a sua atuação no dia a dia, Gushiken alimentava princípios e utopias que sempre, de alguma forma, estavam por trás do seu modo de agir e pensar a política. É interessante imaginar o quanto a sua origem política em uma organização trotskista e depois sua

adesão religiosa influenciaram essa visão particular de internacionalismo que certamente também influenciou o PT.

Tivemos alguns momentos de simples amizade e pouca política, Gushiken, Beth, eu, Gema, mas claro, nossas agendas políticas prevaleciam em nosso tempo.

Não posso esquecer também de como Gushiken foi uma liderança muito importante para o movimento nacional dos funcionários do Banco do Brasil. Foi importante para toda a categoria bancária, é claro, mas creio que nós, militantes do BB, o adotamos como nosso. Sempre foi um interlocutor da maior importância para nossos militantes, não só em São Paulo, e ajudou a consolidar essa rede de dirigentes, delegados e funcionários em todo o país.

Enfim, Gushiken foi um militante e um companheiro único. Singular, de primeira grandeza, democrático, lutador, leal, parceiro, utópico e prático ao mesmo tempo. Uma presença marcante ontem e sempre na vida do partido, do movimento sindical e especialmente de quem teve a felicidade de conviver com ele.

## Companheiro Gushiken

Teresa Ribeiro<sup>1</sup>

O ano era 1984 e eu era estudante de Engenharia Industrial em Santos, minha cidade natal. Comecei a trabalhar aos 13 anos para ajudar a família e jamais esperava um dia ir para a cidade grande e conhecer um verdadeiro samurai. Mas esse tempo chegou. Migrei para São Paulo, prestei a Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), não passei e ingressei na rede bancária para sobreviver. Contratada para trabalhar seis horas, desde a primeira semana percebi que não teria tempo para estudar, já que era obrigada a ficar na agência por mais de nove horas. Um belo dia o Sindicato dos Bancários passou e entregou a famosa *Folha Bancária*. Na capa, um japonês dizia que “somente a greve era a solução”. Vivíamos tempos de escravidão profissional: ausência de direitos, carga de trabalho extenuante etc. O sonho virou pesadelo. Eu não sabia o que era greve, tampouco o que era sindicato. Porém, naquela mesma noite participei da convocação de uma plenária que mudou minha vida para sempre. Lá, ouvindo atentamente aquele “Japonês” (soube, então, que seu nome era Luiz Gushiken), suas palavras me convenceram que era oprimida e que tinha direitos; nascia ali uma militante. Participei da greve, fui detida e demitida. Em pouco tempo sou encaminhada para o Sindicato pelo dirigente André Accorsi, a fim de buscar meus direitos.

Apenas um mês entre negociações e medo, Gushiken me convidou a trabalhar no Sindicato, que expandia suas atividades. De início, foi muito difícil

---

<sup>1</sup> Jornalista, ex-dirigente bancária, mestre em Educação e presidente do Instituto Popular Paulo Freire-SP.



entender a linguagem, a história e a conjuntura do país. Tudo era urgente e não havia tempo para nossa autoformação. Então, em 1986, fomos todos pegos de surpresa com a ascensão do Sindicato dos Bancários, em nível nacional, e assim vieram as responsabilidades, que se sucederam diante da conjuntura política e econômica do país. Aquilo tudo me atropelou, mas como a luta não para, minha formação deu-se na caminhada. Naquela altura do campeonato, a Engenharia Industrial ficou para trás e Gushi, como o chamávamos, me estimulava a ficar na sala de Imprensa, onde passei a conviver com Julinho de Grammont, jornalista como poucos. Larguei o sonho de ser engenheira e ‘bora’ cursar jornalismo (mas essa é outra história).

Conselheiro e perspicaz, alertava sempre para não misturarmos amizade com projeto político. Certa vez, durante uma greve, quando estava afastado temporariamente do Sindicato, seu vice, Aduino, assumiu. Naquele momento, diante de milhares de bancários em greve, ainda no palanque da praça da Sé, Gushiken divergiu do companheiro sobre a continuidade da greve e perdeu na votação da massa a sua frente. Muitos acharam que ele ficou zangado. Aduino, triste por ter divergido de seu ídolo e mestre, não se conformava. Criou-se uma confusão na diretoria na época. E quem veio para pacificar as coisas foi o próprio Gushiken dizendo: “Nem sempre acertamos, mas o maior acerto é sentir, saber ouvir o povo.”

E foram tomar cerveja e discutir os próximos passos da greve que continuou e foi vitoriosa. Era, sem dúvida, um grande líder e, não precisava estar sempre certo. Saber ouvir foi a grande lição, para todos, nesse dia.

Estávamos no momento da campanha que levou Gushiken a ser eleito deputado federal constituinte. Sim, foi Gushiken quem me filiou ao Partido dos Trabalhadores – PT. Quem me formou a partir de exemplos e palavras. Era tão doce quanto rigoroso. Quando fez sua despedida no Sindicato, para assumir seu mandato de deputado, em uma reunião com todos dirigentes e funcionários, disse: “em política não existem amigos, existem companheiros”. Aquilo me marcou profundamente. Mais tarde viria a entender que ele se referia ao processo de construção coletiva de um projeto político, e que isso jamais poderia ser questão pessoal. Ele sempre batia na tecla dessa equação: a construção de um projeto comum, enquanto lutamos por uma sociedade e um “novo homem, uma nova mulher, novas relações” na caminhada.

Embora *workaholic*, Gushi também gostava de compartilhar momentos lúdicos. Assim que terminou sua campanha, alugou um espaço, no litoral norte de São Paulo, onde levou todo o coletivo que atuou no dia a dia das atividades. A praia de Toque-Toque ficou pequena para a folia.

Não era apegado a tradições e religiosidades, até onde eu sabia, porém, quando assumiu em Brasília, deu-me a tarefa de levar no avião, grudada ao corpo, suas adagas centenárias de estimação: katanas. Quase fui presa novamente, desta vez no aeroporto. Nesse mesmo tempo, de família tradicionalmente Okinawa, foi destacado para ser o guardião dos restos mortais da família (urnas) que vieram do Japão. Não lembro exatamente quando decidi assumir suas raízes Zen-Budistas, mas lembro bem, já em Brasília, que fazia caminhadas de olhos fechados cedinho, em volta do bloco em que morava. Nessas horas eu sabia que estava diante mesmo de um samurai legítimo (tupiniquim, mas todo nosso).

Morei em Brasília, levada por Gushi, por pouco tempo. Era uma menina, muito crua e ingênua para os desafios – da vida e da política. Mas Gushiken sempre acreditou na minha fidelidade de assistente e potencial de militante. De todo modo, o tempo que lá passei pude ainda contribuir com sua atuação no processo da Constituinte de 1988, da qual fez parte.

“Gushi, quem é aquele homem grande, alto, que vem em nossa direção? Eu o conheço da televisão...”

“Teresa, seu nome é Ulisses Guimarães, depois que eu falar com ele, conversamos”. E assim se seguiam os dias com aulas intermináveis, enquanto a história viva passava pela minha frente.

Privilégio.

Certa vez, caminhando nos baixios do Anexo I do Congresso, eu lhe disse que sabia cantar em japonês... Ele, duvidando, pediu que eu cantasse. Qual não foi seu espanto com a canção que ele conhecia de algum parente de quando era criança. Em seguida eu soube que sua tradução falava sobre o “caminhar” e o “fazer” juntos, enquanto ouvimos nossos passos na terra. Me remeteu a uma frase que ele, Frei Betto e alguns sindicalistas, como o metalúrgico Devanir Ribeiro, sempre repetiram: a cabeça anda por onde os pés pisam.

Escrita em 1919, o nome da canção é Kutsu ga Naru (O sapato emite sons). Estou em Nova York enquanto escrevo essas lembranças e, ainda ontem,

estava em *Chinatown* e um cineasta chamado Jon Alpert, também amigo de Gushi, me fez cantá-la. Como esquecer?

Kutsu ga naru

Otete tsunaide nomichi o yukeba Minna kawai kotori ni nate

Uta o utaeba kutsu ga naru Hareta mi-sora ni kutsu ga naru

Hana o tsunde wa otsumu ni saseba Minna kawai usagi ni natte

Hanote odoreba kutsu ga naru Hareta mi-sora ni kutsu ga naru

“De mãos dadas, se caminharíamos pelas estradas do campo, todos nos tornaremos lindos e adoráveis pássaros em liberdade. Se cantarmos ouviremos o som dos nossos sapatos. E o som dos sapatos ecoará no céu azul. Se colhermos as flores juntos e colocarmos em nossas cabeças, todos nos tornaremos lindos coelhinhos. E, enquanto saltamos e dançamos juntos, ouviremos o som dos nossos sapatos que ecoará no azul do céu.”

Enfim... sempre juntos, de mãos dadas, ouvindo o que dizem os nossos pés, fazendo coisas e caminhando juntos pela terra. Depois de anos sem vê-lo, juntos lembramos da música e destas palavras, quando fui pedir sua benção, na ocasião de minha candidatura a vereadora na cidade de São Paulo. Disse-me: “Menina, nunca se esqueça que a cabeça anda por onde os pés pisam...” Às vezes penso que ainda somos feito crianças: tentando ouvir o som ou o que nossos pés dizem, e, se continuam caminhando para o mesmo bom lugar.

Quando terminava de redigir estas breves lembranças recebo a notícia do falecimento de Wladimir Pomar, há poucos dias de completar 84 anos. Dirigente do Partido Comunista, desde a década de 1950 e posteriormente do PT, foi quem – a pedido de Gushiken – me recebeu no InCA – Instituto Cajamar (junto com Gilberto Carvalho) logo que cheguei de Brasília. Wladimir foi quem começou meu processo de leitura e formação. Faço esse importante registro pois agora penso (eles, acreditando ou não) que ambos estão sentados, em algum boteco no céu, com outros bons companheiros, entre livros e charutos, olhando para nós, dizendo: “eles ainda têm muito a aprender”.

Sim, esse tempo presente, esse tempo ausente, cada vez mais veloz, nos faz assistir pouco a pouco, amigos queridos, intelectuais brilhantes, cidadãos guerreiros irem-se para o eterno. Fazem muita falta essas pessoas necessárias. Pessoas como Gushi, nesse tempo nosso, nessa nova conjuntura em que

dialogia é prato raro; em que conquistas foram rasgadas e a cultura do ódio se faz presente. Nesse momento de reconstrução e desse esperar, que nos é muito caro, Luiz Gushiken faz falta. Sei que estaria muito feliz e realizado em assumir, novamente, tarefas importantes no processo contínuo de gestão democrática de nosso país, ao lado de seu companheiro e amigo Lula e de tantos outros. Esse, então, certamente lhe sente a falta. Mas o aprendizado, aconselhamento constante e parceria jamais serão esquecidos.

Por mais estranho que possa parecer, algo incomum me veio quando chegou o dia de sua partida. Beth me avisou e fui ao hospital. Levei comigo um coração apertado e um elefante hindu – *Ganesha*.

Esse foi um dia de tristeza, porém para mim também um dia de gratidão. Coloquei o elefante na mesinha ao lado de sua cama, de costas para a porta, como reza a tradição (para trazer proteção).

Na simbologia, *Ganesha* é portador de boa sorte, persistência, poder, determinação, solidariedade, sabedoria, amizade, memória... Tudo o que desejava e o que atribuía a meu companheiro Gushiken. Deixei o mimo e sai dali com meu presente: Gushi olhando para mim e um sorriso que dizia “tudo vai ficar bem”. Foi a última vez que estive com Luiz Gushiken.

Assim, desde que o conheci e enquanto viver, sempre honrarei sua memória com o carinho mais profundo e a importância devida ao amigo, ao dirigente, àquele que, sem saber, segurou a (minha) mão de um coração selvagem e a posicionou na direção do farol, para onde caminham, até hoje, com seus sapatos – *kutsu ga naru* – juntos, todos os bons companheiros.

Luiz Gushiken, presente!



## “Assim falou...”

Tin Urbinatti<sup>1</sup>

**C**onheci Gushiken no início dos anos 1970. Aproximamo-nos mais durante a campanha da Oposição Sindical dos Bancários em São Paulo e depois, pela campanha da minha readmissão (fui demitido Banco do Brasil em 8 de dezembro de 1977). Gushiken, funcionário do Banespa, como um dos líderes da oposição, participou ativamente da campanha, contribuindo com sua habilidade política e coragem para lutar. Em abril de 1978 fomos vitoriosos. Fui readmitido e designado para trabalhar na Agência Indianópolis (hoje Moema).

Em setembro de 1979, um mês depois da assinatura da Lei de Anistia, foi decretada a Greve Nacional dos Bancários, tendo como principal bandeira a reposição das perdas salariais. A diretoria do Sindicato dos Bancários de São Paulo teve papel destacado na condução do movimento. Era presidente Augusto Campos e Luiz Gushiken, um dos diretores.

Milhares de trabalhadores bancários se mobilizaram e se multiplicaram nas ruas, nas portas das agências, formando as famosas “Comissões de Esclarecimento” que tinham o objetivo de conversar e tentar convencer os colegas bancários vacilantes a aderirem ao movimento, além de divulgar junto aos clientes e a população em geral, a justeza das reivindicações. Diga-se, a bem da verdade, que “comissão de esclarecimento” era um disfarce. Foi um dribble

---

<sup>1</sup> Sociólogo, autor, ator, diretor e professor de teatro. Atuou em *A Viagem*, *Lembrar É Resistir*, *Risco E Paixão*, entre outras. Autor de *Peões em Cena* (2011) e *Teatro sob fogo Cruzado* (2023). Ex-bancário aposentado, José Alberto Urbinatti - Tin Urbinatti, foi delegado sindical. Anistiado político em 2011.

espetacular que os bancários deram nos órgãos da repressão que não admitiam a formação de piquetes. Piquete tinha a mesma função, porém, remetia aos movimentos grevistas dos trabalhadores antes do golpe militar, que em 1964 implantou a ditadura civil-militar no Brasil.

Em São Paulo, capital, foram dias de muita tensão. A polícia militar, ávida em reprimir o movimento grevista, andava com suas viaturas em alta velocidade para cima e para baixo, com sirenes ligadas. Os soldados, com metade de seus corpos para fora na janela das viaturas, brandindo seus cassetetes ou empunhando revólver, fuzil apontando para a população em geral que, atônita, intimidada, observava e seguia para mais um dia de trabalho. A tensão crescia e não demorava muito para que um policial resolvesse agir para dispersar as aglomerações que ocorriam principalmente próximo às agências bancárias. Bombas de gás lacrimogêneo eram usadas, deixando o ar irrespirável no centro da cidade. Uma nuvem esbranquiçada se formava em suspensão fazendo arder os olhos e dificultando a respiração. Um sufoco!

Os diretores do Sindicato procuravam passar instruções e informações sobre o andamento da greve, não só nas regiões de São Paulo, mas também do movimento grevista em nível nacional. Além disso, a diretoria passava informes da solidariedade e apoio vindos de outras categorias profissionais. Isso, evidentemente, dava ânimo e aumentava ainda mais a determinação de continuar a greve. A repressão no centro de São Paulo não surtia efeito. Ao contrário, as pessoas dos prédios vaiavam os policiais, jogavam objetos sobre eles. Disseram que chegaram a jogar uma máquina de escrever sobre os policiais. Disseram! Quando os grevistas agitavam e gritavam palavras de ordem: “A greve continua!” “Abaixo a repressão!”, do alto dos prédios as pessoas aplaudiam, jogavam papéis picados e gritavam as mesmas palavras de ordem em apoio aos grevistas.

Na confusão generalizada muitos desempregados, lumpemproletariado, desvalidos em geral, entravam nas agências bancárias, forçando as portas e/ou quebrando as vidraças. Retiravam cadeiras, mesas, ventiladores, máquinas de datilografia, carimbos e outros objetos que encontravam e jogavam no meio da rua. Gritavam, agitavam (um duplo de raiva e alegria), pulando sobre esses materiais como se fosse o butim de uma guerra. Uma “resposta” talvez, aos ataques cotidianos, violentos (com mortes, inclusive, até de crianças), ataques

arbitrários dos órgãos policiais nas periferias das grandes cidades sofridos pelos pobres e negros pobres, principalmente.

No dia 12 de setembro, depois de um dia em que a greve dos bancários sacudiu a capital paulistana, tivemos uma assembleia à noite na Câmara Municipal, conduzida pela diretoria do nosso sindicato. Luiz Gushiken estava lá. A assembleia decidiu pela continuidade da greve. Em seguida, como de costume, passou-se à organização das “comissões de esclarecimento” para atuarem no dia seguinte. Faltava alguém para ir à porta do banco Itaú na região central, naquela mesma noite, para esclarecer os funcionários do turno da madrugada.

Embora estivesse muito cansado resolvi acompanhar os colegas até à agência. Em poucos minutos de atuação, eis que surge uma viatura da PM. O segurança do banco Itaú me apontou para um dos policiais que me conduziu até a viatura. Fui algemado e levado para o “QG” das operações da repressão que estava montado na rua São Bento, entre a porta do Banco do Brasil e o largo São Bento.

Eram 23 horas, anunciavam os sinos da igreja de São Bento.

Fui identificado (trazia comigo uma carteira de colaborador do *Jornal Movimento*, da imprensa alternativa). Ao descer da viatura, ainda algemado, fui brutalmente atingido com vários socos no abdômen por outros policiais. Fiquei por uns minutos sem condições de falar, nem reagir. Tive um breve “apagão”. Em seguida, me colocaram numa viatura, na parte traseira, onde estavam umas caixas com bombas de gás lacrimogêneo. Fiquei algemado e sentado com os joelhos dobrados. O policial que estava no banco na minha frente trazia um cassete de madeira e batia no meu joelho, enquanto conversava animadamente com o motorista e um terceiro policial.

Um policial pergunta ao outro:

Motorista policial: – Você sabe que eles tão querendo tomar o poder? (Ele mesmo responde) – É! Eles querem fazer a mesma coisa que fizeram na Nicarágua, com o tal do Ortega!

Policial com o cassete: – Será? Acho difícil.

Motorista: – É sim, o Lula já tá até querendo criar o partido dele. O partido do trabalhador. E tem diretor de sindicato que tá junto nessa. O tal do Augusto, esse aí dos bancários. Tem também o japonês, chinês, sei lá (referência ao Gushiken). Se prepara que eles querem tomar o poder! Hahaha!



Terceiro policial: – Se isso acontecer, sabe o que eu faço? Vou cair fora! Eu já tô comprando minha passagem pra cá fora, meu!

Motorista: – Vai prá onde?

Terceiro: – Sei lá, mas aqui eu não fico.

Policial com o cassete (batendo no meu joelho): – E esse agitador aqui?

Motorista: – Vamo levá ele pra chupar a rola do tenente Pereira! Vamos!?

... e gargalharam muito!

Estavam me levando para o prédio do DOPS. Ao entrar, junto à parede havia um banquinho, de um metro de altura. Sentado nele estava um jovem entre 16 e 20 anos. Em seguida, chegou um funcionário com um punhado de estopa e pressionou sobre o nariz e boca do jovem que tentava resistir, mas o homem forçava com violência a cabeça DELE contra a parede. O jovem tentava se desvencilhar, mas não conseguia. A estopa estava molhada com amoníaco (nas manifestações o amoníaco é usado para diminuir os efeitos do gás lacrimogêneo).

O homem dizia: – Aí tá o cheirinho bom... Cheira fundo, seu merda! Da próxima vez leva mais. Cheira aí, seu filho da puta! E apertava a estopa com amoníaco no rosto do garoto. Os policiais assistiam à cena e se divertiam, gargalhavam.

Colocaram-me para dormir numa sala, no primeiro ou segundo andar, onde havia um colchonete no chão. De um lado, a porta de entrada, e no lado oposto um painel de madeira com figuras humanas desenhadas. Era o local de treinamento de tiro. Nessas condições não havia como dormir. Verdadeira tortura psicológica. Aliviava um pouco o som que vinha de uma das máquinas de música dos bares de jogatina e prostituição no Largo General Osório, no entorno do prédio do DOPS. Uma música, no entanto, guardo na memória; muito sugestiva, aliás: Gilberto Gil cantando sua versão “Não chore mais” da música do Bob Marley: *“No woman no cry... amigos presos, amigos sumindo assim, pra nunca mais”*.

No dia seguinte fui levado a uma sala supostamente de atendimento médico, pois havia de fato alguns aparelhos usados pelos médicos e/ou enfermeiros: estetoscópio, seringas, e várias caixas de medicamentos. Entraram na sala um médico e um enfermeiro que fez um exame visual da região abdominal onde havia recebido os socos violentos. O médico fez algumas perguntas, tocou a região e perguntou se eu sentia dores. Respondi que sim, óbvio, e ele me fez

tomar elixir paregórico, remédio esse que eu já conhecia – um analgésico e digestivo. Eles se retiraram e eu fiquei aguardando. Minutos depois, entra na sala o delegado geral do Dops/SP, Romeu Tuma.

Cumprimentou-me, perguntou se eu estava bem, se havia sido medicado etc., e quis me fazer entender que ele lamentava o que havia ocorrido comigo. Logo em seguida passou a condenar a greve, os atos ocorridos e, principalmente, sobre a decisão de continuar o movimento grevista. Ele achava um absurdo a greve. E assim falou...

– Esse Gushiken está levando todo mundo para o buraco. Ele está desesperado e quer levar todo mundo com ele. Você sabe por que ele está fazendo tudo isso? Você não sabe! Eu sei. Ele quer que todo mundo morra. Ele está condenado. Ele está com câncer e vai morrer!

Gushiken e Augusto conduziram a última assembleia que decretou o fim da greve com conquistas importantes para a categoria. Continuei preso até o fim da greve. No sábado, fui liberado. Tive que assinar um “termo de saída”. Já na rua, iniciei minha caminhada por entre as cordas que isolavam o prédio (providência tomada após a explosão de um carro-bomba contra o prédio do Dops na década de 1960, ataque assumido pelas organizações revolucionárias contra a ditadura).

Já havia caminhado alguns metros, quando ouvi: – Psiu, Psiu! (alguém chamando).

Pensei:— Não é comigo! Continuei caminhando e me distanciando do Dops.

Foi então que ouvi: – “Urbinnatti! Urbinnatti!”. Olhei e vi o policial que me levava até a porta de saída. Fazia um gesto para que eu retornasse e expressava um sorriso sarcástico. Fiquei desesperado, muitas histórias me passaram pela cabeça naquele momento – a morte de Alexandre Vanucchi Leme, entre outras – pois eu já havia assinado minha “saída”. Pensei em correr, mas desisti. Ao me aproximar do policial, perguntei o que ocorria.

Ele me disse: – “Os homens estão querendo você lá”. E ria.

Mais desesperado e incrédulo, eu o acompanhei. Entramos no prédio, ele me conduziu até o elevador e fomos para a sala do delegado geral Romeu Tuma. Além do delegado estavam me esperando Aurélio Peres, deputado federal; Irma Passoni, deputada estadual; e Luiz Eduardo Greenhalgh, advogado que foi fundamental na luta pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita.

O alívio foi grande.

Sáímos do DOPS. Em seguida, levaram-me para a Câmara Municipal, onde havia ocorrido a assembleia dos metalúrgicos de São Paulo. Ali, pude encontrar e abraçar Luiz Gushiken e Santo Dias da Silva, líder metalúrgico que seria assassinado dias depois num piquete na porta da fábrica Silvania em Santo Amaro, em 1979.

## Uma década de ausência

*Tirso Marçal<sup>1</sup>*

**Q**uero destacar os primeiros anos de militância e convivência com Luiz Gushiken. Refiro-me principalmente ao período de 1978 a 1988. Foi nesse curto espaço de tempo que o irrequieto nissei okinawano, bancário de Osvaldo Cruz, socialista de viés trotskista, se destacou no meio sindical e partidário.

Em março de 1964, os militares tomaram o poder em um golpe de estado. Foram longos anos de ditadura, que só terminaram em março de 1985, com a posse do presidente José Sarney. Em outubro de 1988 uma nova Constituição Federal foi promulgada; uma pequena e ruidosa bancada de constituintes pertencia ao Partido dos Trabalhadores. Eram 16 deputados ao todo, entre eles Luiz Inácio Lula da Silva e Luiz Gushiken.

Passamos por um breve “milagre econômico”: o bolo cresceu, mas não foi dividido. Ao contrário, as disparidades sociais aumentaram e milhões de brasileiros não tinham onde morar, nem o que comer. A situação no campo era dramática, o êxodo rural cresceu enormemente.

Os militares admitiam uma “abertura lenta, segura e gradual”; nas ruas, o povo tinha pressa. Mobilizações intensas; os movimentos sindicais, estudantis e populares, aliados a outros setores da sociedade, derrotaram o obscurantismo. Luiz Inácio Lula da Silva, Luiz Gushiken e outras lideranças populares nasceram no bojo dessas lutas.

---

<sup>1</sup> Tem 65 anos de idade, natural de Ibitinga (SP), formado em Sociologia e Política, foi bancário e assessor parlamentar.

Ao longo dos 21 anos de ditadura, a categoria bancária não foi poupada, pagou um preço alto. Muitas lideranças bancárias foram demitidas, cassadas, presas, torturadas e exiladas. O ex-presidente Salvador Tolezano foi morto em janeiro de 1970 em condições “estranhas”.

Augusto Campos – outro banespiano do interior paulista – já era um veterano nos anos 1970. Em 1975 liderou uma chapa de oposição em seu sindicato; três anos mais tarde teve a habilidade de costurar outra chapa de oposição, em aliança mais ampla e representativa, que saiu vitoriosa. A eleição aconteceu em janeiro de 1979, a posse foi no dia 28 de fevereiro do mesmo ano.

Em plena ditadura militar... Augusto Campos tornou-se presidente do maior sindicato de bancários da América Latina, Luiz Gushiken era seu vice-presidente. Essa vitória ecoou por todo o país e fortaleceu as lutas sindicais e democráticas. Lembro que a primeira ação da nova diretoria foi organizar uma caravana para recepcionar os companheiros exilados que voltavam ao Brasil. Simbólico.

Conheci Gushiken, Tita Dias, Washington Luiz e outros companheiros bancários da oposição um ano antes, no dia 7 de junho de 1978. O pequeno auditório do 20º andar do sindicato estava lotado, assistíamos ao jogo da seleção brasileira de futebol; o Brasil enfrentava a Espanha pelo campeonato mundial. O jogo acabou empatado sem gols... A televisão foi desligada, Gushiken se apresentou e convidou os presentes a participarem de reunião da oposição sindical, que aconteceria na sequência, naquele mesmo local.

Aceitei o convite, encontrei a minha turma.

Eu trabalhava no Banco Mercantil de São Paulo, do banqueiro Gastão Vidigal, conhecido mecenas da organização ultraconservadora Tradição, Família e Propriedade. Gushiken, na época, pertencia à Organização Socialista Internacionalista (OSI) e seu nome de guerra era “camarada Newton”. Organização aguerrida que atuava na clandestinidade, mais conhecida no meio estudantil como Liberdade e Luta.

As reuniões das células de base da OSI aconteciam semanalmente, em grupos de até sete militantes, liderados por um secretário, que servia de elo para instância superior... Tinha ramificações em vários estados, e fortes vínculos internacionais. A conjuntura internacional era pauta obrigatória em todas as reuniões; creio que foi nesse processo que Gushiken percebeu a relevância do internacionalismo.

No início de seu terceiro e último mandato ele me confidenciou: “não tenho motivação para continuar na vida pública por muito mais tempo, exceção se for para atuar na área internacional”. Suas reflexões sobre “a nova ordem mundial e o esgotamento do Estado nacional” não tiveram êxito, a realidade se impôs e Gushiken assumiu outras tarefas.

Ao longo de sua vida, Gushiken foi presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores. Disputou e se elegeu deputado federal três vezes. Indicou e ajudou a eleger Ricardo Berzoini, então presidente do seu Sindicato dos Bancários, como seu sucessor na Câmara dos Deputados.

Foi também presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, e coordenou duas campanhas presidenciais. Gushiken era uma pessoa muito próxima do presidente Lula e colaborou muito na montagem dos dois governos. Assumiu a Secretaria de Comunicação e depois a chefia do Núcleo de Assuntos Estratégicos.

Era uma pessoa extraordinária que sabia ser firme e terno ao mesmo tempo, que valorizava as virtudes de todos, sem distinção. Um agregador apaixonado pela vida, que até seus últimos dias no Hospital Sírio-Libanês procurou dirimir conflitos e transmitir otimismo.

A espiritualidade esteve presente no dia a dia de Gushiken, mas foi só no início dos anos 1990 que pôde ser observada com maior clareza. Chegamos a realizar um seminário no auditório da Faculdade de Direito da USP, no Largo de São Francisco, sobre o tema Política e Religião, com a participação do escritor Paulo Coelho. Sucesso total de público...

Mas a imagem mais marcante que guardo desse período é de um monge meditando, sentado sobre uma pedra ao lado de uma cachoeira, na Chapada dos Veadeiros. Essa fotografia está registrada somente na minha memória.

Anos mais tarde, abraçou as doutrinas do profeta persa Bahá'u'lláh. Muito além de conceitos espirituais, Gushiken encontrou na fé Bahá'í os mesmos princípios que defendia: a busca incessante pela unidade em todas as ações, em um ambiente de amor e respeito. Ao mesmo tempo, tinha clareza que o fanatismo e a intolerância não eram aceitáveis.

A espiritualidade certamente foi importante nos enfrentamentos da política, sempre com firmeza e serenidade. E ainda lhe deu forças para encarar seus problemas de saúde com coragem e resiliência, sempre com um sorriso no rosto.



## Sou brasileiro, não desisto nunca

*Toni Cotrim<sup>1</sup>*

**L**uiz Gushiken foi um grande líder brasileiro, sindicalista, parlamentar, dirigente partidário e ex-ministro chefe da Secretaria de Comunicação da Presidência da República durante o primeiro mandato de Lula.

Conheci o “China”, como Lula gostava de chamá-lo, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo. A primeira oportunidade de trabalhar com ele foi na campanha presidencial de 1998, quando ele assumiu a coordenação política e eu a coordenação de comunicação. Dessa época, guardo a lembrança de um homem pequenino, descalço, traçando furiosamente, numa lousa gigante, o plano de ação que daria um rumo fundamental à campanha. Como o vi fazer inúmeras vezes depois, liderava com criatividade, conduzindo-nos não pelas rotas já traçadas, mas desbravando e abrindo novos caminhos.

Depois, tive a honra de assessorá-lo na SECOM durante o primeiro mandato de Lula na presidência.

Enquanto nos consumíamos na administração complexa do dia a dia da comunicação do governo, Gushiken olhava mais do alto e mais longe. Certo dia, na sua sala, ele me disse que a nossa missão ia muito além de divulgar as ações do governo e me encomendou a concepção de uma campanha que valorizasse a brasilidade, elevasse a autoestima dos brasileiros e elevasse o espírito nacional. O primeiro grande desafio seria criar uma campanha dessa natureza

---

<sup>1</sup> Artista, publicitário e consultor político. Foi diretor de arte e criação em várias agências de publicidade. Coordenou campanhas eleitorais majoritárias, proporcionais e sindicais de 1989 a 2012. Foi assessor especial da SECOM-PR de 2003 a 2005.



que fosse diametralmente diferente daquelas que a ditadura militar havia feito (Brasil, ame-o ou deixe-o; milagre brasileiro etc.). O segundo desafio era encontrar uma concepção de campanha que tivesse grande alcance com a pouca verba da qual dispúnhamos.

O entusiasmo do Gushi me contagiou e eu contagei o publicitário Luiz Lara. Daí resultou a campanha “O melhor do Brasil é o brasileiro”, que viralizou a ideia “sou brasileiro, não desisto nunca”. Percorremos o Brasil numa maratona de convencimento para que os veículos de comunicação encampassem a ideia e veiculassem os anúncios que produzíamos quase sem verba. Funcionou: praticamente todos os veículos do Brasil aderiram e, se mensurássemos todas as veiculações, teria sido a maior e mais cara campanha jamais realizada por um governo.

Esse foi apenas um pequeno exemplo daquela mente ímpar.

O Gushi era um homem brilhante, com uma visão de mundo impressionante. Suas convicções abrangiam um imenso espectro: da espiritualidade à política, do legislativo ao executivo, das administrações locais à governança global. Ele aplicou seu gênio em tudo: na vida pessoal e na familiar, na liderança sindical, na luta política, nos mandatos que exerceu e nos cargos que ocupou, nas batalhas que enfrentou e até na preparação da sua própria morte, que enfrentou com altivez.

Gushiken, se vivo, faria a diferença no momento político que vivemos. Ele saberia apontar o caminho, identificar as utopias de que tanto necessitamos na política e na comunicação do governo. Tenho certeza de que ele nos guiaria com muito mais sabedoria no enfrentamento crucial histórico que se nos impõe.

## Meu, seu, nosso Luiz Gushiken!

*Vagner Freitas<sup>1</sup>*

**L**uiz Gushiken foi o mais brilhante, mais interessante, mais sagaz dirigente sindical que eu conheci, ele era um homem muito além do seu tempo. Coisas que ele praticava na década de 1980 ainda são modernas nos dias de hoje. Gushiken aliava a capacidade de entender os bancários, de entender os trabalhadores, com a capacidade de entender os funcionários; de elaboração política profundíssima, com ser um estudioso das relações do trabalho e uma absoluta capacidade de encantar as pessoas.

O que eu acho que é muito interessante é que, em um momento político, como deputado federal, como presidente do PT, Gushiken também demonstrou em outro momento uma outra característica de ser muito amplo e de propor um governo. No primeiro mandato do presidente Lula, nas funções que ele teve dentro do governo, que dialogava com todos os partidos políticos, com todas as opiniões, dialogava com todas as tendências, mostrando a característica de agregar ao seu redor ideias importantes com a capacidade de acrescentar ao governo do presidente Lula opiniões divergentes.

Ele também era muito gentil, era uma pessoa de finíssimo trato. Eu me lembro de uma passagem importantíssima da minha vida de iniciante de dirigente sindical com o Gushiken lá por 1994. Ele já era uma sumidade no mundo sindical e político, e foi fazer uma palestra no sindicato num momento muito ruim da atuação da vida do movimento sindical, com Fernando Henrique,

---

<sup>1</sup> Casado, pai de dois filhos, bancário, sindicalista e ex-presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), hoje preside o Conselho Nacional do SESI.

que já estabelecia esse processo de perseguição ao movimento sindical. Me lembro que era uma discussão sobre globalização e o Fernando Henrique, enfim, seus apoiadores, seus mentores, acusavam o movimento sindical cutista e o sindicato de ser atrasado, de ser desinteressado em ideias novas e culpava o movimento sindical pelos ganhos que os trabalhadores poderiam ter, mas deixavam de ter devido a posição do movimento sindical. E isso deixou parte da diretoria do sindicato numa grande crise. Parte não, acho que a maioria, porque nós saíamos para fazer atividade sindical, éramos agredidos nas ruas, uma coisa até parecida com o que aconteceu já no Bolsonaro ou no Temer. Era um momento sombrio, porque o movimento sindical tinha uma dificuldade muito grande de passar os seus valores para os trabalhadores e começou a ser perseguido. Eu mesmo fui agredido em uma agência em frente ao Bradesco, na Lins de Vasconcelos, por estar defendendo o que nós acreditávamos. Éramos enxovalhados pela opinião pública e pelos trabalhadores.

Eu me lembro que o Gushiken foi fazer uma palestra para nós, no sindicato, e disse uma coisa que é extremamente importante e alvissareira para os nossos ouvidos. Ele dizia: “Olha, não fiquem se culpando, porque hoje fazer movimento sindical é muito mais difícil que na minha época”. E ele foi fazendo várias comparações com quando ele foi dirigente sindical, das características do tempo dele, e como era difícil fazer movimento sindical no nosso tempo. E ele dizia, “não abaixem a cabeça, vocês vêm de um sindicato que tem trajetória de luta e vocês têm *pedigree*. É que agora os instrumentos de convencimento que os sindicatos utilizam para com os trabalhadores, têm uma disputa da opinião dos trabalhadores que os próprios patrões fazem. Porque na minha época os patrões discutiam e tinham muito menos estratégias para disputar conosco, no sindicato, a opinião e a formação da opinião política da classe trabalhadora. A nossa própria evolução e êxito do nosso modelo sindical, de fazer sindicato, é que qualificou os patrões também para fazer um enfrentamento, digamos assim, mais qualificado hoje com vocês do que faziam comigo na minha época. Há outros instrumentos de comunicação e vocês, então, não são incapacitados, vocês têm é que procurar entender essas mudanças para ter um instrumento ou conseguir instrumentos para chegar perto dos trabalhadores e falar a linguagem que os trabalhadores querem ouvir”.

Ele dizia que era um momento de transformação mundial, com a globalização. “As coisas que eram dadas há um tempo atrás, hoje não são mais. E vocês estão passando por esse turbilhão. Não desanimem. Eu também, quando cheguei na diretoria do sindicato, no início do meu mandato, no início e fim da minha atividade sindical, fiquei desesperado muitas vezes por não dar respostas que queriam ouvir os bancários. E vocês podem fazer isso, são capacitados para isso. Não se culpem!”

Eu me lembro que isso foi um alento muito grande para nós da diretoria do sindicato, e o Gushiken fazia isso periodicamente, ou em reuniões com todos nós ou em reuniões individuais. Depois, no decorrer da minha trajetória, fui, obviamente, tendo outras fases, e já na presidência da Confederação dos Bancários, o Gushiken fazia questão de, de quando em quando, me chamar para conversar e a gente fazia grandes debates. O Gushiken era um erudito, sob o ponto de vista acadêmico, e ele discutia, fazia questão de aprofundar a análise política comigo para me ajudar a, enfim, tomar decisões e continuar a minha trajetória já numa esfera diferente da minha militância.

Gushiken foi um dos políticos mais influentes que nós tivemos no PT e, por isso, talvez tenha sido, de todos nós bancários, o que tinha a relação mais próxima com o presidente Lula e essa é uma outra qualidade extraordinária dele.

Na época tinha uma rivalidade muito grande entre nós, bancários, e os metalúrgicos, e o Gushiken dizia que nós éramos complementares, ele não levava adiante essa discussão, pelo menos para mim era assim que ele se referia. Nós tínhamos uma trajetória diferente, o nosso sindicato vinha da organização de correntes políticas europeias. O sindicato tinha uma grande influência, por exemplo, do trotskismo. Ele mesmo e tantos outros importantes companheiros foram construindo a opinião do sindicato. Dizia que os metalúrgicos do ABC tinham uma outra concepção, eles tinham uma influência muito maior da igreja católica progressista e também trajetórias diferentes, porque a organização dos próprios patrões metalúrgicos seria diferente da organização dos patrões bancários; que nós tínhamos diferenças, mas que não tínhamos divergências. Segundo Gushiken, o Lula era a maior referência da classe trabalhadora por tudo que significava: um metalúrgico que vinha do Nordeste brasileiro com nível de escolaridade baixo, uma característica da ditadura que impediu boa parte da população brasileira ter acesso à escola; mas que a

sabedoria do Lula era nata e ele era a cara, a representação do que nós precisávamos naquele momento para fazer a ruptura com o modelo.

E o Lula deveria ser, por nós, incentivado, apoiado. Nosso papel seria discutir com ele e com os dele, eventuais divergências pontuais que tínhamos, mas ajudarmos a engrandecer a figura do Lula, porque ele representava o trabalhador brasileiro naquele momento, e era essa liderança super importante para a construção do PT e fortalecimento da CUT.

Esse era o Luiz Gushiken, um homem além do seu tempo, que me ensinou muito, talvez tenha sido com quem eu mais aprendi, aquele que eu mais admirei. E que, nesse livro, enfim, nessa releitura, nessa homenagem que se faz ao Luiz Gushiken, eu fico muito feliz de poder participar, porque não tenho dúvida nenhuma que estamos nos referindo a um dos homens mais inteligentes que eu conheci, do bem para o bem, só pensava no melhor para a construção de uma nova sociedade. Um sonhador que colocou seu sonho em ideias práticas, construindo um sindicato, construindo uma ideia de negociação coletiva, construindo um partido político junto com o presidente Lula, que hoje vem mudando o Brasil e, acima de tudo, sendo generoso, respeitoso e grandioso.

## O samurai da quebrada

*Valter Passarinho<sup>1</sup>*

**T**rabalhar em banco, para mim, foi uma questão de sobrevivência. Trabalhei no Bradesco de 1982 a 1986. Eu sempre fui a favor da justiça social, e ali no banco eu via muitas injustiças. Meu pai era militar e vivia dizendo para eu entrar para a polícia. Mas a verdade é que o sindicato era o que tinha mais a ver comigo.

Quando houve a greve de 1985, eu trabalhava na agência Santa Cecília e o banco estava levando os funcionários dentro de carros-fortes para trabalhar em Osasco. Eu consegui me articular com os colegas e conseguimos fazer com que a greve tivesse uma adesão de 70%. Reuníamos-nos na saída do metrô e íamos em passeata até a rua Boa Vista, fechando os outros bancos pelo caminho.

Depois da greve fui mandado embora do banco e então me chamaram pra trabalhar no Sindicato. Logo depois fui trabalhar na campanha do Gushiken, cujos discursos eu já acompanhava, e também do Luizinho Azevedo, da Tita, do Sérgio Rosa, ou seja, muita gente que tinha compromisso com a categoria bancária, só para citar alguns.

Éramos muito jovens e chamados de “pé de boi” porque trabalhávamos muito: amarrávamos faixas, dirigíamos, levávamos e buscávamos material da gráfica, panfletávamos, fazíamos um pouco de tudo. O Gushiken nos dava uma atenção enorme, dava uma importância “fora da curva”. Eu trabalhei com vários parlamentares, mas ninguém nunca teve essa sensibilidade que

---

<sup>1</sup> Músico, presidente do Instituto Nova União da Arte (NUA) na favela do Pantanal, continua tocando e colocando em prática muito do que o Luiz Gushiken lhe ensinou.

o Gushi tinha. Muitos eram atenciosos, mas com o Gushi era diferente, porque ele nos tratava de um jeito que nos fazia sentir parte mesmo, como se fôssemos da família.

Eu sempre gostei muito de música, e esse era o caminho que eu queria seguir. E, mesmo estando na política, eu sabia que podia fazer política através da música. Fui estudar música, virei professor de percussão e dei aula para a garotada em escolas de São Miguel. Isso foi transformador também. E eu sempre contei com a aprendizagem política e com as coisas que o Gushiken me passou.

Mesmo nos momentos de raiva, como quando o pessoal das outras campanhas colava os cartazes em cima dos nossos, por exemplo, o Gushi tinha um ensinamento. Ele dizia que não podíamos ficar alimentando os demônios.

Durante aquela campanha, um repórter me parou na rua e perguntou pra quem eu estava trabalhando, onde eu morava, o que eu fazia. Eu respondi que eu era militante, que morava em São Miguel, numa casa de dois cômodos numa família de 12 pessoas. São Miguel era um lugar quase esquecido, as políticas públicas nunca chegavam até lá, não tínhamos acesso a muitas coisas. Várias vezes eu levei o Gushiken para a quebrada para fazer campanha, falar do mandato, das lutas. A favela traz muita coisa importante que às vezes as pessoas não conseguem enxergar. Mesmo enfrentando tantos problemas, vivendo com o mínimo, na periferia as pessoas conseguem encontrar um jeito de ir em busca da felicidade.

Onze anos atrás minha filha faleceu numa enchente em São Sebastião. Um pouco antes disso eu tinha ido na casa do Gushiken. Ele já estava bem debilitado, mas ficamos conversando durante um bom tempo. Ele perguntou se eu não achava perigoso morar “no meio do mato, perto da cachoeira”. Eu disse que fazia 80 anos que a casa estava lá do lado da cachoeira, mas ele insistiu: – “É, mas mesmo assim, né?”. Parecia que ele estava pressentindo. Quando tudo aconteceu, o Gushiken me ligou pra dizer uma palavra de solidariedade e que eu poderia contar com ele. E pediu para as pessoas me procurarem para ajudar. Muita gente me ligou, fizeram uma campanha para conseguirmos recursos para retomar a vida, mas tem coisas que não é dinheiro que consegue resolver. Mesmo assim, você sente, na forma como as pessoas falam com você, o quanto é profundo e verdadeiro.

Foi muito importante e prazeroso conviver com o Gushiken. Com ele eu tive uma noção da política, do ser humano, da solidariedade, da humildade. Quando viajávamos, ele muitas vezes desabafava comigo. Ele era um cara que não víamos só como um político atrás de voto. O Gushiken era um mano, um *brother*, como dizemos aqui na quebrada. Um samurai da Quebrada.

Para mim é uma honra poder falar alguma coisa do Gushiken, e talvez eu não consiga expressar tudo que eu tenho para dizer dele. Só sei que o Gushiken é essa referência de solidariedade, de compreensão, de humanidade, e quando eu falo dele, faço isso com carinho e com orgulho. Só tenho a agradecer.

Hoje me dedico ao instituto NUA, na favela do Pantanal, e continuo também tocando.

O instituto representa a associação entre a política e a arte, e tenho certeza que o Gushi sentiria orgulho de ver na prática muito do que me ensinou.

Gushi, presente. Tamo junto, sempre!





# Gushiken não morreu, porque nem todos morrem

*Washington Araújo<sup>1</sup>*

**G**uardo de Luiz Gushiken, que conheci em 1990, memórias luminosas de suas muitas qualidades: mente perspicaz e intuitiva, entusiasmo incontrolável e contagiante, sabedoria à flor da pele e uma bondade de coração ímpar. É difícil encontrar alguém que reúna de forma tão harmônica tais características. Mas Gushiken conseguia isso. E adicione-se a isso também o tempero de um constante bom humor.

Homem de ação, pisava no chão da realidade com toda a largura de seus ideais e estes sinalizavam o anseio por uma vida transcendente, dessas que aspira à plenitude.

Na vida profissional, como funcionário de um banco público federal, representei o patronato e negocieei com grevistas. Gushiken, do outro lado, esticando a corda, gramofone na mão, cartazes e faixas nos braços, levantando o grito contra as injustiças, incitando a saída do conformismo para o protagonismo que somente a pedra lançada no lago das consciências dormentes poderia engendrar.

Fui pessoalmente conhecer Gushiken muitos anos depois. Morávamos em Brasília. Ele já em seu segundo ou terceiro mandato de deputado federal; eu, licenciado do Banco do Nordeste, servindo à administração nacional da Fé

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e jornalista. Foi bancário e ocupou diversos cargos públicos. Servidor de carreira do Senado Federal, é professor da Universidade do Legislativo Brasileiro, onde leciona Ética e Administração Pública, História e Evolução dos Direitos Humanos, Análise de Políticas Públicas afetas aos Direitos Humanos, Ética e Direitos Humanos, Filosofia do Direito. Publicou mais de 17 livros como autor e coordenador.

Bahá'í. Encontramo-nos muitas vezes e em todas essas oportunidades tratamos do que realmente importava: como lançar bases para uma sociedade livre e justa, sociedade não mais feita com homens de chumbo, mas sim com homens de ouro, desses que são solidários e estão sempre atentos aos lamentos dos sofredores, dos miseráveis, dos que habitam o chão duro da vida.

E trocávamos ideias sobre os ensinamentos bahá'ís, abordando a igualdade de direitos e oportunidades para homens e mulheres, a livre e independente pesquisa da verdade, a unidade essencial entre a religião, a ciência e a razão, a luta pela eliminação de todas as formas de preconceitos, e, além desses temas, discorriamos sobre a unidade essencial das religiões.

Dessas reuniões, me vêm à boca da mente sua imagem, sempre entusiasmado, pulando duas ou três reflexões e mergulhando de ponta em algum tema místico logo mais adiante. Gushiken pisava no chão dos ideais, dos sonhos e das utopias com pés práticos, muito práticos.

Em fins de 1991 fui procurá-lo em seu gabinete na Câmara dos Deputados. Ele estava agitado e eu precisava compartilhar com ele que em 29 de maio de 1992 os seguidores da Fé Bahá'í estariam celebrando a passagem do Centenário da Ascensão de Bahá'u'lláh (1817-1892), o profeta fundador da Fé Bahá'í. Pensava que bem poderíamos realizar uma homenagem a Bahá'u'lláh na Câmara Federal. Qual a minha imensa satisfação ao ver o imediato entusiasmo de Gushiken à ideia da sessão solene: “Tom, isso é muito fácil. Vamos fazer, sim. Já vou encaminhar hoje mesmo um requerimento e pegar as assinaturas das lideranças partidárias. É só isso?” E foi assim que o Brasil foi o primeiro país do mundo a assinalar aquela importante data com uma sessão solene, realizada em seu Parlamento. E Gushiken, como proponente da solenidade, fez uso da palavra e proferiu um dos mais instigantes pronunciamentos que jamais um homem público fizera em louvor a um “Manifestante de Deus”. Naquela data memorável, ele assim principiou seu discurso:

“Senhor presidente, senhoras e senhores deputados, ilustríssimos senhores representantes da Fé Bahá'í e demais autoridades presentes, subo a esta tribuna investido da mais alta honra, pois a mim foi concedida a oportunidade de falar sobre uma preeminente figura que se tornou objeto de estudo, em várias partes do mundo, em face do seu legado de ideias, de incomparável potência transformadora.

Há muitos anos, sr. presidente, venho dedicando-me ao estudo das religiões, motivos por interesse intelectual e também espiritual. Conhecer um Baghavad-Gita, o Velho e o Novo Testamento, bem como o Alcorão e os vários textos búdicos, tem fortalecido em mim a convicção de que os impulsos provocados por estas revelações, ditas sagradas, constituem as raízes mais fortes dos processos verdadeiramente civilizatórios da humanidade.

E eis, senhor presidente, que deparo, perplexo, com a mais colossal obra religiosa escrita pela pena de um só homem, elaborada em condições inimagináveis, e capaz de concentrar em um só tempo vigor estilístico, autoridade majestática, força moral incomparável, generosidade abundante, admoestação severa, beleza artística e tom profético. Bahá'u'lláh, senhor presidente, é o nome do autor desta obra.”

Suas palavras finais constituem um dos mais inspiradores momentos vividos na política brasileira. E pensar que, tão formidável obra de oratória, consumiu não mais que quatro páginas, 30 parágrafos, 139 linhas e exatas 1.631 palavras!

Desde então, nossa amizade se estreitou mais e mais. Acompanhei, sempre com um nó na garganta, os duros, mas corajosos embates, de Gushiken contra terríveis enfermidades. De aparência física fragilizada por tantas intervenções cirúrgicas, ainda assim era notável seu espírito leonino, sempre rugindo ante as luzes de um intelecto privilegiado.

E quantas vezes fui ao seu encontro com o claro objetivo de animá-lo ante as novas batalhas para manter a saúde e, sempre, que retornava para casa eu é que me sentia mais animado, mais cheio de ânsia por viver. Era como se o médico visitasse o paciente para ministrar-lhe a cura e, deste encontro saísse, ele próprio, curado.

Em outubro de 2002, Lula já havia sido o vencedor do primeiro turno daquele histórico pleito presidencial brasileiro e se preparava para o segundo turno final. Um gesto de Gushiken voltou a me marcar para sempre, como ferro em brasa na pele. Ele marcara um encontro de Lula com meia dúzia de seus amigos, o que também me incluía. O tema daquela candente reunião era um só: “Em caso de vitória no segundo turno, quais deveriam ser as marcas de um Governo Lula?” Lembro de ter sido um dos últimos a falar e disse que a marca de seu governo deveria ser uma e apenas uma: elevar a autoestima do

povo brasileiro. Ainda posso discernir a interrogação tomando conta do rosto de Lula: “Mas, como poderemos fazer isso?” Falamos sobre a necessidade de se auscultar as raízes da sociedade, de se ouvir o povo brasileiro, esse que trabalha muito e ganha pouco, esse que não dispõe de um sistema digno de saúde nem de educação adequada, não obstante termos um país que pode vir a ser o celeiro da humanidade, riquíssimo em recursos tanto naturais como humanos. Aludi ao fato de que precisávamos voltar a amar o Brasil, a sentirmos felicidade por sermos brasileiros, termos um povo hospitaleiro, criativo, trabalhador e também amante da paz.

Após a vitória, Gushiken assumiu o cargo de ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. E simplesmente fez uma revolução no setor e democratizando o acesso à publicidade pública. Vem de seus primeiros dois anos como ministro da SECOM a mais importante campanha de um governo federal focalizando um único tema: o orgulho de ser brasileiro.

Acompanhei, também, o mais injusto e perverso processo que se moveu na história recente do Brasil, contra um indivíduo, que mesmo sem contar com duas ervilhas sequer de provas, ainda assim se buscou repercutir perante toda a nação as mais grosseiras, torpes e caluniosas acusações que um indivíduo inocente poderia receber. Isso se deu contra meu querido amigo Luiz Gushiken e teve como pano de fundo o que a grande imprensa chamava “mensalão”.

Acompanhei a audiência em que Gushiken foi ouvido em sessão da CPMI, criada pelo Congresso Nacional. A defesa de Gushiken foi brilhante, não deixou nada envolto em obscuridade, fez questão de apresentar documentos, atos formais oficiais que assinara como ministro de Estado, defendera os benefícios que suas ações à frente da SECOM trouxera à sociedade brasileira e, de quebra, fez impressionante defesa das políticas públicas criadas e levadas avante pelo governo do presidente Lula. Os algozes que planejavam constrangê-lo na dita sessão, saíram, na verdade, muito embaraçados e constrangidos com a contundência de suas afirmações. Não foi nem apenas uma ou só duas vezes que, qual leão em posição de ataque, Gushiken exigiu de seus inquiridores um mínimo de hombridade moral, decência e ética no trato da “res publica”.

Foi ali que vi Gushiken em um momento de fúria mitológica. Gushiken mostrou à larga os materiais nobres com que era formado seu caráter e desvelava seu patrimônio ético de homem público. A verdade é que, por mais que os

meios midiáticos fossem instrumentalizados em sua campanha para golpear o governo Lula, ainda assim, tiveram que repercutir o voto do ministro do STF Joaquim Barbosa declarando que “não existiam qualquer indício que levantasse a mínima suspeita sobre o comportamento do ministro Luiz Gushiken”. Em 2011, o procurador-geral da República Roberto Gurgel também seguiu o mesmo caminho.

Muitas outras vezes estive com Gushiken, fosse em Brasília, Indaiatuba ou em São Paulo. E após cada encontro desses, trazia sempre comigo o sentimento forte de que ele estava anos-luz à frente de seu tempo e que me sinto um privilegiado por ser seu contemporâneo e ter sido alvo de porções tão generosas de sua amizade. Das melhores memórias que trago na vida o Gushiken parece sempre estar presente. E minha gratidão a ele será por toda a eternidade e mais um dia.

Gushiken não morreu, porque nem todos morrem.



# Uma nova ordem mundial: O esgotamento do Estado Nacional<sup>1</sup>

*Luiz Gushiken*

## **A desordem mundial e o colapso iminente**

Qualquer cidadão informado e atento ao que ocorre na arena mundial deve estar sendo tomado de uma angustiante sensação, de uma profunda inquietude em face dos tumultuosos acontecimentos que abalam o mundo.

Uma retrospectiva do século passado constata que a lógica da Guerra Fria – imperante nesse período e baseada no confronto entre duas ideologias opostas – havia imposto uma visão simplificadora do futuro. Daqueles dois campos antagônicos originavam-se distintos alinhamentos políticos e militares, conformavam-se diferentes visões de mundo e determinavam-se valores sociais e individuais. O aniquilamento de um desses polos era entendido como condição para a pujança do outro. Entretanto, o desmoronamento do império soviético não se fez suceder por uma expansão do capitalismo como imaginavam seus ideólogos, tampouco por uma nova ordem mais tranquilizadora.

Em realidade, tudo indica que o mundo entrou numa nova fase perigosamente crítica, povoada de uma profusão de eventos catastróficos, imprevisíveis, desequilibradores e de impressionante velocidade. Há graves indicadores de que caminhamos celeremente para uma grande desagregação de caráter caótico e cataclísmico, sem qualquer rumo definido.

Neste final do século XX tudo parece ser imprevisível, principalmente os grandes acontecimentos políticos e sociais, de que é exemplo notável o desmoronamento do império soviético. E tudo parece ser fugaz. O levante dos

---

<sup>1</sup> Texto publicado pela Câmara dos Deputados, Brasília (DF), em 1994.



negros na metrópole de Los Angeles há três anos, as imagens dos canhões de Boris Yeltsin explodindo o parlamento e que há poucos meses estarreceram o mundo, o impeachment do presidente da República, Fernando Collor de Mello, que sacudiu o Brasil, hoje aparecem como remotas lembranças. Assim parece acontecer com quase tudo.

Neste final de século XX, a desagregação e a unificação se apresentam como tendências simultâneas. Quando a comunidade europeia tenta um salto histórico, rompendo seculares barreiras nacionais na busca de um novo patamar de unidade, em vários países o fanatismo religioso, acompanhado de um nacionalismo desenfreado, divide povos, sacode o mundo e dissemina o terror nas áreas onde penetra.

Neste final de século XX, as incertezas são enormes. As geopolíticas dos países, que no período da Guerra Fria possuíam uma lógica linear que tornava fácil o posicionamento estratégico, pois se baseavam num simples confronto ideológico (comunismo versus capitalismo), hoje se enredam em ações *ad hoc*, incapazes de traçar uma estratégia global e de prazo duradouro.

As Forças Armadas da maioria dos países, que tinham o seu suporte ideológico lastreado no combate ao comunismo, hoje carecem de uma identidade que as legitime.

Conflitos em estado latente podem convulsionar o mundo. Quando, por ordem expressa do seu presidente da República, os EUA atacam militarmente a residência de Kadafi, presidente da Líbia, é imperiosa uma resposta à questão que suscita: quem está certo? Bush, que exige a extradição dos terroristas líbios, responsáveis pela morte de centenas de civis em ação terrorista, ou Kadafi, que aceita a extradição, desde que sejam julgados por um Tribunal Internacional e não pela Corte Suprema Americana? Recentemente, esta mesma Corte Suprema tomou uma decisão que fere a soberania de outros países, pois permite que autoridades americanas possam praticar o sequestro em território alheio. Como ficará o mundo se semelhante medida se generalizar?

Pela primeira vez na história recente, a questão da ética na política é tema de grandes debates nacionais, sendo Brasil, Itália e Japão os exemplos mais conhecidos de países onde a depuração das instituições políticas contaminadas pela corrupção não encontra paralelo em suas respectivas histórias políticas. Epicentro da crise em muitos países, a degeneração moral dos governantes

é desvelada no bojo de verdadeiros vendavais de desnudamento. Lideranças nacionais são mostradas em íntima relação com os esquemas de corrupção e as entranhas da política são expostas à ira pública. A teoria política de Maquiavel, que ainda norteia o pensamento político contemporâneo, parte da presunção de que o homem é inerentemente mau, concebendo a esfera pública apenas como espaço para disputas de poder em que o discurso da ética é instrumentalizado a ponto de não distinguir-se da mera retórica. Esta concepção está agora sendo repudiada por ações de massa. Acaso este fenômeno representa uma inflexão no mundo da política? A democracia, amparada numa imprensa livre e num poderosíssimo arsenal de comunicação de massa, não haverá de impor uma nova forma de relacionamento entre o cidadão e a esfera pública?

O final deste século XX é o mundo das comunicações de massa. Este invento humano notável rompe fronteiras, cria simultaneidades impensáveis no passado, altera hábitos e costumes, estimula ações, atravessa tempos e espaços, altera comportamentos sociais, amplia o pequeno e diminui o grande, entorpece e também educa mentes. Enfim, trata-se de instrumento benéfico e perigoso ao mesmo tempo; depende de quem o manipula. Não por acidente é chamado de o quarto poder.

O final do século XX é também o mundo das grandes tensões. Num ambiente de delicados conflitos de natureza econômica entre países pobres e ricos, a deificação do livre mercado como solução destes problemas exacerba tensões internas nos países.

Até quando nações endividadas, com populações vivendo em grau extremo de miséria, continuarão sendo exportadoras de capital a países ricos e monitoradas por órgãos internacionais, meros apêndices desses mesmos países ricos? É possível resolver a aflitiva questão do narcotráfico somente com a repressão armada, quando os governos dos países produtores de coca, como Bolívia, Colômbia, Peru, são impotentes para eliminar esta agricultura que gera renda e emprego? Não será uma nova divisão mundial do trabalho, que garanta outras alternativas para aqueles países, a principal solução para um problema que traumatiza o mundo?

Como o mundo administrará os conflitos futuros, quando a mercantilização de artefatos nucleares poderá fortalecer um número considerável de países e, perigosamente, ufanar maus governantes? Como agirão países como

a Ucrânia, a Bielorrússia e o Cazaquistão, possuidores de armamentos nucleares, num quadro interno de desagregação administrativa, corrupção no poder, e com um povo destroçado e faminto? Até quando o Japão, dotado de sofisticado aparato tecnológico, resistirá à tentação de uma Força Armada interna, quando a China já é possuidora de artefatos nucleares e a Coreia do Norte insinua possuí-los?

O século XX é também pleno de contradições no campo do pensamento. O desenvolvimento das ciências e das tecnologias avançadas permitiu ao homem um domínio sobre a natureza em grau de capacitação e de rapidez que não tem paralelo na história humana. Sob este aspecto, o século XX pode ser chamado de o século das luzes, ainda que, em face da miséria material reinante na maioria da humanidade, também possa ser denominado o século da exclusão social. Mas o paradoxo na área do conhecimento é visível quando se compara o avanço no campo da física, matemática, química, biogenética, astrofísica etc., com o campo das ciências social e política. O desmoronamento do império socialista é, neste sentido, exemplar. Nenhuma mente humana conseguiu prever, com um mínimo razoável de antecipação, o mais extraordinário evento político deste final de século. E ninguém sabe como vão terminar seus efeitos desequilibrantes que sacodem o mundo.

A incapacidade dos mais refinados pensadores em capturar com antecedência acontecimentos que alteram os rumos da história parece ser revelador de que algo ocorre nas entranhas das sociedades, cuja natureza, extensão e profundidade difere de outros processos políticos-econômicos-sociais. E a propósito deste algo novo e ainda indecifrável que celeremente percorre as veias da sociedade, convém atentar para as reflexões de alguns pensadores. Octavio Ianni, em *A sociedade global*, analisando a problemática do mundo contemporâneo afirma:

Talvez se devesse dizer que terminou um ciclo particularmente importante de lutas de classes, em escala nacional e internacional. [...] Esse pode ser apenas um ponto de inflexão histórica, assinalando o fim de um ciclo e o começo de outro. [...] Sob vários aspectos, pode-se dizer que aqui começa a história novamente.

Em resumo, o colapso moral dos governantes, a decadência das instituições políticas; o declínio da religião no Ocidente como força social e indutora

de comportamentos sociais; a beligerância religiosa do fanatismo islâmico; a proliferação de armas nucleares em vários países; a miserabilidade material e espiritual de grandes contingentes do mundo; o enfraquecimento dos laços de família no mundo contemporâneo; a onda crescente do preconceito racista e nacionalista; os grandes distúrbios sociais nas grandes metrópoles; tudo isso tem conformado uma situação de extrema gravidade e desafiado os mais argutos pensadores e líderes políticos na busca de uma resposta adequada a estes titânicos problemas.

Indubitavelmente, parece que o mundo de hoje é um vulcão prestes a explodir.

## **O neoliberalismo e a deificação do mercado**

A grande questão, pois, que neste momento a etapa histórica nos coloca é a seguinte: que utopia pode mobilizar mentes e corações para fazer crer que, em horizonte não longínquo, o mundo poderá se humanizar? Como transformar o mundo, cujo padrão atual é baseado no conflito, e fazer prevalecer a harmonia e a cooperação? Quais os novos paradigmas que devem reorientar os homens?

As questões acima suscitadas, por certo, não encontrarão respostas na atual política predominante no mundo, denominada neoliberal ou moderna, que dá primazia ao mercado e minimiza o papel do Estado, que intenta a abolição de barreiras dos países fracos com a finalidade de desovar o estoque de mercadorias das transnacionais. Nessa visão ideológica, os impulsos dos indivíduos, bem como os das instituições são alimentados, principalmente, pelas forças concorrentes do mercado; não há necessidade de uma profunda transformação dos valores humanos; não se reconhece a premência de novas instituições; ou seja, não se reconhece a necessidade de uma Nova Ordem Mundial.

Em verdade, a ideologia neoliberal, difundida pelas nações mais poderosas como a fórmula salvadora para os males da economia, tem sido um remédio prescrito basicamente para os países fracos. Tenta fortalecer a crença de que o Estado é figura indesejável tanto na exploração direta de atividade econômica, como no papel de agente regulador e normativo da economia. Na visão neoliberal o mercado é autorregulador da economia e a dinâmica de suas forças internas (cegas, na verdade) expressam apenas vontades individuais em regime

de superior liberdade, do que se depreende que o planejamento estatal na área econômica é uma restrição à própria liberdade.

A falácia da ideologia neoliberal, que erige o individualismo econômico como pilar da economia, é, entretanto, desnudável numa simples constatação da realidade do mercado, onde a desigualdade nas oportunidades, nos direitos, nas obrigações etc., é sua marca preponderante. A hipocrisia é também flagrante nas relações entre as nações. Nas mais poderosas, pode-se praticar o protecionismo econômico e fortalecer o Estado; nos fracos, impõe-se a abolição de fronteiras e a desativação do Estado. A assimetria de critérios é a medida de justiça que o neoliberalismo propõe.

## **O esgotamento do Estado nacional: A raiz do caos**

O processo de colapso do mundo contemporâneo, os efeitos de desagregação em toda linha das atividades humanas e manifestos de forma evidente no mundo, parecem indicar que tais fenômenos em curso, mais que simples ajustes transitórios, são prenúncios de uma ruptura histórica, cuja natureza e envergadura exigem a compreensão do seguinte fenômeno: o Estado Nacional, baluarte de uma etapa da humanidade e em cujo interior se localizavam as respostas para o drama humano de cada povo, esgotou-se. Como uma forma determinada de organização da humanidade, o Estado nacional exauriu suas forças intrínsecas responsáveis pelo atual estágio de civilização, e os princípios básicos que foram determinantes em sua evolução histórica, qual sejam, a Soberania Nacional e a Autodeterminação, sofreram tão profunda relativização, que hoje faz-se necessário repensá-los.

O sociólogo e militante político Herbert de Souza, o conhecido Betinho, observa que o fenômeno de um capital produtivo mundial tende a:

Dissolver as formas antigas de organização e estruturação do poder político ao nível das nações e do mundo e, portanto, coloca-se ante os Estados nacionais como um novo programa que escapa e desafia as suas bases nacionais, limitadas. Subitamente pareceria que os Estados soberanos se sentem nus. Conceitos como soberania nacional e força econômica nacional curiosamente perdem o sentido.

O professor Octavio Ianni, em seu livro *A sociedade global*, também é enfático:

A reprodução ampliada do capital, compreendendo a concentração e a centralização, o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção em escala mundial, tudo isso reduz drasticamente, ou mesmo elimina, qualquer possibilidade de projetos nacionais. Isto é, qualquer projeto nacional somente pode ser proposto e realizado a partir do patamar estabelecido por uma economia política de âmbito mundial. A sociedade global já é uma realidade, não só em termos econômicos, mas também políticos, sociais e culturais.

Ao longo de suas evoluções históricas, os Estados nacionais mantiveram entre si relações políticas onde o conflito foi a marca preponderante. A belicosidade e a política de tensionamento que serviram de base para invasões, anexações, ocupações e os mais variados tipos de colonialismos e imperialismos, marcaram uma trajetória e uma época. Mas na era do esgotamento dos Estados nacionais como forças independentes e autônomas, que coincide com a época das armas nucleares e na qual a humanidade se vê confrontada, pela primeira vez em sua história, com a possibilidade de sua autodestruição – bem ilustrada nas palavras do militante político Giuseppe Vacca, quando afirma que “o sentido da nossa época é determinada pelo fim da imortalidade do gênero humano” –, o conflito como *modus vivendi* haverá de ceder espaços para um novo tipo de relacionamento entre as nações, que seja mais cooperativo e equânime em seus princípios. E, certamente, a introdução da solidariedade ativa entre as nações, e, de outro lado, uma redução na sua taxa de conflito, inaugurará algo inédito na história, carregada de imensas potencialidades para o progresso humano.

Por conseguinte, tudo parece indicar que o alto grau de beligerância ainda manifesta em grande parte do mundo contemporâneo, sob as formas de exacerbações nacionalistas e guerras étnicas e raciais, não representa uma nova tendência histórica; antes, parece indicar que são os últimos estertores de uma situação histórica em declínio e, ao mesmo tempo, o prenúncio de que algo novo está sendo gestado no ventre de um mundo velho em desagregação.

## **O governo supranacional: o futuro do Estado**

Quando se afirma que o Estado nacional está esgotado, não se quer negar a existência de componentes nacionais, como língua, hábitos, cultura e estruturas políticas etc., tampouco ocultar uma intenção de suprimi-los enquanto

expressões de um povo. Quer indicar, entretanto, que suas aflições e necessidades, antes resolvidas no âmbito exclusivo das instituições nacionais e de conformidade com seus valores, não são mais passíveis de solução nos marcos de Estado nacional.

A miséria de dois terços da humanidade que impera no mundo atual não será resolvida a partir da ação autônoma de cada país, como se a somatória de suas ações parciais redundasse numa solução global. Esta limitação, entretanto, não é facilmente perceptível. Cada povo considera que seus problemas serão resolvidos pelo governo de seu próprio país, de forma autônoma e independente, ainda que tenha consciência dos laços e relações que os países desenvolvem entre si. Tal contradição parece revelar que o pensamento “nacional”, originado e desenvolvido durante séculos de percurso histórico, mantém, na consciência cultural e política, elementos que a realidade concreta já superou. Grande parte das tensões que o mundo vivencia, principalmente no campo da política, origina-se desta contradição.

A superação, pois, das amarras de um mundo limitado em suas instituições e valores, deve ensejar perspectivas inéditas. Esgotado o Estado nacional, trata-se de organizar os homens em níveis jamais imaginados, dotá-los de uma consciência com conteúdo novo, que os façam prosseguir em processos evolutivos rumo a uma maturidade hoje ausente.

Tão candentes questões, inquestionavelmente, são certamente merecedoras de profundas reflexões. Meritória é a atitude daqueles que ousam buscar respostas, por mais visionárias que sejam suas conclusões.

Convém, pois, resumir o pensamento de dois intelectuais, que, aprofundando a temática acima esboçada, elaboraram uma sofisticada e revolucionária resposta a estas questões.

Giuseppe Vacca, eminente parlamentar e teórico do antigo Partido Comunista Italiano – hoje PDS –, em brilhante ensaio, denominado *Notas para um Programa Comunista e Socialista*, com enfoque verdadeiramente revolucionário, levanta a ideia de um governo mundial lastreado num novo princípio político, o da unidade solidária do gênero humano. No entender de Vacca, a interdependência entre as nações tem sido até o presente momento administrado sob o modelo do antagonismo e do domínio entre os Estados, a partir de noções dicotômicas superadas (amigo-inimigo, política-guerra), e, assim,

potencializando os riscos de autodestruição da humanidade. No seu entender, o fim da economia nacional, em face da interdependência entre as nações, conclui o ciclo dos reformismos nacionais e somente uma política de cooperação poderá evitar os traumas de velha ordem agonizante. Diz Vacca:

A ideia moderna de comunismo é um projeto de unidade solidária do gênero humano. Esta unidade é concebida, portanto, como elaboração nunca plenamente acabada das diferenças e das capacidades dos indivíduos, dos grupos sociais, das etnias, das culturas e das nações.

Somente uma concepção política corresponde a esta visão do desenvolvimento possível da humanidade: a democracia como meio e como fim. [...] O desenvolvimento pleno da democracia postula, então, a superação da ordem mundial baseada no papel protagonista dos Estados-nações. Isso requer a cooperação entre os povos, as formas mais variadas de integração supranacional, na interdependência e na reciprocidade; o desenvolvimento de elementos de 'governo mundial', caracterizados por institutos inéditos de democracia internacional.

Mas o desenvolvimento intelectual mais pleno, mais acabado, em relação às questões que envolvem os dilemas do mundo contemporâneo, seus impasses e suas perspectivas, parece encontrar-se nos trabalhos do intelectual religioso Shoghi Effendi que, em *Chamado às nações*, assim se pronuncia:

A unificação da humanidade inteira é o distintivo da etapa da qual a sociedade humana atualmente se aproxima. A unidade de família, a de tribo, a de cidade-estado e a de estado-nação, foram sucessivamente tentadas e completamente estabelecidas. A unidade do mundo é agora a meta à qual a humanidade, em sua aflição, dirige seus esforços. O processo de formar nações já chegou ao fim.

O que podem significar estas palavras profundas, senão a limitação inevitável da soberania nacional irrestrita, como prólogo indispensável à formação da futura união de todas as nações do mundo? Alguma forma de superestado mundial há de evoluir, cuja autoridade todas as nações do mundo cederão de boa vontade todo e qualquer direito de fazer guerra, certos direitos de cobrar impostos e todos os direitos de possuir armamentos além do necessário para a manutenção da ordem interna nos seus respectivos domínios. Tal Estado incluiria dentro da sua órbita um Executivo Internacional, capaz de exercer autoridade suprema e indiscutível



sobre qualquer membro recalcitrante da comunidade; um Parlamento Mundial, cujos membros seriam eleitos pelo povo nos seus respectivos países e cuja eleição seria confirmada pelos respectivos governos; e um Supremo Tribunal, cujas decisões teriam efeito compulsório, mesmo no caso de as partes envolvidas não concordarem voluntariamente às questões a sua consideração...

Um idioma mundial será criado ou escolhido dentre as línguas existentes e será ensinado em todas as escolas de todas as nações federadas como auxiliar à língua nativa. Uma escrita mundial, uma literatura mundial, um sistema uniforme de moeda, de pesos e medidas simplificarão e facilitarão o intercâmbio e entendimento entre as nações e raças da humanidade. Em tal sociedade mundial, a ciência e a religião, as duas forças mais potentes da vida humana, serão reconciliadas, assim cooperando e desenvolvendo-se harmoniosamente... Os recursos econômicos do mundo serão organizados, suas fontes de matérias-primas serão coordenadas e desenvolvidas e a distribuição de seus produtos será regulada de um modo equitativo...

Longe de ter em mira a subversão dos alicerces da sociedade existente, ele procura alargar sua base e remodelar as instituições de acordo com as necessidades de um mundo sempre em transição. Não pode estar em conflito com nenhuma obrigação legítima nem minar qualquer lealdade essencial. Seu fim não é abafar a chama de um patriotismo são e inteligente no coração dos homens, nem abolir o sistema de autonomia nacional, que é tão indispensável como freio dos males da centralização excessiva. Não desconsidera, tampouco tenta suprimir, as diversidades de origem étnica, climática, histórica, idiomática e de tradição, de pensamento e costumes, que diferenciam os povos e as nações do mundo. Exige uma lealdade mais ampla, uma aspiração maior que qualquer outra que jamais animou a raça humana. Insiste em que os impulsos e os interesses nacionais sejam subordinados às necessidades de um mundo unificado. Repudia a centralização excessiva, por um lado, e, ao mesmo tempo, nega qualquer tentativa de uniformidade. Seu lema é a unidade na diversidade... Exige nada menos que a reconstrução e desmilitarização de todo o mundo civilizado – um mundo organicamente unificado em todos os aspectos essenciais de sua vida [...] e não obstante tudo isso, infinitamente variado quanto às características nacionais das suas unidades federadas.

A estupenda proposição de Shoghi Effendi é tão rica em proposições novas que convém analisar alguns de seus aspectos centrais.

Esta nova visão de organização mundial que parte da constatação da interdependência dos países, exige a unidade nas esferas econômica, social e política. Sua expressão institucional se assenta num Sistema Federado de Nações, dotado de um poder legislativo, executivo e judiciário, e uma força militar internacional organizada para a defesa e manutenção das normas de um novo código internacional. Os princípios basilares nos quais são ordenadas estas novas instituições mundiais são: cooperação mútua, solidariedade entre povos e proteção da humanidade.

Neste sistema federado de nações, corpo único da humanidade, as diversidades étnicas, culturais, de língua, pensamento e hábitos devem ser compreendidas como expressões naturais e fecundas das diferenças do gênero humano, e, portanto, constantemente renovadas. Afasta, por conseguinte, qualquer pretensão à uniformidade absoluta entre povos distintos.

O esforço na busca desta nova ordem mundial, não parte da crença de que os homens e as nações são perfeitos em sua conduta moral e desprovidos de interesses materiais. Longe disso. Parte, sim, da convicção de que a atual situação da humanidade, com todas as perversidades e tribulações que hão ainda de se manifestar, clama por uma ordem organicamente estruturada e equânime em seus princípios. Exige da raça humana uma mobilização e um esforço supremo para consagrar um novo convênio entre as nações, o estabelecimento de novas instituições, o ordenamento de novas cláusulas objetivas e bem definidas que deverão reger o mundo em novas bases. Neste tratado, compreensível à mais simples razão humana, as fronteiras e limites de cada país seriam claramente definidas, as relações entre governos, suas obrigações e direitos objetivamente delineados. Igualmente os armamentos de cada país severamente limitados e controlados e as consignas de Paz e Justiça Mundiais içadas pelos países como centro de suas relações. Neste sistema, o princípio da Força se subordina ao princípio da Justiça. As nações poderão ter suas forças armadas próprias, de autodefesa, exclusivamente para solução das contendas internas; e caso haja insurgência belicosa por parte de alguma nação aos princípios que regulam a harmonia do mundo, os países federados, através de sua força internacional, estarão autorizados a debelar os provocadores. Tal como no corpo humano, quando se procura evitar que uma ferida contamine e adoça o corpo inteiro.

## **A nação como pilar do Estado supranacional**

Não se confunda esta centralização com a eliminação da nação. Em realidade as nações são os pilares deste sistema federado, e dentro delas a descentralização político-administrativa nas unidades menores, como a cidade, o povoado etc., é um imperativo para o exercício da democracia.

Sempre é bom frisar que uma comunidade mundial tal como está sendo concebida, longe de sufocar legítimas aspirações dos seus Estados-membros, bem como dos indivíduos que os integram, na realidade é a que pode verdadeiramente consagrar e salvaguardar a autonomia dos estados e a liberdade e iniciativa dos indivíduos que os compõem. Como o compromisso de construir um corpo federado de nações depende dos Estados-membros, os objetivos legítimos dos estados deverão estar em harmonia com a meta de unidade mundial, de sorte que esta nova autonomia será a medida pela qual os estados funcionarão como componente vital de um corpo unificado.

## **As bases econômicas do estado supranacional**

As bases de uma economia mundial, controladas por um órgão supranacional, certamente não comportariam os diversos mecanismos de proteção adotados atualmente pelos países, tais como reservas de mercado, taxas de importação, restrições legais das mais variadas formas para produtos estrangeiros etc. Da mesma forma, a liberalização do comércio não poderia se basear na doutrina do *laissez-faire*, na qual as forças cegas do mercado regulariam a economia. Muito longe disso, uma economia sem limitações de fronteiras, mas baseada no princípio da cooperação e simetria entre as nações e que vise a promoção do bem-estar conjunto dos povos do mundo inteiro, certamente exigirá que as instituições e autoridades monetárias, responsáveis pela distribuição do dinheiro e do crédito mundial, sejam subordinadas ao governo mundial.

Os Estados nacionais, embora autônomos na administração de seus países, mas como componentes de um mundo unificado, deverão ceder certos direitos às instituições supranacionais para que novos mecanismos de economia mundial possam corrigir as absurdas distorções atuais. A adoção de uma única moeda internacional independente, um tributo a ser incidido sobre as nações, por exemplo, são medidas que poderiam ser implementadas com vistas a um

novo ordenamento econômico entre as nações, a um certo grau de planejamento e previsão que suprima as tendências de concentração e de desequilíbrio produzidas pelas forças cegas do mercado.

O princípio da equidade deve ser aplicado simultaneamente aos indivíduos e às nações, levando-se em conta que a importante questão econômica não pode ser resolvida, hoje, senão em escala mundial. Como organismos de um só corpo, não podem alguns países gozarem de prosperidade enquanto outros padecem de extrema miséria. O corpo inteiro haverá de padecer se não existir um padrão mínimo universal de vida e limitações do poder econômico dos indivíduos e dos países.

Depreende-se do que foi dito que a marca preponderante do mundo contemporâneo, assentada no princípio da economia de mercado, deve incorporar um outro valor: o da economia social. Se no mundo antigo, a sobrevivência de muitos dependia da caridade de outros, hoje, em vista da abundante base material das sociedades, o desemprego, a mendicância e a miséria impostas a milhões de pessoas nada mais é do que injustiça manifesta. Atualmente, não há razões, salvo por egoísmo desenfreado, para não se abolir a lei da luta pela sobrevivência.

Uma civilização, na qual os fundamentos da economia relevam o social, o significado do ato de trabalhar deve assumir outro valor. O trabalho não pode ser objeto-mercadoria, que se concretiza e se valoriza ao sabor das leis da oferta e procura. Ao contrário, deve ser erigido e cultuado ao nível máximo de respeito e adoração, compreendido como ato de servir e como principal provedor das necessidades do indivíduo e, como tal, indispensável para o ser humano. O desemprego estrutural, que impele multidões de pessoas à marginalidade de toda ordem, é uma brutalidade e ignomínia inaceitáveis. Todos devem trabalhar, nenhum rico pode ser ocioso e nenhum pobre, vadio.

As relações entre o capital e o trabalho devem encontrar outros paradigmas que eliminem a acumulação excessiva de riqueza, o estado de penúria dos empregados e o descontentamento provocador de greves. Um salário que assegure uma vida decente, inclusive que ampare o trabalhador em sua aposentadoria, deve se constituir no direito mais elementar. Entretanto, os empregados não devem usufruir das riquezas que produzem apenas pela via dos salários. Devem ser sócios do capital, proprietários de parcelas de ações, de modo a se beneficiarem dos lucros gerais da empresa. Somente tornando o capital mais

social, e os empregados partícipes nos rendimentos da empresa, as pessoas poderão se entregar com alma ao trabalho.

Finalizando este capítulo, convém repetir que os fundamentos de toda estrutura econômica se assentam em duas ideias-chaves: reciprocidade e simetria. Embora o mundo se apresente como um só corpo, a ausência de uma justa proporção, entre nações e indivíduos, na criação e usufruto da riqueza, é o grande problema econômico e social a ser resolvido. E como a autonomia econômica nacional, além de inexecutável, será sempre fonte de conflitos perigosos, é fundamental que o corretivo para os candentes problemas seja aplicado em escala mundial. Um sistema mais cooperativo que imponha limites à desenfreada competição, um planejamento que evite o caos: eis as formas que permitirão aos países maior moderação na arte de criar e distribuir riquezas, fazendo com que seus cidadãos desfrutem de bem-estar e potencializem suas plenas capacidades.

## **Os valores universais e a justiça como princípio operacional**

As ideias anteriormente esboçadas, pelo seu caráter transformador, pelos novos valores nos quais se apoiam, partem do pressuposto de que a predominância do egoísmo e da agressividade nos homens é um fato determinado historicamente, e não um dado imanente na conduta dos homens.

Aqueles que acreditam que os homens serão sempre incorrigivelmente maus, a rigor não podem oferecer nenhuma saída para os atuais impasses, salvo a barbárie social como um fim inevitável.

Numa sociedade mundial, os valores sociais de natureza universal não podem se chocar com os valores nacionais. Não se trata de substituir os elementos de cidadania nacional por outros de âmbito maior. Deve haver, sim, uma complementação no campo dos direitos e na cultura de forma a inspirar um compromisso com uma ética global, na qual o conceito de cidadania nacional seja estendido para o conceito de cidadania mundial. Não se trata, pois, de desprezar ou até mesmo de reduzir os legítimos sentimentos de um patriotismo sadio, mas de criar um espírito de lealdade mais ampla que capacite as pessoas a flexibilizarem seus sentimentos de afeto e respeito que dedicam aos cidadãos de seu país até à humanidade como um todo.

É neste sentido que atividades internacionais, como a ECO-92, assumem significativa importância, não obstante os poucos resultados imediatos, pois estimulam sentimentos de solidariedade e afeição mútua entre os povos. O conceito de cidadania mundial, pois, deve ser a expressão do mais veemente protesto contra todas as formas de exploração do ser humano, contra todos os preconceitos que infundem sentimentos de superioridade. Exige novas compreensões acerca das raízes do ser humano, admite que todos somos ramos de uma só árvore, flores de um só jardim.

Por isso, combater o nacionalismo fanático e os preconceitos racistas que grassam pelo mundo e que alimentam guerras entre povos e nações é hoje um dever dos governantes e de qualquer cidadão minimamente sérios. Da mesma forma, combater os preconceitos de sexo que introduzem hábitos danosos ao desenvolvimento do ser humano e que estão refletidos em todos os espaços da vida social e familiar, no local de trabalho, no mundo da política etc., é romper grilhões que afligem a metade da humanidade constituída de mulheres. Aliás, a propósito dessa importante questão nada mais elucidativo que uma velha metáfora que afirma o seguinte: “A humanidade é como um pássaro, numa asa o homem, noutra a mulher. Somente a igualdade entre ambos potencializará plenamente seu vôo”.

A velha tese do igualitarismo, que sufoca as diferenças inatas entre os indivíduos, que os força a serem iguais no usufruto da riqueza, seja no trabalho assalariado, na indústria ou no comércio, que intenta uniformização de capacitações individuais, deve ser entendida como um atentado à natureza humana. Entretanto, se a igualdade absoluta não é recomendável, por outro lado, faz-se necessário que regras e leis sejam estabelecidas para regularizar as fortunas dos indivíduos e também para limitar a pobreza das massas.

A justiça deve ser o pilar básico das sociedades civilizadas, a força motriz do relacionamento humano e sua primazia como princípio operacional, deve ser refletida no âmbito espiritual de uma nação. Somente assim, as potencialidades latentes da humanidade poderão se liberar em forma de serviço ao bem-estar humano. O direito a um governo justo, que saiba aplicar os princípios de justiça, é fundamental para o progresso nos assuntos humanos.

O verdadeiro tesouro de uma nação são suas pessoas, seu povo. É fundamental que este principal recurso de uma nação seja aprimorado, cultivado

e desenvolvido de forma direta, precisamente no local onde se encontra. Em um país, muitas leis e normas exigem enfoques nacionais ou regionais; entretanto, é na “comunidade” que as pessoas vivem e se relacionam. Portanto, é fundamental um equilíbrio entre a autoridade centralizada e a descentralizada. Estimular os cidadãos em seu próprio âmbito a participarem das decisões que mais diretamente afetam suas vidas, é uma forma de aplicar o princípio de justiça, já que esta também depende do nível social em que se materializa e da maneira com que as decisões são tomadas.

Não há justiça em sociedades que apresentam extremos de riqueza e pobreza. As leis que regem um país devem permitir o questionamento de tal situação, devem criar normas que regulem a apropriação da riqueza. Combater a escandalosa disparidade entre ricos e pobres, que coloca muitos países em virtual estado de guerra civil, exige o abandono do velho argumento “desenvolvimentista” que condiciona a solução deste gravíssimo problema social a um certo estágio indefinível da economia. A busca de um melhor desenvolvimento econômico é sempre um objetivo fundamental, mas não pode servir de justificativa para a manutenção de um *status quo* injusto. Um tratamento eficaz desta urgente questão está requerendo uma nova abordagem do assunto, uma ação combinada de meios práticos, morais e espirituais, um ambiente isento de polêmicas econômicas e ideológicas e na qual haja participação dos envolvidos nas decisões. No Brasil, a Campanha pela Cidadania, Contra a Fome, a Miséria e pela Vida, liderada pelo militante Betinho, ilustra bem o que se quer dizer.

O estado penoso em que atualmente se encontra a realidade da Justiça impõe rigorosa reflexão para a consecução dos verdadeiros ideais que o referido princípio engendra. Como fonte reguladora de conduta dos indivíduos e nações, as leis e estruturas coercitivas adequadas são obviamente imperativas. Contudo, esta é uma época singular, de um mundo marcado pela pobreza, tumulto e decadência gerais, e, neste quadro, tem-se a impressão de que somente novos padrões morais e espirituais podem estimular e amparar novas atitudes dos homens. Se tal assertiva for verdadeira, então, a moral não pode ser relegada a plano secundário, tampouco entendida como mera expressão de regras de conduta ou elenco de virtudes humanas. Antes, deve ser entendida como um princípio organizacional, valorizada como fator dinâmico e compreendida como expressão

da natureza espiritual dos homens a partir do mundo material concreto. Certamente, este novo paradigma moral somente se realiza quando o indivíduo, ao mesmo tempo em que desenvolve seu próprio caráter, também colabora na transformação da própria sociedade. Por outro lado, esse propósito duplo somente poderá ser alcançado quando o tema referente à formação do caráter das pessoas se transformar em preocupação social e se integrar aos processos de educação, entendida esta palavra em sentido amplo. Somente cultivando o espírito e lastreando-o em intensos processos educativos, os nobres valores humanos podem se transformar em sentimentos normais e ações concretas.

Na busca de efetiva justiça, não convém que as questões sejam colocadas em formas de dualidades maniqueístas: capitalismo *versus* socialismo, direitos dos indivíduos *versus* as preocupações da sociedade etc. Tais dicotomias confundem a realidade e obscurecem a procura de soluções justas. A questão verdadeira é saber onde os limites devem ser traçados em cada caso concreto. Por exemplo, é óbvio que deve existir a propriedade privada, mas também é óbvio que ao Estado cabe exercer o controle e a regulamentação apropriadas da utilização da riqueza da nação, especialmente onde recursos críticos estiverem envolvidos.

Enfim, difundir o sentimento de justiça e criar mecanismos para aplicá-la, eis o pilar no qual uma sociedade poderá ser encorajada a liberar suas energias e construir uma verdadeira civilização.

## **O princípio da unidade do gênero humano**

Historicamente, os homens estão sempre se agregando em diferentes níveis de unidade. A família, a tribo, a raça, o sindicato, a associação, a nação são exemplos desses centros coletivos, nos quais se expressam distintos modos de sociabilidade humana. A atual etapa histórica, em suas tensões, contradições, angústias e desorientações, reflete exatamente o esgotamento de um nível de unidade e, por conseguinte, a necessidade de outro patamar coletivo.

Agora, os Estados nacionais soberanos deverão evoluir para um novo sistema que os agreguem num corpo federado mundial, mais democrático e mais justo, em que o conceito de cidadão nacional é estendido para o conceito de cidadão do mundo.



O princípio que ampara tal transformação orgânica é o princípio da Unidade do Gênero Humano, o qual, por sua vez, longe de expressar um mero apelo emocional aos princípios de fraternidade humana, reflete a atual etapa da humanidade, que, neste momento, clama por unidade orgânica no plano da política, já que no domínio do econômico e das comunicações, a interdependência está definitivamente fincada.

O reconhecimento deste princípio golpeia mortalmente a base de todos os tipos de preconceitos relacionados com raça, classe social, cor da pele, crença religiosa, nacionalidade, sexo e grau de civilização material; em suma, de tudo o que faz com que os indivíduos se considerem superiores uns aos outros.

Portanto, o êxito de qualquer intento que vise à paz mundial, à reorganização na estrutura das sociedades e à consolidação de novos valores sociais, depende da aceitação deste princípio que consagra a unidade da humanidade como ideia chave.

## **Aspectos da transição**

A consecução de tais objetivos coloca certamente como questão crucial a problemática do poder. Decerto, nenhuma ordem mundial lastreada num sistema federado de países, com novas instituições, será construída sem uma transferência voluntária de parcela de poder por parte dos países, principalmente dos mais fortes. Tal processo inevitavelmente demandará ajustes de natureza conflituosa nas esferas do poder dominante, cujo grau e profundidade é impossível precisar. Aliás, sob este aspecto, a história de formação dos Estados nacionais de vários países é revelador da brutal resistência, inclusive com guerras civis, de que são exemplos os EUA e Itália e, mais recentemente, os países antes abrigados pela comunidade soviética e que hoje buscam independência.

O reconhecimento deste aspecto trágico na história dos povos, entretanto, não significa que a busca de um novo patamar de unidade humana se dá por repetição. Antes, esse reconhecimento deve reafirmar a urgência do momento histórico e o incansável esforço a que devem dedicar-se os homens, em particular os líderes políticos, na consecução desse necessário e audacioso projeto político jamais imaginado, e que só pode ser concretizado numa Nova Ordem Mundial.

Cumprir observar os aspectos de transição ora em curso num mundo que apresenta não somente uma tendência à desagregação. Simultaneamente e de forma diferenciada, elementos de unificação sinalizam outros rumos. Podemos destacar, por exemplo, a própria existência da Organização das Nações Unidas (ONU) – apesar das suas enormes limitações; o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (*General Agreement on Tariffs and Trade* – GATT) como palco mundial para discussões econômicas; as inúmeras organizações humanitárias internacionais; as recentes Organizações Não Governamentais (ONGs); o Bloco Econômico Europeu; a constituição de forças coligadas na guerra do Golfo; eventos internacionais como a ECO-92; o ecologismo; os variados convênios de cooperação entre países nas áreas de pesquisa científica, empreendimentos culturais, econômicos etc.; o movimento feminista; a formação cada vez mais acentuada de organismos internacionais da sociedade civil etc.

Registre-se também que o grau de desenvolvimento adquirido pelas ciências e tecnologias avançadas fornece à humanidade os meios práticos para resolver grande parte dos monumentais problemas que hoje o mundo vivencia. Da mesma forma, a enorme burocracia altamente especializada que foi formada nos órgãos internacionais poderia servir de suporte para uma organização mundial em novos moldes.

As novas estruturas mundiais requeridas pelos processos de mudança em curso, dificilmente se adaptarão às atuais regras e práticas da ONU em vista do seu caráter antidemocrático, que concede ao seu Conselho de Segurança um poder excessivo, tornando as demais nações do mundo meros participantes sem peso nas principais decisões. Hoje, por força dos poderosos meios de comunicação de massa que transmitem diariamente o caos do mundo, qualquer cidadão comum percebe tanto a fragilidade da ONU na administração das crises e barbáries que continuamente explodem pelos quadrantes do mundo, quanto a necessidade de uma profunda mutação em seu interior para o cumprimento de uma nova política, na qual a proteção da humanidade seja seu eixo central e a base legitimadora para novas estruturas de poder.

Os aspectos da transição são extremamente relevantes, em particular sobre as mudanças estruturais da ONU, razão pela qual é conveniente refletir sobre o que escreveu o pensador político Hélio Jaguaribe, a propósito de seu ensaio intitulado *A nova ordem mundial*:

Uma ordem mundial estável, racional e justa supõe a existência de um sistema de normas e procedimentos – um sistema realista, justo e capaz de ser cumprido, que permita a administração eficaz dos principais interesses coletivos da humanidade. [...] Não obstante as já mencionadas tendências de longo prazo no sentido da liberdade e da igualdade, qualquer acordo viável para o estabelecimento de uma ordem mundial estável tem de levar em conta as atuais realidades do poderio mundial em sua acepção mais ampla: militar, econômica, tecnológica, cultural e demográfica. O espaço para a justiça social é aferido pelas hierarquias de poder, nacionais e internacionais.

Dentro das condições já citadas, a problemática da ordem mundial apresenta hoje duas dimensões. Uma delas concerne às principais questões de conteúdo, que requerem regulamentação internacional. A outra concerne ao sistema institucional de fato, capaz de regulamentar, administrar e fazer cumprir a ordem mundial, racional e justa. [...]

São amplamente reconhecidas, em princípio, as questões que mais requerem regulamentação internacional. O mundo precisa de um sistema racional e justo para promover o desenvolvimento sustentável, tomando medidas de proteção ecológica. O mundo precisa de paz global e regional [...], precisa de regimes adequados à regulamentação internacional das comunicações, dos transportes, da informação, da saúde, da nutrição, do saneamento, da educação, e da tecnologia, bem como das oscilações e transferências de capital e mão de obra.

Com relação a essas questões básicas, o que está em jogo não é o reconhecimento de uma necessária regulamentação internacional, mas sim o modo de implementá-la e de compatibilizar os conflitos de interesse.[...] Falta, porém, essencialmente, um sistema internacional que se encarregue da regulamentação e da administração gerais dos principais interesses coletivos do mundo...

[...] Procedendo-se a ajustes no regime decisório da ONU, ficaria reservada às grandes potências – supondo-se uma revisão realista e periódica dessa categoria de países – uma atuação decisiva nos organismos governamentais da Organização, como o Conselho de Segurança; e caberia à Assembleia Geral, paralelamente às suas funções deliberativas, o poder de veto, por significativa maioria, a decisões que contrariassem os interesses de grande número de países ou povos.

O modelo proposto por Hélio Jaguaribe, assim como outros no campo do “racional realismo”, é fundamental para discussões de alternativas factíveis.

Entretanto, em face da magnitude das transformações que o mundo impõe, as estruturas de poder político adequadas para tal finalidade necessitam de um suporte que não se localiza apenas no universo da razão política. Questões relacionadas à paz mundial, a um sistema de cooperação entre nações, à luta contra o fanatismo racial e nacional e contra a miséria dos povos, evocam atitudes morais ou espirituais como balizadoras de ações práticas, dificilmente consolidáveis quando amparadas exclusivamente em acordos políticos.

A importância desses valores humanos, erigidos sob forma de princípios, reside no fato de que representam, hoje, necessidades conscientes da massa, legitimam e estimulam ações, civilizam o homem, criam vontades, desenvolvem atitudes éticas e morais e uma dinâmica que facilita a identificação e implementação de medidas práticas. E o principal valor que ampara tal transformação orgânica é o princípio da Unidade do Gênero Humano.

## **Conclusão**

Compartilho da ideia de que a humanidade, à semelhança do indivíduo que evolui, também pode chegar a um estado de maturidade. O princípio da unidade do gênero humano constitui a meu ver a mais potente fonte geradora de capacitação humana e hoje se apresenta como uma necessidade objetiva. Quanto às suas possibilidades de concretização, entretanto, uma grande incógnita permeia a questão. Será esta unidade obtida pela lógica da razão ou pela lógica do sofrimento?

Os que consideram a dramaticidade da presente conjuntura mundial um mero devaneio catastrofista, alegando a inexistência de base científica para previsões de grande alcance, em realidade acabam engendrando uma perigosa passividade política. Suas ações são meramente reativas, com a agravante de que fica-se, assim, à mercê de acontecimentos futuros de alta carga explosiva.

Quanto àqueles que consideram irrelevante a discussão sobre uma futura Nova Ordem Mundial, sob a alegação de que a angustiante realidade imediata, tal como a fome e a miséria, exige respostas imediatas no plano concreto e localizado, na verdade recorrem a uma falsa oposição: opõem ações parciais às ações globais. Proclamam medidas para o momento presente e rejeitam o devir. Opõem o visível concreto e imediato, que constitui o problema, a um

suposto futuro incerto e abstrato, imaginado sob a forma de Estado supranacional, que é a solução. Tais formas de pensar, contudo, somente confundem o problema. A questão que se coloca é a seguinte: os dilemas do mundo contemporâneo, a barbárie em curso, as tensões e contradições que explodem sem cessar de forma imprevisível e veloz, são passíveis de solução no atual quadro de poder mundial? É possível algum tipo de invulnerabilidade nacional frente a processos em um mundo marcado pela interdependência? Na verdade, tudo indica que hoje a ação do todo assume maior significado e urgência do que a ação das partes, sem que isto implique em negá-las.

Quanto àqueles que percebem as mudanças em curso e compreendem-nas como sinalizadoras de algo novo, mas que, todavia, são céticos quanto à premência da construção de estruturas sociais novas, ou seja, de ferramentas humanas criadas conscientemente com vistas a debelar os efeitos nocivos de um processo de desagregação em toda linha, da mesma forma que os céticos acabam também engendrando uma passividade política. No máximo poderão ser brilhantes comentadores de acontecimentos, porque saberão, pelo menos, explicá-las na profundidade que merecem. Os que compreendem a senilidade da velha ordem e proclamam a urgência do momento histórico, querem apenas que a razão seja a fonte de mudanças. De qualquer maneira, com razão ou com violência, a velha ordem agonizante deverá ser substituída por uma nova. A diferença é o tributo de sofrimento que a humanidade terá que pagar em seu processo de parto.

Oxalá as lideranças políticas possam discernir momentos históricos do período histórico. E que a angústia presente na pergunta sobre “Qual o sentido, o rumo desta nova etapa humana?” encontre uma resposta adequada.

Muito obrigado.



## Sobre a organizadora

**Fernanda Otero** é jornalista, pós graduada em Comunicação e Jornalismo. Filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT) desde 1992, foi secretária de Luiz Gushiken. Foi assessora parlamentar e membro da assessoria de comunicação da bancada do PT na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp).

Participou do livro *Oficina de Escrita* (2008) do Instituto do Legislativo Paulista (ILP). Autora do livro *Torto por linhas certas: Uma quase biografia de Padre Xico* (2019). Na Irlanda desde 2016, atua como tradutora/intérprete e correspondente para sites/TVs no Brasil. Foi uma das coordenadoras, fundadoras e organizadoras da Frente Internacional de Brasileiros/as contra o Golpe (Fibra) e da resistência internacional ao golpe de 2016. Ex-presidente do Latin American Solidarity Center (LASC) na Irlanda. Coordenadora do PT na Irlanda e apresentadora do programa *Pindorama Terra Brasilis* da Rádio Dublin South FM. E-mail: [jornalistafernandaotero@gmail.com](mailto:jornalistafernandaotero@gmail.com)





**N**este livro, nos encontramos com Luiz Gushiken por meio das palavras e imagens. São textos produzidos por um conjunto especial de pessoas, amigos, amigas e militantes que conviveram com ele em lugares e tempos importantes, todos e todas representantes de uma classe que lutou e ainda luta por melhores condições de vida e um país justo.

*Estão presentes aqui os depoimentos de Adacir Reis, Alencar Ferreira, Alexandre Maimoni, Aloizio Mercadante, Analu Camargo, Ana Júlia Carepa, Antonio Lassance, Ari Galvão, Arlindo Chinaglia, Avelino Ganzer, Betão Moschkovich, Carlos Abicalil, Catarina Gushiken, Clodoaldo Jurado, Cristovam Buarque, Dilma Rousseff, Eduardo Matarazzo Suplicy, Emerson Menin, Erika Kokay, Esdras Martins, Eugênio Bucci, Fernando dos Santos Ferreira, Fernando Morais, Frei Betto, Gentil Gonçalves Filho, Gilmar Carneiro, Ideli Salvatti, Jacy Afonso, João Vaccari, Jorge Perez, José Carlos Alonso, José Carlos Fernandes Costa, José Dirceu, José Eduardo Martins Cardozo, José Genoino, José Jorge de Moraes, José Luiz Frare, Juber Kanashiro, Julio Turra, Lúcia Mathias, Luiz Azevedo, Luiz Inácio Lula da Silva, Luiz Dulci, Manoel de Melo dos Santos, Marcel Juviniانو Barros, Marcelo Antunes Martins, Maria Laura, Marcos Palácio, Monica Giora, Oswaldo Laranjeira, Otaviano Pereira, Paulo Okamoto, Paulo Rogério Nunes, Raquel Kacelnikas, Renato Rovai, Ricardo Berzoini, Roberto Vomero Monaco, Rui Falcão, Selma Rocha, Sergio Lirio, Sérgio Rosa, Teresa Ribeiro, Tin Urbinatti, Tirso Marçal, Toni Cotrim, Vagner Freitas, Valter Passarinho e Washington Araújo.*

ISBN 978-65-5626-103-4



9 786556 1261027